



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS – RIO CLARO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA MOTRICIDADE

**A “INICIAÇÃO ESPORTIVA” – A QUEM COMPETE?
UM ESTUDO SOBRE A FORMAÇÃO PROFISSIONAL NO CAMPO DA
EDUCAÇÃO FÍSICA.**

IREMEYRE ROJAS VIDAL

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências do Campus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do Título de Mestre em Ciências da Motricidade (Área Pedagogia da Motricidade Humana)

**RIO CLARO
Agosto / 2006**



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS – RIO CLARO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA MOTRICIDADE

**A “INICIAÇÃO ESPORTIVA” – A QUEM COMPETE?
UM ESTUDO SOBRE A FORMAÇÃO PROFISSIONAL NO CAMPO DA
EDUCAÇÃO FÍSICA.**

IREMEYRE ROJAS VIDAL

Orientador: Prof. Dr. Samuel de Souza Neto

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências do Campus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do Título de Mestre em Ciências da Motricidade (Área Pedagogia da Motricidade Humana)

**RIO CLARO
Agosto / 2006**

***“ . . . Muita coisa a gente faz
Seguindo o caminho que o mundo traçou
Seguindo a cartilha que alguém ensinou
Seguindo a receita da vida normal
Mas o que é vida afinal? . . .
. . . O que vale é o sentimento,
E o amor que a gente tem no coração”***

(Verdade Chinesa – Emilio Santiago)

A "Verdade Chinesa" é do Carlos Colla e do Gilson.

***À todos que amo,
Sempre amei e
Passei a amar nesta
Jornada ímpar.***

Agradecimentos

A todos aqueles que durante este percurso, de alguma maneira, em algum momento, mesmo que inconscientemente, me apoiaram.

À minha família, em especial à Glorinha, minha “sábua” mãe, uma “fortaleza” e minha grande companheira de viagens.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Samuel de Souza Neto, que antes de tudo me ofereceu a oportunidade . . .

Aos integrantes da Banca Examinadora, Prof. Dr. Paulo César Montagner e Prof. Dr. Afonso Antonio Machado, pelas contribuições mais que fundamentais e, em especial à Profa. Dra. Dagmar A. C. F. Hunger, que considero minha co-orientadora.

À três pessoas bastante especiais, que mesmo não estando presentes neste momento, com seus exemplos foram determinantes para esta empreitada – meu avô “João Bugrinho”, minha Tia Anita e meu pai Antonio.

À minha especial amiga Dety, pelas discussões, reflexões e pelo apoio durante os bons e maus momentos,

Aos meus grandes amigos, à Ligia e Maria Rita pelo empréstimo dos gravadores, à minha “filha” Camila Machado pela hospedagem, à Juliana Cesana, minha consultora para assuntos de Mestrado e aos meus irmãos João Paulo e Joilton.

Aos membros do NEPEF, Núcleo de Estudos e Pesquisa em Formação Profissional no Campo da Educação Física, em especial ao “meu irmãozinho” Caio, ao Alexandre Drigo e à Isaura.

Aos professores da Unesp de Rio Claro, Departamento de Educação Física e Educação, principalmente àqueles com os quais fiz as disciplinas do programa de pós-graduação, pela oportunidade de novos conhecimentos.

Aos funcionários da Unesp de Rio Claro, Departamento de Educação Física, Departamento de Educação, Biblioteca, R.U. e Xérox, pelo sempre pronto atendimento.

Às instituições que visitei e que me abriram as portas para a coleta dos dados deste estudo, na pessoa de seus dirigentes, coordenadores e professores.

A todos que acreditam que a cada dia, a cada passo, ao subir um novo degrau, construímos um mundo melhor.

RESUMO

Tendo como tema de pesquisa a “iniciação esportiva” como um campo de atuação que tanto ocorre no espaço da Educação Física escolar, quanto nos espaços das Escolinhas de Esporte em Clubes, Prefeituras e ONGs ou de iniciativa privada, na forma de Escolinhas de Futebol, Natação, Voleibol ou Academias etc, este estudo teve como objetivo averiguar indicativos da “Iniciação Esportiva” que permitissem identificar se este espaço social de intervenção é exclusivo ou não de uma determinada área de formação. Assim, buscou-se investigar junto aos dirigentes esportivos, o perfil do profissional desejado para atuar no campo da iniciação esportiva e, identificar nos cursos de formação, as disciplinas e os conteúdos que contribuem para o perfil do profissional que vai trabalhar neste determinado espaço. No âmbito desta investigação buscou-se também verificar, junto aos profissionais de Educação Física, egressos dos cursos de Bacharelado e Licenciatura, que trabalham com os fundamentos esportivos, como analisam a sua atuação na área da “iniciação esportiva”, bem como, com os professores universitários desses cursos, as disciplinas do currículo que contribuem com a “iniciação esportiva”. Esta questão torna-se relevante a partir do momento em que na atual legislação se propõem novos desenhos curriculares relacionados aos campos de intervenção do professor de Educação Básica e do graduado em Educação Física por força da Resolução CNE/CP 1/2002 e Resolução CNE/CES 7/2004 e a existência do Decreto 91452/85, regulamentado pela Portaria Ministerial 598/85, onde se considerou o Esporte como um DIREITO DE TODOS. Na busca de dados que pudessem nos auxiliar na identificação do objeto de estudo, além da revisão de literatura e análise documental, escolheu-se entrevistar dirigentes/gestores de entidades que contratavam os dois tipos profissionais de Educação Física (Licenciado e Bacharel/Graduado) que atuavam com fundamentos esportivos nessas instituições, coordenadores de escola pública e particular, licenciados que nelas atuavam, e professores formadores de duas universidades de ensino público. Para tanto se utilizou como método de coleta a fonte oral, entrevista semi-estruturada. Considerando as relações que envolvem o processo da “Iniciação Esportiva”, dentro de um campo tão complexo que é o Esporte e da Escola, instituição tão importante no contexto social, buscou-se compreender estas relações, sob a luz das teorias de Pierre Bourdieu, sociólogo francês que sustenta suas teorias em sistemas simbólicos, onde se configuram espaços sociais, regras, composição própria, composição de redes, sistematização, interrelação entre os campos. Após a apresentação e discussão dos resultados, concluiu-se que, para os participantes deste estudo, não há um perfil privilegiado naquilo que se refere a ser formado em Curso de Licenciatura ou Curso de Graduação/Bacharelado, privilegiando assim, uma formação mais ampla, geral, com ênfase na obrigação moral e compromisso com a comunidade.

Palavras-chave:- Formação profissional, iniciação esportiva, campo de atuação, mercado de trabalho.

SUMÁRIO

	Página
AGRADECIMENTOS	ii
RESUMO.....	iv
SUMÁRIO	v
LISTA DE QUADROS	vi
CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO	001
1.1 - Apresentação.....	001
1.2 - O problema e sua importância.....	008
1.3 - Questões a investigar.....	015
1.4 - Objetivos.....	016
1.5 - Definição de termos.....	017
1.6 - Organização do estudo.....	018
CAPÍTULO II – REVISÃO DA LITERATURA	020
2.1 - O esporte na sociedade.....	020
2.1.1 - O esporte na era moderna.....	020
2.1.1.a - O Olimpismo.....	021
2.1.1.b - O alto rendimento e suas conseqüências ou uma nova ética para o esporte.....	033
2.1.1.c - O esporte e suas novas possibilidades.....	044
2.1.2 - O esporte na realidade brasileira.....	046
2.2 - A iniciação esportiva.....	053
2.2.1 - Iniciação Esportiva: alguns conceitos.....	057
2.2.2 - O conteste, o jogo e o esporte.....	062
2.3 - O esporte como um espaço social	067
CAPÍTULO III – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	075
3.1 - Caracterização do estudo.....	075
3.2 - Estudos preliminares.....	079
3.2.1 - O estudo com dirigentes esportivos.....	079
3.2.2 - O estudo com professores formadores.....	085
3.3 - Trabalho de campo.....	087
3.4 - Sujeitos do estudo.....	089
CAPÍTULO IV – APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS	094
CAPÍTULO V – DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	129
5.1 - No campo de intervenção da Educação Física, o <i>esporte</i> e a <i>iniciação esportiva</i> possuem “ <i>capital específico</i> ” no que diz respeito à área de conhecimento?.....	129
5.1.1 - Esporte	132
5.1.2 - Iniciação Esportiva	137
5.2 - A Iniciação Esportiva, enquanto prática profissional, incorpora um <i>habitus</i> próprio naquilo que diz respeito à formação, qualificação, competências, saberes, habilidades?	142

5.2.1 - A prática pedagógica dos profissionais que trabalham com Iniciação Esportiva na escola e no ambiente não escolar apresenta uma especificidade própria?	144
5.2.2 - A Iniciação Esportiva exige procedimentos metodológicos relativos ao perfil profissional de alguém que mais educa (formação) ou do indivíduo que está mais preocupado com as técnicas de aprendizagem (instrumentalização)?	146
CAPÍTULO VI – CONCLUSÕES FINAIS	153
REFERÊNCIAS	160
ABSTRACT	171
APÊNDICE 1	172
APÊNDICE 2	174

LISTA DE QUADROS

	Página
I - O Esporte no Brasil: Algumas Influências	004
II- Os Saberes da Proposta de 1939	009
III- Os Saberes da Proposta de 1945	009
IV- Os Saberes da Proposta de 1969	010
V- Os Saberes da Proposta de 1987	011
VI- Significados de Iniciação/Esporte e afins	058
VII- Brincadeira, Recreação, Conteste, Jogo, Esporte	063
VIII- Múltiplas perspectivas do esporte.....	066
IX- Perfil do Profissional para Trabalhar com Iniciação Esportiva	080
X- Perfil Profissional para Trabalhar com Iniciação Esportiva, Aperfeiçoamento e Treinamento	081
XI- Formação Desejada para Trabalhar com Iniciação Esportiva	082
XII- Perfil Profissional para Trabalhar com Crianças	082
XIII- Disciplinas e conteúdos que contribuem para o perfil do profissional que vai atuar com Iniciação Esportiva.....	086
XIV- Roteiro para entrevista	087
XV- Identificação dos participantes do estudo	090
XVI- O que é esporte.....	095
XVII- O que é Iniciação Esportiva	098
XVIII- Locais onde a Iniciação Esportiva acontece	102
XIX- Faixa etária da Iniciação Esportiva	104
XX- Profissional que atua na Instituição de origem com a Iniciação Esportiva.....	106
XXI(a)- Conhecimentos específicos para atuar com Iniciação Esportiva .	109
XXI(b)- Saberes específicos da Iniciação Esportiva.....	113
XXII(a)- Perfil profissional para atuar com Iniciação Esportiva	116
XXII(b)- Perfil profissional – competências e/ou qualidades.....	121
XXIII(a)- Profissional que o entrevistado contrataria para atuar com Iniciação Esportiva.	124
XXIII(b)- Perfil - profissional a contratar	126
XXIV- Competências do Profissional de Educação Física	148

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

1.1 - Apresentação

Tendo como referência a minha experiência profissional - *atuando com iniciação e como auxiliar Técnica em Natação, por cinco anos; com iniciação e como Técnica em Basquetebol, durante os últimos 15 anos* e, como professora de Educação Física também na mesma média dos últimos anos – e a minha formação em Educação Física, na Licenciatura (1986), observei que é comum a compreensão de que o indivíduo que trabalha com a “iniciação esportiva”¹ tem um perfil profissional diferente daquele que trabalha com o “treinamento esportivo”.

Porém, fazendo um paralelo entre a minha formação, atuação no campo esportivo e escolar e a atual legislação, da “Regulamentação Profissional em Educação Física”, pude comprovar que o conteúdo do curso que fiz foi suficiente para trabalhar com a “iniciação esportiva”. Na época em que estudei, sob a égide da Resolução CFE 69/69 – currículo mínimo, os cursos ofereciam

¹ Neste estudo optou-se por tratar da Iniciação Esportiva na infância e adolescência.

conteúdos específicos relacionados às modalidades esportivas mais difundidas, bem como os procedimentos necessários para o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem deste conteúdo, entre outros aspectos e fundamentos.

Da mesma forma, nestes últimos 18 anos, após a criação do Bacharelado, convivi com outros licenciados da região leste, região central e do Vale do Paraíba, interior de São Paulo, que atuam com “iniciação” de natação, handebol e basquetebol, podendo-se colocar que eram profissionais conceituados dentro de seus campos.

A presença da “iniciação esportiva”, no campo escolar, tem sido referendada por diferentes documentos que fazem menção ao “esporte” como conteúdo da Educação Física escolar, podendo-se assinalar que:

A Portaria MEC 148/67 considera que . . .

Artigo 1º - O programa de Educação Física constituir-se-á em um conjunto de ginástica, jogos, desportos, danças e recreação (...). (SÃO PAULO, 1985: 158).

Para o Decreto-Lei 69450/71 . . .

Artigo 2º - A educação física, desportiva e recreativa integrará, como atividade escolar regular, o currículo dos cursos de todos os graus de qualquer sistema de ensino” e Artigo 3º, ao colocar no tomo III, parágrafo 2º que a “partir da quinta série de escolarização, deverá ser incluída na programação de atividades, a iniciação desportiva. (p. 118)

A “Educação Física no Ciclo Básico” (SÃO PAULO, 1989) - da Coordenadoria de Ensino e Normas Pedagógicas da Secretaria Estadual de São

Paulo, subsídio curricular que privilegiou as primeiras séries do ensino fundamental (denominado neste período de ensino de 1º grau), propôs “fundamentos esportivos” a partir da 5ª série, incluindo os desportos individuais os desportos coletivos, suas regras e arbitragem como conteúdo para o 3º Ciclo (6ª, 7ª e 8ª séries).

Na “Proposta Curricular de Educação Física para o 1º grau” também há a indicação para se trabalhar com a “iniciação esportiva” a partir da 5ª série (SÃO PAULO, 1991).

Para a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96 - item 2, do parágrafo único, do Art. 1º, o “esporte” aparece como conteúdo obrigatório no ensino fundamental e médio, pois . . .

2) As práticas desportivas formais e não formais, direito de cada um e dever do Estado, serão ofertados no ensino fundamental, no ensino médio e em todos os cursos superiores. (BRASIL Apud CASTELLANI FILHO, 1998: 11-12).

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais para Educação Física (BRASIL, 2000), Ensino Fundamental, consta que este deverá contemplar três blocos de conteúdo, sendo um deles “Esportes, jogos, lutas e ginásticas”, considerando-se . . .

esporte as práticas em que são adotadas regras de caráter oficial e competitivo, organizada em federações regionais, nacionais e internacionais que regulamentam a atuação amadora e a profissional. (p.48)

No âmbito desse encaminhamento observou-se que “os jogos pré-desportivos e os esportes coletivos e individuais” (p.72) do primeiro ciclo deverão ser desdobradas e aperfeiçoadas, no segundo ciclo.

Com relação ao esporte na sociedade brasileira, o seu desenvolvimento também não passou indiferente, podendo-se apresentar algumas passagens ou indicadores que corroboram com esta argumentação. Por exemplo:

QUADRO I – O Esporte no Brasil: Algumas Influências

Esporte Ano	Antecedentes	
	Local	Modalidade
1846	Rio de Janeiro	- a prática da canoagem - no final do século já eram 19 os clubes de remo em franca atividade;
1875	Rio de Janeiro	- Clube Brasileiro de Cricket , dando organização associativa a essa atividade praticada com características de lazer pela colônia inglesa;
1883	Niterói Rio de Janeiro	- atletismo - as primeiras competições têm lugar em Niterói e no Rio de Janeiro;
1884	São Paulo	- futebol - tem início em São Paulo o futebol, que se alastra com rapidez por todo o País;
1898	Rio de Janeiro São Paulo	- basquetebol - por influência americana, advinda com a fundação da Associação Cristã de Moços e as atividades do Mackenzie College, é introduzido o basquetebol.;
1920	Brasil	- olimpíadas - após a participação do Brasil nos Jogos Olímpicos de Antuérpia, em 1920, chegam os técnicos americanos (como Fred Brown) - os primeiros especialistas de alto nível de que se tem notícia em atuação no país.

(SOUZA NETO, 1999)

Por estes indicadores observa-se que a sua disseminação ocorreu em clubes, mas também teve como berço a escola, como é o caso do Mackenzie College.

Neste itinerário, o Decreto nº 4855, de 27 de janeiro de 1931 - do Governo do Estado de São Paulo, abre as portas para a criação do Departamento de Educação Física e, posteriormente, da primeira escola civil, registrando nesse momento o “espaço social” do esporte dentro do contexto da Educação Física, bem como fora dele, no meio social institucionalizado.

Artigo 1º - Fica, subordinado à Secretaria do Interior, creado o Departamento de Educação Physica.

Artigo 2º - São seus fins:

1º organizar uma escola de educação physica para a **formação de professores técnicos**;

2º manter um gabinete tecnico e bibliotheca especializada para o estudo de demonstração dos problemas de educação physica;

3º organizar um planejamento systematico de educação physica como padrão geral;

4º promover a sua adoção pelas entidades esportivas, clubes ou fundações; e proibir-lhes exercícos nocivos á saúde;

5º estabelecer campos de recreios e jogos;

6º organizar e patrocinar provas e demonstração de gymnastica, atletismo e outros esportes, assim como concursos de robustez physica;

7º promover a propaganda da educação physica por meios de conferências, artigos na imprensa e publicação de um periódico;

8º incentivar a educação physica feminina, procurando interessar a mulher brasileira da physicultura.

9º proceder ao recenseamento esportivo do Estado, e organizar a inscrição official das aggremações e federações esportivas;

10º registrar os recordes e campeonatos.² (São Paulo, 1931, p.2)

Em 1939, com o Decreto-Lei nº 1212, cria-se a Universidade do Brasil e a Escola Nacional de Educação Física e Desportos (é a chegada da Educação Física na Universidade) e o primeiro currículo official na área. Na exposição de motivos para a criação do curso, o Ministro Gustavo Capanema coloca:

² - O negrito e os grifos são nossos.

Rio de Janeiro, em 27 de janeiro de 1939.

Senhor presidente:

A Constituição, art. 131, estabelece que a educação física é obrigatória em todas as escolas primárias normais e secundárias da República; (...).

Para que se consigam tais objetivos não basta que se faça leis e regulamentos dispondo sobre a prática da educação física nas escolas (...). É preciso também e, sobretudo, que existam **professores**, não professores quaisquer, improvisados no preparo e errados no saber, (...), **mas ao contrário professores instruídos**, possuidores da ciência e da técnica dos exercícios físicos, e capazes de os empregar como meios eficientes de melhorar a saúde e dar ao corpo solidez, agilidade e harmonia.

Observemos, por outro lado, que se torna necessário e urgente elevar o nível dos desportos em nosso país.(...)

A obra a empreender demanda muitas e difíceis medidas. Uma se apresenta com exigência imperiosa: a que diz respeito à preparação do **pessoal técnico** destinado a orientar e dirigir os desportos das diferentes modalidades. Este pessoal técnico tem que ser temeroso e não pode ser recrutado entre os autodidatas, rudimentares ou disvirtuados no conhecimento da penosa matéria, mas entre os especialistas esclarecidos e seguros.”

“Em suma, professores de educação física, técnicos em desportos, médicos especializados em educação física e desportos, tais são os elementos essenciais e básicos de que necessitamos para desenvolver e aperfeiçoar entre nós a educação física e os desportos.

A **Escola Nacional de Educação Física e Desportos**, (...) será, antes de mais nada, um centro de preparação de tôdas as modalidades de técnicos ora reclamados pela educação física e pelos desportos. Funcionará, além disso, como um **padrão para as demais escolas** do país, e, finalmente, como um estabelecimento destinado a realizar pesquisas sobre o problema da educação física e dos desportos (...).³ (CAPANEMA, 1945, p. 24)

³ - O grifo é nosso.

Dessa forma, pelo Decreto-Lei nº 1212, de 17 de abril de 1939, o curso em seu Artigo 1º terá como finalidades:

- a) formar pessoal técnico em educação física e desportos;
- b) imprimir ao ensino da educação física e dos desportos, em todo país, unidade teoria e prática;
- c) difundir, de modo geral, conhecimentos relativos à educação física e aos desportos;
- d) realizar pesquisas sobre a educação física e aos desportos, indicando os métodos mais adequados à sua prática no país.⁴
(BRASIL, 1939, p s/n)

Nesta proposta, as preocupações estão mais voltadas para um conhecimento técnico no ensino da educação física e desportos, visando à integração teórico-prática dos conteúdos e, como complemento, a investigação (pesquisa) na busca de métodos mais adequados à sua prática.

Todos estes indicativos revelam a presença do esporte tanto no ambiente escolar como fora dele, nos levando a inquirir que este é um assunto que apresenta uma interface muito grande quando o tema é a iniciação esportiva, havendo necessidade de se entender melhor a quem compete a orientação dos primeiros fundamentos de sua prática pedagógica.

⁴ - O grifo é nosso.

1.2 - O problema e a sua importância

Sobre a questão do esporte, Korsakas (2002) observou com base no Decreto nº 2574/98, que este vem sendo utilizado, nos tempos atuais, de duas formas: como alto rendimento e como “esporte-educação”; e, ainda podemos acrescentar que, cada vez mais, vem também sendo utilizado como lazer e na busca de uma vida saudável, entre outros fins (FERREIRA, 2002, p.49, BENTO, 1999, p.52 e TANI, 2002, p.112). Com relação ao esporte-educação, Paes (2002) considerou o esporte na escola

importante por várias razões: ser um dos conteúdos de educação física, de ser a escola uma agência de promoção e difusão da cultura e até mesmo por questão de justiça social, uma vez que em outras agências o acesso ao esporte será restrito a um número reduzido de crianças e de jovens associados de clubes esportivos ou clientes de academias e/ou de escolas de esportes. (p.95)

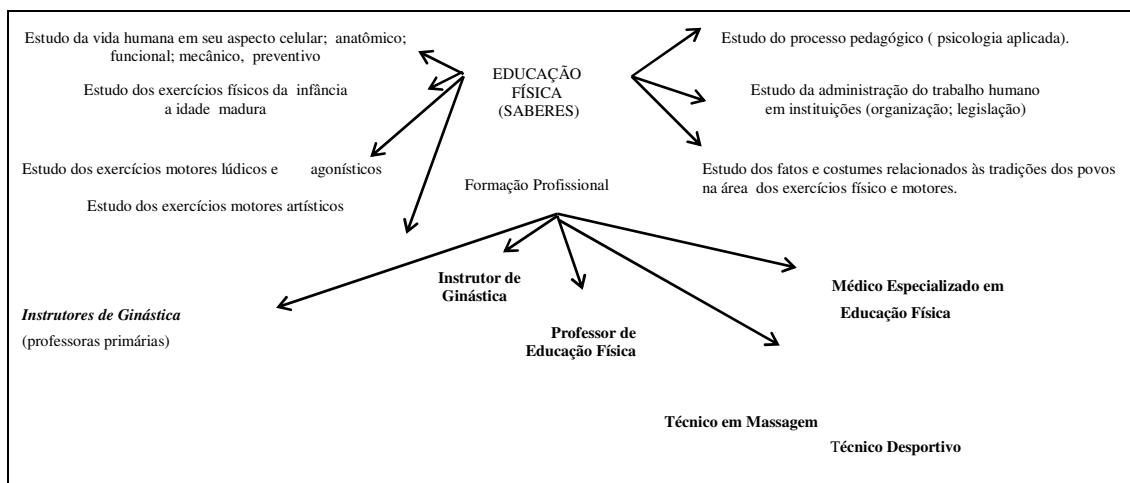
Entretanto, no âmbito da formação como fica a questão do conteúdo “esporte, modalidade esportiva ou fundamentos esportivos”, bem como o profissional que vai trabalhar com estes conhecimentos/saberes?

Para esta questão, as diferentes propostas têm assinalado e/ou considerado também a presença do esporte no processo de preparação profissional, como colocou Souza Neto et all (2004):

(a) Em 1939, com o Decreto-Lei nº 1212, cria-se a Universidade do Brasil e a Escola Nacional de Educação Física e Desportos. No geral, os cursos têm, em comum, um núcleo de disciplinas básicas, mas com variações de acordo com a especificidade da modalidade de atuação. Com exceção do curso para

formar professores (dois anos), os demais eram desenvolvidos no período de um ano.

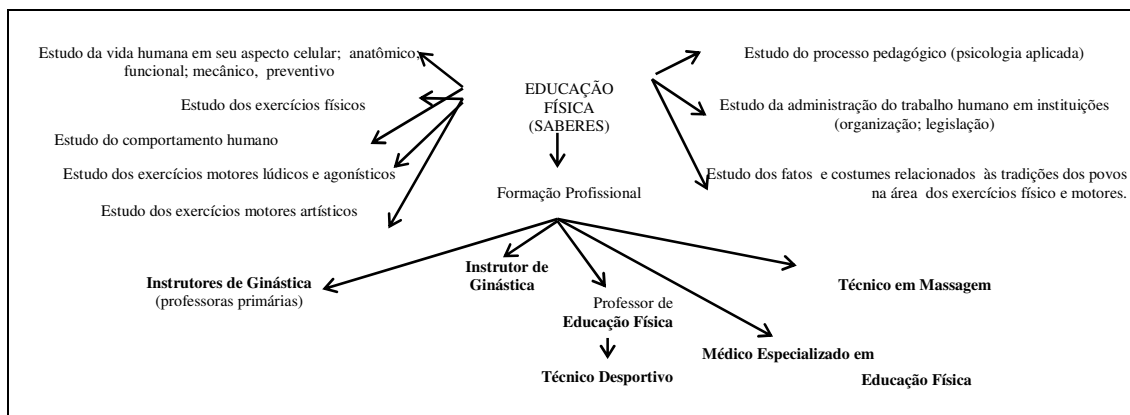
QUADRO II - Os Saberes da Proposta de 1939



(SOUZA NETO, 1999, p. 56)

(b) Entre as propostas de 1939 - Decreto-Lei nº 1212 e de 1945 - Decreto-Lei nº 8270, alguns aspectos repetem-se ou são semelhantes e outros se alteram completamente, dando uma configuração própria para cada um dos cursos, redimensionando-o em sua organização.

QUADRO III - Os Saberes da Proposta de 1945

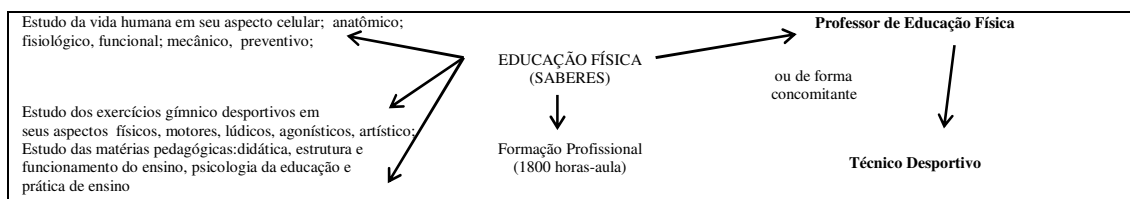


(SOUZA NETO, 1999, p. 59)

Neste novo quadro, as modificações ficaram por conta da exigência de diploma, como pré-requisito, para os cursos de Educação Física Infantil, Técnica Desportiva e Medicina Aplicada à Educação Física e Desportos e, a formação do professor passou de dois anos para três anos.

(c) Entre 1945 e 1968, a formação do professor ganhou uma atenção especial, sendo refletida de forma notória na LDB nº 4024/61. Os saberes relativos ao conhecimento esportivo ganham destaque bem como a parte didática com ênfase mais específica voltada para a formação do professor. Porém, os resultados dessa preparação profissional continuam a ser questionados, ponderando-se que a qualidade de um curso não resulta apenas da argumentação de que os 'mínimos curriculares foram cumpridos', assim como, o mercado estaria exigindo um novo tipo de profissional que não fosse apenas o professor, o que continuava permitindo que ex-atletas continuassem a ocupar o lugar dos profissionais formados por uma escola superior.

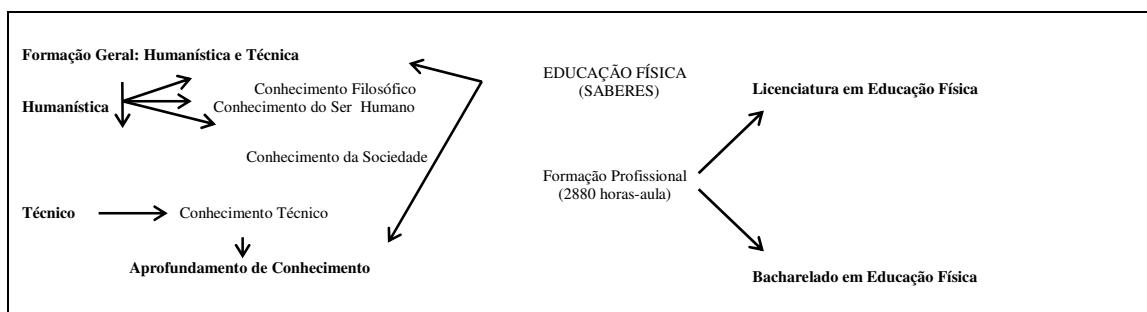
QUADRO IV - Os Saberes da Proposta de 1969



(SOUZA NETO, 1999, p. 67)

(d) Em 1987 com a promulgação do Parecer CFE nº 215/87 e Resolução CFE nº 03/87 estabeleceu-se a criação do bacharelado em Educação Física. Nesta proposta, os saberes anteriormente divididos entre as matérias básicas e profissionalizantes - localizadas dentro dos núcleos de fundamentação biológica, gímnico-desportiva e pedagógica - assumem uma nova configuração.

QUADRO V - Os Saberes da Proposta de 1987



(SOUZA NETO, 1999, p. 104)

Nesta proposta adota-se uma grade curricular essencialmente flexível, sem um núcleo básico e/ou mínimo de conhecimento. A sua estrutura vai estar alicerçada em duas partes denominadas de Formação Geral e Aprofundamento de Conhecimentos, implementando-se uma nova visão de currículo, aberto e flexível. Estabelecendo-se assim, uma nova referência para a formação profissional - na licenciatura se deveria formar o professor e no bacharelado o profissional da Educação Física, regulamentados pelo Parecer CFE 215 e a Resolução CFE 03. Embora a idéia original não buscasse direcionar um campo de atuação específico, ocorreu que ao bacharel foi contemplado o campo do esporte e/ou treinamento esportivo, o que provocou uma profunda mudança no âmbito da formação no campo da Educação Física.

Em função de observações e da experiência adquirida nos meus 20 anos de profissão, com a formação sob a legislação de 1969 e acompanhando as alterações propostas pela legislação de 1987, acredita-se que a diferença fundamental da proposta anterior (1969) é que esta proporcionava uma formação com conhecimentos restritos desenvolvidos, normalmente, em três anos; já na

proposta de 87, buscou-se uma afirmação da Educação Física como uma área científica, com componentes próprios, específicos, e também, procurou-se oferecer conteúdos que atendessem as novas demandas do mercado.

A principal proposta da Resolução CFE 03/87 foi a separação dos cursos em Licenciatura e Bacharelado. Porém, esta mudança ocorreu majoritariamente em cursos de universidades públicas, enquanto que nas faculdades particulares, e mesmo em algumas públicas, permaneceu a idéia da licenciatura ampliada, pois a legislação permitia esta compreensão; foi uma perspectiva que ganhou adesões. A real alteração, que abrangeu tanto os cursos públicos quanto os particulares, foi o aumento da carga horária – de 1800 horas-aula para 2880 horas-aula, rompendo com a proposta até então vigente que previa na Lei 5540/68 que os cursos de licenciatura curta teriam 2250 horas/aula, enquanto que os de licenciatura plena teriam 2500 horas/aula, mas que também não impedia que os cursos tivessem carga horária maior que a estabelecida.

Assim, a criação do Bacharelado acarretou, além da proposta de se ter um corpo de conhecimento organizado para a Educação Física, a possibilidade de retomada do projeto de regulamentação profissional na área, tendo-se em vista os diferentes campos de intervenção. Embora a profissão docente já fosse regulamentada e referendada pela LDBEN 9394/96, em seu Artigo – 67, o que estava em pauta era uma nova orientação para o campo de atuação profissional – intervenção profissional.

Esta questão provocou um intenso debate na comunidade acadêmica, assumindo-se posições a favor e contra, pessoal ou coletiva (associações, conselho, entidade científica etc), acadêmica ou de “senso comum”.

Nesta direção, as políticas públicas apontam, na atual legislação (Resolução CNE/CES 7/2004 – Graduação em Educação Física e Resoluções CNE/CP 1/2002a e 2002b – Formação de Professores da Educação Básica), para uma nova proposta de formação profissional em que a teoria e a prática deveriam vir juntas desde o início do curso. No âmbito desse processo, a Prática como Componente Curricular (PCC), na proposta de ambas as graduações, deveria atuar na perspectiva de uma prática pedagógica que permeia todo o currículo.

Sobre a Formação de Professores da Educação Básica, licenciatura plena, 2800 horas-aula, cabe destacar que o novo corpo de conhecimento abarca: cultura geral e profissional; conhecimentos sobre crianças, jovens e adultos; conhecimentos sobre a dimensão cultural, social, política e econômica da educação; conteúdos das áreas de conhecimento que são objeto de ensino; conhecimento pedagógico; conhecimento advindo da experiência; comprometimento com os valores da sociedade democrática; compreensão do papel social da escola; domínio dos conteúdos a serem socializados; domínio do conhecimento pedagógico; e, gerenciamento do próprio desenvolvimento profissional. Enfim, o que se propõe é um corpo de conhecimento que auxilie na demarcação da identidade do professor.

Com relação à Formação dos Profissionais de Educação Física, graduação, 3200 horas-aula, a nova proposta curricular buscou organizar o currículo, contemplando conhecimentos, competências e/ou habilidades relacionados a uma “Formação Ampliada”, abarcando as dimensões do conhecimento vinculadas à Relação Ser Humano-Sociedade, Biológica do Corpo Humano e Produção do Conhecimento Científico e Tecnológico e a uma “Formação Específica” que contemplou as seguintes dimensões do conhecimento: Culturais do Movimento Humano, Técnico-Instrumental e Didático-Pedagógico. Na realidade, este conjunto temático não é nenhuma novidade, mas procurou corrigir algumas lacunas da Resolução CFE 03/87, em que deixava em aberto a questão da identidade da área de estudo Educação Física.

Dentro desse contexto, em 1998, no dia 1 de setembro, a “profissão” Educação Física foi regulamentada, com a promulgação da Lei 9696, significando que a médio e longo prazo deveria ocorrer um “divisor de águas”, uma nova demarcação territorial. Para normatizar esta idéia, na proposta da Resolução CONFED nº 046/2002, “Intervenção do Profissional de Educação Física”, foi colocado que esta deverá ocorrer nas seguintes especificidades: Regência/Docência em Educação Física; Treinamento Desportivo; Preparação Física; Avaliação Física; Recreação em Atividade Física; Orientação de Atividades Físicas; e, Gestão em Educação Física e Desporto.

Em termos práticos o que se propõe é que o licenciado terá como campo de atuação “exclusivo” a educação formal, enquanto que ao bacharel (ou

graduado) caberão os demais espaços, delimitando tecnicamente a competência da intervenção, Entretanto, se questiona se há necessidade ou não de uma maior fundamentação pedagógica para se trabalhar com Iniciação Esportiva, (este trabalho) em virtude (função) das denúncias sobre a especialização esportiva. Em função deste questionamento, pergunta-se:

Quais os indicativos da “Iniciação Esportiva” que permitiriam identificar se este espaço social de intervenção é exclusivo de uma determinada área de formação?

Das respostas obtidas com este questionamento, acredita-se que as mesmas poderão auxiliar os profissionais de Educação Física, os gestores e os professores formadores na delimitação de um perfil profissional que traga maiores contribuições para esta prática pedagógica (profissional).

1.3 - Questões a investigar

Decorrente desta visão e compreensão elaborou-se as seguintes questões:

- (a) No campo de intervenção da Educação Física, o esporte e a iniciação esportiva possuem capital específico no que diz respeito à área de conhecimento?

- (b) A Iniciação Esportiva, enquanto prática profissional, incorpora um *habitus* próprio naquilo que diz respeito à formação, qualificação, competências, saberes, habilidades?

Dentro desse contexto se busca saber se:

b.1 – A prática pedagógica dos profissionais que trabalham com Iniciação Esportiva, na escola e no ambiente não escolar, apresenta uma especificidade própria?

b.2 – A Iniciação Esportiva exige procedimentos metodológicos relativos ao perfil de alguém que mais educa (formação) ou do indivíduo que está mais preocupado com as técnicas de aprendizagem (instrumentalização)?

1.4 - Objetivos

Considerando as questões levantadas este estudo tem como objetivos:

- (a) identificar, no grupo de participantes selecionados para a pesquisa, o que se entende por “Iniciação Esportiva”;
- (b) averiguar os conhecimentos ou saberes tidos como imprescindíveis para se trabalhar com a “Iniciação Esportiva”; e,

- (c) buscar, junto a dirigentes, coordenadores, professores universitários e profissionais da área, o perfil profissional ideal de quem atua no campo da iniciação esportiva;

1.5 – Definição de termos

Estaremos apresentando a seguir a definição dos termos, ou seja, com quais conceitos estaremos utilizando estes termos, considerados chaves para entendimento do estudo que se apresenta.

Iniciação Esportiva – é uma atividade física que oferece ao indivíduo inúmeras possibilidades motoras e vivências em seu processo de aprendizagem de um grande número de jogos e modalidades esportivas; busca desenvolver as capacidades e habilidades humanas nas dimensões motora, cultural, social, cognitiva e afetiva; objetiva encaminhar seus participantes para uma prática esportiva saudável.

Esporte – atividade física organizada e sistemática, com regras próprias. É um fenômeno sócio-cultural que ocorre em várias dimensões: da profissão ao lazer, da competição a saúde, do espetáculo ao anonimato, entre tantas outras possibilidades.

Educação Física – Uma profissão, um curso acadêmico, uma área de conhecimento e um componente curricular (disciplina escolar), que tem como objeto de estudo o movimento humano, também denominado de motricidade

humana, cultura corporal de movimento ou cultura do movimento. Tem como campo próprio de atuação diversos ambientes, como o escolar e o não escolar, atuando diretamente com o ser humano ou na coordenação, supervisão e organização de atividades próprias dessa área e campo de intervenção.

Perfil Profissional – conjunto de características específicas, próprias do indivíduo que é formado, preparado pelo órgão competente, para atuar em uma determinada profissão.

1.6 - Organização do Estudo

Na introdução deste trabalho, Capítulo I, buscou-se apresentar o problema de estudo, a sua importância, as questões que estariam sendo investigadas, bem como, os objetivos.

O Capítulo II procurará apresentar a revisão de literatura, com base em pesquisa bibliográfica, referente ao esporte, visando mapear a sua compreensão e delimitação no cenário internacional e nacional, enquanto que o Capítulo III se restringirá em descrever os procedimentos metodológicos que foram utilizados.

Neste encaminhamento, o Capítulo IV se ocupará em estar apresentando os resultados do trabalho de campo, para que no Capítulo V seja realizada uma ampla discussão dos resultados encontrados, tendo como balizador as questões de investigação e a questão central do estudo.

Por fim, no Capítulo VI, Conclusões Finais, buscou-se apresentar as considerações finais sobre o estudo efetuado, além de algumas sugestões, tendo como parâmetro os objetivos do trabalho.

CAPÍTULO II

REVISÃO DA LITERATURA

2.1 - O Esporte na Sociedade

2.1.1 – O esporte na era moderna

O Esporte chega ao século XXI, impulsionado pela mídia, com a supervalorização do alto rendimento, como sendo este o único modelo de prática esportiva (KORSAKAS, 2002).

Considerando o fenômeno esportivo como algo dinâmico, que sofre transformações impostas pelo meio onde está inserido e alterações provenientes de seu próprio meio e estrutura, para analisá-lo é necessário que se recorra a sua própria história, que este fenômeno seja contextualizado, reconhecendo como era sua estrutura anteriormente e na atualidade. (BOURDIEU, 1990, p.214 e BALBINO, 1997, p.26)

Dentro desse contexto, tendo a Iniciação Esportiva como foco principal, e estando ela diretamente relacionada ao fenômeno esportivo, e ambos, por sua vez, ligados à profissão Educação Física, partiu-se para um levantamento histórico, ou seja, do que reserva sua memória, visando subsidiar a compreensão deste fenômeno nos tempos atuais.

A memória como objeto da História, deve ser resgatada, pois é um depositário de conhecimentos e experiências, que podem ser úteis no presente (MENESES, 1992, p. 11 e 24). De forma que, entendendo o mundo atual como resultado de um passado e a história como uma prática transformadora, não apenas como um relato (LE GOFF, 1992, p. 11), pretendeu-se neste capítulo, recuperar o conhecimento do esporte em tempos anteriores, buscando compreender como a Iniciação Esportiva era tratada. Paralelo a esta questão, procurou-se saber também sobre a Iniciação Esportiva, qual era o seu objetivo? Quais as transformações que ocorreram ao longo do tempo? Quais as contribuições que o acesso a este conhecimento pode trazer para a profissão/profissional da Educação Física, no que se refere a este campo específico de atuação?

2.1.1.a – O Olimpismo

O ressurgimento dos Jogos Olímpicos no século XIX foi de fundamental importância para a universalização da instituição esportiva, bem como do “jogo” e de um tipo particular de jogo que ganhou regras universais e

uma nova denominação – “esporte”. Porém, esta nova configuração do jogo passou a ter não só um significativo valor esportivo, mas também político e econômico. Definiram-se no “modelo esportivo” padrões de funcionamento, regras e normas de conduta. Como resultado, os Jogos Olímpicos se transformaram num “(...) palco de confronto entre as grandes potências esportivas (e econômicas) mundiais.” (BETTI, 1991, p.49)

Para Souza Neto e Hunger (2004), “*citius, altius, fortius*”⁵ - mais veloz, mais alto e mais forte - foi a expressão máxima dessa nova era para o esporte, dando “tiro” de partida para as Olimpíadas Modernas do século XIX (1896). (p. 335)

As Olimpíadas trouxeram em seu bojo a ênfase na performance humana, apostando-se num grande projeto para a humanidade, no desejo de que o esporte⁶ poderia se tornar um grande catalisador na aglutinação da juventude e na perspectiva de que a ética e a moral poderiam contribuir para a construção de uma nova sociedade.

Para os autores citados, o pensamento do Barão de Coubertin, Pierry de Fredy (1863-1937) - mentor dos Jogos Olímpicos Contemporâneos - ao resgatar os jogos foi emblemático ao colocar que a vitória olímpica era menos

⁵ - Este lema olímpico foi criado pelo Padre Didon (1840-1900) – da ordem dos dominicanos; pedagogo, orador e político francês que dava ênfase em seus discursos à influência moralizadora dos esportes.

⁶ - O termo “esporte”, cuja origem vocabular é latina foi utilizado primeiramente em inglês – “*sport*” - no ano de 1617 e posteriormente em francês – “*desport*” – como o mesmo significado: uma prática que surge e se dissemina pelo mundo, como elemento cultural de nossa civilização, tendo na competição entre dois ou mais adversários ou contra a natureza o seu devir. No Brasil segue-se a versão aportuguesada de desporto. Portanto, falar em esporte ou em desporto é manter a mesma correspondência de significados.

importante do que competir, pois *“o importante é competir, não vencer”*. Assim, o esporte, amador, nessa proposta, seria a mola propulsora para congrega pessoas de diferentes nacionalidades.

Esta representatividade foi muito bem apresentada na bandeira olímpica com seus cinco arcos – azul, amarelo, negro, verde e vermelho – entrelaçados com o fundo branco do tecido, formando uma espécie de triângulo invertido com três arcos em cima e dois em baixo. Entretanto, passados pouco mais de um século desse “olímpismo”, o esporte se tornou, de fato, um grande fenômeno de mídia, de marketing, de poder, de beleza plástica, cabendo ressaltar que . . .

o esporte, tal como o entendemos, i) nasce com a sociedade industrial e é inseparável de suas estruturas e funcionamento; ii) evolui estruturando-se e organizando-se internamente de acordo com a evolução do capitalismo mundial; e iii) assume forma e conteúdo que refletem essencialmente a ideologia burguesa. (GEBARA, 2002, p. 37).

Complementando este breve histórico, Paes (2002, p. 89) nos dirá, apoiados nos estudos de Bourdieu (1983) e Hobsbawn (1992), que este “teve a sua origem nos jogos populares do final do século XIX e início do século XX”.

Relacionando a bandeira olímpica e os aspectos acima mencionados, observa-se que, juntamente com seus coloridos, a realidade também aparece em preto e branco, trazendo a tona questões de ordem política (poder), econômica (dinheiro), filosófica (ética), biológica (consumo de drogas para melhorar a performance), pedagógica (educação, ensino).

Dessa forma, considerando que “(...) o esporte moderno, no seu processo de construção, sofre influência das transformações sócio-culturais e absorve uma série de características da sociedade moderna”, Bracht (1995) complementa citando Rigauer (1981), que “há um paralelismo entre o processo de racionalização do treinamento esportivo e a racionalização do sistema produtivo na sociedade capitalista industrial.” (p. 37) O autor acredita ainda, que a racionalidade científica foi uma co-produtora do esporte moderno e que o seu desenvolvimento “(...) se dá no mesmo caldo sócio-cultural em que se desenvolveu a ciência moderna.” (p.38)

Crianças e jovens são atraídos, através deste cenário, para diferentes práticas desportivas, tendo como modelo, os ídolos, os expoentes de determinadas modalidades; como perspectiva, a oportunidade de ascensão social; como atividade física, a busca pela saúde, qualidade de vida; havendo necessidade de distinguir o esporte escolar do esporte de rendimento (performance).

Com relação ao esporte escolar, cabe ressaltar que o mesmo já foi recomendado por médicos, psicólogos e pedagogos em virtude dos benefícios físicos e mentais que traz para as crianças e adolescentes na formação de um corpo saudável, se for respeitada as suas diferentes fases de crescimento e desenvolvimento. Sendo que o . . .

reconhecimento do caráter pedagógico do jogo e, em especial, da prática esportiva como meio de educação dos jovens foi um dos fatores que favoreceu sua disseminação nas escolas e em outras instituições educacionais. (KORSAKAS, 2002, p. 39).

Quando não há exclusão, o esporte escolar possibilita o trabalho em grupo, podendo-se explorar a cooperação e trabalhar a fraternidade universal (CIABATINI, 2003) pois ...

A competição está presente em vários aspectos da vida humana e, sobretudo para as crianças e os adolescentes, pode ser encontrada nos jogos de regras infantis. Portanto, a competição em si não é boa ou má, ela é o que fazemos dela. Além disso, especificamente em relação à competição esportiva, pode-se encontrar efeitos negativos em qualquer idade, dependendo das condições em que é realizada e de seu contexto. (FERRAZ, 2002, p. 37)

De Rose Jr (2002, p. 71, 73) nos lembra que competir é um fato normal, pois *“desde o nascimento o ser humano compete pela vida em todas as suas dimensões”* e no esporte a competição é o meio pelo qual o atleta é avaliado, comparado, tendo que mostrar suas habilidades e fraquezas. De modo que, toda competição *“exige preparação e treinamento e isso pode ocorrer precocemente, causando diversos problemas à criança”* (no aparelho locomotor e cardio-respiratório, na coluna vertebral, no crescimento e na maturação sexual). Para que este desvirtuamento não ocorra, é importante se respeitar a criança, lembrando que ela não é um adulto em miniatura.

Já o esporte de rendimento (ou de rendimento máximo, de alto nível, alto rendimento, espetáculo, performance), é o grande astro da mídia, onde traz a profissionalização do atleta, prêmios em dinheiro, contratos muitas vezes milionário, consumismo. Ocupa espaço na imprensa escrita e falada, apresenta corpos esculturais e um sistema de trabalho (treinamento) extremamente

“religioso”, chamando a atenção para uma espécie de imolação do “corpo”.
(SOUZA NETO e HUNGER, 2004, p. 337-338)

Os grandes problemas éticos do mundo atual são a individualização (privatização) da ética, a tecnologia do mundo (causando um extraordinário progresso material) e o aparecimento de uma sociedade do consumo, do descartável, da competição pelo acúmulo de bens (ganância); a desumanização e a insensibilidade social; a racionalização dos fenômenos sociais e a visão economicista do mundo. (DRUMOND, 2002, p. 31)

Em função dos aspectos assinalados, pergunta-se qual era a matriz civilizadora grega e a incorporada por Coubertin? E qual foi o desafio que a modernidade trouxe para o período contemporâneo no campo esportivo?

O mundo exige-nos um novo homem; formemo-lo através de uma nova educação. [Barão de Coubertin, 1863-1937 (RAMOS, 1982, p. 259)]

De acordo com Souza Neto e Hunger (2004), no mundo antigo, pré-grego e greco-romano a educação ocorre de forma diferenciada nas classes sociais em seus papéis, funções, grupos sociais, havendo uma *educação retórica* (Grécia) para aqueles que se empenham no governo, na vida política ou que querem participar da direção da coisa pública (mas que marginaliza toda e qualquer forma de trabalho manual, pois valoriza o uso da palavra livre e auto-regulada) e uma *educação técnica, profissional e produtiva* que se realiza no mundo do trabalho em contato com os artesãos (p.339).

Embora possa haver esse desencontro entre o trabalho manual e a educação retórica, valoriza-se a retidão, a lealdade, a justiça, a honestidade no cumprimento dos deveres cívicos, dos princípios éticos e morais.

Os antigos gregos e romanos expressaram estes deveres, no tríplice preceito: 'viver honestamente, ou seja, comportar-se na sociedade com lealdade e retidão'; 'não causar danos aos outros', 'dar a cada um o que é seu'. Estes preceitos exprimem o mínimo de justiça, a qual todo cidadão tem direito e sem o qual a convivência social fica gravemente comprometida. (CASO e POZZOLI, 2003, p. 3)

No âmbito da educação, a organização da *pólis* grega concebe a família o primeiro lugar de socialização da pessoa, de construção de sua identidade física, psicológica, cultural. É no seio familiar, orientadas pelas mulheres e submetidas à autoridade do pai, tutor legal, que as crianças vivem a sua primeira infância, inclusive é ao pai que compete reconhecer ou não a legitimidade dos filhos e decidir sobre o seu futuro (SOUZA NETO e HUNGER, 2004, p. 335-362)

Neste cenário, em seu período de ouro, havia um acordo entre os cidadãos e a cidade, a natureza e a lei e a natureza e o homem, considerando o sofrimento, a morte e as doenças como conseqüências da própria condição humana ou como castigo divino (punição dos deuses). Dessa maneira, na Grécia antiga, as competições enquadram-se originalmente num esquema cultural de valorização da saúde, da beleza física, mas, principalmente, de amor à glória e ao grande feito (SOUZA NETO e HUNGER, 2004, p. 335-362).

Já nas origens, essa cultura ama o heróico. Num mundo aristocrático e cavaleiresco, o espírito agônico desdobra-se equilibradamente entre a ação e o pensamento. (...)
Todavia, esse ideal não se esgota no bom desempenho militar ou político; ele supõe algo mais, a supremacia absoluta, a exclusividade do êxito, enfim, a vitória. (BARROS, 1996a, p. 8)

Barros (1996a) observou que no início, estas atividades se desenvolveram como uma extensão da prática dos exercícios de ginástica que ocupavam o núcleo principal do preparo do jovem grego e que evoluiu para outras formas de ginástica: a esportiva, a militar e a médica. A ginástica esportiva se desmembrou em esporte atlético e atletismo profissional e a ginástica militar e ginástica médica se desenvolveram sob a influência das instituições congêneres, provocando a abolição da ginástica antiga e uma revisão desse processo, dos fins da educação, da *paideia* grega.

Pode-se perceber, neste momento, uma nova perspectiva da educação grega, pois não se trata mais só de formar a mente e o corpo, dentro de uma perspectiva ética, espiritual e altruísta, é preciso dotá-lo de capacidades e habilidades que façam do atleta um homem bem sucedido.

Assim, no fim do mundo grego, a cisão entre cultura física e espiritual foi irreversível, assinalando-se que o período helenístico cristalizou uma teoria da educação física e deu consistência escolar à sua prática, mas com um espírito que fez dela um apêndice na formação do homem letrado (BARROS, 1996a).

O grande passo já está dado no período helenístico, para que se conclua, no fim do império romano ocidental, o trânsito entre uma cultura originalmente de guerreiros para uma cultura de escribas (Marrou).

Apenas é preciso lembrar que, nos quadros de uma ética de resultados, os gregos valorizavam, no agón, o êxito. Eles concorriam para vencer. (BARROS, 1996^a, p. 44)

Souza Neto (1996) observou que os gregos criaram ao seu redor uma civilização mitológica que a tudo explicava na forma de um círculo mágico,

uma mandala, o “destino”, justificando desde o incesto até as tragédias mais terríveis. Para eles, ganhar os jogos significava igualar-se às divindades, atingir a sua essência, tornar-se “deus”.

Retornando à pátria, eram tratados como heróis. Cada cidade os recebia e honrava de uma forma especial. Altos cargos, estátuas na ágora, isenções fiscais, esfinge esculpida na moeda oficial ou a maior distinção: ser digno hóspede no Pritaneu. Depois de mortos, cultivavam-lhes a memória como a deuses; poetas famosos imortalizavam-nos em odes triunfais. (...)

Durante o período helenístico e, em especial, durante o governo dos Césares, brilha ainda a chama em Olímpia, por vezes enriquecida com novos edifícios e ricas oferendas. Mas desde os séculos III e IV a.D. acentua-se o seu declínio político e religioso. (BARROS, 1996a, p. 20)

Da mesma forma que a guerra solapava os antigos valores, aumentando a crise institucional, novas idéias começaram a questionar a sociedade e as leis tradicionais, assinalando a sua relatividade, o papel dos deuses e da sorte perante o poder da razão e das potencialidades humanas, dando passagem para o cristianismo, o racionalismo, o relativismo cultural, bem como para o Renascimento e o Humanismo.

Na Modernidade, apesar dos questionamentos ao cristianismo, muitos dos seus valores são incorporados. Um novo período se inicia colocando o Homem no centro das atenções. A essência se desloca do transcendente (Deus) e se aloja na natureza humana, no sistema natural de cultura, na identificação das forças que fazem o homem ser assim ou de outro jeito, buscando explorar a melhor forma de se esgotarem as potencialidades humanas (SUCHODOLSKI, 1984).

Nesse modelo centrado na sociedade, uma vez que a essência se transformou na própria existência social, buscou-se no patrimônio cultural da humanidade o que era necessário para se viver em grupo, passando para as novas gerações. No entanto, a desconsideração com a individualidade humana, com o presente e a vida diária provocou uma nova revisão desse processo na proposta de um modelo centrado no homem, denominado de existencialismo (existência).

De acordo com Souza Neto e Hunger (2004), desde o século XVII até os dias atuais, alguns pensadores (como Rousseau, Pestalozzi, Fröbel, Nietzsche, Sartre...) defenderam a luta pelo direito à vida, pela liberdade, pelos ilimitados direitos dos indivíduos, pela criança e pela individualidade. Encontramos neste contexto, o Barão de Coubertin, século XIX, de formação humanista, mas vivendo na confluência dos mundos da essência e da existência. É notório que ele, em seu projeto civilizador esportivo, faz o resgate do mundo greco-romano, mas sob a influência da modernidade e do período medieval, mesclando as regras do cavalheirismo com a utopia dos modernos e a fraternidade do cristianismo (p.335-362).

Esta alternância pode ser observada no movimento olímpico por ele instituído, quando trouxe para a atualidade, entre as suas premissas, a busca pelo amadorismo nas competições; a exaltação da juventude, do esforço físico e das qualidades morais; bem como, a cada quatro anos, uma competição “desinteressada” e fraternal, tendo em vista contribuir para o amor e a

conservação da paz entre os povos. Como aparece claramente no Juramento do Atleta . . .

Juramos que nos apresentaremos nos Jogos Olímpicos como concorrentes leais, respeitosos dos regulamentos que os regem e desejosos de participar, como espírito cavalheiresco, para a glória do desporto e a honra de nossas equipes. (RAMOS, 1982, p. 264)

Para Souza Neto e Hunger (2004), Cobertin vislumbrou o seu projeto civilizador, buscando na chama de Olímpia a esperança de confraternização entre os povos, de um *locus* para a juventude, num período de grandes mudanças no território europeu que estava em formação. Sem este pano de fundo não se pode entender o projeto utópico do jovem aristocrático (p. 343-344).

Neste período, a Europa foi o berço de grandes acontecimentos, desde guerras, na demarcação de seus territórios, favorecendo o desenvolvimento dos sistemas ginásticos, até na organização do conhecimento, como o advento da biologia, enquanto ciência e da sociologia, como a mais nova área de estudos. A república passou a ser uma exigência da vida democrática e a revolução industrial explodiu nos mais diferentes campos da produção humana (SOUZA NETO e HUNGER, 2004, p. 335-362).

Muito a frente do seu tempo, Cobertin buscou na história da humanidade os principais laços de conexão para um novo projeto educativo. Esta ação pedagógica encontrou no mundo helênico a sua principal fonte de inspiração, acreditando que o esporte, mais que a competição, poderia ser o paradigma desse novo tempo. Todavia, como muito bem observou Barros (1996b), a diferença entre o ideal antigo e a proposta do humanista francês era que no seu projeto, o objetivo

não era a competição em si, a vitória, mas a participação nesse processo de socialização, de civilização, de humanização. De modo que . . .

é possível acompanhar uma evolução dos jogos, que se iniciam como uma expressão amadorística de um ideal de formação humana pelos valores do atletismo e caminham para uma profissionalização que, em grande parte, desvirtua o espírito e a inspiração que os norteiam a ambos.

(...) voltando aos jogos atléticos, seja na sua forma mais pura e gratuita, ou já profissionalizados, há uma diferença básica entre os antigos e os modernos. Entre aqueles, busca-se nos jogos – olímpicos, píticos, ístmicos ou nemaicos, para citar os mais importantes – a vitória sobre os competidores presentes: cada jogo é uma unidade a cada e completa. O atleta disputa com os seus competidores presentes e tenta vencê-los, para receber o prêmio simbólico, a coroa de louros ou a própria de cada competição. Nos jogos modernos, o atleta não compete apenas em diversas modalidades (até mesmo, sob alguns aspectos, nos jogos coletivos) com competidores presentes: ele compete também com o passado. A busca do recorde, a superação dos marcos mais notáveis obtidos no passado fazem parte da competição atlética moderna. (BARROS, 1996b, IX-X)

De modo que, no bojo desse processo, a modernidade⁷ prefigurou-se no século XVI, com as grandes navegações e as descobertas de novas terras; alicerçou-se culturalmente no racionalismo e na ciência da natureza no século XVII; aperfeiçoou-se na prática com a revolução industrial, ganhando impulso na doutrina iluminista do progresso e na ascensão da burguesia com as revoluções americana e francesa; consolidou-se social, econômica e politicamente no curso do século XIX e consagrou-se no período efêmero, luminoso e ambíguo que foi a *belle époque* (KUJAWSKI, 1988).

Entretanto, com a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e a Revolução Russa (1917) a 'beleza' esvaiu-se, trazendo as insatisfações sociais e,

sobretudo, constatou-se, na carne, que o progresso não passava de mistificação, que o avanço tecnológico não correspondia ao aperfeiçoamento moral da humanidade, desencadeando uma grande crise (ou agonia) numa visão de mundo chamada modernidade (KUJAWSKI, 1988).

2.1.1. b – O alto rendimento e suas conseqüências ou uma nova ética para o esporte.

Neste cenário, no século XX, o esporte atingiu a sua hegemonia como espetáculo global, fazendo emergir os valores da sociedade vigente e uma série de questionamentos quanto aos seus fins, meios e usos, conforme indaga Bracht (2002) a respeito de ter havido alguma resistência . . .

A ética esportiva, até bem pouco tempo, envolvia valores relativos ao trabalho: submissão às regras, autodisciplina, autoconfiança, busca de rendimento, espírito de competição etc. Dizia-se: o esporte desenvolve o gosto pela luta, o sentido do esforço, a solidariedade, abnegação, a coragem, a lealdade, a suplantação de si próprio, características (valores) que auxiliaram na sua legitimação social. Mas, se o esporte afirmava, no plano da prática cultural, valores burgueses, e, com isso, a forma de organização social sob a hegemonia da burguesia, deveríamos perguntar se houve algum tipo de resistência cultural e/ou política ao seu desenvolvimento ou à sua afirmação como forma legítima da prática corporal. (p. 195)

O esporte por si só pressupõe competição; valoriza o resultado final muito mais que o empenho esportivo; exige a busca do rendimento máximo; utiliza regras universais e exige dos praticantes um bom nível de performance na

⁷ O termo modernidade (moderno), do latim ‘modernus’ - dos tempos atuais ou recentes - foi usado pela primeira vez no final do século V para distinguir o presente, agora, oficialmente cristão, do passado pagão,

execução das habilidades específicas, assim, tornou-se uma grande feira de exposição do sistema sócio-político-econômico, tendo em vista que...

A nossa sociedade tem no esporte uma de suas principais vitrines do modelo neoliberal que invade o mundo, fabricando os seus ícones na imagem do vencedor. Na cultura gerada em torno do vencedor não existe lugar para o segundo colocado, apenas para o número um, uma espécie de qualidade total a ser alcançada pelos demais competidores em cada torneio. (SOUZA NETO, 1999, p. 36)

Diferentes escândalos ocorreram nos últimos anos, como o caso de Carl Lewis, maior nome da história do atletismo norte-americano, que, mesmo após ter sido pego no exame antidoping, foi autorizado a competir nos Jogos Olímpicos pelo Comitê Olímpico dos EUA. Segundo dados da Folha Esporte, com base nas revelações de Wade Exum (diretor de controle de drogas da Usoc, de 1991-20002, em entrevista à revista "Sports Illustrated"), . . .

cerca de cem americanos foram pegos no antidoping, mas muitos puderam competir nos jogos de Seul-1988, Barcelona-1992, Atlanta-1996 e Sidney-2000. Esses competidores conquistaram 19 medalhas. (LEISTER FILHO, 2003, p. D1)

Levar vantagem em tudo e a qualquer custo ("Lei de Gerson"), está presente na sociedade, nas disputas esportivas. Há uma "escola" invisível capturando os novos membros da sociedade de consumo, tendo nos pais, nos treinadores e na mídia o seu maior veículo. A vitória deixou de ser apenas a medalha, transformando-se numa fachada do vale-tudo para aqueles que acreditam que o importante é "vencer" ou "vencer" ("*will to win*").

Alguns outros fatos também foram manchetes nos Jogos de Seul-1988, no primeiro grande escândalo de doping...

Ben Johnson, aos 27 anos, teve performance avassaladora nos 100 m. rasos, bateu o recorde mundial (9s79), mas perdeu a medalha por uso de esteróide anabólico. Carl Lewis herdou o ouro. Em Seul, a performance de Florence Griffith-Joyner também levantou suspeitas.

A americana foi ouro nos 100 m. e não só venceu nos 200 m., como quebrou o recorde duas vezes no mesmo dia. Seus tempos de 1988 (10s49 e 21s34) nunca foram batidos. Marion Jones, atual campeã olímpica das duas provas, tem marcas bem inferiores (10s65 e 21s62).

Florence morreu em 1998 após sofrer ataque de epilepsia, ainda sob suspeita do uso de doping nunca provado. Seu físico e desempenho em Seul geraram polêmica. O brasileiro Joaquim Cruz, prata nos 800 m., chegou a dar declarações na época manifestando as suspeitas.

“Florence era extremamente feminina. Agora parece mais homem do que mulher”, disse à TV Globo.

“Essas pessoas devem estar fazendo algo anormal para ganhar tantos músculos.” (LEISTER FILHO, 2003, p. D1)

É possível se ter um posicionamento crítico sobre a utilização desses expedientes, mas é também fundamental registrar que o esporte possui um alto valor educativo, se bem utilizado ou mesmo lúdico, enquanto socialização e/ou de desenvolvimento humano. O problema virá toda vez que ele for visto apenas como um fim em si mesmo, ou deixa de colocar o Homem no centro desse processo, facilitando o aflorar das “taras sociais” relacionadas ao recorde, vitória, sucesso, num rumo sem limites. Pilatti (2002) de forma objetiva, assinalou que ...

Os gregos, diferentemente de muitos povos que acreditavam que as performances atléticas eram fruto dos deuses, foram os primeiros a racionalizar as bases do que hoje denominamos de treinamento esportivo. Atualmente, estudos altamente sofisticados é que fornecem a direção dos esportes.

Direção essa que, como sugere Guttmann, há muito rompeu os liames do esporte com a ética e com o humano. A performance espetacular tornou-se uma espécie de fim único. (p. 71)

Nesta visão, o indivíduo se transforma em objeto, mercadoria, digna de planejamento, investimento estratégico, capital humano. Isto pode ser observado frequentemente, na especialização precoce no esporte em escolinhas de iniciação esportiva, valendo lembrar que nem todas têm este objetivo, mas que, no entanto, é real. Dessa maneira, o que normalmente se observa é a grande pressão que pais e técnicos exercem sobre os jovens atletas, exigindo resultados muitas vezes impossíveis de serem atingidos em função das características da faixa etária (DE ROSE JR, 2002, p. 74). Como exemplo, pode-se citar a tenista Martina Hingis, cujos pais depositaram nela a expectativa de uma campeã, a começar pelo nome, homenagem a Martina Navratilova,

Aos três anos a mãe colocou-lhe nas mãos uma raquete. Com 5, disputou seu primeiro campeonato. Aos 12 anos, ainda juvenil, ganhou em Roland Garros o primeiro título de Grand Slam. Com 14, tornou-se profissional. Fez 15 e venceu, em duplas, o primeiro título em Wimbledon. Com 16, embolsou seu primeiro milhão de dólares em prêmios e, antes de completar 17, já deverá ter embolsado o segundo. (CARDOSO, 1997, p.70).

Hingis alcançou feitos que nenhum homem ou mulher houvesse conseguido com tão pouca idade, mas aos 21 anos de idade, precocemente, parou de jogar tênis, em virtude das lesões sofridas; brigou com a mãe e foi morar sozinha, o que não é nenhuma novidade, pois sabe-se que expor crianças e jovens às pressões psicológicas da competição e às exigências físicas do esporte é uma decisão muito delicada. Esta postura que busca somente a vitória, a

qualquer custo, pode bloquear, desencorajar a participação da pessoa, lesá-la física e psicologicamente, pois vencer é importante, mas esse deveria ser um objetivo secundário no âmbito desse processo. Assim, como a musa do atletismo Florence Griffith-Joyner morreu na casa dos 30 anos, Ben Johnson se tornou o “vilão” das Olimpíadas de Seul e Martina Hingis⁸ viu sua promissora carreira terminar, ainda, na adolescência, há muitíssimos outros exemplos e casos dessa mesma natureza em outros esportes, trazendo a tona a questão dos limites, dos valores, do certo e do errado, da ética e da moral. (SOUZA NETO e HUNGER, 2004, p. 348-349). Por exemplo:

Minhas amigas e eu jogamos bola juntas. Algumas vezes, porém, a parte competitiva chega a extremos, tanto dentro do campo como fora, entre os técnicos, as jogadoras e os nossos pais. É muito fácil deixar-se levar pela idéia fixa de vencer e de ser a melhor até o ponto de o esporte não ser mais uma atividade de lazer e de diversão, mas acaba virando um verdadeiro conflito. (CIABATINI, 2003, p. 38)

Ao tratar do tema “A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo... capitalista”, Bracht (1986, p. 63) parece ter dado uma resposta a esta questão ao assinalar que “a nova geração é educada em e para uma sociedade competitiva no qual o princípio de rendimento se impôs”, observando que a competição no meio social é um reflexo do sistema capitalista vigente. Portanto, decorrente dos valores adotados como “verdadeiros”.

Bento (1999, p.56) tenta buscar as razões que justifiquem esta questão dos valores ligados ao desporto, em três momentos – primeiramente, ao

⁸ Martina Hings retornou aos torneios oficiais em 2006.

considerá-lo uma instituição, dentro da socialização e reprodução cultural, que recria e transmite valores essenciais à continuidade da existência da cultura ocidental; em segundo lugar, porque é a partir de preferências por determinados valores que se posiciona a favor ou contra o desporto; e, em terceiro, porque há uma associação tradicional do desporto a valores, de maneira que o contexto esportivo constitui um habitat natural e propício para o florescimento dos mais diferenciados valores. Mas, segundo o autor, este entendimento é questionável, pois assim como em outras práticas, no desporto, pode-se vincular valores positivos como negativos, de forma que, torna-se importante que as reflexões acerca dos valores no esporte devem abrangê-lo em todas as suas dimensões.

Torna-se claro que, mesmo o esporte ao representar um papel fundamental, também na consolidação de um *ethos* comum (criação e reforço de símbolos e valores) (WERTHEIN, 2004, p.117), apresenta benefícios e riscos (WERTHEIN, 2004, p.118-119; BALBINO, 1997, p. 34; TANI, 2002, p.107-108; BENTO, 1999, p. 56; CAPARROZ, 2001, p.35).

Este problema também foi objeto de reflexão para Ciabatini (2003), no texto “Jogar para ganhar. Mas o que?”, ao observar que, hoje em dia, o esporte, de maneira geral, “é considerado como um meio para alcançar a fama e inclusive para ganhar dinheiro” (p.39), não sendo diferente em outras áreas do agir humano. Inclusive o próprio autor assinala, com muita ênfase que gosta de jogar bola, futebol, com os seus amigos e “naturalmente faço de tudo para marcar um gol ou até mesmo, mais de um” (p. 38). Observa-se por esta declaração que o “*princípio de rendimento se impôs*”, se tornou “*inerente*” à própria competição,

prática, “*naturalizando-a*”. Porém, o autor dá “*um passo a frente*” e nos convida a ir contracorrente, explorando outras formas de relacionamento no esporte, como a reciprocidade, o que para Bracht seria canalizar, nas aulas de Educação Física, atividades que permitissem aos educandos vivenciar práticas esportivas que privilegiassem antes o rendimento possível e a cooperação.

Nesta perspectiva se deveria privilegiar uma mudança de mentalidade e os objetivos voltarem o seu foco para...

- Sensibilizar os adultos sobre o processo competitivo e a participação da criança nesse processo, suas necessidades, capacidades e expectativas.
- Entender que a criança não é um adulto em miniatura e, portanto, as competições devem ser organizadas para eles e não para agradar os adultos.
- Proporcionar aos jovens experiências positivas na competição.
- Encorajá-los a desenvolver autoconfiança, bem como uma imagem, valorização e conceitos positivos de si mesmos.
- Ajudá-los a desenvolver habilidades interpessoais.
- Competir por diversão e apreciar a competição.
- Proporcionar um ambiente agradável que permita à criança obter senso de competência. (DE ROSE JR, 2002, p. 74-75)

Propõe-se assim, uma possível revisão dessa “ética” de resultados, colocando em questão o seu significado e a moralidade dos fatos, nos levando a rever estes conceitos.

Para Rios (1996), se ambos os termos indicam *costumes*, eles nos apontam para uma dimensão *social* da ética e da moralidade. Porém, os costumes estão associados a *deveres* que se instituem no social e se relacionam com a norma, a lei, como forma de comportamento que deve ser seguida pela sociedade. O dever aparece neste horizonte como algo bom, algo que se relaciona com o *bem*, sinalizando para o que é considerado correto dentro do grupo social.

Neste itinerário, a moral pode ser definida como um conjunto de valores, de crenças, de princípios, de deveres que norteiam a conduta das pessoas na sociedade, considerando que....

A ação é considerada boa quando é uma adesão àquilo que é chamado de bom e é considerada má quando há uma recusa cumprir o dever. A proximidade maior ou menor deste dever, deste bem, é que faz nossas ações serem chamadas de boas ou más. Entretanto, costuma-se classificar como imoral a ação que nega o dever, como se ela tivesse qualquer correspondência com a moralidade. Na verdade, tanto a obediência quanto a transgressão são atos morais. Isso implica uma responsabilidade, uma vez que, diante do dever, nós respondemos, afirmando sim ou não. Quando “desconsideramos”, ou podemos desconsiderar, o dever, tal como é colocado para nós na relação com bem, então estamos num plano que já não é mais o plano da moralidade. Há planos de valoração dentro da cultura, dentro da história, que não são planos de valoração moral, são planos de valoração lógica, científica, estética. Avaliamos as coisas como verdadeiras ou falsas do ponto de vista lógico, as ações como feias ou bonitas de um ponto de vista estético e como boas ou más do ponto de vista moral. (RIOS, 1996, p. 124-125)

No campo esportivo, a transgressão é considerada má, portanto, um ato imoral, principalmente se estiver relacionado ao *doping*, na falta indiscriminada contra o adversário. Então, o que diferencia a ética da moral?

Se a moral é o conjunto de princípios que norteiam a ação dos homens, a ética é entendida como a reflexão crítica que o indivíduo faz sobre estes princípios. A ética passou a ser entendida como a ciência da moral, embora na prática elas se confundam (SANTIN, 1995, p. 11). Por exemplo, quando se fala na ética, é uma reflexão, de caráter crítico, que se faz sobre a dimensão da moralidade.

Na moral, encontramos a regra: “faça isto, não faça aquilo”, ande por este caminho, não ande por aquele. Na ética indagamos: “por quê?”, “Por que não fazer isto ou aquilo?”, “Por que seguir determinado caminho?”, “Qual é o significado que isto tem?”, “Qual é o seu fundamento?”.

Essas perguntas podem ser feitas também no terreno da moral. Entretanto, há aí uma diferença: na moral, as respostas já estão dadas, já se encontram prontas. Quando perguntamos “por quê?”, na moral, recebemos a resposta estipulada em virtude dos valores estabelecidos pelos costumes. Quando, entretanto, nossa indagação tem intenção de buscar os fundamentos dos valores, sua consistência, já estamos no plano da ética, da “ciência do ethos”, de uma atitude crítica que procura superar o senso comum, a resposta pronta, as afirmações irrefletidas. (RIOS, 1996, p. 126-127)

A ética, ao perguntar pelos fundamentos, vai em busca da consistência dos fatos, pois ao perguntar por que (?) busca-se a raiz da questão, de sua sustentação, de seus pressupostos. Portanto, não há como separar a ética da moral. A primeira está associada à crítica, ao terreno da teoria, buscando entender o significado daquele objeto; enquanto que a segunda está vinculada ao terreno da moralidade que está na prática, na ação, no certo e no errado.

Antigamente, moral e ética eram transmitidas às novas gerações pelas classes dominantes, pela aristocracia, pelos intelectuais, escritores e artistas. Era uma época em que os nobres eram nobres, exemplos a ser seguidos por todos. Hoje isso mudou. Nossas lideranças políticas, acadêmicas e empresariais não mais se preocupam em transmitir valores morais às futuras gerações. Não existe mais o *noblesse oblige*, a obrigação dos nobres, como antigamente. Poetas até enaltecem os nossos “heróis sem caráter”.

Hoje, quem quiser adquirir valores morais e éticos neste mundo “moderno” terá de aprender as regras sozinho. (RIOS, 1996, p. p. 20)

Criadora do mundo moderno, a ética do conhecimento, uma vez compreendida e aceita, é a única capaz de guiar sua evolução, assim, a questão

não é mais buscar explicações sobre o fato moral, mas sim, de interpretá-lo na dimensão histórica da existência humana. (SANTIN, 1995, p.16)

O que nos permite dizer, com muita legitimidade, que o problema ético tem suas raízes mais profundas nas misteriosas forças que regem, unem e entrelaçam o jogo do homem e o jogo do mundo. (p.10)

No geral observa-se que as decisões feitas com base no próprio interesse levam à desconfiança, medo, desconsideração do outro (participante), individualização; enquanto que as decisões relacionadas à adesão dos costumes sociais e leis também são problemáticas, pois não são necessariamente, ou moralmente, corretas (por exemplo, em época de guerra uma simples ordem pode resultar no massacre de milhões de pessoas). Mas, se o critério for o melhor para a maioria das pessoas, enfatizando as qualidades lúdicas do esporte, então a competição deverá buscar a melhor performance dos competidores, tendo como parâmetro o respeito mútuo, o *fair play* (jogo limpo), a interdependência, o Homem como sujeito do processo e não o inverso.

Na visão de Souza Neto e Hunger (2004, p. 354-355), a teoria do processo civilizador de Norbet Elias (1992) nos ajuda a compreender que . . .

“a relação entre *indivíduo e sociedade* só pode ser esclarecida se investigarmos ambos como entidades em mutação e evolução, ou seja, como componentes de um processo” (LUCENA, 2002, p. 120).

O que na visão de Gebara (2002, p. 20) nada mais é do que “um processo ‘cego’ (não planejado) e empiricamente evidente”. Em termos práticos, significa dizer que

(...) a violência imbricada no cotidiano dos guerreiros cede lugar ao debate e ao refinamento das atitudes dos cortesãos, (...) violência e civilização são processos complementares, são formas específicas de interdependência. (p. 21)

Assim, o esporte não é um espetáculo à “parte”, mas parte de um jogo de interdependência humana que exige da pessoa procedimentos e formas de participação dentro desse processo.

No âmbito dessa visão, Hunger e Souza Neto (2002) vão lembrar que para compreender a sociedade há necessidade do entendimento de que as pessoas constituem teias de interdependência ou “configurações” de muitos tipos num entrançado flexível de tensões. O conceito de configuração ou figuração nos permite diluir o constrangimento de se pensar o indivíduo e a sociedade como se fossem duas entidades antagônicas e diferentes.

Para Elias (1992), citado por Hunger e Souza Neto (2002), a configuração significa o padrão mutável que foi criado por um conjunto de jogadores – não só por seus intelectos - no seu todo, na totalidade das suas ações em relações que sustentam uns com os outros. Portanto, o fenômeno esportivo nos oferece este modelo de interdependência e de configuração, nas relações que se estabelecem entre indivíduo e sociedade, num desafio constante de se buscar

pontos de interseção que se complementem, mas que ao mesmo tempo mantêm a sua especificidade.

2.1.1. c – O esporte e suas novas possibilidades

Ao se tratar o esporte na modernidade, principalmente nas últimas décadas, percebe-se a atração crescente que ele exerce em inúmeras pessoas, a adesão à sua prática não para de crescer e não há comparação com qualquer outra prática social, excetuando a do trabalho. Com a chegada e a expansão da era do estilo de vida, a adesão ao desporto atingiu uma expressão impressionante, e não vai parar por aí, ele tem muito por onde se estender, de “(...) um desporto de entretenimento e espetáculo do fim de semana evolui-se para uma cultura do cotidiano.” (BENTO, 1999, p.51). Um dos aspectos que deve ser considerado na atualidade é abordado por Moreira (2002):

Durante o século XX, o **esporte**, em razão da sua amplitude e complexidade, foi identificado como um dos principais fenômenos sociais. Já na segunda metade desse século, outro tema ganhou expressão – **qualidade de vida** (...). (, p.5)

O esporte sob essa perspectiva toma uma nova forma, torna-se um campo diferenciado, uma esfera social diferenciada das outras, podendo ser tratada como uma área do lazer, um lazer que possui certas peculiaridades, um lazer especial, que exige certo domínio, um entendimento de certas regras. (DAMATTA, 2004, p.34) Segundo o autor, as atividades esportivas e artísticas subvertem a relação entre meio e fim, provenientes do nosso sistema capitalista,

onde os fins são mais importantes que os meios. O lazer é visto como um contraste relativo com o trabalho,

O lazer também é obrigatório na sociedade moderna, quer dizer, tudo que é moderno, não se iludam, é obrigatório. Até o lazer é obrigatório. (...) As atividades esportivas são modernas no sentido de que são rituais que têm um tempo para começar e um tempo para terminar. (p. 37)

Há uma série de convenções provenientes do mundo esportivo, dele muito se pode subtrair, porque ele trata desses elementos que são formadores de comportamentos sociais. Há uma amplitude grande desses comportamentos e convenções que poderiam ser aqui analisados, mas há algo que deve ser considerado de maneira significativa.

Diversas são as possibilidades oferecidas pelo esporte, principalmente nos tempos atuais, como já foi descrito anteriormente, e dentre suas ofertas positivas encontra-se inserida a questão do “*prazer*”, do significado que o esporte tem para o indivíduo que o pratica. Mesmo quando o indivíduo busca o esporte com diversos objetivos, que para si estão claros, como aquisição, conservação e fortalecimento da saúde, estar e conviver com outras pessoas, gosto pelo risco, aventura, desafio, dentre inúmeros outros que poderíamos aqui indicar, para alguns autores (FERREIRA, 2002, p.49, BENTO, 1999, p.52 e TANI, 2002, p.112), aspectos afetivos, de diversão, de prazer e o sentido desta prática para o indivíduo são mais significativas que quaisquer outras questões que o esporte possa abranger. Portanto, “(...) a prática adequada do esporte requer (...) seu significado social e cultural para o praticante.” (TANI, 2002, p.112)

(...) a idéia de esporte como atividade metódica e regular se associa a resultados concretos no que se refere à autonomia dos gestos, à mobilidade dos indivíduos, o que parece ter muito sentido. Entretanto, os gestos humanos não são apenas resultados das articulações dos ossos. Isso significa que o esporte, como um direito de todos, só acontece se tiver sentido para o indivíduo, inclusive de diversão. (FERREIRA, 2002, p.49).

Após apresentar o esporte nas suas mais distintas abrangências e configurações, buscaremos apresentar, a seguir, a sua inserção no cenário nacional, inclusive no âmbito escolar.

2.1.2 – O esporte na realidade brasileira

Betti (1991) relata que o início da esportivização, no Brasil, ocorreu por volta dos anos 50 e 60, com a substituição de exercícios militares pelo jogo de competição, visando tornar as aulas mais prazerosas e alcançar os objetivos da Educação Física como saúde, desenvolvimento intelectual, desenvolvimento moral. Neste período as publicações de cunho político-ideológico foram substituídas por artigos de investigação científica. Portanto, é nesse momento que se enraíza o modelo esportivista ao se acreditar que através do jogo o aluno se desenvolve e se manifesta plenamente; o jogo propicia o senso de responsabilidade e de coletividade, preparando-o para a vida que nada mais é do que jogo e competição.

Este processo se perpetuou até meados dos anos 80, com diversas políticas públicas sendo desenvolvidas e objetivando a esportivização em massa; dando oportunidade a “*todos*”, independente de classe social e condição

econômica; transformando a escola em um celeiro de talentos. Um desses exemplos é a já citada Lei nº 6251/75, onde ao Poder Público caberia facilitar ações e recursos para a prática do desporto e a expansão do potencial existente.

No Estado de São Paulo esta proposta foi disseminada, particularmente, nas Resoluções SE nº 14, de 18 de fevereiro de 1971 e SE nº 11, de 18 de novembro de 1980 quando trataram da criação e regulamentação das “*turmas de treinamento*” na Educação Física das escolas públicas estaduais de ensino fundamental e médio, visando a participação dos alunos em campeonatos oficiais, olimpíadas estudantis, intercâmbios esportivos e outras formas de competição na rede escolar, que hoje tem uma nova denominação: Atividades Curriculares Desportivas, e é regulamentada pela Resolução SE nº 173/2002.

Esta idéia ganhou força com a reformulação do Desporto Nacional (Decreto 91452/85, regulamentado pela Portaria Ministerial 598/85), pois se considerou o Esporte como um dos fenômenos mais importantes do final do século XX, devendo constituir-se em DIREITO DE TODOS. Conceituou-se o Esporte no Brasil como uma...

atividade predominantemente física, que enfatize o caráter formativo-educacional, seja obedecendo à regras pré-estabelecidas ou respeitando normas, respectivamente em condições formais ou não formais; abrangendo três manifestações esporte-educação, esporte-participação e esporte-performance. (BRASIL, 1985, s/n.)

Com relação ao esporte-educação Brasil (1985) assinalou que este abrange toda a população, pois se trata de um...

meio de descoberta e desenvolvimento de futuros participante do esporte-performance, propiciando todas as condições favoráveis para que suas capacidades psicomotoras sejam contempladas com programas efetivos e vivências desportivas de acordo com as indicações de suas faixas etárias. (s/n.)

Sobre esta descrição Tubino (1999, p. 27) a completará observando que o “esporte-educação tem um caráter formativo”, pois se “baseia em princípios educacionais, como participação, cooperação, co-educação, integração e responsabilidade”. Porém, no que diz respeito às outras duas manifestações, o autor assinalará que:

O esporte-participação ou esporte popular, por sua vez, se apóia no princípio do prazer lúdico, no lazer e na utilização construtiva do tempo livre. Esta manifestação esportiva não tem compromisso com regras institucionais ou de qualquer tipo e tem na participação o seu sentido maior, podendo promover por meio dela o bem-estar dos praticantes, que é a sua verdadeira finalidade.

O esporte-participação, pelo envolvimento das pessoas nas atividades prazerosas que oferece, ainda proporciona o desenvolvimento de um espírito comunitário, de integração social, fortalecendo parcerias e relações pessoais. Ele propicia o surgimento de uma prática esportiva democrática, já que não privilegia os talentos, permitindo o acesso de todos. É a manifestação do esporte que mais se aproxima do jogo, sem esquecer as suas ligações com a saúde.

(. . .), o esporte-performance ou de rendimento, que muitos chamam de esporte de alto nível ou alta competição, foi a manifestação esportiva que norteou o conceito de esporte durante muito tempo, e hoje representa apenas uma parte da abrangência desse conceito. Foi a partir do esporte de rendimento que surgiram o esporte olímpico e o esporte como instrumento político-ideológico.

O esporte de rendimento é disputado obedecendo rigidamente às regras e aos códigos existentes, específicos de cada modalidade esportiva. Por isso é considerado um tipo de esporte institucionalizado, do qual fazem parte federações internacionais e nacionais que organizam as competições no mundo todo. (p. 27-28)

Para Tubino, (1999, p. 26) estas manifestações do esporte (esporte-educação, esporte-participação e esporte-performance) representam as suas dimensões sociais. Segundo o autor, o esporte ganha essas dimensões a partir da Carta Internacional de Educação Física e Esporte, publicada em 1978 pela UNESCO, que estabelecia que a atividade física ou a prática esportiva, assim como a educação e a saúde era um direito de todos. Documento este que serve como referência em todos os países do mundo, inclusive no Brasil, com a inclusão deste tema no texto da Constituição de 1988. (p. 25 e 26).

Segundo este autor, em 1964, reconheceu-se pela primeira vez que havia outras manifestações do esporte, além do rendimento. Foi quando Philip Noël-Baker assinou o Manifesto do Desporto, após os Jogos Olímpicos de Tóquio, “(...) admitindo também a existência de um esporte escolar e de um esporte do homem comum, (...)” (p. 25)

Embora haja esta compreensão quanto à dimensão social do esporte, este recebe questionamentos em relação à “ideologia”, que traz subjacente, ao se considerar que...

- A concepção técnico-esportiva (...) busca contribuir com o sistema esportivo no sentido mais geral, ou seja, na descoberta e fomento do talento esportivo, através da introdução e adaptação de todos à cultura esportiva. O interesse dos profissionais em desenvolver esta concepção, é claramente orientado no rendimento esportivo nos padrões do esporte de alto rendimento. (KUNZ, 1994, p.100);
- (...) o esporte como conteúdo hegemônico impede o desenvolvimento de objetivos mais amplos para a Educação Física, tais como o sentido expressivo, criativo e comunicativo. (KUNZ, 1989 apud DARIDO, 2001, p.17);
- (...), podemos dizer que a socialização através do esporte escolar pode ser considerada, em nossa sociedade, como uma

forma de controle social, pela adaptação do praticante aos valores e normas dominantes. (BRACHT, 1986, p.62);

- O fato é que em geral há a crença de que o esporte é apenas para quem tem talento, ainda que estes sejam minoria. Por conta disso, quantas crianças têm sido submetidas a um tipo de pedagogia que não respeita as diferenças, que elege os resultados em curto prazo como objetivo e apenas a competição como referencial de avaliação do aprendiz? “(...)”, penso que uma pedagogia comprometida apenas em revelar talentos e formar campeões tende a não se comprometer com os fenômenos humanos, (...) (SANTANA, 2002, p.176-180)

As descrições apresentadas podem corroborar com uma visão crítica a respeito do esporte, mas não se pode negar que haja outros dimensionamentos. O esporte, enquanto uma prática social, também apresenta uma “*pedagogia social*” que abarca elementos da subjetividade humana presentes tanto na competição, quanto na cooperação. Dentro deste contexto, caso não se saia dos dogmatismos . . .

- (...), nega-se a possibilidade de se olhar a competição como elemento passível de ser construído em outros patamares que não o existente, retirando-se, a priori, a possibilidade de tratá-la pedagogicamente. Tratamento pedagógico esse que venha nela particularizar o princípio do competir com, no lugar de competir contra; que contemple as diferenças sem camuflá-las, respeitando e valorizando-as igualmente. Dessa maneira, a competição esportiva presente no espaço escolar tende a distinguir-se daquela realizada em outros campos pois, diferentemente daquela, deve estar comprometida com os objetivos da instituição escolar e não com os da instituição esportiva, (...) (CASTELLANI FILHO, 1998, p.55-56);

Nesta direção, mas com outro olhar, Paes (1997), preocupado com a competição precoce, observará que a iniciação não é a especialização em uma determinada modalidade, considerando que “na iniciação não deve haver competição, pois neste primeiro momento a massificação deve estar presente, e não tem sentido o afunilamento existente” (p.54). Como exemplo desta

compreensão, o autor aponta, a título de explanação, que na faixa etária dos 07 aos 12 anos haveria dois momentos no contexto da iniciação: primeiramente, objetivando o desenvolvimento motor da criança e posteriormente, oferecendo ao aluno a oportunidade de conhecer o maior número de modalidades, para em seguida, iniciá-lo na que ele escolher. Somente depois destes dois momentos é que se daria a preparação para a competição em uma modalidade específica.

Entrando nesta discussão, Caparroz (2001), com base em estudos, chamará a atenção para a questão cultural dessa prática social, considerando a . .

(...) reflexão sobre a constituição desta prática social (esporte) como forma cultural construída pelos homens que foi sendo assimilada e valorizada pela sociedade, tornando-se um elemento fundamental da cultura (corporal) e que, por isso, passa a ser apropriada, incorporada pela escola como um conhecimento a ser transmitido. (p. 35)

Para o autor há muitos mal-entendidos e equívocos provocados pelas críticas e interpretações exacerbadas sobre o esporte, pois o uso ou a absorção “*radical*” e/ou “*simplista*” podem ter provocado esses problemas, inclusive, como por exemplo, “*esporte bom e esporte mau*”.

Sobre o assunto, Tani el alli (1988) observou que a compreensão de como os fenômenos sociais agem sobre o ser humano e como este responde, detecta como a “competição pode ser percebida através dos tempos. (...) Esta competição pode ser pura, relativa, impessoal, criativa e direta.”(p.131) e que ela pode apresentar um esforço do ser humano num sentido construtivo, ao mesmo tempo que pode ser também um processo destrutivo.

Nesta mesma perspectiva, Betti (1988) assinalará que as virtudes e os vícios da competição já estão presentes em sua origem, no desejo de fazer o melhor, para si mesmo e para testemunhas, tendo como referência padrões, objetivos ou o confronto com um adversário. Entretanto, citando Belbenoit (1976), lembrará . . .

que há duas formas inadequadas de responder à questão: ver apenas os defeitos da competição de alto nível, sem considerar o que ela traz de bom ao atleta, ou atribuir todos os desvios a corrupções vindas de fora – a sociedade de consumo, o chauvinismo, etc (p.50).

Numa outra passagem buscará resposta para este problema ao colocar que...

Parlebas (citado por Belbenoit, 1976), esclarece o caráter dialético do esporte:
O desporto não possui nenhuma virtude mágica. Ele não é em si nem socializante nem anti-socializante. É conforme: ele é aquilo que se fizer dele. A prática do judô ou do rãguebi pode formar tanto patifes como homens perfeitos preocupados com o 'fair play'... (p.114) (p.51)

Portanto, fazer da prática esportiva, ou do esporte, o “*algoz*” da sociedade ocidental sem uma reflexão mais pontual, significa ignorar o esporte enquanto um fenômeno social. Concorde-se com Parlebas e Betti, pois o “*esporte*” é aquilo que se faz dele nos projetos, (ou) programas escolares ou em qualquer local onde ele aconteça.

No cenário nacional, as próprias entidades governamentais reconheceram - Decreto nº 91452/85 e Portaria Ministerial nº 598/85, que,

historicamente, o esporte era entendido com uma visão limitada, numa perspectiva apenas do esporte de alta competição (BRASIL, 1985).

(...) a negação do esporte na sua relação com a educação física deveu-se, fundamentalmente, em razão da adoção de uma concepção simplista do esporte, orientada unicamente ao rendimento. (TANI, 2002, p.112)

Talvez seja este o grande equívoco, reduzir a “iniciação esportiva” apenas ao ensino especializado de uma modalidade esportiva e com o objetivo focado no resultado. Porém, há necessidade que a mesma seja melhor compreendida em seu processo. Esta questão será tratada no próximo tópico.

2.2 – A Iniciação Esportiva

Em virtude das divergências expostas anteriormente, faz-se necessário apresentar como vem sendo tratada a Iniciação Esportiva em nossa realidade. Diversos são os fatores que comprometem tanto a compreensão, como a utilização/aplicação ideal da Iniciação Esportiva.

Entre elas podemos citar, após analisar alguns estudos, que na prática ocorre **uma precocidade com a introdução da criança na Iniciação Esportiva, bem como, na especialização de uma modalidade**, isto é, **a idade ideal**, indicada pela literatura e apontada pelos próprios professores de Educação Física, para esta iniciação **não corresponde à idade real**, ao que de fato ocorre na prática. (ARENA E BÖHME, 2000, p.193 e SILVA et al., 2001, p.52)

Segundo Arena e Böhme (2000, p.185), a literatura recomenda a fase dos 7 aos 12-13 anos para uma etapa de iniciação e formação básica geral, indicação que se aproxima do resultado apresentado por Silva et al. (2001, p.49) que aponta para a faixa dos 8-12 anos para desportos individuais e a faixa de 10-12 anos para as modalidades coletivas. Sendo que nos estudos de Silva et al. (2001, p.50), a idade real para modalidades individuais é de 5-8 anos e para modalidades coletivas é de 7-10 anos, enquanto que nos estudos de Arena e Böhme (2000, p. 189), o início da prática específica de uma modalidade (voleibol) vem acontecendo em idades abaixo das recomendadas pela literatura (1-2 anos antes), diretamente relacionadas com as idades da primeira categoria da federação.

Outro fator que podemos apontar, segundo Betti (1995, p. 27-28), é que no contexto escolar, além do privilégio do conteúdo “*esporte*” nas aulas de Educação Física, o que se vê é a **utilização reduzida/restrita de modalidades esportivas** pelos professores. Segundo a autora, não há o que se discutir sobre o aprendizado de esportes, um fenômeno da cultura corporal do movimento, nas aulas de Educação Física, mas sim, questionar e tentar compreender o posicionamento de professores que se utilizam apenas de um ou de alguns esportes em detrimento de outras diversas modalidades, bem como, sugerir formas de utilização de outros conteúdos. (p.25 e 30). Estes apontamentos podem ser um dos aspectos que vêm justificar o afastamento de crianças e jovens das atividades físicas, como vamos explicitar mais adiante, em virtude do desconhecimento das suas diversas possibilidades.

Em outros momentos deste estudo, fez-se alusão às características da sociedade atual para justificar e compreender algumas transformações ocorridas com o esporte, em todas as suas manifestações. Mais uma vez trazer à tona algumas dessas características nos auxilia nesta compreensão da significância e do papel da Iniciação Esportiva.

Assim, quando Bento (1999) afirma que

(...) não exista um quadro uniforme da geração jovem e do seu modo de lidar com o corpo, com o movimento e o desporto. Pelo contrário, há que contar com uma crescente heterogeneidade das culturas juvenis. Sem esquecer que os estilos de vida e acção dos jovens são marcados pela precariedade temporal: aquilo que ontem estava na moda pode já hoje ter sido sacrificado ao espírito do tempo. (p. 98)

O autor tem o intuito de justificar **a significação do esporte para as crianças e os jovens**, pois, segundo De Knop (1998, apud BENTO, 1999, p.98-99), dois grupos extremos de crianças podem ser identificados hoje, o que não pratica qualquer atividade física e o que se dedica intensamente aos treinamentos.

Segundo Bento (1999), os problemas no desporto infanto-juvenil e sua gravidade são de grande monta, pois é crescente o abandono de adolescentes, principalmente as meninas, além de um desinteresse pelo desporto organizado, não descartando também “(...) o descrédito ético e moral, para que o desporto se deixou arrastar, (...)”, o que provoca um questionamento sobre o desporto ser um meio de educação de crianças. (p. 99-100)

O presente e o futuro do desporto de crianças e jovens suscitam, portanto, grandes preocupações, que devem desaguar em estudos e medidas tendentes à sua melhoria e aperfeiçoamento. A grande aposta deve ser a de incrementar a qualidade à luz de parâmetros de ordem pedagógica, visando eliminar confusões e equívocos. (p. 100)

Na mesma linha de raciocínio das características da modernidade (ou pós-modernidade), “O fascínio do jogo só é superado pelo fascínio da comodidade.” **“Aquilo que sempre foi uma experiência corporal, transforma-se agora numa experiência informática.”**⁹ (GARCIA, 1999, p. 144) Isto significa que a criança se sente atraída pelas diversas facilidades que o jogo virtual promove, como por ex., a possibilidade de alterar o nível de dificuldade do jogo caso não se possa vencê-lo, a ausência do esforço físico, entre outras.

Para Garcia (1999), o “*gosto*” da vitória ou da derrota não é sentido com tanta intensidade, pois a criança está sozinha, o sentimento de ser vitoriosa ou derrotada não é complementado pelo sentimento contrário do oponente - a máquina. (p.145) Assim, a “(...) superação deixa de existir e com ela uma das categorias mais importantes contida no desporto e na história da humanidade.” (p.145) Portanto, nas vivências dessa criança, ela se priva das reais emoções da vitória e da derrota, da superação nas dificuldades e da atividade (esforço) física.

Após esta tentativa de pontuar a Iniciação Esportiva enquanto uma ação, questiona-se: somente estes apontamentos são suficientes para alcançar este objetivo? será que se tivéssemos uma clara definição e utilização da Iniciação Esportiva, estas “*complicações*” não seriam sanadas?

2.2.1 – Iniciação Esportiva: alguns conceitos

No tópico anterior, alguns exemplos dentre diversos, foram apontados com o objetivo de demonstrar as transformações que o esporte vem sofrendo, o que automaticamente, influencia as formas de apropriação da Iniciação Esportiva.

Embora em determinado momento, constatou-se que as alterações sociais – globalização, sociedade capitalista regida pela competitividade, afetam diretamente a Iniciação Esportiva, e que, estas constantes modificações alimentam a sua indeterminação. Entende-se que é possível creditar grande parte disso à dificuldade em obter um consenso sobre a sua conceitualização, a sua definição. Até mesmo para que pudéssemos esclarecer sob qual conceito de Iniciação Esportiva referendaríamos os processos deste estudo.

O termo “*Iniciação Esportiva*”, composto por estas duas palavras, não é contemplado por Barbanti (1994) em seu Dicionário da Educação Física e do Esporte, assim buscou-se, inicialmente, o significado das duas palavras separadamente.

⁹ O grifo é nosso.

QUADRO VI – Significado de Iniciação / Esporte e afins

PALAVRA AUTOR	Barbanti (1994)	Ferreira (1961)	Tubino (1999)
INICIAÇÃO	É o processo cerimonial que assinala que indivíduos adquirem uma nova posição ou se tornarem novos membros de um grupo. O processo de iniciação deve indicar, independente do processo de aprendizagem (socialização) que uma pessoa pode responder a certas exigências ligadas à sua posição e ao grupo, portanto, pode ter suas expectativas correspondidas. (p.166)	s.f. Ato ou efeito de iniciar; recebimento das primeiras noções de coisas misteriosas ou desconhecidas; . . . ; ato de começar qualquer coisa; (Etnol.) processo ou série de processos, correspondentes às diversas classes de idade, e em que os jovens são <i>iniciados</i> nos ritos, nas técnicas e tradições da tribo e assim preparados à admissão na comunidade dos adultos.	
ESPORTE	Uma definição precisa do Esporte é impossível devido a grande variedade de significados. Quase tudo que é entendido sob o termo Esporte é menos determinado por análises científicas em seus domínios do que pelo uso diário e desenvolvido histórico e transmitido pelas estruturas sociais, econômicas, políticas e judiciais. Para os sociólogos do Esporte uma definição bastante aceita diz: "é uma atividade competitiva, institucionalizada, que envolve esforço físico vigoroso ou o uso de habilidades motoras relativamente complexas, por indivíduos cuja participação é motivada pela combinação de fatores intrínsecos e extrínsecos". (p.109)	s.m. Prática metódica dos exercícios físicos; <i>desporto</i> ; adapt. Do inglês: <i>sport</i>	O termo <i>esporte</i> vem do século XIV, quando os marinheiros usavam as expressões "fazer esporte", desportar-se ou "sair do porto" para explicar seus passatempos que envolviam habilidades físicas.
DESPORTE		s.m. Recreio, diversão; <i>esporte</i> , forma paralela: <i>desporto</i>	
JOGO	É uma forma de competição prazerosa cujo resultado é determinado por habilidades motoras, estratégias, ou chances, empregadas simplesmente ou em combinação. (p. 175)	s.m. Brinquedo, folguedo; divertimento; passatempo sujeito a regras e em que, por vezes, se arrisca dinheiro; regra que devem ser observadas quando se joga; . . .	O mais próximo do <i>esporte-participação</i> ou esporte popular. Apóia-se no prazer lúdico, no lazer e na utilização construtiva do tempo livre. Não tem compromisso com regras institucionais ou de qualquer tipo.

Ainda na busca dessa compreensão, outros termos e significados apontados por Barbanti (1994) nos chamaram a atenção, como estes dois a seguir:

EDUCAÇÃO MOTORA: Atividade didática e pedagógica que objetiva iniciar, desenvolver e aperfeiçoar a capacidade de movimento de um indivíduo, bem como formar uma série de valores acerca do mesmo. (p.92)

ESPORTE PARA CRIANÇAS E JOVENS: Atividades físicas para crianças e adolescentes dentro do contexto esportivo. As experiências esportivas competitivas têm treinos organizados, com técnicos e professores, e com competições/jogos programados. Normalmente são realizadas em clubes esportivos em menor escala nas escolas. A participação nas atividades esportivas começa em diferentes idades dependendo do tipo de Esporte. Principalmente por razões biológicas, o Esporte Para Crianças e Jovens é dividido em várias categorias, normalmente por faixas etárias. (p.109)

Dessa forma, também a utilização de termos diferentes para conceitos parecidos, isto é, a falta de unidade sobre o termo a ser utilizado, podem estar corroborando com a problemática que envolve a questão da Iniciação Esportiva.

Inclusive, alguns dos autores consultados, ao fazer alusão a este universo, utilizam-se dos mais diversos termos, como: “iniciação/formação esportiva”, “escola de esportes gerais (poliesportivas)” (ARENA E BÖHME, 2000, p. 187-187); “aprendizado desportivo” (SILVA ET AL, 2001, p.46); “formação desportiva corporal geral” (BENTO, 1989, apud SHIGUNOV, 2000, p. 46); “aprendizagem desportiva” (TANI ET AL, 1988, p.90); “preparação básica ampla” (HOLLMANN e HETTINGER, 1983, p.569) e “formação básica geral” (WEINECK, 1999, p.58).

Excepcionalmente, Faria Junior (1999), nos aponta conceitos de alguns autores para Iniciação Desportiva:

A iniciação desportiva é por muitos considerada o primeiro contato com a criança com um dado desporto. Seu objetivo principal seria 'o desenvolvimento e a aprendizagem das capacidades, habilidades e conhecimentos necessários ao desportista para que obtenha níveis ótimos de rendimento futuro . . .' (CHIVIACOWSKY, MATTOS, 1988, p.193, apud FARIA JUNIOR, 1999, p. 332)

A iniciação desportiva é entendida por Domingo Blásquez Sánchez (1986) como 'o período em que a criança começa a aprender de forma específica a prática de um ou vários desportos (geralmente a partir dos 9 – 10 anos)' (p.35). Entretanto, como o próprio autor reconhece, esse conceito não é consensual. (p. 331)

Faria Junior (1999) busca mostrar então, a discordância de outros autores sobre o que é a iniciação desportiva e como ela deve ser utilizada.

Para uns a iniciação desportiva abarcaria uma fase lúdica em que o jogo seria dominante. Para outros, essa fase lúdica não seria considerada iniciação desportiva, uma vez que esta implica a adoção de concepções do treino desportivo. (p. 334)

Considera também que há uma apropriação inadequada das obras de alguns autores estrangeiros, pela tradução ou por uma leitura não muito atenta, como por ex., sobre o significado do termo *esporte*, que na Alemanha está relacionado a "(...) atividades recreativas e de educação física." (p.335) e não ao desporto, entendido aqui como desporto de competição.

A inclusão de jogos preliminares na fase de iniciação, com o objetivo de dar fundamentos para diversos desportos, "(...) procurando tornar educativa a iniciação, aproximando-a do jogo e afastando-a da rigidez do treino desportivo." (p. 335), defendida por uns, é contraditória para outros que acreditam que esse tipo de atividade não pode ser caracterizada como iniciação desportiva. (p. 335)

Outros autores, de forma categórica, não reconhecem a fase dos jogos e das atividades recreativas como integrando a iniciação desportiva. . . . a iniciação desportiva autêntica carrega implícita um princípio de especificidade, como base de uma futura especialização: (. . .) (p. 335)

O próprio autor, Faria Junior (1999), não aprova a utilização do jogo popular infantil, “(...)colocando-o a serviço do desporto, pela perspectiva da iniciação desportiva. “ (...)não concebemos, nem incluímos a fase lúdica, na qual o jogo é dominante, como *iniciação desportiva*.” (p. 335-336)

Já Capinussú (s/d, p. 86) aponta para uma confusão de terminologia no que diz respeito à Iniciação Desportiva (ensino do “*alfabeto do desporto*”, “*dos fundamentos primários*”) e no que ele chama de Escolinha (aprimorar-se, aperfeiçoar-se). Ele apresenta uma concepção bastante clara sobre esta questão, indicando que

Na escolinha, . . . os jovens atletas (notem bem, já são atletas) deverão demonstrar conhecimento daquela modalidade com a qual estão comprometidos. Portanto, na iniciação desportiva, conforme a própria denominação evidencia, há o começo de um trabalho; na escolinha o estágio é mais avançado; (p.86)

Mesmo tentando sanar as confusões sobre o entendimento e o uso da Iniciação Esportiva, percebeu-se que não há, de fato, um consenso a respeito, mas que a mesma envolve o conteste e o jogo e que aparece relacionada ao esporte.

2.2.2 – O conteste, o jogo e o esporte

Edwards (1973) propõe uma definição destes dois fenômenos, primeiramente, ao apontar que atividades comuns permeiam o conteste, o jogo e o esporte (antecedidos pelo brincar e pela recreação), como por ex. - são atividades onde os participantes não podem começar nem terminar quando desejarem, eles não têm a prerrogativa para limitar a atividade no tempo e no espaço, têm a característica de serem utilitárias no produto (ênfase na consecução de objetivos econômicos, prestígio, poder, *status*, auto-estima), onde a competição é necessária e são atividades caracterizadas por regras formais ou informais, controle, restrições ou limitações que devem ser seguidas.

Para Edwards (1973), conteste ou partidas, de um modo geral, “giram em torno da demonstração e da excelência individual em velocidade, resistência, precisão, força, coordenação e/ou acuidade mental” (p.10-11). Já no jogo há espaço para a espontaneidade, porém esta espontaneidade é marcada por uma estrutura criada pelas regras, cujo objetivo é testar as habilidades dos participantes em uma situação tanto formal como informal. Seus objetivos podem envolver testes de habilidade física e/ou ingenuidade mental e mais adiante este teste é tipicamente combinado em uma situação de interação e representação coletiva, com as conseqüências do jogo sendo compartilhadas pelos membros das coletividades envolvidas (p.12), enquanto que o autor observa que o esporte, sendo um esforço formal, racional e dirigido a metas pré-estabelecidas “dá pouca oportunidade para a fantasia ou faz-de-conta porque suas atividades, na maior

extensão possível, constituem-se em esforços calculados e racionalmente planejados” (p.16).

QUADRO VII – Brincadeira, Recreação, Conteste, Jogo, Esporte
(COMPARAÇÕES DAS ATIVIDADES INDICADAS PELOS CONCEITOS DISCUTIDOS)

ATRIBUTOS DETERMINANTES	ATIVIDADES INDICADAS PARA A (O):				
	BRINCAR	RECREAÇÃO	CONTESTE	JOGO	ESPORTE
01 – Atividade exclusiva dos interesses e influências que emanam de fontes externas do CONTESTE no ato.....	X				
02 – Existência de fantasia ou faz-de-conta	X				
03 – Os participantes começam a atividade ao desejarem	X	X			
04 – Os participantes limitam a atividade no espaço e tempo .	X	X			
05 – Os participantes terminam a atividade ao desejarem	X	X			
06 – A atividade não é necessariamente utilitária no produto (pode ser destituído de interesse econômico, material, prestígio, poder ou status/metlas)	X	X			
07 – A competição não é um elemento necessário	X	X			
08 – Atividade caracterizada por um grau necessário de espontaneidade (não restrita por regras formais ou informais de procedimento).....	X	X			
09 – A relevância das funções (papéis) restrita aos limites da atividade	X	X	X		
10 – Orientada e enfocada individualmente	X	X	X		
11 – Envolvimento dos participantes na atividade é necessariamente voluntário	X	X	X		
12 – Não existe um arranjo hierárquico formal e imperativo das funções e posições	X	X	X	X	
13 – O esforço físico não é um componente necessário	X	X	X	X	
14 – A preparação para a participação na atividade não é um componente necessário	X	X	X	X	
15 – Uma história formalmente estabelecida ou tradição não é necessária	X	X	X	X	
16 – Atividade que inclui os interesses e influências emanados de fontes externas do contexto da atividade .		X	X	X	X
17 – Inexistência de fantasia ou faz-de-conta		X	X	X	X
18 - Os participantes não podem começar a atividade quando desejarem			X	X	X
19 - Os participantes não podem terminar a atividade quando desejarem			X	X	X
20 – Os participantes não têm a prerrogativa para limitar a atividade no tempo e no espaço			X	X	X
21 – Atividade utilitária no produto (ênfase na consecução de objetivos econômicos, prestígio, poder, status, auto-estima)			X	X	X
22 – A competição é um componente necessário			X	X	X
23 – Atividade necessariamente caracterizada por regras formais e informais, controle, restrições ou limitações que devem ser seguidas			X	X	X
24 – Atividade não necessariamente voluntária; pode ser forçada				X	X
25 – A relevância da função (papéis) não se restringe à atividade				X	X
26 – Atividade de caráter necessariamente coletivo				X	X
27 – A preparação para a participação na atividade é necessária					X
28 – História formal, registros reconhecidos e tradição					X
29 – O esforço físico é um componente necessário					X
30 – Arranjo hierárquico formal e imperativo das funções (papéis) e posições					X

(EDWARDS, 1973, p. 18)

Bento et al (1999) se recusa a aceitar o argumento de que no jogo não tem seriedade, segundo eles, “conceptualizamos o jogo como um momento sério da vida (também ela um próprio jogo)”. Embora a palavra jogo tenha sido preferencialmente utilizada para indicar atividades generalizadas, dele não se pode excluir a luta, o esforço, o rendimento, a superação, pois ele perderia o humanismo. (p.147)

Ainda nesta mesma direção Souza Neto (1992), aponta que as características mais salientes da partida e/ou contestes são “... suas formas puras, individuais (tanto nos esforços quanto nos resultados, conseqüências)” (p.27), enquanto que o jogo . . .

(...) circunscreve-se na atividade lúdica de esforço físico e/ou mental, cujo desenvolvimento se dá através de regras formais ou informais, porém que não possuem a sistematização e/ou mesmo a institucionalização do esporte. (p.30)

E o esporte, já tem suas características mais definidas e difundidas, onde ...

(...) os seus participantes são denominados de atleta, o que implica dizer que há um conhecimento maior a respeito da história de seus eventos esportivos, dos níveis e status das conquistas prévias em seus eventos, dos ensinamentos técnicos, e, acima de tudo da presença de juízes ou árbitros que fazem a existência das regras formalmente prescritos de ações e processos evidentes. (...) ou seja, o esporte envolve sempre uma situação de confronto, vitória e esforço físico na designação do campeão e/ou do recorde. (p.30 e 32)

Não há como negar que, em função de sua maior visibilidade e de sua influência na formação do imaginário social, quando se fala em esporte, é a imagem do esporte de rendimento a primeira que surge, senão a única e que a ele são conferidos benefícios e malefícios (TANI, 2002, p.108).

Neste estudo, como vimos anteriormente, tem-se presente como temas a Educação Física Escolar, o Esporte e a Iniciação Esportiva. Podemos considerar que a Iniciação Esportiva está contida ou é uma “raiz” do Esporte. A Educação Física Escolar utiliza-se do Esporte, em alguns dos seus aspectos, como um dos seus conteúdos. Conseqüentemente, a Iniciação Esportiva passa também a ser um dos conteúdos da Educação Física Escolar, como pode ser observado no quadro a seguir, que elaboramos baseado em Tani (2002, 109-110), que considera o esporte como . . .

(...) um importante patrimônio cultural da humanidade (...)
(...) pode assumir características diferenciadas, por exemplo, o esporte rendimento e o esporte como conteúdo da educação física, mas mantendo a sua essência. (p. 109).

QUADRO VIII – Múltiplas perspectivas do esporte

ESPORTE	
RENDIMENTO	CONTEÚDO DA EDUCAÇÃO FÍSICA
Objetiva o máximo.	Objetiva o ótimo (estabelece metas de desempenho realistas, os interesses e as necessidades do praticante têm prioridade).
Visa à competição (identifica o vencedor, o melhor, premia conforme os resultados).	Visa à aprendizagem (processo contínuo de auto-aprendizagem, a competição é um processo).
Ocupa-se com o talento.	Ocupa-se com a pessoa comum.
Preocupa-se essencialmente com o potencial da pessoa (desenvolvê-lo ao máximo, conforme as exigências e especificidades do esporte).	Preocupa-se não apenas com seu potencial, mas também com suas limitações (promover o potencial individual dos alunos).
Submete pessoas a treinamento (repetição sistemática de movimentos).	Submete pessoas à prática (processo de solução de problemas motores).
Orienta-se para a especificidade (para uma modalidade específica).	Orienta-se para a generalidade (oportunizar o acesso a diferentes modalidades, explorar o patrimônio cultural de forma ampla).
Enfatiza o produto em forma de rendimentos (em relação a índices impostos).	O processo é valorizado (o progresso da pessoa é medido em relação ao seu estado anterior).
Resulta em constante inovação técnica e tecnológica.	Resulta na difusão e disseminação do esporte como um patrimônio cultural da humanidade.

Considerando que a Iniciação Esportiva transita entre o “*conteste*”, o “*jogo*” e o “*esporte*”, isto é, tem características do esporte formal, mas não o é, buscamos compreender estas relações, que são os principais temas deste estudo, sob a luz da teoria de Pierre Bourdieu¹⁰. O referido autor sustenta sua teoria em

¹⁰ Pierre Bourdieu, sociólogo francês e catedrático de Sociologia no Colégio de France, considerado um dos intelectuais mais influentes de sua época; faleceu no dia 23 de janeiro de 2002.

sistemas simbólicos, onde se configuram espaços sociais, regras, composição própria, composição de redes, sistematização, interrelação entre os campos, nos levando a refletir sobre a configuração do esporte como um espaço social de lutas.

2.3 - O esporte como um espaço social

Para BOURDIEU (1983, 1989) um “*campo*” se legitima no exercício de determinadas práticas sociais que formam também um “*habitus*” em função de um “*capital simbólico*” que é obtido através de lutas políticas na demarcação de seu território. Ele é um espaço onde as posições dos agentes se encontram a priori fixadas e se define como o *locus* onde se trava uma luta entre os atores sociais¹¹ em torno de interesses específicos que caracterizam a área em questão. É neste espaço que se manifestam as relações de poder, sempre a partir do “*capital social*” dos agentes que estão em dois pólos: dominantes e dominados. Dentro dessa perspectiva resolve-se o problema da adequação entre ação subjetiva e objetividade da sociedade, uma vez que todo ator age no interior de um campo socialmente predeterminado. Isto ocorre . . .

(...) porque as disposições dos agentes, o seu *habitus*, isto é, as estruturas mentais através das quais eles apreendem o mundo social, são em essência produto da interiorização das estruturas do mundo social. (BOURDIEU, 1989, p 158).

¹¹ Entende-se aqui “atores sociais” como todos os agentes envolvidos no processo: ator, platéia, diretor, cada um representando o seu papel de modo a manter a ordem, que pode ser abalada caso haja uma ruptura. GOFFMAN, 1985, p. 1919 a 217).

Compreendendo *Habitus* como algo “potencialmente gerador”, “um produto dos condicionamentos” que tende a reproduzir a lógica objetiva dos condicionamentos, mas fazendo-a sofrer uma transformação, Bourdieu (1989, p.158) considera que o *habitus* tende a conformar e orientar a ação, mas, na medida em que é produto das relações sociais, ele tende a assegurar a reprodução dessas mesmas relações objetivas que o engendraram. A interiorização, pelos atores, dos valores, normas e princípios sociais assegura, dessa forma, a adequação entre as ações do sujeito e a realidade objetiva da sociedade como um todo.

Dessa forma, entender o *habitus* como um conjunto de disposições, decorrentes das estruturas sociais, preparadas para a ação significam falar numa dimensão prática, num sentido prático que apela para um domínio de conhecimento pré-reflexivo, pois o agente orienta sua ação no mundo sem pensá-lo. Para Puig (2004, p. 27, 28) o sentido prático permite uma atuação infraconsciente – uma ação que foi sendo implantada devido à imersão prolongada num dado ambiente social.

Em outras palavras, poderíamos dizer que o autor nos sugere o conceito de *campo* como um conjunto de aparelhos institucionalizados que envolvem um corpo de agentes (atores sociais) especializados na produção e difusão de bens simbólicos. Esses atores estão ordenados, segundo uma hierarquia interna de posições, agindo e desempenhando sua dominação no interior de cada campo específico. Portanto, é a partir do grau de dominação

desses atores (agentes sociais) que se pode medir a autonomia relativa de cada *campo* em questão.

O *campo* deve ser entendido enquanto **espaço** objetivo de um jogo, **um lugar de luta onde se manifestam e se definem as relações de poder**. No interior de cada *campo* estão reservados espaços para os *dominantes* (aqueles que possuem um máximo de capital social) e para os *dominados* (ausência do capital específico que define o campo). Assim, a estrutura de um *campo* tende a se definir pela conservação ou subversão da estrutura de distribuição do capital específico. Logo, “(...) os campos representam a face objetiva das estruturas da sociedade.” (PUIG, 2004, p.25)

Podemos dizer ainda, que é o interesse pelo jogo que valoriza e legitima as apostas sociais nele geradas. Portanto, a *illusio* - termo que remete à idéia de investimento, interesse e **crença**, podendo ser entendida como a *crença compartilhada* que efetiva o pertencimento a um *campo*; é a condição original de um *campo* e seu jogo, no qual ela é, ao mesmo tempo, o arbitrário fundador e o produto.

O “fenômeno” Esporte, também é tratado por Bourdieu (1990), quando ressalta que . . .

(...) não se pode analisar um esporte particular independentemente do conjunto das práticas esportivas, é preciso pensar o espaço das práticas esportivas como um sistema no qual cada elemento recebe seu valor distinto. Em outros termos, para compreender um esporte, qualquer que seja ele, é preciso reconhecer a posição que ele ocupa no espaço dos esportes. (p. 208).

Lembrando que o “(...) espaço dos esportes não é um universo fechado sobre si mesmo. Ele está inserido num universo de práticas e consumos, eles próprios estruturados e constituídos como sistema.” (p. 210)

“Ainda que seguramente um esporte, uma obra musical ou um texto filosófico definam, devido às suas propriedades intrínsecas, os limites dos usos sociais que podem ser feito deles, eles se prestam a uma diversidade de utilizações e são marcados a cada momento pelo uso dominante que é feito deles.” (BOURDIEU, 1990, p.214)

Sendo assim, podemos compreender que o espaço das práticas esportivas, independente de estar inserido num contexto mais amplo (político, social, econômico, e cultural) de uma determinada sociedade, é parcialmente autônomo, pois possui suas próprias leis, crises e dificuldades, além da sua própria cronologia e desenvolvimento sócio-cultural.

Dessa forma, para entender a Iniciação Esportiva, é necessário que se compreenda qual sua situação no espaço do esporte e no espaço escolar, locais onde ela reside. Um apontamento possível de ser feito é que a Iniciação passa a ser um passaporte para o sucesso no Esporte de rendimento (alto nível), o indivíduo que teve uma Iniciação ruim ou não a teve está fadado ao fracasso. Já no espaço escolar, observa-se que ela pode ser um meio educativo, que atua diretamente na formação do caráter da criança.

O objeto de estudo de uma ciência do esporte é o fenômeno esportivo materializado nas transformações de sua estrutura, o que só será

compreensível a partir do conhecimento do que era a estrutura em um dado momento (oposição entre o estático-dinâmico). Só é possível compreender a transformação através de um conhecimento da estrutura.

O esporte moderno, enquanto um fenômeno social, não mais pode ser redutível a um simples jogo, ritual ou divertimento festivo de caráter religioso ou não, e por isso não podemos nos limitar ao estudo da sociedade; existe toda uma realidade própria, um conhecimento específico e que, caso se queira conhecer e entender um pouco deste fenômeno e toda e qualquer manifestação que ocorra em seu meio, é necessário que se busque sua lógica própria, história própria e práticas sociais próprias. (BALBINO, 1997, p.26)

Portanto, ao centrarmos nossa atenção no caso específico da Iniciação Esportiva, independente do seu local de aplicação (dentro ou fora da escola), vamos poder compreender a diversidade de usos que dela é feito; podendo gerar conflitos dentro deste espaço, como quando a Iniciação Esportiva é utilizada com objetivos competitivos (visando resultados) dentro da escola e a especialização esportiva precoce no âmbito não escolar. Dessa forma, fazendo uma alusão ao “*esporte bom - esporte mau*”, citado anteriormente, uma prática esportiva que, em sua definição técnica, ‘*intrínseca*’, sempre apresenta uma grande elasticidade, logo, oferece uma grande disponibilidade para usos totalmente diferentes, até opostos, também pode mudar de sentido. (BOURDIEU, 1990, p. 215)

(...) uma das dificuldades na análise das práticas esportivas reside no fato de que a unidade nominal (tênis, esqui, futebol) considerada pelas estatísticas mascara uma dispersão, mais ou menos forte, conforme os esportes, das maneiras de praticá-los, e no fato de que essa dispersão cresce quando o aumento do número de praticantes é acompanhado de uma diversificação social desses praticantes. É o caso do tênis, cuja unidade nominal mascara que, sob o mesmo nome, coexistem maneiras de praticar tão diferentes quanto são diferentes, em sua categoria, o esqui fora da pista, o esqui de circuito e o esqui comum: o tênis dos pequenos clubes municipais, que se pratica com jeans e Adidas, num chão duro, já não tem muito mais em comum com o tênis de traje branco e saia plissada que eram obrigatórios há uns vinte anos e que se perpetuam nos clubes seletos (ainda seria encontrado todo um universo de diferenças ao nível do estilo dos jogadores, de sua relação com a competição, com o treinamento etc). (BOURDIEU, 1990, p.210)

Notadamente, a confusão na denominação e conceituação da Iniciação Esportiva é evidente e causadora de uma ampla possibilidade de formas de apresentação. O universo de compreensões diferenciadas sobre ela é grande e recebe interferência dos locais onde está situada, da estrutura que a envolve, do objetivo com que é tratada. Como foi apresentado num dos itens anteriores – **2.2.1**, existem ações iguais para diferentes denominações, e ainda, diferentes denominações para diferentes ações, mas que, mesmo sendo outras, também se aproximam da Iniciação Esportiva.

Considerando a amplitude e a grande rede estrutural do campo das práticas esportivas, e vendo-o como um campo que está se constituindo progressivamente, podemos, considerando as teorias de Bourdieu, perceber as relações de interdependência existentes entre o espaço social esportivo e a

“*iniciação esportiva*”, mas ao mesmo tempo, o seu desenvolvimento individual, considerando como . . .

(...) uma conseqüência da constituição desse campo relativamente autônomo, a saber, o contínuo aumento da ruptura entre profissionais e amadores, que vai *pari passu* com o desenvolvimento de um esporte-espetáculo totalmente separado do esporte comum. (p.217).

Podemos considerar que a falta de uma estrutura do campo das práticas esportivas como profissão promove o seu mau uso e vice-versa.

Dessa forma, não podemos desconsiderar as relações existentes entre a Iniciação Esportiva, as Escolinhas ou Academias, a Educação Física Escolar e o Esporte (enquanto instituição), onde os mesmos podem transitar, em suas composições, entre espaços sociais e campos de intervenção, que em dado momento, demonstram-se como estruturas fechadas, mas que no interior de suas especificidades estão em permanente transformação. Transformações estas que, ao mesmo tempo permitem e são as causadoras das inter-relações existentes.

Um exemplo claro, é que - partindo da idéia de campo, espaço social, como hipótese, trabalha-se, primeiramente como um espaço, após determinantes da pesquisa, confirma-se como um campo ou não, de forma que a constância no jogo por um período histórico contínuo, caracteriza o campo; observamos a transição do jogo para o esporte. Novos jogos podem surgir constantemente, e a sua estruturação e sua viabilização junto à sociedade poderão elevá-lo a “*esporte*”.

Após estas reflexões, não se pode negar uma “*relação umbilical*” entre a “*iniciação esportiva*” e o “*esporte*” e a presença de ambos como conteúdo escolar e não-escolar, afinal as modalidades esportivas constam, como já foi citado anteriormente, nas Legislações, Regimentos, Regulamentos, PCNs etc. que orientam e regulamentam o ensino, a entrada das práticas esportivas dentro e fora da escola, bem como estão presentes na formação do próprio profissional que irá atuar nestes dois segmentos.

Idade própria, nível de maturação do desenvolvimento da criança, objetivos que vão desde a de especialização até a educação, passam a ser características e requisitos que envolvem o ensino da Iniciação Esportiva. Embora ela possa estar acontecendo em locais diferentes (ambiente escolar e fora dele), portanto, assumindo identidades específicas desses espaços, permanecerá com as características particulares de sua própria estrutura.

Pode-se afirmar que as particularidades da Iniciação Esportiva fazem parte do universo do profissional de Educação Física, independente do tipo de sua formação (Bacharelado/Graduação e Licenciatura), pois são base fundamental para sua atuação, independente se com Iniciação Esportiva ou com diversas outras áreas.

CAPÍTULO III

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 – Caracterização do estudo

Na busca de respostas escolheu-se, como caminho para a coleta desses dados, a abordagem qualitativa - o construtivismo social, partindo de uma análise compreensivista ou interpretativa, significando que esta investigação parte do pressuposto de que as pessoas agem em função de suas crenças, percepções, sentimentos e valores, preconizando a entrada no universo conceitual dos participantes. Nesta perspectiva, Ennis (1994 apud GRAÇA, 1999, p. 210), considera que o conhecimento mostra-se “como uma construção pessoal, baseada na conexão do conhecimento disciplinar com as compreensões e experiências da pessoa.”

Na perspectiva da abordagem qualitativa, entende-se que é necessário compreender as particularidades dos indivíduos participantes, seu histórico, sua identidade social, seu *lócus* no grupo social em que vive.

É uma abordagem de pesquisa que tem suas raízes na fenomenologia, considerando os aspectos subjetivos do comportamento humano e preconizando a entrada no universo conceitual dos sujeitos (o sentido que os sujeitos dão aos acontecimentos e as interações sociais de sua vida diária). (ANDRÉ, 1995, p. 16-18 apud SOUZA NETO, 1999, p. 189)

Segundo Camargo (1997), normalmente as posições qualitativas estão baseadas em duas linhas de pesquisa:

- a) os enfoques subjetivistas-compreensivistas (Weber, Dilthey, Jaspers, Heidegger, Husserl, Sartre, etc) que privilegiam os aspectos conscienciais, subjetivo dos atores como, percepção, compreensão do contexto cultural, relevância do fenômeno para o sujeito, etc e
- b) os enfoques crítico-participativos com visão histórico-estrutural (Marx, Engels, Gramsci, Adorno, Horkheimer, Marcuse, Fromm, Habermas, etc) que partem da necessidade de conhecer a realidade para transformá-la, ou seja, da dialética da realidade social. (p. 172-173)

A autora ao apontar vantagens e desvantagens de cada uma destas dimensões, indica que se utilize esta metodologia juntamente com uma atitude mais crítica em relação à realidade. (p.173)

Dessa forma, por se tratar de uma pesquisa qualitativa que exige do pesquisador maturidade acadêmica, buscou-se em Alves-Mezzotti & Gewandsnager (1998, p. 133) a sugestão para que o pesquisador se aproxime do objeto de estudo em uma fase anterior à estruturação da pesquisa, o que lhe permitirá o estabelecimento de algumas das questões iniciais e procedimentos metodológicos, através do *construtivismo social*, que apresenta enfoques subjetivistas-compreensivistas, próximos da proposta deste estudo, como segue:

1. Uma ontologia relativista: se em qualquer investigação há muitas interpretações possíveis e não há processo fundacional que permita determinar a veracidade ou falsidade dessas interpretações, não há outra alternativa senão o relativismo. As realidades existem sob a forma de múltiplas construções mentais, locais e específicas, fundadas na experiência social de quem as formula.
2. Epistemologia subjetivista: se as realidades existem apenas nas mentes dos sujeitos, a subjetividade é a única forma de fazer vir à luz as construções mantidas pelos indivíduos. Resultados são sempre criados pela interação pesquisador/pesquisado.
3. Metodologia hermenêutica-dialética: as construções individuais são provocadas e refinadas através da hermenêutica e confrontadas dialeticamente, com o objetivo de gerar uma ou mais construções sobre as quais haja um significativo consenso entre os respondentes. (GUBA, 1990 apud ALVES-MEZZOTTI & GEWANDSZNADJDER, 1998, p. 133-134)

Observando a proximidade entre as indicações destes dois autores quanto a esta metodologia, escolheu-se para este estudo, como técnica para a coleta de dados, a análise de fontes documentais e a entrevista, visando colher informações relevantes sobre o objeto de estudo.

Técnicas de Pesquisa:

Pesquisa Bibliográfica e Documental:

A pesquisa bibliográfica compreendeu a leitura e análise das fontes secundárias de informação (livros, periódicos etc) com a finalidade de embasar a revisão de literatura. Foi realizada análise da literatura referente aos temas envolvidos na pesquisa, buscando observar na literatura as pesquisas existentes sobre o assunto.

A pesquisa documental compreendeu a leitura e análise das fontes primárias de investigação (documentos oficiais), que no caso da presente pesquisa refere-se aos normativos que regulamentam (ou regulamentaram) a Educação Física escolar e a inserção do esporte na escola.

Fonte Oral - Entrevista:

O tipo de entrevista escolhida foi a semi-estruturada ou semi-dirigida. De acordo com Amado e Ferreira (2002), a entrevista semi-estruturada constitui-se como uma fonte oral de análise, a qual se legitima como uma fonte histórica, dado seu valor informativo e por incorporar perspectivas ausentes na literatura.

Tourtier-Bonazzi (2002, p.233) afirma que a . . .

exploração do testemunho oral (...) pressupõe que ele tenha sido colhido sistematicamente, (...) cada entrevista supõe a abertura de um dossiê de documentação. A partir dos elementos colhidos elabora-se um roteiro de perguntas do qual o informante deve estar ciente durante toda entrevista. (p.236).

A entrevista semi-estruturada seguiu um roteiro de questões elaboradas previamente orientadas pelo objeto de estudo, mas com a flexibilidade de adicionar outras questões para sanar dúvidas surgiram durante a mesma, permitindo aos entrevistados fazer suas observações e sugestões. Como afirmam Thomas e Nelson (2002, p. 34), durante a entrevista, “o pesquisador pode reformular questões e fazer mais algumas perguntas para esclarecer as respostas e assegurar resultados mais válidos”.

As entrevistas foram realizadas com três grupos:- o grupo dos gestores ligados ao campo esportivo, o grupo dos profissionais de Educação Física (egressos dos cursos de Bacharelado e Licenciatura) que atuam no campo específico da “iniciação esportiva” e o grupo dos professores formadores; trabalhou-se com estes depoimentos que, uma vez registrados, permitiram análises complementares e uma nova documentação, reflexão, referente à problemática em questão.

3.2 – Estudos preliminares

Em um primeiro momento, visando verificar as potencialidades do tema de investigação, foram realizados dois estudos preliminares, o primeiro com dirigentes esportivos e o segundo com professores formadores, para em seguida fazer a opção por um quadro de participantes.

3.2.1 – O estudo com dirigentes esportivos

O primeiro estudo piloto ocorreu com três (3) participantes (1 – clube esportivo; 2 – diretor de esportes de uma prefeitura; 3 – diretor de uma ONG), que, em suas instituições e/ou organizações, trabalhavam com crianças em programas de atividades físicas voltadas para a iniciação esportiva, procurando saber:

Que tipo de Profissional você contrataria para trabalhar com a Iniciação Esportiva?

Qual o perfil profissional que você exigiria para trabalhar com a Iniciação Esportiva, Aperfeiçoamento e Treinamento?

Que tipo de formação estes profissionais deveriam ter?

Qual é o perfil profissional de quem vai atuar com as crianças?

Para atuar com crianças há necessidade de se ter conhecimentos pedagógicos?

Assim, o que se procura, no bojo das questões de investigação, é saber se esta questão de estudo tem fundamento? É um problema real? Quais são os seus pressupostos?

Os resultados obtidos da coleta de dados apresentaram respostas pontuais com relação às questões que foram formuladas.

Na primeira pergunta, encontrou-se nas respostas a seguinte descrição:

QUADRO IX – Perfil do Profissional para Trabalhar com Iniciação Esportiva

Sujeitos	Resposta (categoria)
1	Educador (qualificado em basquetebol e com curso de pedagogia)
2	Profissional da Educação Física
3	Educador

Predominou entre os participantes, entrevistados, o perfil de “Educador”; embora um dos sujeitos tenha preferido o perfil do “Profissional da

Educação Física”, não considerando que este deverá ser formado na área, mas não negando a imagem do educador, pois não se pode negar que a carga cultural do Profissional da Educação Física está ligada à escola e ao processo da educação, como se observou na colocação de Korsakas (2002), sobre o esporte nos tempos atuais.

Na segunda, qual o perfil profissional que você exigiria para trabalhar com Iniciação Esportiva, Aperfeiçoamento e Treinamento?

QUADRO X – Perfil Profissional para Trabalhar com Iniciação Esportiva, Aperfeiçoamento e Treinamento

Sujeitos	Resposta (categoria)		
	Iniciação Esportiva	Aperfeiçoamento	Treinamento
1	Educador	Técnico	Técnico
2	Educador	Técnico	Técnico
3	Educador	Educador e Técnico	Educador e Técnico

Nesta questão ficou mais claro para os participantes entrevistados o perfil de quem vai atuar com iniciação esportiva e o daquele que vai vincular-se com o treinamento ou o aperfeiçoamento. O perfil do “educador” para a iniciação, confirma o posicionamento de Paes, 1997, de que na iniciação o principal objetivo não é a competição. Porém, para um dos participantes há a necessidade de que o “técnico” seja também educador para atuar tanto no aperfeiçoamento quanto no treinamento. Esta questão aparece contemplada no Decreto 91452/85 em virtude de considerar como uma das dimensões do “esporte” o seu caráter formativo-educacional e na fala de Tubino (1999) ao considerar uma das dimensões do

esporte, o “esporte-educação”, que tem “um caráter formativo”, pois se “baseia em princípios educacionais, como participação, cooperação, co-educação, integração e responsabilidade” (p.27).

Com relação à terceira pergunta: que tipo de formação estes Profissionais devem ter?

QUADRO XI – Formação Desejada para Trabalhar com Iniciação Esportiva

Sujeitos	Resposta (categoria)
1	Formação em Educação Física (+ experiência profissional como professor)
2	Formação em Educação Física (com perfil de educador)
3	Formação em Educação Física

Pode-se inferir que, junto à comunidade institucionalizada, a “*Profissão*” Educação Física tem seu reconhecimento, bem como, o perfil “*Educador*” se enraíza na opinião dos participantes consultados.

Na quarta questão: Qual é o perfil profissional de quem vai atuar com crianças?

QUADRO XII – Perfil Profissional para Trabalhar com Crianças

Sujeitos	Resposta (categoria)
1	Educador
2	Educador
3	Educador

Se considerar que, na Legislação que referenda a Educação Física na Escola, a proposta é para se trabalhar com os fundamentos esportivos a partir

da 5ª série do ensino fundamental, antigo 1º grau, em relação à quarta pergunta formulada, observa-se que há uma coincidência na faixa etária em questão. Porém não é identificado se trata do professor de escola ou do profissional que atua no clube ou em escolinhas.

E com a última pergunta procurou-se saber se para atuar com crianças há necessidade de se ter conhecimentos pedagógicos? A tendência das respostas foi em apontar para esta perspectiva de saber, sendo que uma das descrições chamou a atenção para o conjunto de conhecimentos pedagógicos, didáticos e de relacionamento humano. Desse modo, ao finalizar sinteticamente este estudo preliminar percebe-se que as respostas, no plano do discurso, referendam a figura do “*educador/professor*” na questão “*iniciação esportiva*”.

Como pode ser observado, nas categorizações das respostas dos sujeitos, foi unânime a compreensão de que quem trabalha com a “*iniciação esportiva*” tem um perfil profissional diferente daquele que trabalha com o “*treinamento esportivo*”. No que tange a “*iniciação esportiva*”, o estudo trouxe como novidade, infere-se, que o perfil pedagógico-profissional do licenciado estaria mais adequado para se trabalhar com as crianças do que o do bacharelado (graduado), colocando em questão os limites da intervenção profissional.

Nas respostas dadas a esta questão, pelos participantes desse estudo, a ênfase no perfil do educador assinalou, em seu conjunto, que este reunia as maiores condições para se trabalhar com as crianças. Porém, é imprescindível lembrar que o educador não é necessariamente professor e este,

por sua vez não é também, necessariamente, educador, sendo que todo professor pode ser educador, mas o inverso não é verdadeiro. Entretanto, neste caso em questão a figura que emerge é a do professor ou do profissional como educador.

Outro dado importante, assinalado pelos dirigentes entrevistados, foi o reconhecimento de que todo profissional que irá atuar no campo esportivo deveria ter a sua formação em Educação Física com as seguintes especificações: ao “iniciador” não caberia dar ênfase à especialização esportiva, mas, sim, objetivar a educação, a formação do cidadão, motivar e promover o gosto e o hábito pela prática esportiva; enquanto que ao “*técnico*” caberia aprimorar a técnica e a tática, visando a “*performance*” em uma determinada modalidade esportiva, exigindo-se para tanto uma formação especializada. Portanto, para estes dirigentes há diferenças no perfil profissional de quem trabalha com a “*iniciação esportiva*” e no perfil de quem trabalha com o “*treinamento esportivo*”. De modo que o “*esporte*”, enquanto conteúdo da Educação Física apresenta uma interface tanto para quem vai trabalhar na escola quanto para quem vai para o clube ou entidades afins.

Na reflexão realizada foram encontrados alguns aspectos que evidenciaram o perfil do licenciado (educador) como o mais indicado para atuar com a iniciação esportiva. Este dimensionamento ganhou destaque quando a própria legislação se referiu ao esporte como uma atividade que deve enfatizar o caráter formativo-educacional, instituindo-se a “*iniciação esportiva*” com os fundamentos esportivos, conteúdo escolar. Dessa forma, nesse primeiro estudo

preliminar, considera-se existir uma interface no campo de atuação do licenciado e do bacharel (graduado) com relação à iniciação esportiva.

3.2.2 – O estudo com professores formadores

O segundo estudo aconteceu com nove (9) sujeitos, professores de uma instituição de ensino superior do interior paulista, que ministravam diferentes disciplinas, procurando averiguar:

Quais disciplinas e conteúdos que contribuem para o perfil do profissional que vai trabalhar no campo específico da Iniciação Esportiva?

Partindo desta proposta de investigação, buscou-se ratificar a relevância do tema do estudo e os elementos norteadores que poderiam subsidiar a seqüência do mesmo.

Sete (7) dos sujeitos que foram entrevistados responderam à questão, sendo que as respostas mais comuns estão dispostas no quadro abaixo:

QUADRO XIII – Disciplinas e conteúdos que contribuem para o perfil do profissional que vai atuar com Iniciação Esportiva

SUJEITOS	RESPOSTAS
A / D / F / G	Domínio do conteúdo específico da modalidade, conhecimentos das fases de crescimento e desenvolvimento da criança, conhecimentos básicos de psicologia, sociologia e fisiologia (“lado humano”, “lado biológico” e “fundamentos técnicos”)
A / D / F / I	Os saberes das áreas pedagógicas (“conhecimentos didáticos e pedagógicos”, o “saber ensinar”)

Pode-se inferir com este resultado, é que estão presentes os conhecimentos específicos da área, mas, de uma maneira significativa, também estão presentes os saberes pedagógicos, o que vem consolidar os resultados obtidos no estudo preliminar anterior, onde a figura do “*professor-educador*” ou o perfil do Educador aparece como sendo considerado o mais apropriado para quem vai atuar com Iniciação Esportiva.

Estes, por serem estudos preliminares, apresentaram indícios de que este assunto tem relevância no âmbito da formação profissional e do campo de atuação da Educação Física, merecendo uma investigação mais ampla e aprofundada.

3.3 – Trabalho de campo

Após os estudos preliminares, onde se conseguiu mapear melhor os limites da investigação, partiu-se para o trabalho de campo definitivo, utilizando-se a entrevista semi-estruturada. Todavia, levou-se em consideração as observações efetuadas pela parecerista do Plano de Atividades, em que foi sugerido que as questões a serem investigadas fossem mais abertas, menos diretas. Neste contexto, foram reelaboradas as questões a serem investigadas, tal como se encontra no corpo desse trabalho (Capítulo I); organizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, cujo modelo se encontra anexo no Apêndice 1; e, com base nos estudos preliminares, elaborado um novo roteiro para a entrevista.

QUADRO XIV – Roteiro para entrevista

Roteiro de questões para entrevista.

1. Em sua opinião, o que é esporte? Como você define o esporte?
2. No âmbito do esporte, o que seria a iniciação esportiva? Como você definiria a iniciação esportiva?
 - Em qual(ais) local(ais) a encontramos (espaços de atuação)?
3. Qual faixa etária que a iniciação esportiva abrangeria? Como você chegou a esta organização (ou proposta, ou divisão)?
4. Na sua instituição quem trabalha (profissional) com a iniciação esportiva (ou fundamentos esportivos – se universidade)? Por quê?
5. Qual o tipo de conhecimento específico (conteúdos, disciplinas) que um profissional (ou graduado), deveria ter para atuar com crianças? Por quê?
6. Em sua opinião, qual é o perfil profissional (conhecimentos, comportamento, atitudes) que a pessoa deveria ter para trabalhar com a iniciação esportiva?
7. Quem você contrataria para trabalhar com a iniciação esportiva? Por quê?

Com as três primeiras questões buscou-se obter dados específicos da compreensão de cada entrevistado sobre Esporte e Iniciação Esportiva, que viessem a embasar ou contextualizar a análise do pesquisador nas próximas questões.

Na quarta questão pretendeu-se detectar, nas instituições visitadas, alguns exemplos de como é tratada a questão do campo de intervenção da profissão Educação Física, no que se refere à Iniciação Esportiva.

E, finalmente, nas três últimas questões, buscou-se delimitar o perfil profissional julgado mais adequado para se trabalhar com a Iniciação Esportiva.

Para a coleta das entrevistas foram utilizados dois (2) gravadores - um (1) rádio gravador marca *Sony* e um (1) microcassete marca *Panasonic*, uma (1) fita cassete marca *Sony* de 60 minutos, onde foram gravadas três (3) entrevistas, sendo um entrevistado de um lado e dois entrevistados do outro lado e seis (6) fitas de microcassete marca *Sony* de 60 minutos, onde foram gravadas as outras onze (11) entrevistas, sendo um entrevistado de cada lado, tendo sobrado um dos lados livres em uma das fitas. As entrevistas foram realizadas nas instituições de origem de cada entrevistado, em local e hora agendados anteriormente.

Após a sua realização apurou-se um tempo médio de 33,28 minutos, variando entre 17 minutos e 1h10minutos para a realização das entrevistas. O tempo total gasto pelo pesquisador para a transcrição das mesmas foi de aproximadamente 29h38minutos.

3.4 – Sujeitos do estudo

A seleção das instituições e dos profissionais foi definida conjuntamente entre o pesquisador e seu orientador, contando com a contribuição do Prof. Dtdo. Alexandre Janotta Drigo (NEPEF – Núcleo de Estudos e Pesquisas em Formação Profissional no Campo da Educação Física), tendo como referência abranger locais de formação e atuação que pudessem auxiliar na compreensão do fenômeno de estudo em sua unidade e diversidade.

Optou-se, então, por locais fora do ensino formal, onde fosse possível a atuação do profissional da Educação Física com formações diferentes – Licenciatura e Bacharelado/Graduação, escolas pública e privada, com ensino fundamental – 3º e 4º ciclos, que oferecessem turmas de treinamento e duas instituições de ensino superior onde fossem claras as especificidades na formação. Portanto, escolheu-se uma que, após a reformulação curricular optou apenas pela Licenciatura e outra que ofereceu, em sua grade, anterior, uma formação diversificada para o Bacharelado/Graduação, entre elas o Treinamento Desportivo.

Devido às especificidades dos locais e atuações estabeleceu-se a divisão dos entrevistados em três (3) grupos: o **Grupo dos Dirigentes e Coordenadores (GDC)** – quatro (4) sujeitos, do qual participaram os dirigentes e/ou gestores de Clubes e coordenadores de escolas que ofereceriam a Iniciação Esportiva em seus espaços; o **Grupo dos Profissionais Atuantes (GPA)** – seis (6) sujeitos, do qual participaram os profissionais formados em Educação Física –

Licenciados e Bacharéis/Graduados, que atuam com Iniciação Esportiva; e, o **Grupo dos Professores Formadores (GPF)** – quatro (4) sujeitos, do qual participaram os professores universitários.

Partindo dessa divisão em grupos identificamos cada sujeito entrevistado (**E**) no estudo por um número e a sigla indicativa do grupo a que pertence, como por exemplo, **E1 – GPF**, isto é, entrevistado número um (1) do Grupo dos Professores Formadores. Apenas no Grupo dos Profissionais Atuantes é que foi feita uma subdivisão, uma vez que tínhamos dois tipos de formação dentre os entrevistados, podendo nos oferecer mais um elemento de comparação durante nossas análises, ficando, assim, identificados: **E1B – GPA** (entrevistado número um (1) – Bacharel do Grupo dos Profissionais Atuantes) e o símbolo **L** para o Licenciado.

Para uma melhor compreensão foi elaborado um quadro (QUADRO XV) com os grupos, suas denominações, o número de participantes e as respectivas siglas.

QUADRO XV – Identificação dos participantes do estudo

SIGLAS	PARTICIPANTES	DESCRIÇÃO DOS GRUPOS
GDC	E1-GDC, E2-GDC, E3-GDC, E4-GDC	Grupo dos Dirigentes e Coordenadores
GPA	E1L-GPA, E2L-GPA, E3L-GPA, E4L-GPA, E1B-GPA, E2B-GPA	Grupo dos Profissionais Atuantes (Licenciados e Bacharéis/Graduados)
GPF	E1-GPF, E2-GPF, E3-GPF, E4-GPF	Grupo dos Professores Formadores (Universitários)

Na seqüência, estaremos apontando algumas características dos entrevistados que poderão auxiliar na compreensão das suas respostas, através de uma melhor contextualização.

GDC – Grupo dos Dirigentes e Coordenadores

- **E1 – GDC:** coordenador(a) de escola particular, tendo formação superior em outro curso - ex-esportista;
- **E2 – GDC:** coordenador(a) de escola pública com formação superior em outro curso - ex-esportista;
- **E3 – GDC:** orientador(a) de instituição de prestação de serviços, tendo formação superior em Educação Física (Licenciatura);
- **E4 – GDC:** dirigente de clube de funcionários, sem formação superior em Educação Física, mas vasta experiência na função, considerando-se um amante do esporte.

GPA – Grupo dos Profissionais Atuantes

- **E1B – GPA:** atua em instituição de prestação de serviços, bem como, no campo da Recreação e Lazer, tendo formação Superior em Educação Física (Bacharelado);

- **E2B – GPA:** atua em clube, com modalidades específicas (escolinhas ou iniciação) e em atividades de Recreação e Lazer, com formação Superior em Educação Física (Bacharelado);
- **E1L – GPA:** atua em escola particular, com modalidade específica (Basquetebol), tendo formação Superior em Educação Física (Licenciatura);
- **E2L – GPA:** atua em escola pública, com aulas de Educação Física e ACDs (Atividades Curriculares Desportivas, antigas Turmas de Treinamento), tendo formação Superior em Educação Física (Licenciatura);
- **E3L – GPA:** atua em instituição de prestação de serviços, com musculação e natação (iniciação), tendo formação Superior em Educação Física (Licenciatura);
- **E4L – GPA:** atua em clube, com modalidades específicas (escolinhas ou iniciação) e em atividades de Recreação e Lazer, tendo formação Superior em Educação Física (Licenciatura);

GPF – Grupo dos Professores Formadores

- **E1 – GPF:** professor(a) universitário(a) de instituição federal;
- **E2 – GPF:** professor(a) universitário(a) de instituição federal;
- **E3 – GPF:** professor(a) universitário(a) de instituição estadual;
- **E4 – GPF:** professor(a) universitário(a) de instituição estadual;

CAPÍTULO IV

APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Neste momento, as descrições serão apresentadas, respeitando-se a opinião de cada participante e seu respectivo grupo. De modo que estas respostas foram organizadas, buscando sublinhar, dentro de cada enunciado, as palavras ou frases que melhor explicitem a questão em pauta.

No geral, ter-se-á oito (8) quadros para sete (7) questões efetuadas, cujas respostas foram obtidas via entrevista semi-estruturada, e que agora, serão apresentadas. No entanto, cabe esclarecer que nas questões 5 e 6 foram criadas algumas categorias de análise com base nas descrições realizadas, tendo como referência os trabalhos de Tardif (2002), Pimenta (2002) e Saviani (1996), bem como, realizada algumas adequações com base nesses estudos.

Na primeira questão buscou-se saber o que era o esporte para os participantes do estudo.

QUADRO XVI – O que é esporte.

<i>Pergunta 1 – Em sua opinião, o que é esporte? Como você define o esporte?</i>	
E1-GDC	“(…) é uma atividade física organizada, (...), que tem um conjunto de regras (...) envolvido em competições . . .” “(…) normalmente ele ta envolvido em competições, eu acho que é isso que caracteriza o esporte, a gente pode fazer o esporte só recreativo, mas normalmente, (...), a gente ta pensando num tipo de competição, por mais amena que seja (...).”
E2-GDC	É como a arte , (...) muda a formação do ser , (...) num contexto geral, não só físico, como psicológico, emocional e outros tantos, (...).”
E3-GDC	“(…) fenômeno incrível, cultural (...) esporte é um conjunto de habilidades (...) que são empregadas para um determinado fim, envolvendo resultados, (...)” “(…) uma raiz cultural muito forte, a criança já nasce inserida no esporte, (...) inicialmente, chamado de jogo, pra criança é um jogo, que futuramente, com a inserção de regras, (...) com a performance, a performance que eu digo é a busca pelo resultado, seja ele um resultado olímpico, ou um resultado no bairro, o que se procura é o resultado, (...), mesmo que esse resultado seja a participação, então, esse componente cultural – esporte, está enraizado, enraizado na vida (...)é um fenômeno muito grande que acompanha a pessoa pela vida inteira. “
E4-GDC	“(…) é uma das coisas mais importantes na vida do ser humano, (...) uma das entidades que pode salvar o mundo de muita porcaria que existe por aí (...) três as atividades poderiam salvar as pessoas do mundo cão que existe, é: uma religião, ainda que séria, (...) uma família bem constituída e o esporte (...) o esporte pra mim é algo de uma importância muito grande pra sociedade. ”
E1L-GPA	“(…) algumas atividades que envolvem principalmente regras, (...) regras específicas, (...) muito bem estabelecidas , ... têm que ser cumpridas, (...)dentro de atividades físicas, dentro de movimento, (...)tendo como principal ponto as regras, as regras de basquete, futebol e etc “
E2L-GPA	“(…)faz parte da cultura humana, é um aspecto interessante que quando bem trabalhado pode, (...)pode alcançar sucesso, frutos muito bons, depende de como vc encara, (...)principalmente na escola, (...) tem o aspecto de lazer, o aspecto de espetáculo (...)tem que saber trabalhar isso no ambiente escolar e trabalhar isso voltado pro aspecto educacional, (...)ele é uma ótima ferramenta, (...)é uma das formas de manifestação humana mais bonitas, (...)um aspecto humano muito interessante, muito bonito, antigo, (...)a gente tem que admirar e a gente tem que também conhecer os aspectos negativos (...)tem muitas coisas positivas e também tem o aspecto negativo (...) tem tantas vertentes ligadas a . . . ascensão social, a consumo, a rendimento, a saúde , (...)a escola faz uma adaptação do esporte, (...) é uma ferramenta educativa , (...)”
E3L-GPA	“Uma atividade lúdica ou de (...) que se pode utilizar de materiais ou não, que visa o desenvolvimento tanto físico, motor, psicológico do indivíduo.” esporte para todos, eu acredito nisso, eu acho que esporte é para todos, desde da (...) da criancinha, até idoso, (...) “
E4L-GPA	“ Qualidade de vida (...) . quando a gente trabalha várias modalidades, a gente procura a qualidade de vida, (...) esporte de competição é uma coisa, esporte fora de competição é outra , (...) falando um pouco de competição , daí eu acho que (...) já trabalha a parte técnica , (...) vc vai ensinar mais, vc vai ensinar os movimentos, (...) só que fica muito mais em cima quando é de competição , no nosso caso a gente procura deixar a criança aprender o próprio movimento no esporte no geral, ela que vai definir, será que é certo isso, será que é aquilo, fugindo da parte técnica.”
E1B-GPA	“(…) o esporte pode ser manipulador, quando ele é usado pela mídia como manobra das massas, (...) o esporte pode ser um meio educacional fabuloso, quando bem direcionado, o esporte pode ser fonte de renda , (...) o esporte é um meio pelo qual vc interage com as pessoas e faz (...) e traz (...) e oferece pra elas milhares de coisas, pode ser a integração, a socialização, é (...) tratar de descobertas que a pessoa não descobriu, (...) “

E2B-GPA	"(...) uma atividade organizada, vc tem algumas regras, uma atividade dirigida, organizada, vc tem algumas regras quando existe competição (...) “
E1-GPF	“O esporte enquanto conteúdo da EF, (...), aquilo que vai ser trabalhado mediante o estabelecimento de um objetivo pré-estipulado, (...) eu entendo o esporte como um conteúdo da EF escolar e entendo o esporte como uma prática de atividade física vinculada à escola e outras instituições , (...) são os dois entendimentos básicos do esporte, como uma atividade física e/ou como uma, como um conteúdo a ser trabalhado.
E2-GPF	“ O esporte é um fenômeno social que, como tal, tem que ser tratado historicamente, (...) em essência ele exige um aprofundamento de estudos pra que o profissional da área consiga desvelar dele toda (...) potencial humanizante e humanizador que ele traz, (...) eu procuro tratar o esporte como uma objetivação genérica humana, na teoria histórico-social , (...) quando trabalhado numa perspectiva tecnicista , (...), ele acaba sendo seletivo , acaba sendo privado da grande maioria da população.”
E3-GPF	“(...) uma atividade baseada em regras, regulamentada , portanto, e, sobretudo, com funções de rendimento , então diferente de outra atividade, seriam dois pressupostos, as regras de cada um deles e a busca por melhoria de rendimentos nessa atividade proposta. ”
E4-GPF	“(...) é uma prática , (...) , fundamentalmente uma prática, (...) onde vc vai desenvolver uma cultura de movimento, cultura física, em diferentes manifestações , (...) a Constituição Brasileira (...) garantiu (...) o direito do cidadão de acesso ao desporto, (...) desporto educacional, (...) é que tem um desporto , especialmente no sistema formal, educacional , que deve ter prioridades com educação, não só com educação, (...) , deve ter prioridade também com a saúde, educação para a saúde principalmente, (...) , existe um desporto de desempenho, de rendimento, de competição , e existe um desporto de participação , são aquelas pessoas que não tem uma habilidade especial, uma capacidade especial pra nenhum tipo de desporto competitivo, ainda que a tenha, que tem essa capacidade, não quiseram seguir pro desporto de competição, e é um direito de todos, (...)“
Obs.:- O grifo é nosso.	

Entre as descrições apresentadas **cinco** sujeitos (**E1-GDC, E3-GDC, E2B-GPA, E3-GPF, E1L-GPA**) consideraram o esporte como “uma atividade física organizada”, “que tem um conjunto de regras”, “regras específicas”, visando “um determinado fim”. Porém, **seis** participantes (**E2L-GPA, E3L-GPA, E4L-GPA, E1B-GPA, E1-GPF, E4-GPF**) conceberam o esporte de forma mais abrangente, nas suas diferentes dimensões, como “lazer”, “espetáculo”, “atividade lúdica”, “qualidade de vida”, “meio educacional”. Completando esta listagem, **três** sujeitos (**E2-GDC, E4-GDC, E2-GPF**) o viram de maneira ampla e geral, considerando “formação do ser”, “fenômeno social”, “potencial humanizante e humanizador”.

Porém, se a análise recair para o grupo de pertença, então no **GDC**, prevalece um equilíbrio nas opiniões, entre a idéia do esporte enquanto “uma atividade física organizada”, que abarca um “conjunto de habilidades”,

empregadas para um determinado fim, envolvendo “resultados” e a idéia ampla e geral da “formação do ser” e de “algo de uma importância muito grande para a sociedade”. Enquanto que no **GPA** e no **GPF** o predomínio será do pensamento do esporte abrangente, com diversas facetas, do esporte “lazer”, “educação”, “saúde”.

No geral emerge uma compreensão de esporte como educação, participação e competição. No que se refere ao esporte-educação prevaleceu a visão de formação humana (“formação do ser”, “atividade lúdica”, “meio educacional”) e *práxis*, pois o esporte “pode salvar o mundo”. Portanto, o que se infere é que a dimensão política do esporte, enquanto meio pedagógico de educação, corrobora para o processo de emancipação humana.

Porém, no que se refere ao esporte-competição ficou claro que se reportou propriamente ao rendimento atlético, objetivando performance, possuindo para este fim “regras” e “rendimento”.

Todavia, a visão hegemônica que predominou foi a do esporte-participação, em que se considera como atividades a “qualidade de vida”, o “lazer”, a “saúde”.

Na realidade, todo o debate fica circunscrito à visão do esporte enquanto um meio (educação, participação) e a sua compreensão como um fim (competição).

Com esta segunda pergunta, buscou-se verificar o que é Iniciação Esportiva para os participantes.

QUADRO XVII – O que é Iniciação Esportiva

Pergunta 2 - No âmbito do esporte, o que seria a iniciação esportiva? Como você definiria a iniciação esportiva?	
E1-GDC	“(…) passar para às crianças tanto as regras quanto os fundamentos pra praticar (…) essa parte de fundamentos (…) que é a habilitação pessoal dele para a prática do esporte e depois também a parte coletiva, que (…) a parte de tática, a parte de entrosamento, jogo coletivo e tal, (…) essas práticas fazem parte da IE, o sujeito habilitar o indivíduo para a prática de algum esporte.
E2-GDC	“(…) uma orientação teórica, pra depois fazer a prática (…) vc ia fazer com base (…) “ O objetivo principal é (…) valorização do próprio ser, a formação do próprio ser, (…) todo um crescimento, de ser um cidadão sociável, politizado, de participar, (…) vc vai conhecer outras pessoas, vc vai poder participar em outros lugares (…) “
E3-GDC	“(…) a I é fundamental, a boa I é fundamental e eu acredito muito na diversidade, (…) uma I frustrante, aquela I esportivista, aonde a criança não consegue êxitos nas primeiras vezes e vai desistir, vai abandonar (…) eu acredito muito nessa I generalista, ela passa por, não passa por esportes, mas sim, por habilidades, pelo arremessar, pelo rolar, pelo saltar, enfim, e principalmente um resgate cultural também, que brincadeiras, (…) a gente procura, na I, trazer esse resgate, proporcionar (…) essa mobilidade, esse conhecimento de si próprio através do movimento, por essas brincadeiras, por esses jogos que deram certo (…) e proporcionaram níveis de atividades significativos e bons pra tanta gente até hoje, (…) na I também deve ser trabalhados os valores, que são importantes pro próprio esporte, pro jogo, pra vida, pro dia a dia, e a gente frisa muito o seguinte, que a gente inicia no esporte para a vida, pq a gente quer, quando a criança tem os seus . . . um adulto (…) a gente quer que leve, é primeiro, a sinceridade, a verdade, as questões morais que ela leve, e que a prática de atividade física seja um hábito aprendido (…) dando autonomia, (…) , pra criança saber, pro adolescente e adulto saber fazer no seu horário de lazer, saber, ter noções do certo, ter noções do errado, do pq aquecer, do pq alongar e, pq da atividade física e do mínimo, do mínimo de atividade física, da importância disso pro dia a dia, pra qualidade de vida, pra saúde, pro relacionamento familiar, a gente extrapola pra tudo,(…)“
E4-GDC	“(…) não interessa o resultado, o resultado técnico, (…) o nosso objetivo é a formação pessoal da criança, (…) se ele vai se transformar num atleta, isso não é o caso pra nós, eventualmente ele pode vir a ser, mas o nosso objetivo não é esse (…) “
E1L-GPA	“(…) um dos principais objetivos nossos aqui da educação esportiva, da IE também, (…) , é uma socialização geral do grupo, (…) é uma parte principal, objetivo enormemente principal (…) os outros objetivos e melhorias de todos esses caracteres do esporte são também considerados . . .”
E2L-GPA	“ A IE, (…) na escola, a gente tem que oportunizar aos alunos, experimentar movimentos, experimentar inclusive, o esporte de uma maneira adaptada no início e também conversar muito do aspecto de competição do esporte, (…) não propiciar o esporte com perfil de competição apenas, (…) a IE (…) ela tem que ser feita de maneira pensada, didática, planejada e tem que ter um critério de não seleção, seletivo, principalmente no ambiente escolar, (…) mas a gente faz uma I, (…) que dá pra enxergar aqueles que têm preferência, (…) que têm talento e a gente pode também ta encaminhando pra outros lugares que tem uma especificidade maior, (…) como generalista aqui, (…) escolher determinada modalidade (…) e passar isso como a única possibilidade, eu acho que eu tenho que fazer um maior número possível de possibilidades pra que o aluno escolha aquela que ele tem mais afinidade, (…) se vc tiver um desenvolvimento de habilidades motoras e uma experimentação de habilidades motoras, uma conscientização das habilidades motoras básicas, a partir daí vc consegue deixar com que a pessoa escolha e desenvolva aquilo que tem mais prazer, que tem mais retorno pra ele . . .”
E3L-GPA	“ Os objetivos, (…) , da IE deveriam ser mais amplos, (…) dar toda gama de oportunidades que uma criança pode ter, (…) , a IE tá errada pq começa muito cedo e limita o desenvolvimento

	de outras capacidades da criança, acaba tornando ele, (...) tornando essa criança assim, limitada, em termos de aprendizagem motora.”
E4L-GPA	“... a IE, (...), é trabalhar qualidade de vida, (...), a gente inicia uma atividade pensando no bem estar das pessoas, na saúde, no desenvolvimento, no desenvolvimento físico, motor, psicológico, (...), ele ajuda o desenvolvimento da criança, é o que mais ajuda, (...), não precisa ser com um esporte específico, ... , se a gente tiver pontos que possa desenvolver, pq a gente vê crianças com, (...) sem nenhuma concepção do que é viver o esporte, vc vê a criança que tem dificuldade com certa (...) dificuldade motora de um jeito, psicologicamente também, (...), o esporte no geral, no âmbito geral, ele acaba ajudando a criança nisso aí, tanto psicologicamente como motora. ”
E1B-GPA	“(…) eu acho super importante, (...) a infância é um momento legal (...), pra gente estar trabalhando “n” habilidades e “n” tipos de modalidades pra criança se encontrar dentro disso tudo e conseguir usar o esporte como meio de crescimento, (...), a IE é importante por isso, ela dá espaço pra todo tipo de contato, de conhecimento, de desenvolvimento motor, e aí então, no futuro talvez, se a criança realmente quiser, (...) enfim, então, é questão de ter contato com tudo, com ritmo, com todos os tipos de habilidades, eu acho muito importante (...) , pra formação, construção motora do indivíduo durante toda a vida.” “(…) experimentar todo o tipo de (...) de vivência (...) experimentar um monte de coisas, acho que essa é a palavra mais importante, poder ta vivenciando cada coisa, (...) é vc dar um leque de opções (...) “
E2B-GPA	“ A IE eu definiria como uma preparação, (...), uma primeira fase pra se chegar ao esporte(...) . na IE vc pode trabalhar algumas coisas que possam auxiliar na hora que vc vai fazer o esporte, por ex. correr, saltar, girar, algumas das habilidades, isso com materiais ou não, (...) “
E1-GPF	“O esporte, sendo trabalhado como exercício, (...) como atividade física, a IE consistiria em estruturação de base, de movimentos de base daquele esporte, (...), seria a aplicação ou o processo de ensino aprendizagem dos fundamentos daquele esporte, (...) agora o esporte enquanto conteúdo da EF escolar ele tem outros objetivos(...) além de eu ter como objetivos o ensino do fundamento desse esporte, antes eu vou trabalhar com jogos pré esportivos pra chegar nesse esporte que eu quero e antes eu vou trabalhar com as atividades motoras que são fundamentais pra aquisição dos fundamentos desse esporte, (...) , eu nunca trabalharia com o esporte primariamente, (...) quando eu faço o esporte como atividade física, a minha prioridade é o ensino e a aprendizagem, dos fundamentos desse esporte, obviamente que perpassa um processo educacional, mas quando eu trabalho com o esporte enquanto conteúdo da EF escolar eu trabalho primariamente os movimentos fundamentais pra chegar no esporte, (...) o meu objetivo é ter esse esporte como um dos conteúdos, mas não como a única coisa a ser trabalhada, e como atividade física ela é o conteúdo, a coisa a ser trabalhada efetivamente, (...) Na EF escolar, eu chego ao fundamento, eu não quero o fundamento, eu chego até ele e no esporte enquanto atividade física eu quero o fundamento, é isso que eu . . . é o meu objetivo principal.” “(…) mas na escola, (...) , a IE sendo adequadamente estruturada, ela pode e ela efetivamente contribui para o desenvolvimento da criança, mas (...) , os objetivos, as estratégias, e até mesmo as performances que a gente exige devem ser diferenciadas, (...) “
E2-GPF	“(…) hoje eu prefiro trabalhar com educação desportiva, (...) já sabe que vai tratar o desporto como seu conteúdo central e tendo esse desporto como conteúdo central, vc vai trabalhar numa perspectiva de socializar esse patrimônio cultural da humanidade, que é o papel da educação, então vc fecha, como o próprio Saviani diz, (...) o papel do educador é (...) socializar o patrimônio cultural da humanidade, (...) , de preferência radicalmente, histórico-criticamente, (...) é por isso que o desporto não pode ser tratado só na sua dimensão da aparência, de ensinar os fundamentos e tal, fundamentos têm que ser visto como fundamentos na sua totalidade, fundamentos sociológicos, fundamentos históricos, fundamentos filosóficos e também os fundamentos fisiológicos que não podem, que só podem ser dissociados, numa perspectiva didática, mas que no fundo existe uma teoria sólida que dá conta dessa totalidade que é a teoria social de formação do indivíduo.”
E3-GPF	“(…) uma preparação para a obtenção dos melhores rendimentos possíveis em cada uma das idades, (...) a l como alguns pressupostos que vão sendo (...) apresentados a medida que são dominados os movimentos, se avançam nessas solicitações, em movimentos mais difíceis, todos eles construídos; (...) , com base nas regras de cada uma das modalidades, nos melhores rendimentos possíveis de ser executados em cada uma das faixas etárias de acordo com aquilo que vai sendo aprendido.”
E4-	“(…) processo de formação desportiva, (...), preparação preliminar, essa preparação

GPF	<p>preliminar consiste (...) em oportunizar o conhecimento, vivências, vivências motoras, tem coisas embutidas, afetivas, lógico que tem, quando eu to falando em desporto eu to dando essa abrangência, (...), em sociabilização, em cooperação, em co-gestão, em co-responsabilidade, que são princípios da Carta Brasileira de Desporto Escolar, (...), então eu acredito muito nessa formação preliminar, (...) é uma maneira de introdução, é uma maneira de iniciação, (...) essa etapa preliminar, (...) criaria a possibilidade de vivências múltiplas, variadas, diversificadas, contribuindo dessa forma, com o desenvolvimento do cidadão, com o desenvolvimento da saúde, com a integração das pessoas, (...) tem objetivos aí bastante amplos, através do desporto, (...), e que as crianças apresentam uma motivação pra isso, (...) falar em I desportiva, (...) ela se destina a uma coisa só; dentro da preparação preliminar, vc vai adquirir vivências múltiplas, a I ela já começa a partir do momento que as pessoas começam a mostrar uma aptidão, um desejo de vivenciar determinados tipos de modalidades, (...) a partir dali eu vejo uma necessidade de uma especialização aprofundada, (...) basicamente I pra mim é isso aí, é um processo que vem, é uma etapa que vem <i>a posteriori</i> de um momento de preparação preliminar, (...) que caberia (...), no primeiro grau, (...), 5ª, 6ª série até ali, 7ª série, da pra esse trabalho mais (...) é (...) global e a partir daí eu vejo (...), a importância de começar a se estabelecer alguns caminhos, (...) um projeto especializado, (...) daí deveria ter centros de práticas, seja municipal, seja estadual, seja até federal (...) “(…) I ainda não se trata de um processo seletivo.”</p>
Obs.:- O grifo é nosso.	

Através das respostas, pode-se inferir uma concordância dos participantes sobre a Iniciação Esportiva como uma etapa, “uma preparação preliminar”, “uma primeira fase para se chegar ao esporte”, “um processo”, “ser feita de maneira pensada, didática, planejada”, com a indicação de **oito** dos sujeitos (**E1-GDC, E2L-GPA, E3L-GPA, E1B-GPA, E2B-GPA, E1-GPF, E3-GPF, E4-GPF**). Na indicação de **cinco** sujeitos (**E3-GDC, E4-GPF, E2-GDC, E4-GDC, E1L-GPA**), é feita uma outra concordância, quanto ao seu aspecto educacional, onde a “valorização”, “formação do próprio ser”, a “socialização” e a “integração” são questões principais; e, finalizando, **dois** sujeitos (**E4L-GPA, E2-GPF**) a percebem com um uma visão mais ampla, genérica, envolvendo “socializar esse patrimônio cultural da humanidade” e a “qualidade de vida”. Ressalta-se que **um** dos participantes (**E4-GPF**) apresenta uma concepção mais ampla, no sentido de abranger, tanto a visão da Iniciação Esportiva como uma “etapa”, um “processo”, como uma contribuinte do “desenvolvimento do cidadão”.

Transportando a análise para os grupos, encontramos no **GDC** a predominância da Iniciação Esportiva como um elemento educacional, de “formação pessoal da criança”. Ao passo que, nos grupos **GPA** e **GPF**, a idéia de consenso é a da Iniciação Esportiva como uma “formação”, uma “etapa preliminar”.

Em síntese se pode fazer uma analogia com a compreensão de Iniciação Esportiva na perspectiva do esporte-educação e do esporte-participação, pois este é visto enquanto meio e não como fim em si mesmo, podendo se constituir numa “etapa”, “primeira fase” ou “processo de formação”.

Neste contexto, se valoriza a questão do desenvolvimento humano vinculado à promoção de habilidades, dos fundamentos esportivos, dos valores vinculados à questão das regras.

No geral, a Iniciação Esportiva se constitui numa etapa de formação da criança que poderá ou não prepará-la para a prática do esporte propriamente dito.

Neste encaminhamento a Iniciação Esportiva é vista como uma fase em que a criança deveria experienciar o movimento nos seus mais diferentes componentes, visando o conhecimento de si e de quem está ao seu lado.

A questão número dois foi desmembrada, pretendendo-se com mais esta pergunta, vislumbrar em quais locais os participantes visualizam a Iniciação Esportiva acontecendo ou em que locais ela deveria ocorrer.

QUADRO XVIII – Locais onde a Iniciação Esportiva acontece.

<i>Pergunta 2.1 – Em qual(ais) local(ais) a encontramos (espaços de atuação)?</i>	
E1-GDC	- Escolas; - Instituições especializadas, como escolinhas de basquete, futebol etc; - Academias de judô; - Clubes; - Escolas.
E2-GDC	- Na escola, existe uma intenção, talvez sem dar conta; - Fora da escola, em R. Claro não acontece; - Deveria acontecer em comunidades de bairro, centros recreativos a ser criados; - Academias - Escolinhas.
E3-GDC	- Clubes; - Escolas públicas, na minoria; - Escolas particulares, em algumas, no horário contrário da aula, visando resultado (esportivista); - Instituições não governamentais; - Periferias bem distantes, com brincadeiras de rua; - Bairros (instituições), por não profissionais (pessoas de boa vontade).
E4-GDC	- não houve resposta.
E1L-GPA	- prefeitura; - clubes; - escolas particulares; - escolas estaduais;
E2L-GPA	- Escola; - Clube; - Entidades municipal, estadual de treino; - Escolinhas particulares; - Nas escolas, através das ACDs (turmas de treinamentos) num nível educacional, são turmas específicas de modalidades, mas não com um grau muito grande, os alunos vêm com uma perspectiva de sociabilização, de lazer, além da questão da competição.
E3L-GPA	- Escolinhas de esportes; - Clubes; - Entidades como SESI; - Ginásio de esportes; - na escola, nada a ver com a aprendizagem do esporte em si mesmo.
E4L-GPA	- Centros esportivos de periferia – não existe mais; - Campos de várzea – acabou; - Hoje, em escolinhas particulares; - Centros Sociais, projetos sociais, pela prefeitura – estão voltando agora; - Escolinhas de clubes particulares; - A escola deveria iniciar, ensinar movimentos; - As escolinhas viriam depois, com a especificidade.
E1B-GPA	- Qualquer lugar; - Qualquer material.
E2B-GPA	- Áreas de lazer; - Ruas, quadras, campos, ambientes fechados ou não;

	<ul style="list-style-type: none"> - Clubes; - Escolinhas; - Escolas;
E1-GPF	<ul style="list-style-type: none"> - ambiente escolar formal; - ambiente “escolar informal” (escolinhas, clubes etc); - na escola, como conteúdo da EF escolar; - nas escolinhas e clubes, aprendizagem daquele esporte;
E2-GPF	<ul style="list-style-type: none"> - nas prefeituras; - nos clubes; - nos campinhos, já menos; - não vejo problema do desporto da escola, na escola; - o problema não é onde está acontecendo, mas como está acontecendo;
E3-GPF	<ul style="list-style-type: none"> - não houve resposta.
E4-GPF	<ul style="list-style-type: none"> - escolares, principalmente escolares; - vilas; - “(...) partindo do pressuposto de que as crianças deveriam estar na escola, e que a atividade física, a EF fosse valorizada dentro da escola, (...) , eu acho que o problema estaria de uma certa forma resolvido, pq o acesso aconteceria naturalmente, . “; - escola, mais global, gerências mais amplas; - centros de práticas (municipal, estadual, federal), escolinhas do município, dentro de empresa, um projeto especializado;

Com as respostas obtidas, pode-se perceber que para os participantes, há um local claro onde a Iniciação Esportiva ocorre ou deveria ocorrer, pois **onze** sujeitos (**E1-GDC, E2-GDC, E3-GDC, E1L-GPA, E2L-GPA, E4L-GPA, E1B-GPA, E2B-GPA, E1-GPF, E2-GPF, E4-GPF**) a percebem tanto no espaço do ensino formal, “escolas” “públicas” e “particulares”, quanto no espaço não formal das “escolinhas de esporte”, “clubes”, “centros esportivos”, entre outros. Pode-se inferir que há também uma alusão quanto a espaços públicos, privados e ONGs, quando os participantes relacionam os espaços como “prefeitura”, “entidades municipais, estaduais de treino”, “centros sociais” – públicos; “escolinhas de esporte”, “escolinhas de clubes”, “academias” – privado; e, “instituições não governamentais” – ONGs.

Nesta questão, os grupos (**GDC, GPA, GPF**) apresentam uma uniformidade nas repostas, como pode ser observado acima.

Com a terceira pergunta, pretendeu-se averiguar junto aos participantes do estudo a faixa etária ideal para a Iniciação Esportiva.

QUADRO XIX – Faixa etária da Iniciação Esportiva

<i>Pergunta 3 - Qual faixa etária que a iniciação esportiva abrangeria? Como você chegou a esta organização (ou proposta, ou divisão)?</i>	
E1-GDC	- Iniciar por volta de 11 anos; - Exceções, por ex, natação a partir dos 04 anos; - 5ª série como referência para iniciação geral em algumas modalidades coletivas
E2-GDC	- não houve resposta.
E3-GDC	- A partir dos 11 anos é a idade tida como ideal; - 11 anos com esporte propriamente dito; - Antes dos 11 anos, enriquecimento do repertório motor.
E4-GDC	- Dos 07 até os 16 anos, divididos em faixas; - Diferença no futsal feminino, número de praticantes reduzido, divisão diferenciada; - São 04 as faixa, ex, de 07 a 09, de 09 a 12, mais ou menos; - Karatê tem as mesmas divisões, mas vai até a idade adulta.
E1L-GPA	- IE, a partir de 12-13 anos; - 10-11 anos, pequenas pinceladas, pequena introdução ao esporte; - 12-13 anos.
E2L-GPA	- 9, 10, 11 anos, dá para começar com alguma coisa; - 5ª série, 11 anos, é a idade boa para começar;
E3L-GPA	- 6, 7 anos, está acontecendo, mas é muito cedo; - a partir de 11, 12 anos; - acima dos 11 anos.
E4L-GPA	- 12 anos; - 10 anos, diversão, lúdico, brincadeiras; - 6, 7, 8 anos não pode cobrar resultados; - 11 anos a criança já entende; - 13 anos já está competindo; - abaixo de 11 anos, lúdico.
E1B-GPA	- a idade não pode ser vista como fator limitante; - 4, 5 anos, já pode começar, experimentar, fazer experimentações; - 8, 9 anos, já começa com trabalho de IE; - 12, 13 anos, já entra na fase de habilidades específicas.
E2B-GPA	- a partir dos 7 anos a criança começa a entender propriamente esses esportes; - antes dos 7 anos, atividades lúdicas, brincadeiras, jogos; - a partir dos 7 anos, atividade mais dirigida, direcionada para uma prática de um esporte; - dividida em faixas: 7-8, 9-10, 11-12 e 13-14, isto é, dos 07 aos 14 anos.
E1-GPF	- não vejo a idade cronológica como um determinante; - de uns 08 ou 10 anos, iniciar em dois ou três esportes similares; - a partir dos 12, 13 anos, fixar em um esporte; - a partir dos 06, 08 anos, trabalhar alguma coisa próxima das modalidades (futebol, handebol, basquete etc), sem repetitividade, sem cobrança do ato mecânico, mas sim a interiorização do movimento;
E2-GPF	- a cultura é transmitida das gerações adultas para as gerações menores;
E3-GPF	- conforme a modalidade; - natação, é mais precoce; - a ginástica, a olímpica, artística e a GRD, têm I anterior; - a maioria das outras modalidades: no masculino, por volta do 10-12 anos e no feminino, por volta dos 10 anos;

E4-GPF	<ul style="list-style-type: none"> - a partir dos 06 anos, cultura física geral, conhecimento amplo do desporto, oportunidade de conhecer, vivenciar, propiciar um processo multifacetado de vivências esportivas amplas, até por volta dos 13 anos, se quiser, descobrir algum potencial, caminhar para um determinado tipo de desporto; - 05-06 anos, desenvolver valores da cultura desportiva; - por volta dos 13 anos, fase de optar por alguma coisa, se gostar; - 1º grau, preparação preliminar, 5ª, 6ª e até 7ª série, trabalho mais global; - 1ªs. séries do 2º grau, estabelecer alguns caminhos, uma especialização;
---------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Esta questão trouxe um consenso sobre a faixa etária em que ocorre a Iniciação Esportiva, sendo 11 anos a idade ideal para dar início as primeiras noções do esporte, em especial as modalidades coletivas, “iniciar por volta de 11 anos”, “5ª série como referência”, “10-11 anos, pequena introdução ao esporte”, sendo que para as modalidade individuais como natação e ginástica olímpica, permiti-se o início mais cedo, com idade inferior, “conforme a modalidade”, “natação a partir dos 4 anos”, “ a ginástica, a olímpica, artística e a GRD, têm Iniciação anterior”. Estes apontamentos foram feitos por **nove** dos sujeitos entrevistados (**E1-GDC, E3-GDC, E1L-GPA, E2L-GPA, E3L-GPA, E4L-GPA, E1-GPF, E3-GPF, E4-GPF**), embora outros **três** (**E4-GDC, E1B-GPA, E2B-GPA**) tenham indicado idades inferiores (7, 8 e 9 anos), como “8, 9 anos, já começa com trabalho de Iniciação Esportiva”, “dos 07 até os 16”, e os outros **dois** sujeitos (**E2-GDC, E2-GPF**) não tenham respondido.

Como na questão anterior, os três grupos **GDC, GPA** e **GPF**, são unânimes ao pontuar a idade dos onze anos como a ideal para o trabalho com a Iniciação Esportiva.

Com a quarta pergunta, os participantes do estudo puderam indicar quais eram os profissionais que atuavam em suas instituições com Iniciação Esportiva. Sendo um dos grupos (**GPF**) constituído por professores universitários, com estes participantes buscou-se compreender como se dá o processo das disciplinas de fundamentos esportivos naquelas instituições de ensino.

QUADRO XX – Profissional que atua na Instituição de origem com a Iniciação Esportiva

<i>Pergunta 4 - Na sua instituição quem trabalha (profissional) com a iniciação esportiva (ou fundamentos esportivos – se universidade)? Por quê?</i>	
E1-GDC	- De 1ª a 4ª séries, professor de classe; - Da 5ª série em diante, professor de Educação Física, especializado na modalidade de atuação.
E2-GDC	- Professores de Educação Física.
E3-GDC	- Professores licenciados e bacharéis; - Profissionais da Educação Física; - Profissionais registrados no sistema CONFEF/CREF; - Capacitados e treinados regularmente pela instituição.
E4-GDC	- Professores formados em Educação Física; - Registrados no CREF; - Somente um provisionado, não formado.
E1L-GPA	- profissionais; - professores de Educação Física; - Licenciados.
E2L-GPA	- professor de Educação Física; - licenciado; - bacharel, não.
E3L-GPA	- bacharel e; - licenciado - profissionais de Educação Física.
E4L-GPA	- profissionais da Educação Física; - formados em Educação Física.
E1B-GPA	- não houve resposta.
E2B-GPA	- professores; - graduados; - bacharéis; - licenciados.
E1-GPF	- não houve resposta.
E2-GPF	- são a partir do interesse de cada professor, o professor que dá dança de salão oferece até dança de salão, o que tem simpatia por capoeira, eventualmente oferece capoeira, ou traz alguém pra fazer capoeira, pq a capoeira também é uma (...) mas na grande maioria são os esportes que a gente conhece, futebol de salão predomina, até por conta que a demanda é grande, . . - como eu tenho algumas vantagens, pq eu domino tênis e domino voleibol, e basquete, handebol, então eu posso diversificar mais essa demanda , e (...) isso eu acho um privilégio, (...), vc esteriliza menos os seus conteúdos, (...) propondo alguns textos, dá pra discutir questões importantes (...) ;
E3-	- até então, as nossas disciplinas, (...), nos dois primeiros anos, um caráter mais pedagógico,

GPF	(...) apresentar questões pedagógicas do ponto de vista de atividades lúdicas, dentro de cada uma das modalidades, (...) o ponto central era “ atividades lúdicas ”, que levassem ao aprendizado daquela modalidade, (...); - depois, à frente, (...) vai ter um aprofundamento nas mesmas disciplinas, (...), se ele for pra bacharelado, então, nas modalidades desportivas, (...) se ele for pra licenciatura, (...) questões pedagógicas, próprias da licenciatura; - pro currículo novo, (...) alguns eixos transversais, (...) aparece ainda as disciplinas de modalidade (...) vai ter um enfoque mais de aprendizagem, na questão lúdica, voltada mesmo pra parte pedagógica e depois, (...) mais voltadas pro treinamento esportivo, um pouco de treinamento e um pouco de pedagógica numa disciplina só;
E4-GPF	- nem todas as disciplinas são práticas, tem disciplinas de cunho teórico e disciplinas de cunho teórico-prático, (...) eu desenvolvo conceitos teóricos e depois aplicação prática, (...)
Obs.: - O grifo é nosso.	

Nestas respostas, pode-se perceber junto aos grupos **GDC** e **GPA** que nove sujeitos – **E1-GDC, E2-GDC, E3-GDC, E4-GDC, E1L-GPA, E2L-GPA, E3L-GPA, E4L-GPA, E2B-GPA**) indicam a formação em Educação Física (Licenciados ou Graduados/Bacharéis) como necessária para os profissionais que atuam em suas instituições, apontando “professores de Educação Física”, “profissionais da Educação Física”, “formados em Educação Física”, “graduados, bacharéis, licenciados”, o que prevalece como a idéia da maioria dos participantes destes grupos.

Num outro momento, **dois** integrantes do grupo **GPD (E2-GPF, E4-GPF)** descrevem as disciplinas de fundamentos oferecidas em seus cursos (Bacharelado/Graduação) e Licenciatura como atividades são oferecidas com atividades práticas, mas também com o desenvolvimento de conceitos teóricos, como “conceitos teóricos e depois aplicação prática”; enquanto que **um** integrante (**E3-GPF**) apresenta as disciplinas através do seu enfoque, tendo “nos dois primeiros anos, um caráter mais pedagógico” e “à frente, vai ter um aprofundamento nas mesmas disciplinas”. Prevalecendo neste grupo (**GPF**) a

concepção dos conceitos teóricos mais a aplicação prática, como desenvolvimento das disciplinas.

Nesta questão buscou-se verificar se os participantes fundamentavam o seu conhecimento ou prática pedagógica a partir de determinados saberes, como no quadro que se segue:

QUADRO XXI(a) – Conhecimentos específicos para atuar com Iniciação Esportiva

<i>Pergunta 5 - Qual o tipo de conhecimento específico (conteúdos, disciplinas) que um profissional (ou graduado), deveria ter para atuar com crianças? Por quê?</i>	
E1-GDC	<ul style="list-style-type: none"> - Formação completa em Educação Física; - Saber atuar na Educação Física geral; - Ex-jogadores ou ex-atletas da modalidade que atua; - Formação técnica.
E2-GDC	<ul style="list-style-type: none"> - Base psicológica; - Arte (criatividade); - Conhecimentos específicos das modalidades; - Conhecimentos pedagógicos; - Conhecimentos antropológicos; - Base geral; - Não só disciplinas direcionadas, mas também as disciplinas afins; - Capacitações.
E3-GDC	<ul style="list-style-type: none"> - Arcabouço teórico; - Desenvolvimento motor; - Aprendizagem; - Didática; - Prática de ensino; - Conhecimentos dos assuntos do dia a dia (cultura geral)
E4-GDC	<ul style="list-style-type: none"> - Gosto pela modalidade específica; - Especialista na modalidade.
E1L-GPA	<ul style="list-style-type: none"> - ter feito e aproveitado muito uma faculdade muito boa; - acesso constante a bibliografia, Internet etc; - experiências anteriores em alguns ou algum esporte; - conhecimento geral; - filosofia da educação; - filosofia da Educação Física; - Sociologia; - Psicologia do Esporte; - Prática de Ensino; - essas disciplinas influenciam diretamente na atuação, desde a pré-escola até o ensino médio, de maneiras diferentes, cada uma dentro do seu patamar.
E2L-GPA	<ul style="list-style-type: none"> - atualização; - cursos de capacitação; - intercâmbio com outros profissionais; - Formação; - Conteúdo teórico; - Cursos de especialização; - Observação de outros profissionais; - Experiência em esporte favorece; - para certas idades, o desenvolvimento motor; - experimentação do movimento; - treinamento nas suas diversas dosagens; - técnica específica da modalidade; - para a formação básica da parte técnica, as disciplinas de fundamentos.
E3L-	<ul style="list-style-type: none"> - desenvolvimento motor;

GPA	- psicologia do esporte; - anatomia; - recreação.
E4L-GPA	- sensibilidade; - percepção da criança.
E1B-GPA	- conteúdos da Licenciatura; - didática; - prática de ensino; - experiência propiciada pela prática de ensino; - pedagogia do desenvolvimento; - crescimento do indivíduo.
E2B-GPA	- conhecimento amplo do ser humano; - sociologia; - fisiologia; - psicologia; - uma pouco de cada coisa; - da psicologia até a fisiologia; - desenvolvimento motor, cognitivo.
E1-GPF	- vários conhecimentos; - conhecimento mecânico, conhecer a estrutura mecânica da criança; - conhecimento biológico, estrutura motora; - conhecimento afetivo, a estrutura mental; - conhecimento social, estrutura social; - anatomia; - sociologia; - história da educação; - teoria da aprendizagem e controle motor; - conhecimento do esporte em si; - fisiologia; - interrelação entre as áreas médica, social, afetiva; - conhecimentos pontuais que se interligam, inter cruzam, inter relacionam; - conhecimento muito grande, em grandes e distintas áreas;
E2-GPF	- conhecimento humanístico, principalmente a teoria histórico-social da formação do indivíduo; - conhecer bem o desporto; - tenha sentido a modalidade na sua plenitude;
E3-GPF	- conhecimentos sobre aprendizagem motora; - crescimento físico e desenvolvimento motor; - especificidades das modalidades esportivas; - saiba como se dá o ensino-aprendizagem ao longo, avanço da idade; - sustentação biológica com enfoque na aprendizagem motora; - a questão do ambiente interagindo nessa evolução biológica.
E4-GPF	- o professor não deve ter uma formação super especializada; - ter um nível de conhecimento em uma especialidade; - não deve ter um domínio de um assunto, mas ter uma formação mais global.

Decorrente da leitura desses temas ou conteúdos organizou-se um segundo quadro – XXI(b), visando apresentar um novo mapeamento com base nas seguintes categorias:

- (1) Saberes Disciplinares – compreendido como aquele conteúdo que fundamenta o corpo de conhecimento da Educação Física, provenientes de três tipos de conhecimento:
 - a. *Saber disciplinar amplo* – vinculado à relação ser humano-sociedade {história, sociologia, filosofia, psicologia (da Educação Física)}, biologia do corpo humano (anatomia, fisiologia, crescimento e desenvolvimento) e conhecimento científico e tecnológico (biomecânica, estatística);
 - b. *Saber disciplinar identificador* – proveniente da dimensão cultural do movimento (modalidades esportivas, ginásticas, capoeira, jogos e brincadeiras, dança, recreação);
 - c. *Saber disciplinar instrumental* – trata-se do conteúdo do saber disciplinar amplo que é aplicado de forma mais técnica.
- (2) Saberes Pedagógicos – entendido como aquele conteúdo que perpassa a prática pedagógica em termos de fundamentação, estabelecendo relações de natureza epistemológica com o saber disciplinar. Este tipo de conteúdo tem como fonte de origem as ciências de educação e de ideologia educacional, abarcando recortes ligados a filosofia da educação, psicologia da educação, sociologia da educação, antropologia da educação, história da educação.
- (3) Saberes Didático-curriculares – compreende os conhecimentos relacionados aos objetivos, estratégias, ensino, orientação,

avaliação, que estão vinculadas à prática pedagógica, estabelecendo relações de interdependência com o saber pedagógico e saber disciplinar.

- (4) Saberes Experenciais – este conhecimento compreende os saberes provenientes da socialização primária e da socialização secundária, provenientes das ciências motoras em escolas, clubes, academias, bem como dos estágios na formação acadêmica e da própria prática profissional, podendo ser melhor entendido como:
- a. *Saber experiencial formal* – provenientes do período de formação acadêmica e de prática profissional decorrentes dessa formação sistematizada;
 - b. *Saber experiencial não formal* – proveniente das vivências, como foi colocado, de socialização primária.
- (5) Saberes da Formação Geral – apresenta-se como conteúdos necessários para se trabalhar com a iniciação esportiva, a formação tida no curso de Educação Física e ou vincula-a à formação do generalista.
- (6) Saberes da Formação Restrita – vincula-se à compreensão de que para se atuar na iniciação esportiva a pessoa precisaria ter uma formação especializada ou voltada para determinada modalidade ou conteúdo, ou ainda, voltada para determinada área, campo ou curso.

- (7) Saberes Genéricos – trata-se de apontamentos indefinidos e/ou de conteúdos temáticos ou comportamentos que não apresentam uma relação direta com as categorias de conhecimento que foram arroladas anteriormente, mas que são lembradas na constituição do perfil de quem vai atuar na Iniciação Esportiva.

QUADRO XXI(b) – Saberes específicos da Iniciação Esportiva

SABERES / SUJEITOS	(1) Saberes Disciplinares			(2) Saberes Pedagógicos	(3) Saberes Didático-curriculares	(4) Saberes Experienciais		(5) Saberes da Formação Geral	(6) Saberes da Formação Restrita	(7) Saberes Genéricos
	a	b	c			a	b			
E1-GDC					X		X	X	X	
E2-GDC	X		X	X				X	X	X
E3-GDC	X				X			X		X
E4-GDC									X	X
E1L-GPA	X			X	X	X	X	X	X	X
E2L-GPA	X	X	X			X	X	X	X	X
E3L-GPA	X	X								
E4L-GPA									X	X
E1B-GPA	X			X	X	X				
E2B-GPA	X		X	X				X		
E1-GPF	X	X	X	X				X		
E2-GPF		X		X		X	X		X	
E3-GPF	X	X							X	
E4-GPF								X	X	

Buscando melhor compreender os resultados obtidos nesta questão, no eixo vertical, analisou-se o quadro acima e percebeu-se que, para os entrevistados, sobre os Saberes Disciplinares, há uma ênfase no saber disciplinar amplo (9) – relação ser humano-sociedade, biologia do corpo humano e conhecimento científico e tecnológico, como determinante para o profissional que vai atuar com o espaço da Iniciação Esportiva. Passando para uma análise de

cada grupo individualmente, percebe-se que no **GDC**, há uma indicação para o saber disciplinar amplo (2); no **GPA**, os saber disciplinar amplo (5) também tem maior indicação; enquanto que no **GPF**, a maior indicação é para o saber disciplinar identificador (3) – dimensão cultural do movimento.

Sobre os Saberes Pedagógicos, obteve-se o número de seis (6) indicações, sendo elas dos grupos: **GDC** (1), **GPA** (3) e **GPF** (2).

Os Saberes Didático-curriculares tiveram somente quatro (4) indicações, duas do grupo **GDC**, duas do grupo **GPA** e nenhuma indicação do grupo **GPF**.

Com relação aos Saberes Experienciais, obteve-se uma maior indicação para o saber experiencial não formal (5) – provenientes de vivências. Analisando-as separadamente nos seus grupos, tem-se: **GDC**, saber experiencial não formal (1); **GPA**, saber experiencial formal (3) – formação acadêmica; e, **GPF**, uma (1) indicação para cada saber experiencial (formal e não formal).

Sobre os Saberes de Formação Geral, foram apresentadas oito (8) indicações dos entrevistados. Divididas nos grupos particulares tem-se: no **GDC** e no **GPA**, três (3) indicações; e, no **GPF**, duas (2) indicações.

Houve a indicação de nove (9) participantes para os Saberes da Formação Restrita. Obtendo-se um equilíbrio entre os grupos (**GDC**, **GPA** e **GPF**) com três (3) indicações para cada.

Finalizando, os Saberes Genéricos, que envolvem conteúdos e apontamentos indefinidos em relação aos anteriores expostos, obtiveram um apontamento de seis (6) participantes. Divididos nos grupos temos: no **GDC** e no **GPA**, três (3) indicações cada e, no **GPF**, nenhuma indicação.

Dessa forma, apontou-se com maiores indicações, no eixo horizontal, os Saberes Disciplinares (9), com ênfase maior no saber disciplinar amplo e os Saberes da Formação Restrita (9), podendo-se inferir que, para os participantes são necessários conhecimentos de ordem geral, amplo, próprios da formação acadêmica, e também conhecimentos específicos, ou seja, voltados prioritariamente para a atuação com a Iniciação Esportiva.

Com esta pergunta e a próxima, na entrevista, o objetivo foi levantar dados que auxiliassem na construção do perfil profissional de quem vai trabalhar com a Iniciação Esportiva, em termos de qualificação. Paralelo a esta perspectiva, buscava-se também, levantar características do *habitus* de quem atua com esta intervenção. No quadro que se segue são apresentados os apontamentos dos diferentes participantes.

QUADRO XXII(a) – Perfil profissional para atuar com Iniciação Esportiva.

<i>Pergunta 6 - Em sua opinião, qual é o perfil profissional (conhecimentos, comportamento, atitudes) que a pessoa deveria ter para trabalhar com a iniciação esportiva?</i>	
E1-GDC	- Capacidade de entusiasmar; - Liderança; - Trato adequado; - “Descolado”; - Animado.
E2-GDC	- Postura; - Capacitações; - Promover multiplicadores; - Promover prevenção da saúde e das drogas.
E3-GDC	Dois perfis: - para atuar com crianças carentes <ul style="list-style-type: none"> • Postura firme, mas carinhosa; • Foco na criança; • Gostar de crianças; • Preocupação com o desenvolvimento da criança; • Firmeza, impor limites mas demonstrar preocupação. - para atuar com crianças de classe social mais alta <ul style="list-style-type: none"> • Firmeza nos limites; • Atenção, carinho sim, mas com resultados; • Jogo de cintura quando seus princípios chocarem com os interesses dos outros.
E4-GDC	- Gosto pela especialidade; - Sério; - Competente; - Amor ao esporte; - Gosto pela criança, prazer de lidar com ela; - Gostar de trabalhar com crianças.
E1L-GPA	- segundo pai; - modelo; - espelho positivo; - colaborar com as necessidades específicas de cada aluno.
E2L-GPA	- perspectiva educacional; - perfil pedagógico; - perfil do educador; - tanto para o clube ou para a escola, ter a perspectiva da docência, do aprendizado, do respeito; - preparo psicológico; Pedagogia voltada para a formação do ser humano como um todo; - vontade de fazer, boa vontade; - boa vontade + procura, supera a falta de experiência;

	<ul style="list-style-type: none"> - conciliar aspecto prático, aspecto de vivência com a formação continuada; - confiável para o aluno; - intercâmbio com os alunos; - capacidade para o trabalho em grupo, coletivo; - visão crítica.
E3L-GPA	<ul style="list-style-type: none"> - ser maleável; - saber lidar com as diferenças individuais; - respeitar o limite de cada criança; - atualização, buscar conhecimentos diferentes de diversas áreas; - gostar do que faz; - ter um desempenho como professor, como educador; - ser educador, não general; - saber lidar com as individualidades, como: crianças carentes, deficientes físicos etc; - fazer a inclusão social dos gordinhos, pobres, deficientes; - agregar valores durante a aula.
E4L-GPA	<ul style="list-style-type: none"> - gostar de criança; - conhecer o que faz e passar corretamente; - vivência no esporte específico ajuda, mas tem que estudar; - entender o que faz, a modalidade que atua; - criativo, o professor tem que criar.
E1B-GPA	<ul style="list-style-type: none"> - saber o <i>timing</i> da criança, do adolescente; - saber como trabalhar com a criança; - ter uma construção interna apropriada para atuar com crianças; - ser maleável; - extremamente criativo; - gostar muito desse tipo de trabalho; - saber que não há resultado imediato, ou até não exista resultado; - fazer porque gosta.
E2B-GPA	<ul style="list-style-type: none"> - conhecer o grupo; - conhecer o local, o ambiente que está trabalhando; - conhecer a cultura específica do local.
E1-GPF	<ul style="list-style-type: none"> - estudioso; interessado, respeito ao próximo, as limitações do próximo e as próprias limitações; - sonhador realista; desejar cada dia mais, estruturar melhor seus programas, o seu ensino, a aprendizagem do aluno; - dá liberdade pra criar; - percebe as diferenças; - professor-educador; tudo, psicólogo – saber ouvir, saber falar, enfermeiro – saber cuidar das feridas externas e internas, mãe ou pai – amar e ao mesmo tempo ser duro; um perfil muito amplo; - amar muito as pessoas; - se respeitar muito e respeitar as pessoas; - ter um discernimento bastante amplo; - além de ser um professor, que é aquele que ensina, ser um educador, que é aquele que além de ensinar, questiona, dá possibilidades de . . . de que haja uma troca de experiências, então um educador, . . . Um educador que pode ser um licenciado e pode ser um bacharel ou graduado, . . . - há de se ter um educador, . . . aquele que está preocupado com o processo que vai gerenciar, que vai ordenar todas as seqüências, todas as atividades pra gerar a aprendizagem, independente do ambiente que aquilo está acontecendo, . . . existe o educador que trabalha na escola, . . . o educador que trabalha no hospital, . . . o educador que trabalha na fábrica, . . . este é o profissional, é um educador competente, então . . . , é pleonasma, . . . , mas o educador há de ser competente e o competente há de ser um educador, . . .
E2-GPF	<ul style="list-style-type: none"> - um perfil humano, no sentido técnico e político; - ter competência técnica; - ser um militante permanente nesse processo de pra que e pra quem é o que eu to ensinando, com qualidade; - dar sentido ao desporto; - a EF nos dá a possibilidade de trabalhar com humano ao mesmo tempo se humanizando;
E3-GPF	<ul style="list-style-type: none"> - experiência próxima da modalidade que vai estar atuando; - alguma passagem em alguma modalidade como elemento facilitador;

	- quem não teve elemento facilitador, a sistemática que nós estamos ofertando nessa matriz curricular é suficiente pra dar uma boa formação, agora esse aluno é que vai ter que ir buscando abrir os seus espaços futuramente, . . .
E4-GPF	- ter alguns valores, que são peculiaridades de todas as etapas; - afetuoso, afetivo; - um bom companheiro; - um pai; - um amigo pras dificuldades; - trabalhar bem essas questões; - um papel de acomodação do ambiente; - liderança; - honestidade; - diz uma determinada coisa e é coerente com atitudes, a coerência entre o discurso e a prática; - um conhecimento altamente especializado é legal se for relacionado com esses aspectos humanos; - pontualidade; - assiduidade; - disciplina, solidariedade, participação, co-responsabilidade; - responsável por aquilo que faz; - sempre parceiro de uma situação;

Considerando os apontamentos, descrições, competências, saberes ou atributos pessoais de natureza afetivo-social, moral, motora ou cognitiva, elaborou-se as seguintes categorias:

- (1) Qualificação Pessoal - esta competência ou qualidade apareceu relacionada às descrições que consideraram como importante valorizar, enfatizar ou assinalar os seguintes aspectos:
- a. escolha (pessoal) – restrita ao gostar do que faz, gosto pela especialidade, gosto pelo esporte;
 - b. afetividade – gostar de criança, gostar de trabalhar com criança, amar as pessoas, atenção, carinho;
 - c. sociabilidade – gostar de pessoas, solidariedade;
 - d. moralidade – respeito, discernimento, limite, postura, coerência, honestidade, pontualidade, assiduidade;

e. capacidade (habilidade) – liderança, trabalho em grupo, entusiasmar.

(2) Qualificação Profissional – esta competência ou qualidade pode ser relacionada às descrições que apontaram como características importantes dessa temática, o conhecimento e/ou habilidade vinculados aos seguintes saberes:

- a. técnico-instrumental – conhecer o que faz, competência técnica;
- b. pedagógico – preocupação com o desenvolvimento da criança, saber lidar com as diferenças individuais, respeitar o limite de cada criança;
- c. didático-curricular – conhecer o grupo, conhecer o local, conhecer a cultura específica do local;
- d. experencial - vivência no esporte específico, entre outras;
- e. gerais ou ecléticos – quando se refere ao fato de que o profissional deveria saber um pouco de tudo.

(3) Qualificação Sócio-política – Esta competência ou qualidade apareceu relacionada às descrições que consideravam como relevantes ter uma postura crítica com relação à realidade, bem como, de comprometimento com a formação continuada.

- a. postura crítica – visão crítica;
- b. formação continuada – capacitações, estudioso.

(4) Perfil Profissional – Com relação ao perfil profissional, objetivamente os apontamentos se restringiram a uma perspectiva funcional de

identidade, de natureza familiar, acadêmica (conhecimento, curso), educacional ou profissional.

- a. identidade familiar – esta perspectiva aparece quando o “profissional” é vinculado a imagem do pai, do companheiro, do amigo, do parceiro;
- b. identidade acadêmica – esta perspectiva aparece quando as descrições se referem ao perfil que o profissional deve ter, vinculando-o a determinada área de conhecimento, como a pedagógica ou curso de formação – licenciatura, o bacharelado, ou que simplesmente deve ter formação;
- c. identidade educacional – esta identificação está presente quando a descrição se refere a perspectiva educacional desse perfil profissional, apontando o exercício da docência tanto para o clube quanto para a escola;
- d. identidade profissional – esta perspectiva apareceu quando as descrições apontaram para o perfil do educador, do professor, do professor-educador, perfil generalista.

Com o intuito de melhor apresentar os apontamentos dos participantes, baseados nas categorias acima propostas, elaborou-se um novo quadro, referente à pergunta número seis (6).

Quadro XXII(b) – Perfil profissional – competências e/ou qualidades

PERFIL PROFISSIONAL SUJEITOS	(1) Qualificação Pessoal					(2) Qualificação Profissional				(3) Qualificação Sócio-política		(4) Perfil Profissional				
	a	b	c	d	e	a	b	c	d	a	b	a	b	c	d	e
E1-GDC				X	X											
E2-GDC				X	X						X					
E3-GDC		X		X			X			X						
E4-GDC	X	X		X		X										
E1L-GPA				X			X					X				
E2L-GPA			X		X					X	X	X	X	X	X	
E3L-GPA	X			X			X				X				X	
E4L-GPA		X			X	X			X							
E1B-GPA	X				X	X	X									
E2B-GPA								X								
E1-GPF		X		X	X	X	X	X			X			X	X	
E2-GPF					X	X	X			X		X				
E3-GPF									X				X			
E4-GPF		X	X	X	X	X		X				X		X		

Com este novo quadro, pode-se observar, no eixo vertical, que na Qualificação Pessoal prevaleceu as indicações que enfatizam os aspectos relacionados à moralidade (8) – respeito, limite, postura etc, e capacidade/habilidades (8) – liderança, trabalho em grupo, entusiasmar, para com o campo de intervenção. Porém no âmbito de cada grupo, para o **GDC** a moralidade (4) foi o aspecto mais importante, enquanto que para o **GPA** e **GPF** foi a capacidade/habilidade (3) para com o campo de intervenção.

Com relação à Qualificação Profissional, enfatizaram-se indicações relacionadas ao saber técnico-instrumental (6) – saber o que faz, competência técnica, e saber pedagógico (6) – saber lidar com as diferenças individuais, respeitar o limite de cada criança etc. Todavia, quando se observa cada grupo isoladamente, o quadro que se percebe é: no **GDC** tem-se uma (1) indicação para o saber técnico-instrumental e uma (1) indicação para o saber pedagógico; no **GPA**, as indicações foram para o saber pedagógico (3); e, no **GPF**, para o saber técnico-instrumental.

Sobre a Qualificação Sócio-política, a ênfase foi para a formação continuada (4) – capacitações, estudioso, enquanto que no âmbito dos grupos, houve equilíbrio no **GDC**, com uma (1) indicação para a postura crítica – visão crítica, e uma (1) indicação para a formação continuada; no **GPA** prevaleceu a formação continuada (2); e, no **GPF**, também houve equilíbrio com postura crítica (1) e formação continuada (1).

Em relação ao Perfil Profissional, prevaleceram as indicações que sublinhavam a identidade familiar (4) – o profissional é vinculado a imagem do pai, do companheiro, do amigo etc. Entretanto, quando se analisa cada grupo, o resultado que se encontra assinala: **GDC**, nenhum indicativo; **GPA**, equilíbrio entre identidade familiar (2) e identidade profissional (2) – perfil do educador, do professor, perfil generalista, perfil do professor-educador; e, **GPF**, também equilíbrio, mas entre identidade familiar (2) e identidade educacional (2) – aponta o exercício da docência tanto para o clube quanto para a escola.

Cabe ressaltar, para uma melhor compreensão destes resultados, que esta pergunta foi feita solicitando um perfil, independente dos conhecimentos específicos necessários (formação, conhecimentos acadêmicos), que haviam sido questionados anteriormente na pergunta cinco (5). Por isso, há poucas indicações dos entrevistados para este aspecto, nesta questão (6).

Finalizando a análise destas questões, observou-se que, no eixo horizontal, dentre essas competências e/ou qualidades, as que se apresentaram, de forma mais incisiva, neste perfil profissional foram as inseridas na Qualificação Pessoal, repetindo-se novamente, a moralidade (8) e a capacidade (habilidade) (8). Assim, percebe-se que para este perfil, de fato, apontou-se qualidades e/ou competências mais próximas da especificidade deste campo, além da questão da moralidade, inferindo-se que deve ser um aspecto específico, em termos de valores, para quem vai trabalhar com essa faixa etária.

Com o próximo quadro, buscou-se observar se os participantes apresentavam um perfil para o profissional que vai atuar com a Iniciação Esportiva, num sentido mais amplo, completo.

QUADRO XXIII(a) – Profissional que o entrevistado contrataria para atuar com Iniciação Esportiva.

<i>Pergunta 7 - Quem você contrataria para trabalhar com a iniciação esportiva? Por quê?</i>	
E1-GDC	<ul style="list-style-type: none"> - Boa formação; - Bom trato; - Simpático; - Afável; - Tenha ascendência sobre os jovens; - Tranquila mas não indolente; - Preocupado com o progresso e sucesso dos alunos dentro da atividade; - Envolvido com os alunos; - Respeitar, ser respeitado e zelar pelo respeito entre os alunos.
E2-GDC	<ul style="list-style-type: none"> - Profissional; - Não com muita bagagem, mas coerente, com postura; - Bagagem multidisciplinar; - Firmes propósitos no que vai fazer; - Posição correta no que vai fazer e seguir a postura.
E3-GDC	<ul style="list-style-type: none"> - Animado; - Recriador; - Ter conhecimento acadêmico; - Gostar do lúdico; - Proporcionar uma prática muito agradável; - Profissional que acrescente, traga coisas novas; - Respeito às crianças; - Asseado; - Boa conduta; - Ter valores; - Ser o exemplo, o ídolo; - Verdadeiro; - Amoroso; - Ter a mesma filosofia da instituição; - Desprendido (preparar para o mundo e não para si)
E4-GDC	<ul style="list-style-type: none"> - Ter prazer, gosto pelo que faz; - Atender os objetivos da instituição; - Não visar resultados.
E1L-GPA	<ul style="list-style-type: none"> - boa índole; - bom caráter; - conhecimento; - currículo; - experiências; - formação acadêmica; - aprimoramento, especializações; - "QI", quem indica.
E2L-GPA	<ul style="list-style-type: none"> - experiência; - formação; - vivência incorporada; - vibrante com o aprendizado, com o sucesso da turma; - a fim de trabalhar com isso; - formação;

	<ul style="list-style-type: none"> - comprometimento; - disponibilidade trabalhar um tempo além do combinado; - vontade; - amor, entusiasmo pelo negócio.
E3L-GPA	<ul style="list-style-type: none"> - uma criança; - bem humorado; - maleável, ao mesmo tempo rígido; - muito responsável; - trabalhe com tudo; - saber um pouco de cada coisa; - oferecer um pouco de tudo.
E4L-GPA	<ul style="list-style-type: none"> - percepções esportivas de todas as modalidades; - gostar do que faz; - gostar do esporte em geral; - conhecimento adquirido.
E1B-GPA	<ul style="list-style-type: none"> - um palhação; - animado, divertido; - extremamente responsável; - não tem tempo ruim; - se entrega pro negócio; - dedicado; - acrescentar valores; - querer construir, sem pressa de chegar ao resultado.
E2B-GPA	<ul style="list-style-type: none"> - disposição para dar continuidade ao trabalho; - interessada; - curiosa; - criativa; - conhecimentos da faculdade.
E1-GPF	<ul style="list-style-type: none"> - um profissional competente; - licenciado, graduado, mulher, homem, novo, velho, não importa, competente; - exteriorize o seu gostar por, é essencial; - deter os conhecimentos e saber aplicá-los conscientemente; - ter uma relação agradável com todos; - demonstrar o quanto isso é importante, essencial pra vc;
E2-GPF	<ul style="list-style-type: none"> - depende da demanda; - que tivesse uma inquietação; - ser coerente com aquilo, olhar pra criança vendo não só o que ela é, mas o vir a ser dela; - quem realmente ta a fim de se engajar nisso, na questão da militância, militância no sentido de na tua aula, estar sendo cúmplice; - de ser apaixonado pelo que faz;
E3-GPF	<ul style="list-style-type: none"> - que tenha essa formação, conheça sobre o processo biológico, de crescimento e desenvolvimento motor, que conheça sobre aprendizagem motora; - terá um algo a mais se tiver um elemento facilitador, se já participou da modalidade
E4-GPF	<ul style="list-style-type: none"> - professores pra começar uma idéia nova, pessoas treinadas pra aquilo, jovens professores, jovens profissionais, sem . . . experiência profunda, . . . , com muita vontade, com muita motivação de fazer alguma coisa, de mostrar serviço, (...) um profissional jovem, ou seja, recém formado, ou jovem de pensamento, (...) , um camarada que tivesse disposição para o trabalho, (...) possibilidade de reunir, discutir idéias, (...) , caminhar na direção das idéias definidas, (...) a capacidade da pessoa de ministrar uma aula e de coordenar essa aula com educação, com respeito às pessoas, com envolvimento, (...) - eu acho que eu faria uma avaliação pra ver esses conhecimentos relacionados a essas disciplinas que eu te citei, crescimento, desenvolvimento, aspectos metodológicos do treinamento mesmo, as diferentes faixas etárias, (...) uma avaliação permanente de qualquer sistema que vai ser implantado, (...) ver se a pessoa tem o espírito de trabalhar em grupo, (...) - ser formado pra trabalhar com a infância, na atividade com a infância; - nesse momento inicial tem que ter esse perfil mais generalista;

Após a apresentação dos apontamentos dos participantes, baseados nas categorias propostas anteriormente, apresenta-se um novo quadro, um referente a pergunta número seis (6).

Quadro XXIII(b) – Perfil - profissional a contratar

PERFIL PROFISSIONAL SUJEITOS	(1) Qualificação Pessoal					(2) Qualificação Profissional				(3) Qualificação Sócio-política		(4) Perfil Profissional				
	a	b	c	d	e	a	b	c	d	a	b	a	b	c	d	e
E1-GDC		X	X	X	X		X						X			
E2-GDC	X			X					X				X			
E3-GDC	X	X		X	X		X	X		X		X	X			
E4-GDC	X									X	X					
E1L-GPA				X		X			X	X	X		X			
E2L-GPA	X	X		X			X		X				X			
E3L-GPA				X	X											X
E4L-GPA	X					X			X							
E1B-GPA	X			X	X		X									
E2B-GPA					X					X			X			
E1-GPF	X		X		X	X							X			
E2-GPF	X			X			X			X						
E3-GPF						X			X				X			
E4-GPF	X		X	X	X	X	X			X			X	X		X

Após a análise deste quadro, obteve-se na Qualificação Profissional, indicações que enfatizam os aspectos relacionados à escolha (9) – gostar do que faz, gosto pela especialidade, pelo esporte, e a moralidade (9) - respeito, limite,

postura etc, como condições necessárias para a atuação do profissional que vai atuar com Iniciação Esportiva. Reportando a análise para os grupos, observa-se que: no **GDC**, repete-se o equilíbrio demonstrado pelos entrevistados, apontando a escolha (3) e a moralidade (3); no **GPA**, prevalece a indicação da moralidade (4); e no **GPF**, o maior indicativo é para a escolha (3).

Relacionados à Qualificação Profissional, enfatizaram-se indicações sobre o saber técnico-instrumental (6) – gostar do que faz, competência técnica, e o saber pedagógico (6) – saber lidar com as diferenças individuais, respeitar o limite de cada criança. Todavia, quando se observa cada grupo separadamente, o quadro que se tem é: no GDC, maior incidência para o saber pedagógico (2); no GPA, equilíbrio entre os saberes técnico-instrumental (3) e experiencial (3) – vivência no esporte específico; e no GPF, maior indicativo para o saber técnico-instrumental (3).

Sobre a Qualificação Sócio-política, a ênfase foi para a postura crítica (6) – visão crítica, enquanto que no âmbito dos grupos (**GDC, GPA, GPF**), esta também foi a maior indicação: (2) para todos eles.

Em relação ao Perfil Profissional, prevaleceram as indicações que sublinhavam a identidade acadêmica (9) – vincula o perfil do profissional a uma determinada área de conhecimento, como a pedagógica ou curso de formação, o que também se aplica na análise particular dos grupos (**GDC, GPA, GPF**), onde todos tiveram a mesma indicação: (3) para a identidade acadêmica.

Concluindo esta análise, percebeu-se que, no eixo horizontal, os participantes apontaram um fechamento sobre a questão do perfil profissional para atuar com Iniciação Esportiva, vinculando sua atuação às seguintes qualidades: na Qualificação Pessoal, há uma grande indicação para a escolha (pessoal) (9) e para a moralidade (9); enquanto que, no Perfil Profissional a maior indicação é para a identidade acadêmica (9). Portanto, pode-se inferir que, como nas incursões anteriores (Quadro XXIb e XXIIb), o perfil ideal aponta para um indivíduo com formação acadêmica, que tenha feito uma escolha pertinente (gostar do que faz) e que apresente um caráter pessoal condizente com faixa etária e necessidades específicas do campo em que vai atuar.

CAPÍTULO V

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Face aos resultados expostos no capítulo anterior, observou-se que algumas respostas tornaram-se comuns, uniformes, enquanto que outras refletem a pluralidade cultural ou mesmo uma diversidade, considerando que os participantes desse trabalho são atores sociais provenientes de funções sociais heterogêneas. Portanto, a discussão será iniciada baseando-se nas “*questões a investigar*” que foram arroladas na Introdução.

5.1 - No campo de intervenção da Educação Física, o *esporte* e a *iniciação esportiva* possuem “*capital específico*” no que diz respeito à área de conhecimento?

A questão do capital específico foi tratada no tópico 2.3 - o esporte como um espaço social, quando se referiu a Bourdieu (1983-1989) ao se falar de campo e *habitus*. No âmbito desse processo, o capital específico foi entendido como o capital social que cada pessoa possui proveniente de um campo (científico, religioso, político, esportivo etc.). Dentro desse campo (que também

pode ser chamado de espaço social) quem dá legitimidade a ele é o capital cultural ou nomeação, na forma de um diploma, certificação.

Outro dado importante é que este espaço social se perpetua dentro de uma estrutura de poder em que há os dominantes, aqueles que possuem um máximo de capital social e os dominados, aqueles que manifestam ausência do capital específico que define o campo/espaço social, criando o que se denominou de *illusio*.

No âmbito desse processo encontra-se a Educação Física e o esporte (modalidades esportivas) como conteúdo da Educação Física. Da mesma forma se pode dizer que o Esporte, quando analisado isoladamente, enquanto fenômeno social, se constitui numa referência própria, ou seja, como área de estudo e campo de trabalho.

Dessa forma, quando se pergunta se no campo de intervenção da Educação Física, o esporte e a iniciação esportiva possuem “capital específico” no que diz respeito à área de conhecimento, se quer saber se, como representação de um universo dos saberes, eles possuem um corpo de conhecimento.

Em se tratando de Educação Física (BRASIL, 2004, p.1, 2), que é considerada como uma área de conhecimento e de intervenção acadêmico-profissional pode-se dizer que possui um corpo de conhecimento circunscrito ao objeto de estudo “movimento humano” que se organiza em dois grandes blocos de conhecimento no processo de formação profissional: formação ampliada e formação específica.

No bloco relacionado à formação ampliada encontram-se as seguintes dimensões do conhecimento: relação ser humano-sociedade, biologia do corpo humano e produção do conhecimento científico e tecnológico. Com relação à formação específica esta abrange os conhecimentos identificadores da

Educação Física nas seguintes dimensões: cultural do movimento, técnico-instrumental e didático-pedagógico. Neste encaminhamento, o esporte aparece relacionado à dimensão cultural do movimento humano, sendo reconhecido como um dos conhecimentos e conteúdos da Educação Física.

Porém, com relação aos participantes deste estudo, eles reconhecem o esporte, conseqüentemente a Iniciação Esportiva, como algo que possui um corpo de conhecimento, relacionado a:

(...) Arcabouço teórico; Desenvolvimento motor; Aprendizagem; Didática; Prática de ensino; Conhecimentos dos assuntos do dia a dia (cultura geral); (...) (**E3-GDC** – Quadro XXI(a))

(...) Conteúdos da Licenciatura; didática; prática de ensino; experiência propiciada pela prática de ensino; pedagogia do desenvolvimento; crescimento do indivíduo. (...) (**E1B-GPA** – Quadro XXI(a))

(...) Conhecimentos sobre aprendizagem motora; crescimento físico e desenvolvimento motor; especificidades das modalidades esportivas; saiba como se dá o ensino-aprendizagem ao longo, avanço da idade; sustentação biológica com enfoque na aprendizagem motora; a questão do ambiente interagindo nessa evolução biológica. (...) (**E3-GPF** – Quadro XXI(a))

Ainda neste encaminhamento, ao reportar-se para a Legislação que provavelmente fundamentou a formação dos entrevistados (Resolução CFE nº 69/69, Parecer CFE nº 672/69 e Resolução CFE nº 03/87), encontrar-se-ão conhecimentos, saberes e disciplinas, como: Didática; Psicologia da Educação; Matérias Gimnico Desportivas; Aprendizagem Motora; Psicologia Desportiva; Teoria, Prática e Metodologia de diversos Desportos, entre outras (SOUZA NETO, 1999, p.107). Dessa forma, torna-se consistente a colocação dos entrevistados no

que se refere aos fundamentos e saberes específicos do profissional da Educação Física para o Esporte e a Iniciação Esportiva.

5.1.1 – Esporte

Observou-se nas respostas apresentadas no Quadro XVI, sobre o que é esporte, que os entrevistados têm visões amplas e restritas do esporte, podendo ser compreendida como esporte-educação, esporte-participação (que englobaria atualmente, saúde e qualidade de vida) e esporte-competição.

Nos encaminhamentos dados, o esporte-competição foi visto como uma atividade normatizada, regida por regras, institucionalizada, envolvida, necessariamente, com a competição, seja ela de alto nível ou no nível mais elementar, nas seguintes descrições:

(...) é uma atividade física organizada, (...), que tem um conjunto de regras (...) envolvido em competições (...) (...) a gente pode fazer o esporte só recreativo, mas normalmente, (...), a gente tá pensando num tipo de competição, por mais amena que seja (...) **(E1-GDC, Quadro XVI)**

(...) algumas atividades que envolvem principalmente regras, (...) **regras específicas, (...)** **muito bem estabelecidas, ...** têm que ser cumpridas, (...) **(E1L-GPA, Quadro XVI)**

(...) uma atividade organizada, vc tem algumas regras, **uma atividade dirigida, organizada, vc tem algumas regras quando existe competição (...)** **(E2B-GPA, Quadro XVI)**

Estas descrições também encontram a sua referência na literatura quando se coloca que por esporte-competição se entende

(. . .), o esporte-performance ou de rendimento, que muitos chamam de esporte de alto nível ou alta competição, foi a manifestação esportiva que norteou o conceito de esporte durante muito tempo, e hoje representa apenas uma parte da abrangência desse conceito. Foi a partir do esporte de rendimento que surgiram o esporte olímpico e o esporte como instrumento político-ideológico.

O esporte de rendimento é disputado obedecendo rigidamente às regras e aos códigos existentes, específicos de cada modalidade esportiva. Por isso é considerado um tipo de esporte institucionalizado, do qual fazem parte federações internacionais e nacionais que organizam as competições no mundo todo. (TUBINO, 1999, p. 27-28)

Entretanto, há também, como foi colocado anteriormente, a compreensão do esporte em sentido amplo, nas suas mais diversas dimensões, como esporte-participação, como “lazer”, “espetáculo”, “atividade lúdica”, “qualidade de vida”, nas seguintes falas . . .

(...) tem o aspecto de lazer, o aspecto de espetáculo (...) tem tantas vertentes ligadas a . . . ascensão social, a consumo, a rendimento, a saúde (...) (E2L-GPA, Quadro XVI)

(...) esporte para todos, eu acredito nisso, eu acho que esporte é para todos, desde da (...) da criancinha, até idoso, (...) (E3L-GPA, Quadro XVI)

(...) e existe um **desporto de participação**, são aquelas pessoas que não tem uma habilidade especial, uma capacidade especial pra nenhum tipo de desporto competitivo, ainda que a tenha, que tem essa capacidade, não quiseram seguir pro desporto de competição, e é um direito de todos, (...) (E4-GPF, Quadro XVI)

Com relação a este aspecto se pode dizer também, que o esporte-participação, de fato, assinala que:

O esporte-participação ou esporte popular, por sua vez, se apóia no princípio do prazer lúdico, no lazer e na utilização construtiva do tempo livre. Esta manifestação esportiva não tem compromisso com regras institucionais ou de qualquer tipo e tem na participação o seu sentido maior, podendo promover por meio dela o bem-estar dos praticantes, que é a sua verdadeira finalidade.

O esporte-participação, pelo envolvimento das pessoas nas atividades prazerosas que oferece, ainda proporciona o desenvolvimento de um espírito comunitário, de integração social, fortalecendo parcerias e relações pessoais. Ele propicia o surgimento de uma prática esportiva democrática, já que não privilegia os talentos, permitindo o acesso de todos. É a manifestação do esporte que mais se aproxima do jogo, sem esquecer as suas ligações com a saúde. (TUBINO, 1999, p. 27-28)

Numa outra visão, o esporte também foi apontado como um meio educacional (esporte-educação), como integrante de uma estratégia de formação do ser humano em todos os seus aspectos, como se pode observar nestas indicações . . .

(...) **muda a formação do ser**, (...) num contexto geral, não só físico, como psicológico, emocional e outros tantos, (...) (“**E2-GDC** – Quadro XVI)

(...) deporto educacional, (...) é que tem um **desporto**, especialmente no sistema formal, **educacional**, que deve ter prioridades com educação, (...) (**E4-GPF** – Quadro XVI)

(...) o **esporte** pode ser um **meio educacional** fabuloso, quando bem direcionado, (...) (**E1B-GPA** – Quadro XVI)

(...) tem que saber trabalhar isso no ambiente escolar e trabalhar isso voltado pro aspecto educacional, (...)ele é uma ótima ferramenta, (...)é uma das formas de manifestação humana mais bonitas, (...)é **uma ferramenta educativa**, (...) (**E2L-GPA** – Quadro XVI)

Na literatura esta questão foi vista considerando que o “esporte-educação tem um caráter formativo”, pois se “baseia em princípios educacionais, como participação, cooperação, co-educação, integração e responsabilidade” (TUBINO, 1999, p. 27). Portanto, é uma visão disseminada enquanto um enfoque que tem na educação o seu fim. De forma que o esporte seria um meio para se atingir estas finalidades.

No geral, embora distintas, estas visões não se contradizem, mas expressam um mapeamento de intervenção num dado espaço social. Dessa forma, pode-se vislumbrar no esporte, dependendo do enfoque, que . . .

(...) os seus participantes são denominados de atleta, o que implica dizer que há um conhecimento maior a respeito da história de seus eventos esportivos, dos níveis e status das conquistas prévias em seus eventos, dos ensinamentos técnicos, e, acima de tudo da presença de juízes ou árbitros que fazem a existência das regras formalmente prescritos de ações e processos evidentes. (...) ou seja, o esporte envolve sempre uma situação de confronto, vitória e esforço físico na designação do campeão e/ou do recorde. (SOUZA NETO, 1992, p.30 e 32)

(...) um importante patrimônio cultural da humanidade (...)” “(...) pode assumir características diferenciadas, por exemplo, o esporte rendimento e o esporte como conteúdo da educação física, mas mantendo a sua essência. (TANI, 2002, p. 109).

Parlebas (citado por Belbenoit, 1976), esclarece o caráter dialético do esporte:

O desporto não possui nenhuma virtude mágica. Ele não é em si nem socializante nem anti-socializante. É conforme: ele é aquilo que se fizer dele. (p.114) (BETTI, 1988, p.51)

Sobre a questão do Esporte, a opinião, da maioria, dos entrevistados apresenta um equilíbrio, como foi destacado na apresentação dos resultados – Quadro XVI. É natural ver o Esporte como um conjunto de habilidades específicas, com regras estabelecidas, tendo como fim a competição, pois, ao se falar em esporte, a imagem que surge é aquela oferecida pela mídia, ou seja, o esporte de rendimento, o esporte espetáculo (TANI, 2002, p. 108).

Apresentar o Esporte de uma maneira mais abrangente, demonstrando suas outras tantas aplicações, como: “lazer”, “educação”, “lúdico”, “saúde”, também se torna compreensível, pois nos dias atuais percebe-se uma

crecente adesão ao estilo de vida saudável, e o esporte é assimilado de maneira ampliada, para além do entretenimento e do espetáculo, transformando-se numa “cultura do cotidiano” (BENTO, 1999, p.51). Além de ser considerado um dos principais fenômenos sociais, passa a ter também um *status*, que o torna ainda mais abrangente, que é o de “qualidade de vida”. (MOREIRA, 2002, p. 5)

Porém, gostaríamos de ressaltar a visão de Esporte de outros três (3) participantes (**E2-GDC, E4-GDC, E2-GPF** – Quadro XVI) que, mesmo sendo minoria, nos traz um importante contraponto de análise ao vê-lo de maneira mais ampla, como um “fenômeno social”, “formação do ser”, “uma das entidades que podem salvar o mundo”, “potencial humanizante e humanizador”, e ainda um outro participante (**E3-GDC** - Quadro XVI), que o considera como um “fenômeno cultural”.

Segundo Garcia (1999), a palavra “jogo” permite um repertório tão vasto que justifica até seu uso como “coisa mais importante do mundo” (p.146-147). Para Tubino (1999) “(...) o esporte nasceu da evolução dos exercícios físicos, passando pelo jogo (...) Logo, é possível afirmar que os significados e valores que dão um sentido cultural ao esporte vêm dos jogos.” (p. 49). Berger (1983) aponta que o indivíduo se percebe através do seu “*local social*”, local esse que determina suas possibilidades na vida, bem como, é natural que ele ajuste suas opiniões à da maioria, pois sua atuação depende da forma como ele enxerga a fatia de mundo na qual ele vive (p.79 e 84-85).

Assim, cada qual (entrevistados) dentro de seu *lócus* tem uma percepção particular do Esporte e como tal, transmite na sua resposta elementos característicos de sua visão. Portanto, podemos inferir que os mesmos, de certa forma, apresentaram de fato, um contraponto aceitável, pois, ao pensarmos o Esporte como um “fenômeno”, que como tal, libera ramificações que se entrelaçam, formando uma grande teia, interligada, necessitaria profundos estudos, de diversas áreas, para tentar desvendá-lo na sua totalidade. Porém, no momento este recorte se concentrará na “Iniciação Esportiva”.

5.1.2 – Iniciação Esportiva

Verificou-se através da análise das citações contidas no quadro – Quadro XVII – O que é Iniciação Esportiva, que a Iniciação Esportiva foi descrita pelos participantes, em sua maioria, como uma “etapa”, “processo”, “em estruturação de base, de movimentos de base daquele esporte”, o que vai ao encontro dos estudos apresentados por Edwards (1973, p.12) quando se assinala que no jogo, ainda, há espaço para a espontaneidade, mas que o mesmo é marcado por uma estrutura criada pelas regras, cujo objetivo é testar as habilidades dos participantes; como pode ser visto neste apontamento, quando se enfatiza:

(...) **passar para às crianças tanto as regras quanto os fundamentos pra praticar** (...) **essa parte de fundamentos** (...) **que é a habilitação pessoal dele para a prática do esporte** (...) (E1-GDC, Quadro XVII)

(...) A IE eu definiria como uma preparação, (...), uma primeira fase pra se chegar ao esporte (...) (E2B-GPA, Quadro XVII)

(...) uma preparação para a obtenção dos melhores rendimentos possíveis em cada uma das idades, (...) com base nas regras de cada uma das modalidades, nos melhores rendimentos possíveis de ser executados em cada uma das faixas etárias de acordo com aquilo que vai sendo aprendido. (...) (E3-GPF, Quadro XVII)

Esta compreensão ocorre também no espaço escolar público e pode ser balizada, facilmente, quando se observa a legislação – Resolução SE. 14/71 e 11/80 - que criou e regulamentou as *“turmas de treinamento”* e Resolução SE 173/2002, que atualmente regulamenta as *Atividades Curriculares Desportivas*, nas escolas públicas e na própria *“Proposta Curricular de Educação Física para o 1º grau”*, no que se refere à indicação para se trabalhar com a *“iniciação esportiva”* a partir da 5ª série (SÃO PAULO, 1991).

Neste direcionamento, Paes (2002, p.95), ao defender o esporte na escola, como questão de justiça social, vai colocar que esta compreensão ocorre em função de se saber que nos demais locais (clubes esportivos, academias e/ou escolas de esportes) o acesso é restrito a um número reduzido de crianças.

Partindo destas considerações, vamos perceber a Iniciação Esportiva como um “processo”, uma “preparação preliminar”, isto é, tendo como objetivo o esporte-competição, uma das classificações que foram apresentadas ao balizar a questão do Esporte, e que, através da sua relação direta, está presente também no mapeamento da Iniciação Esportiva, bem como, as outras classificações (esporte-educação e esporte-participação), o que pode ser compartilhado com Martins Pereira, 2004 . . .

(...) pode-se afirmar que as modalidades esportivas se diferenciam quanto: a) ambientes em que são praticadas – escolas, ginásios, espaços públicos, clubes, praias etc; b) nível social dos praticantes – em especial no que se refere à aquisição de materiais para a prática esportiva, que pode possibilitar ou não o acesso do indivíduo à modalidade; c) **objetivos dos praticantes – rendimento, saúde, diversão, desenvolvimento de habilidades motoras**¹²; d) interesses econômicos e políticos etc., (p.21)

Acompanhando esta linha de raciocínio, três (3) participantes completaram sua opinião indicando a Iniciação Esportiva como suporte para o esporte-participação, como nestas afirmações . . .

(...) um desenvolvimento (...)uma experimentação (...) uma conscientização das habilidades motoras básica (...) (**E2L-GPA** – Quadro XVII)

(...) ter contato com tudo, com ritmo, com todos os tipos de habilidades (...) pra formação, construção motora do indivíduo durante toda a vida. (...) (**E1B-GPA** – Quadro XVII)

(...) trabalhar algumas coisas que possam auxiliar na hora que vc vai fazer o esporte, por ex. correr, saltar, girar, algumas das habilidades, (...) (**E2B-GPA** – Quadro XVII)

Entretanto, dois (2) outros participantes se preocupam em demonstrar que, ao falar da Iniciação Esportiva como uma “etapa para o esporte”, nela estão embutidos outros conceitos que apontam para o “*processo educacional*”, “*de formação do indivíduo*” (esporte-educação), como:

(...) obviamente que perpassa um processo educacional (...) (**E1-GPF**, Quadro XVII)

(...) tem coisas embutidas, afetivas, (...) quando eu to falando em desporto eu to dando essa abrangência, (...), em sociabilização, em cooperação, em co-gestão, em co-responsabilidade, que são princípios da Carta Brasileira de Desporto Escolar, (...) (**E4-GPF**, Quadro XVII)

¹² O negrito é nosso.

Estes dois (2) sujeitos juntaram-se então, a outros quatro (4) que indicaram na Iniciação Esportiva, um “aspecto educacional” e um “processo de valorização”, “socialização” e “formação do próprio ser”, como está apresentado nos resultados . . .

(...) na **I** também deve ser trabalhados os **valores**, que são importantes pro próprio esporte, pro jogo, pra vida, pro dia a dia, e a gente frisa muito o seguinte, que a gente inicia no esporte para a vida, (...) (**E3-GDC**, Quadro XVII)

(...) **O objetivo principal é (...) valorização do próprio ser, a formação do próprio ser**, (...) todo um crescimento, de ser um cidadão sociável, politizado, de participar, (...) (**E2-GDC**, Quadro XVII)

(...) **o nosso objetivo é a formação pessoal da criança**, (...) se ele vai se transformar num atleta, isso não é o caso pra nós, eventualmente ele pode vir a ser, mas o nosso objetivo não é esse (...) “ (**E4-GDC**, Quadro XVII)

(...) , **é uma socialização geral do grupo**, (...) é uma parte principal, objetivo enormemente principal (...) (**E1L-GPA**, Quadro XVII)

Após esta explanação, pode-se constatar que, as respostas são apresentadas respeitando as mesmas dimensões advindas do Esporte. A Iniciação Esportiva também abrange a questão educativa, demonstra a intenção da participação do indivíduo na atividade física, bem como, lhe dá o passaporte para o esporte de competição. Assim, é um processo que está diretamente atrelado ao Esporte e, portanto, ao processo educativo, competitivo e de participação (qualidade de vida).

Na definição de Barbanti (1994, p.92), de Educação Motora, já se observa uma vinculação da preparação motora com a formação de valores ao se assinalar “Atividade didática e pedagógica que objetiva iniciar, desenvolver e

aperfeiçoar a capacidade de movimento de um indivíduo, bem como formar uma série de valores acerca do mesmo”.

Da mesma forma, na Revisão de Literatura, no item 2.2.1 – Iniciação Esportiva: alguns conceitos, buscou-se esclarecer algumas divergências quanto a terminologia e uniformidade no conceito de Iniciação Esportiva, onde somente pode-se perceber que não há consenso sobre este assunto.

Apresentada dessa forma abrangente pelos participantes deste estudo, a Iniciação Esportiva também está para alguns autores como “*momentos diferentes*”. Para alguns ela abarca o momento da preparação já específica de algum esporte, enquanto que para outros, ela não objetiva a especificidade e sim uma fase de jogos preliminares, uma fase lúdica.

Para uns a iniciação desportiva abarcaria uma fase lúdica em que o jogo seria dominante. Para outros, essa fase lúdica não seria considerada iniciação desportiva, uma vez que esta implica a adoção de concepções do treino desportivo. (FARIA JUNIOR, 1999, p. 334)

(...) procurando tornar educativa a iniciação, aproximando-a do jogo e afastando-a da rigidez do treino desportivo. (FARIA JUNIOR, 1999, p. 335)

Assim, é possível afirmar que a Iniciação Esportiva, embora atrelada a todo processo do fenômeno esportivo, apresenta uma característica particular, uma identidade. Ela pode sim, ser considerada uma etapa preliminar, um processo antecessor, e como tal, busca um determina objetivo, e é neste momento que sua abrangência torna-se considerável, pois, de forma lúdica ou não, ao preparar para

o esporte, não se pode abandonar as amplas dimensões que ele se propõe e que neste estudo se tornaram bastante claras.

A competição, a educação e a participação (socialização, qualidade de vida, saúde) são, de fato, elementos presentes no processo da Iniciação Esportiva e que por isso devem receber a devida atenção no processo de formação do profissional que irá atuar neste fragmento do campo de atuação da Educação Física.

5.2 – A Iniciação Esportiva, enquanto prática profissional, incorpora um *habitus* próprio naquilo que diz respeito à formação, qualificação, competências, saberes, habilidades?

A questão do *habitus* foi apresentada por Bourdieu (1983-1989) como originária de determinadas práticas sociais, que configuram um determinado comportamento/atitude perante a incorporação de um capital simbólico em sua prática.

Sobre a questão do *habitus*, Tardif, Lessard e Lahaye (1991, p.229) vão assinalar que eles aparecem nos saberes específicos do trabalho cotidiano e no conhecimento de seu meio, nos saberes da experiência. De modo que incorporam-se à vivência individual e coletiva sob a forma de *habitus* e de habilidades, de saber fazer e de saber ser. Portanto, se fixa num estilo de ensinar, em macetes, enfim, de quem é capaz de ensinar ou de fazer aquilo.

Para a questão profissional, que foi abordada no Quadro XVIII, a mesma apresentou como especificidade a formação em Educação Física, seja do bacharel/graduado ou do licenciado/formação de professores da Educação Básica. Por exemplo:

(...) professores; graduados; bacharéis; licenciados. (...) (**E2B-GPA**, Quadro XX);

(...) professores formados em Educação Física; registrados no CREF; (...) (**E4-GDC**, Quadro XX);

(...) ser um educador, que é aquele que além de ensinar, questiona, dá possibilidades de . . . de que haja uma troca de experiências, então um educador, . . . Um educador que pode ser um licenciado e pode ser um bacharel ou graduado,(...) há de se ter um educador (...) (**E1-GPF**, Quadro XX).

No âmbito desse processo, estas colocações vão ao encontro da atual legislação que regulamenta a profissão (Lei 9696/98) ou da própria LDBEN 9394/96, que normatiza a educação, o campo escolar.

Dessa forma, para os participantes desta pesquisa, o fundamental é que este profissional tenha e/ou seja

(...) formação acadêmica (...) (**E1L-GPA**, Quadro XXIII(a))

(...) um profissional competente; licenciado, graduado, (...), competente; (...) (**E1-GPF**, Quadro XXIII(a))

(...) perfil pedagógico; perfil do educador; perspectiva educacional; (...) (**E2L-GPA**, Quadro XXIII(a))

De acordo com estes apontamentos, o *habitus* estaria atrelado ou vinculado a uma prática pedagógica fundamentada numa formação superior em que a competição relacionada aos conteúdos da Iniciação Esportiva seriam imprescindíveis, nos trazendo subjacente a eles a imagem de um educador.

5.2.1 – Dentro deste contexto, a prática pedagógica dos profissionais que trabalham com Iniciação Esportiva na escola e no ambiente não escolar apresenta uma especificidade própria?

A questão da prática pedagógica que perpassa o trabalho desse profissional não está circunscrita ao domínio metodológico e ao espaço escolar ou se reduz à ação dos professores. De modo que os conhecimentos que dizem respeito à prática pedagógica não se acham vinculados exclusivamente a uma teoria educacional, mas se acham também ligados à experiência pessoal e social, que tem lugar dentro e fora da escola (CATANI, BUENO, SOUSA E SOUZA, 1997, p. 36)

No âmbito desta questão, verificou-se através da análise das citações contidas nos quadros XVII – O que é Iniciação Esportiva, XVIII – Locais Onde a Iniciação Esportiva Ocorre e XIX, Faixa Etária da Iniciação Esportiva, que a mesma, na visão dos participantes, tem uma estrutura própria, fundamentada em conteúdos e saberes específicos. Portanto, prefigura-se como tendo “quando, onde e como” acontecer, como podemos perceber nesta fala

(..), **5ª, 6ª série até ali, 7ª série, da pra esse trabalho mais . . . é . . . global** e a partir daí eu vejo . . . , a importância de começar a se estabelecer alguns caminhos, . . . um projeto especializado, . . . **daí deveria ter centros de práticas, seja municipal, seja estadual, seja até federal** (...) (E4-GPF, Quadro XVII)

No que concerne aos locais propícios para a realização da Iniciação Esportiva, conforme foi demonstrado no Quadro XVIII, este campo de atuação da Educação Física, se apropriou, ou demarcou como seu território, tanto os locais

públicos, como os privados, do tipo: “escolas”, “ginásio de esporte”, “clubes”, “escolinhas de esporte”, “academias”. Por exemplo: “ambiente escolar formal, ambiente escolar informal (escolinhas, clubes, etc)” (**E1-GPF**, Quadro XVIII). Dessa forma esta prática pedagógica também se vincula a esta experiência social.

Todavia, na ocupação desses espaços sociais, quer seja na esfera pública ou privada, a sua organização se dá por faixas etárias apropriadas para a Iniciação Esportiva, como foram indicadas no Quadro XIX, em que se apresentaram também determinadas convergências em relação ao seu início na primeira infância.

Para os participantes deste estudo, num exercício de mapeamento do fluxo da faixa etária para a aprendizagem de habilidades, as modalidades individuais, como natação e as ginásticas têm um início mais precoce por volta dos 7, 8 anos, enquanto que as modalidades coletivas deverão ter o seu início por volta dos 11 anos. Esta idade corresponderia a criança que está na 5ª série e tem o seu referendo tanto no que se refere aos subsídios da Educação Física quanto na opinião dos participantes, e também com o que apresenta a literatura, que foi demonstrada nos estudos de Arena e Böhme (2000, p.185) e Silva et al (2001, p.50).

5.2.2 – Da mesma forma pergunta-se: a Iniciação Esportiva exige procedimentos metodológicos relativos ao perfil profissional de alguém que mais educa (formação) ou do indivíduo que está mais preocupado com as técnicas de aprendizagem (instrumentalização)?

A questão do perfil profissional de quem trabalha com a Iniciação Esportiva não foi tarefa singular, pois os participantes se preocuparam mais em focar os atributos pessoais do que os conhecimentos, competências e capacidades.

Nas respostas apresentadas nos quadros XXI(a), XXI(b), XXII(a), XXII(b) e XXIII(a) e XXIII(b), referente aos saberes e perfil ideal do profissional (competências) para atuar na Iniciação Esportiva, observou-se a forte presença de um perfil mais generalista, com conhecimentos mais amplos, do que um perfil em que se valorizassem os saberes específicos.

(...) vários conhecimentos; conhecimento mecânico, conhecer a estrutura mecânica da criança; conhecimento biológico, estrutura motora; conhecimento afetivo, a estrutura mental; conhecimento social, estrutura social; anatomia; sociologia; história da educação; teoria da aprendizagem e controle motor; conhecimento do esporte em si; fisiologia; interrelação entre as áreas médica, social, afetiva; conhecimentos pontuais que se interligam, inter cruzam, inter relacionam; conhecimento muito grande, em grandes e distintas áreas; (...) **(E1-GPF – QD. XX(a))**

Sobre esta questão do perfil profissional, este não foi vinculado, necessariamente, com a questão dos saberes que dão sustentação à formação profissional, mas, prioritariamente, a atributos de natureza pessoal. Porém estes

não foram descontextualizados da realidade, pois se valorizou atitudes e comportamentos relacionados à moralidade, sociabilidade, afetividade, capacidade (habilidade), bem como, a escolha pessoal. Na realidade, estes atributos não estão fora da esfera do conhecimento, mas refletem domínios do conhecimento relativos ao desenvolvimento moral, desenvolvimento afetivo, desenvolvimento social, desenvolvimento cognitivo, desenvolvimento motor. Portanto, dão uma identidade pessoal, mas também, coletiva, ou seja, profissional. Por exemplo:

(...) gosto pela especialidade; sério; competente; amor ao esporte; gosto pela criança, prazer de lidar com ela; gostar de trabalhar com crianças; (...) (**E4-GDC**, Quadro. XXII(a))

(...) recreador; ter conhecimento acadêmico; gostar do lúdico; proporcionar uma prática muito agradável; profissional que acrescente, traga coisas novas; respeito às crianças; asseado; boa conduta; ter valores; ser o exemplo, o ídolo; verdadeiro; amoroso; ter a mesma filosofia da instituição; desprendido (preparar para o mundo e não para si) (...) (**E3-GDC**, Quadro XXIII(a))

Estas características, competências, habilidades, tanto podem ser encontradas nas propostas curriculares de formação profissional quanto nos subsídios curriculares para a Educação Básica, ou mesmo, nas políticas públicas vinculadas ao esporte.

Segundo Nascimento (2002)

A competência profissional em Educação Física foi definida operacionalmente como um conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes necessárias para uma atuação profissional adequada. Esta caracterização indica que o profissional necessita possuir conhecimentos amplos da realidade na qual vive em diferentes dimensões (cultural, social, econômica, . . .), bem como conhecimentos específicos dos conteúdos necessários para o seu desempenho profissional. Da mesma forma, necessita dominar

habilidades que o capacitem para o desenvolvimento de propostas pedagógicas. Além disso, precisa assumir e comprometer-se com atitudes de respeito (tolerância, flexibilidade, reflexão, . . .) e de aceitação da diversidade de gênero, raça idioma e religião. (p.76)

Em seus estudos, o autor apresenta um mapeamento das necessidades que compõem as competências do Profissional de Educação Física, conforme quadro elaborado abaixo (p. 81-95). Estas “*características*” referendam a fala dos entrevistados deste estudo, como se pode observar a seguir.

QUADRO XXIV - Competências do Profissional de Educação Física

CONHECIMENTOS PROFISSIONAIS EM EDUCAÇÃO FÍSICA	HABILIDADES PROFISSIONAIS EM EDUCAÇÃO FÍSICA	ATITUDES PROFISSIONAIS EM EDUCAÇÃO FÍSICA
Conhecimento Conceitual ou Disciplinar – compreende o conhecimento da matéria e dos assuntos de ensino e aprendizagem em Educação Física.	Habilidades de Planejamento	Atitudes de Iniciativa
Conhecimento Pedagógico ou Procedimental	Habilidades de Comunicação	Atitudes de Atualização e Aprimoramento Pessoal
Conhecimento do Contexto	Habilidades de Avaliação	Atitudes de Flexibilidade e Liderança
	Habilidades de Incentivação	Atitudes de Competitividade
	Habilidades de Intervenção	
	Habilidades de Auto-Reflexão	

Considerando as características apontadas anteriormente como etapas do processo educativo, vamos encontrar em Bento (1999) uma ampla indicação dessa formação e educação do indivíduo nos lugares possíveis de se vislumbrar o esporte e seus interventores, especificamente o professor de Educação Física, o treinador e o dirigente, e o clube, como um desses locais,

(...) o Professor de Educação Física foi visto, em muitos ensaios, como um educador por excelência, porquanto a sua actuação colocava menos a ênfase na transmissão de matérias e na aprendizagem de conhecimentos e mais no desenvolvimento da personalidade do indivíduo, através da abordagem de valores humana, social e culturalmente relevantes. (.p. 61)

(...) o treinador exerce uma influência muito pronunciada sobre as atitudes e comportamentos, sobre os princípios, valores, orientações e sentidos de vida dos atletas. Pelo menos é isso que se desprende de numerosos testemunhos e depoimentos de antigos e actuais desportistas. (p. 84)

A formação da pessoa acontece sempre em determinados espaços ou locais. Ora um dos locais clássicos de educação e formação é sem dúvida o clube desportivo. (p.83)

Assim, Santana (2002, p. 177), citado no tópico anterior, apresenta as outras dimensões que envolvem a Iniciação Esportiva, e o termo Pedagogia do Desporto de Bento (1999, p.19-172) parece responder as questões referentes à ela, demonstrando que a posição dos participantes sobre os saberes, competências e o perfil adequado para atuar com Iniciação Esportiva é clara e condizente com a literatura.

Embora haja esta constatação, os participantes apontaram para a necessidade de uma formação ampla (generalista), com conhecimentos específicos ou característicos desse campo de atuação, mas com ênfase nas questões comportamentais (escolha, moralidade, habilidades, competência etc.), como:

(...) boa conduta; ter valores; ser o exemplo, o ídolo; (...) (**E3-GDC**, Quadro XXVIII(a))

(...) boa índole; bom caráter; (...) (**E1L-GPA**, Quadro XXIII(a))

(...) afetuoso, afetivo; um bom companheiro; um pai; (...) (**E4-GPF**, Quadro XXII(a))

(...) conhecimentos dos assuntos do dia a dia (cultura geral); (...)
(**E3-GDC**, Quadro XXI(a))

(...) conhecimento geral; (...) (**E1L-GPA**, Quadro XXI(a))

(...) conhecimento muito grande, em grandes e distintas áreas; (...)
(**E1-GPF**, Quadro XXI(a))

Portanto, quando os participantes manifestaram a sua opinião sobre o perfil profissional a ser contratado para trabalhar com a Iniciação Esportiva há a confirmação da qualificação pessoal, como sendo um quesito imprescindível. Desse modo valoriza-se a qualificação profissional no que diz respeito à identidade acadêmica. Por identidade acadêmica entende-se a necessidade da formação ser realizada em curso de Licenciatura ou curso de Graduação/Bacharelado. O reconhecimento da necessidade de formação está vinculado àquilo que Bourdieu denominou de capital cultural.

Com a apresentação destas questões pretendeu-se identificar o perfil “*ideal*” para o profissional que vai atuar com Iniciação Esportiva. Se houve a caracterização de alguns aspectos ou componentes, no âmbito das descrições, do *habitus*, tendo como pressuposto um perfil profissional, estas ocorreram vinculadas a aspectos de qualificação pessoal e profissional.

De fato, como pode ser observada na análise que se desenvolveu esta possibilitou afirmar que há vestígios de um *habitus* no que se refere ao espaço de atuação caracterizado no “gostar de esporte”, “gostar daquilo que faz”. Desse modo há saberes, competências e qualidades que são cobrados desse profissional e que referendam e identificam esta área, como a exigência de formação profissional, capital cultural. Entretanto, ao se perguntar sobre os

conhecimentos específicos e saberes técnico-acadêmicos encontrou-se presente, nas respostas, a ênfase num conhecimento mais amplo (generalista), podendo significar que para este estágio de desenvolvimento humano há a necessidade de se trabalhar as habilidades motoras básicas, o ser humano como um todo, repudiando-se, intrinsecamente, qualquer tipo de especialização.

Neste processo, buscando uma outra faceta deste perfil, não só a questão de formação técnica ou acadêmica, mas também um outro tipo de conhecimento ou, digamos, de qualidade foram valorizadas. Desse encaminhamento foram considerados característicos deste espaço, o que se denominou de “qualidade ou competência afetiva”, o “gostar do que faz”, “gostar de trabalhar com” e “gostar de crianças”; como uma das respostas mais freqüentes e condição *sine qua non* para se obter sucesso nessa atividade.

Pode-se inferir, através destas posições, que estas condições estão diretamente relacionadas com a complexidade que apresenta a questão do conhecimento na formação profissional para o ensino. Segundo Graça (1999, p.171) para a formação profissional não basta apenas o conhecimento, mas também “(...) uma compreensão crítica de como este conhecimento deve ser adequadamente relacionado com a prática”. Portanto, este comprometimento exigido pelos entrevistados estaria ligado à complexidade que envolve a formação, os saberes, conhecimentos e competências necessários ao profissional de Educação Física.

Na tentativa de agregar os conhecimentos técnico-acadêmicos e as demais “*qualidades*” esperadas desse profissional, se apurou vestígios próprios do *habitus* desse espaço de atuação que apareceu vinculado ao uso dominante que é feito dele.

Ainda que seguramente um esporte, uma obra musical ou um texto filosófico definam, devido às suas propriedades intrínsecas, os limites dos usos sociais que podem ser feitos deles, eles se prestam a uma diversidade de utilizações e são marcados a cada momento pelo uso dominante que é feito deles. (BOURDIEU, 1990, p.214)

Assim, é possível que neste determinado espaço do Esporte e da Educação Física, que é a Iniciação Esportiva, neste momento, de acordo com as influências sofridas pelo meio, apresente esta significação. Partindo dessas discussões, que procuraram cercear as possibilidades de apresentação dos diversos aspectos relativos a este campo de atuação, apresentaremos a seguir, as conclusões finais.

CAPÍTULO VI

CONCLUSÕES FINAIS

Tendo como objetivos identificar o que se entende por “iniciação esportiva”, averiguar os conhecimentos ou saberes tidos como imprescindíveis para se trabalhar com a “iniciação esportiva” e buscar o perfil profissional ideal de quem atuam no campo da “iniciação esportiva” realizou-se este estudo.

No que tange a compreensão da “Iniciação Esportiva”, ou do “Esporte como Iniciação” observou-se que este pode ser considerado como uma atividade física que oferece ao indivíduo inúmeras possibilidades motoras e vivências no processo de aprendizagem de um grande número de jogos e modalidades esportivas, buscando desenvolver as capacidades e habilidades humanas nas dimensões motoras, cultural, social, cognitiva e afetiva. De modo que objetiva encaminhar seus participantes para uma prática esportiva saudável.

No entanto, a iniciação esportiva se aproxima muito do conceito que se tem de esporte-educação, principalmente e esporte-participação, entendendo-a no âmbito do caráter formativo por envolver componentes relacionados a co-

educação, cooperação, integração, enfim, formação humana, humanização. Com relação ao esporte-participação este envolve o princípio do prazer lúdico no lazer e na utilização construtiva do tempo livre. Portanto, o que se encontra é que a Iniciação Esportiva, enquanto uma prática social também, absorve uma pedagogia social que abarca elementos da subjetividade humana presentes tanto na competição quanto na cooperação. Dessa forma se entendeu que a Iniciação Esportiva se constitui numa etapa do desenvolvimento humano, ficando estruturada entre o jogo, o conteste e o esporte.

Dentro deste contexto é fundamental colocar que ela foi vista como uma etapa, um processo e, sendo assim, a Iniciação Esportiva assume uma amalgama que mais a aproxima do processo educativo constituindo-se num meio e não um fim, característica básica daquilo que se denomina de educação.

Corrobora com este processo quando se delimita um perfil profissional em que se valoriza comportamentos e atitudes relacionados a uma biografia que traga subjacente a ela uma moralidade, uma sociabilidade, uma afetividade e, antes de tudo, uma escolha pessoal.

No que se refere ao objetivo de se averiguar os conhecimentos ou saberes imprescindíveis para se atuar no campo da Iniciação Esportiva, as respostas circunscreveram-se em torno de uma formação geral, não se privilegiando os saberes disciplinares específicos ou os saberes pedagógicos, mas compreendendo-os como interdependentes e necessários para esta faixa etária.

Porém, há necessidade de se registrar que a iniciação esportiva atrelada a Educação Física ou ao Esporte envolve um corpo de conhecimento relacionado ao desenvolvimento motor, a uma cultura corporal de movimento, a uma prática pedagógica ou a(s) ciência(s) do desporto vinculado a um desenvolvimento humano profissional.

No âmbito desse processo emerge a figura de um profissional generalista, tendo nos saberes específicos do trabalho cotidiano, no conhecimento do seu meio e no saber da experiência um *habitus* que lhe dá uma competência relacionadas a um saber fazer e um saber ser.

Em relação ao objetivo de se buscar o perfil profissional “*ideal*” para se trabalhar com a Iniciação Esportiva, o perfil profissional “*real*” que foi apontado pelos participantes assinalou para a perspectiva de um ator social que tenha como *habitus* gostar de esporte, gostar de criança, gostar daquilo que faz, tendo como capital cultural a formação acadêmica, além do que já foi arrolado anteriormente.

Embora o perfil profissional apareça dissimulado nas descrições do estudo no que se refere a ser um bachareal/graduado ou licenciado, colocando-se que isso não é fundamental o que prevalece é a figura do educador.

Como se sabe o educador não é necessariamente um professor e vice-versa, mas alguém que primeiro ensina a si mesmo é só depois vai ensinar aos outros.

Neste balizamento todos nós somos convidados a ser educadores e aqui pode residir um problema se não houver um esclarecimento: de qual educador estamos falando?

Estamos falando de um educador profissional que passa por um sistema convencional de formação em busca de seu capital cultural. E nisso reside toda a diferença. Um educador que apresenta como *habitus* uma afetividade, uma moralidade, uma sociabilidade, enfim uma dimensão pessoal como característica marcante de sua identidade.

Uma vez apresentado os objetivos da pesquisa e a interpretação do trabalho de campo que foi realizado nos cabe responder a questão central que deu início a esta investigação, qual seja, apontar *“Quais os indicativos da Iniciação Esportiva” que permitiriam identificar se este espaço social de intervenção é exclusivo de uma determinada área de formação?*

Como já foi colocado constatou-se que, para os participantes deste estudo, não há um perfil privilegiado naquilo que se refere a ser formado em Curso de Licenciatura ou Curso de Graduação/Bacharelado.

No contexto específico da Iniciação Esportiva, não há duas formas de se atuar ou dois capitais culturais distintos. Portanto, não se entra na discussão se há a necessidade de dois cursos (Bacharelado/Graduação e Licenciatura), ou, se os dois cursos atendem a formação adequada, pois não se apresentou como justificável, a priori, a delimitação de campos de atuação (ensino formal e ambiente não escolar). Aliás, esta questão coloca como ponto de interrogação se

os diferentes campos de intervenção na Educação Física de fato se justificam nos moldes como alguns têm sido propostos ou se é mais uma necessidade dos gestores de criarem uma bolha especulativa na qual, talvez, a demanda não a justifique.

Para os participantes, a questão central se resume no exercício de uma profissionalidade, em que a obrigação moral, o compromisso com a comunidade e a competência profissional (entendendo esta como algo que vá além do saber fazer e da detenção do conteúdo, mas que incorpora a esses processos a obrigação moral e o compromisso com a comunidade), falam mais alto do que esta pessoa ser formada por este ou aquele curso. E aqui temos uma questão *sue generis*, pois ao se apontar para os componentes dessa profissionalidade não estaríamos entrando nos limites daquilo que caracterizaria o professor em sua dimensão profissional?

Não se tem uma resposta objetiva para esta questão no momento, dando margem para novos estudos, mas um questionamento de que no imaginário, nas representações, desses participantes talvez habite a figura de um professor.

Todavia houve muito bom senso quando se apontou, no âmbito dos conteúdos, competências, habilidades, para a necessidade de uma formação ampla para quem vai trabalhar com a Iniciação Esportiva, significando dizer que para esta faixa etária se deva enfatizar a formação nas habilidades motoras

básicas, tomando-se um cuidado redobrado para não promover a especialização precoce.

O estudo mostrou tendências para uma visão particular da Iniciação Esportiva, principalmente com os Professores Formadores e com alguns Dirigentes e Coordenadores, onde há um predomínio das experiências motoras para qualquer fim - rendimento ou lazer, por exemplo; pois, assim como não existe mais uma visão única do esporte (rendimento), a Iniciação Esportiva se adapta, permitindo uma objetivação mais ampla, que não aquela que vise apenas iniciar no esporte para a competição, mas sim para quaisquer das possibilidades que ele hoje possa oferecer ao indivíduo, afinal

A qualificação do professor consiste em conhecer o mundo e ser capaz de instruir os outros acerca deste, (...) (ARENDDT, 1992, p. 239)

Qualquer arte, seja ela o ensino, a escultura, ou a magistratura, tem regras, mas o conhecimento das regras não faz o artista. A arte emerge quando o conhecedor das regras aprende a aplicá-las ao caso particular. A aplicação, por seu lado, requer uma consciência aguda das particularidades de cada caso e de como a regra pode ser modificada para se ajustar ao caso, sem ser posta completamente de lado. (SCHAWB, 1983, p. 265 apud GRAÇA, 1999, p. 170-171)

Partindo dessas considerações, acredita-se que a questão principal do estudo foi respondida de maneira satisfatória. Entende-se que um vasto material foi coletado, o que permitiria em novos estudos extrair mais informações, inclusive até o mesmo tema sob novas óticas.

Bourdieu nos auxiliou na compreensão do espaço esportivo e da profissão Educação Física com seus estudos sobre a representação das

estruturas dos campos sociais, nos dando indícios de um jogo circunscrito a luta de poder dentro dos sistemas que sustentam a Educação Física. Particularmente apontou-se para o início de uma discussão que deverá ser aprofundada em novos estudos quando se refere a um questionamento sobre como os professores formadores se vêm dentro do espaço profissional, qual é de fato sua função, e qual o “*produto*” que ele espera com sua atuação.

Nestes últimos anos, a Educação Física passou e vem passando por ajustes no que se refere à estruturação dos seus cursos. Até que ponto uma concepção particular ou individual determina o andamento ou a direção dessas alterações? Todos os membros das instituições de ensino superior compreendem (ou querem compreender) o “*produto*” que se obter com estas mudanças? Ou se trata de um exercício de retórica?

Estas indagações apontam para a concretização da idéia da Educação Física como uma profissão, um espaço social, um espaço de lutas, onde tensionam-se as relações de poder, próprias e características deste espaço.

Dessa forma, acredita-se que cabe uma continuidade deste estudo, para um aprofundamento nas discussões sobre o material coletado e uma relação da área com as estruturas e processos que a identificam.

REFERÊNCIAS

AMADO, J.; FERREIRA, M. de M. **Usos e abusos da história oral**. 5^a. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

ALVES-MAZZOTTI, A. J. e GEWANDSZNADJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais**: pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo: Ed. Pioneira, 1998.

ARENA, S. S. e BÖHME, M. T. S. Programas de iniciação e especialização esportiva na grande São Paulo. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, n. 14, Vol. 2, p. 184-95, jul./dez, 2000.

ARENDT, H. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 1992, p. 221-147.

BALBINO, F. Sociedade atual: um mundo mais esportivo. In: MACHADO A. A. (Org.) **Psicologia do esporte: temas emergentes**. Jundiaí: Ápice, 1997, p. 21 a 36.

BARBANTI, V. J. **Dicionário de educação física e do esporte**. S.Paulo: Ed. Manole, 1994. 1^a ed.

BARROS, G. N. M. **As Olimpíadas na Grécia Antiga**. São Paulo: Pioneira, 1996a, 47 p.

BARROS, R. S. M. Apresentação. In: BARROS, G. N. M. **As Olimpíadas na Grécia Antiga**. São Paulo: Pioneira, 1996b, p. IX-X47.

BENTO, J. O. Contextos e perspectivas. In: BENTO, J. O.; GARCIA, R. e GRAÇA, A. **Contextos da pedagogia do desporto – perspectivas e problemáticas**. Lisboa: Livros Horizonte, 1999, p. 19-112.

BERGER, P. L. **Perspectivas sociológicas**. Petrópolis: Vozes, 1983, p. 78-105.

BETTI, I. C. R. Esporte na escola: mas é só isso, professor? **Revista Motriz** – Vol. 1, nº 1, p. 25-31, junho/1995.

BETTI, M. **A educação física na escola brasileira de 1º e 2º graus, no período de 1930-1986**: uma abordagem sociológica. 1988. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Unesp/Rio Claro, 1988.

_____ **Educação física e sociedade**. São Paulo: Editora Movimento, 1991.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Lisboa, Difel, 1989.

_____ **Coisas Ditas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

BRACHT, V. A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo ... capitalista. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, n.7, v.2, 1986, p. 62-68.

_____ As ciências do esporte no Brasil: uma avaliação crítica. In: FERREIRA NETO, A., GOELLNER, S. V. e BRACHT, V. (Org.) **As ciências do esporte no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 1995, p. 29 a 49.

_____ Esporte, história e cultura. In: PRONI, M. W. e LUCENA, R. F. (Org.). **Esporte: história e sociedade**. Campinas, SP: Autores Associados, 2002, p.191-206.

BRASIL. Conselho Federal de Educação. **Decreto Lei nº 1212**, de 07 de abril de 1939.

_____ Conselho Federal de Educação. **Decreto-Lei nº 8270**, de 03 de dezembro de 1945.

_____ Conselho Federal de Educação. **Resolução nº 69**, de 02 de dezembro de 1969.

- _____ **Lei nº 6251**, de 08 de outubro de 1975.
- _____ **Decreto nº 91452**, de 19 de julho de 1985.
- _____ **Portaria Ministerial nº 598**, de 01 de agosto de 1985.
- _____ Congresso Nacional. **Lei nº 4024**, de 20 de dezembro de 1961.
- _____ Congresso Nacional. **Lei nº 9394**, de 17 de dezembro de 1996.
- _____ Congresso Nacional. **Lei nº 9696**, de 01 de setembro de 1998.
- _____ Conselho Federal de Educação. **Decreto-Lei nº 69450**, de 1 de novembro de 1971.
- _____ Conselho Federal de Educação. **Parecer nº 672**, de 04 de setembro de 1969.
- _____ Conselho Federal de Educação. **Parecer nº 215**, de 11 de março de 1987.
- _____ Conselho Federal de Educação. **Resolução nº 03**, de 16 de junho de 1987.
- _____ **Resolução CNE/CP nº. 1** de 18 de fevereiro de 2002a.
- _____ **Resolução CNE/CP nº. 2** de 19 de fevereiro de 2002b.
- _____ Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais**: educação física / Secretaria de Educação Fundamental. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. 2ª ed.
- _____ Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. **Resolução nº 07**, de 31 de março de 2004.

CAMARGO, D.A.F. A pesquisa e seus pressupostos epistemológicos. In: MICOTTI, M.C.O. **Alfabetização: intenções/ações**. Rio Claro: Costa, 1997, p. 153-182.

CAPANEMA, G. Escola nacional de educação física e desportos: Exposição de motivos apresentado ao Presidente da República, em 27.01.39, para a sanção do Decreto-Lei nº 1.212 de 17 de abril de 1939 que cria na Universidade do Brasil a Escola Nacional de Educação Física e Desportos. **Revista Brasileira de Educação Física**, Rio de Janeiro, n.13, p.24-7, 1945. (Republicado)

CAPARROZ, F.E. O Esporte como conteúdo da educação física: uma “jogada desconcertante” que não “entorta” só nossas “colunas”, mas também nossos discursos. **Perspectivas em Educação Física Escolar**, Niterói, v. 2, n. 1 (suplemento), 2001.

CAPINUSSÚ, J.M. A necessidade da presença do professor de educação física no trabalho das escolinhas. **Revista Sprint**. Março/Abril, s/d, p. 86 a 89.

CARDOSO, M. Quando é cedo demais. **Revista Veja**, 2 de abril, 1997, p. 70 a 73.

CASO, G. e POZZOLI, L. **Ética Social**: experiências da exigência ética hoje. p.1-15. Disponível em: <www.lafayetter.pro.br/artigos_ética.htm> Acesso em: 15 jul. 2005.

CASTELLANI FILHO, L. **Política educacional e educação física**. Campinas, SP: Ed. Autores Associados, 1998.

CATANI, D.B.; BUENO, B.O.; SOUSA, C.P. e SOUZA, M.C.C. História, memória e autobiografia na pesquisa educacional e na formação. In: CATANI, D.B.; BUENO, B.O.; SOUSA, C.P. e SOUZA, M.C.C. **Docência, memória e gênero**: estudos sobre formação. São Paulo, SP: Escrituras Editora, 1997, p.13-48.

CIABATINI, J. Jogar para ganhar. Mas o que? **Revista Cidade Nova**, ano XLV, nº 6, junho, 2003, p.38-39.

CONFEEF. **Resolução nº 046** de 18 de Fevereiro de 2002.

DAMATTA, R. O esporte e o jogo como formadores de comportamentos sociais. In: **Esporte e sociedade: ações socioculturais para a cidadania**. São Paulo: IMK relações Públicas, 2004, p. 115 a 127.

DARIDO, S. C. Os conteúdos da educação física escolar: influências, tendências, dificuldades e possibilidades. **Perspectivas em Educação Física Escolar**, Niterói, v. 2, n.1 (suplemento), 2001.

DE ROSE JUNIOR, D. A criança, o jovem e a competição esportiva: considerações gerais. In: DE ROSE JUNIOR, D. (Org.). **Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002, p. 67-76.

DRUMOND, J. G. F. Ética e Educação Física. **E.F. – Educação Física**. Ano II, nº 05, dezembro, 2002, p.30-32.

EDWARDS, H. **Sociology of sport**. Homewood, Dorsey, 1973. Tradução de Atílio Denardi Alegre. UNESP, Rio Claro, 1989, mimeografado.

FARIA JUNIOR, A. Atividade física e desporto. In: FARIA JUNIOR, A. G., CUNHA JUNIOR, C. F. F., NOZAKI, H. T. e ROCHA JUNIOR, C. P. (Org.). **Uma introdução à educação física**. Rio de Janeiro: Corpus, 1999. p. 311-340.

FERRAZ, O. L. O esporte, a criança e o adolescente: consensos e divergências. In: DE ROSE JUNIOR, D. (Org.) **Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002, p. 25-38.

FERREIRA, N. T. Qualidade de vida, meio ambiente e esporte: focos de complexidade. In: MOREIRA, W. W. e SIMÕES, R. (Org.) **Esporte como fator de qualidade de vida**. Piracicaba: Unimep, 2002, p. 49

FERREIRA, A. B. H. **Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa**. 10ª Edição. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira S.A., 1961.

GARCIA, R. Da esportivização à somatização da sociedade. In: BENTO, J. O., GARCIA, R. e GRAÇA, A. **Contextos da pedagogia do desporto – perspectivas e problemáticas**. Lisboa: Livros Horizonte, 1999, p. 115-163.

GEBARA, A. História do esporte: novas abordagens. In: PRONI, M. W. e LUCENA, R. F. (Org.). **Esporte: história e sociedade**. Campinas, SP: Autores Associados, 2002, p.5-30.

GRAÇA, A. Conhecimento do professor de educação física. In: BENTO, J. O.; GARCIA, R. e GRAÇA, A. **Contextos da pedagogia do desporto – perspectivas e problemáticas**. Lisboa: Livros Horizonte, 1999, p. 167-263.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1985, p.191-217.

HOLLMANN, W. e HETTINGER, Th. **Medicina de esporte**. São Paulo: Manole, 1983.

HUNGER, D. e SOUZA NETO, S. História e Currículo em educação física: corpo e “corpos” fragmentados. **Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança**. Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2002.

KORSAKAS, P. O esporte infantil: as possibilidades de uma prática educativa. In: DE ROSE JR. D. (Org.) **Esporte e atividade física na infância e na**

adolescência: uma abordagem multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

KUJAWSKI, G. M. **A crise do século XX**. São Paulo: Ática, 1988.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Unijuí, 1994.

LE GOFF, J. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão et al. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 1992 – 2ª Ed.

LEISTER FILHO, A. Dirigente afirma que EUA omitiram doping de Lewis. **Jornal Folha de São Paulo**, São Paulo, 18 de abr. 2003. Caderno Folha Esporte, p. D 1.

LUCENA, R. Elias: individualização e *mimesis* no esporte. In: PRONI, M. W. e LUCENA, R. F. (Org.). **Esporte: história e sociedade**. Campinas, SP: Autores Associados, 2002, p.113-138.

MARTINS PEREIRA, J. **A formação do bacharel em educação física e esporte: em contexto as disciplinas de voleibol**. 2004. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade Humana) – UNESP, Rio Claro, 2004.

MENESES, U.T.B. A história, cativa da memória? **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, 34, 1992, p. 9-24.

MOREIRA, W. W. Apresentação. In: MOREIRA, W. W. e SIMÕES, R., (Org.) **Esporte como fator de qualidade de vida**. Piracicaba: Editora Unimep, 2002, p.V.

NASCIMENTO, J.V. **Formação profissional em educação física: contextos de desenvolvimento curricular**. Montes Claros, MG: Ed. Unimontes, 2002.

PAES, R. R. **Aprendizagem e competição precoce: o Caso do Basquetebol**. – 3 ed. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

_____ A pedagogia do esporte e os jogos coletivos. In: DE ROSE JR. D. (Org.) **Esporte e atividade física na infância e na adolescência**: uma abordagem multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

PILATTI, L. A. Guttmann e o tipo ideal do esporte moderno. In: PRONI, M. W. e LUCENA, R. F. (Org.). **Esporte**: história e sociedade. Campinas, SP: Autores Associados, 2002, p.63-76.

PIMENTA, S. G. (Org.) **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez, 2002.

PUIG, J. M. **Práticas Morais**: uma abordagem sociocultural da educação moral. São Paulo: Moderna, 2004.

RAMOS, J. J. **Os exercícios físicos na história e na arte**. São Paulo: IBRASA, 1982, 348p.

RIOS, T. A. Ética e interdisciplinaridade. In: FAZENDA, I. (Org.). **A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento**. Campinas: Papirus, 1996, p. 121-136, (2ª ed.).

SANTANA, W. C. Iniciação esportiva e algumas evidências de complexidade. In: **Simpósio de Educação Física e Desportos do Sul do Brasil, XIV**, 2002, Ponta Grossa. Anais. Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2002, p. 176-180.

SANTIN, S. A ética e as ciências do esporte – uma consciência filosófica da questão. In: FERREIRA NETO, A., GOELLNER, S. V. e BRACHT, V. (Org.) **As ciências do esporte no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 1995, p. 07 a 28.

SÃO PAULO, **Decreto nº 4855**, de 27 de janeiro de 1931.

_____ **Resolução SE nº 14**, de 14 de fevereiro de 1971.

_____ **Resolução SE nº 11** de 18 de novembro de 1980.

_____ **Resolução SE nº 173** de 05 de dezembro de 2002.

_____ Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. **Proposta Curricular de Educação Física**. São Paulo: SE/CENP. 1985.

_____ Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. **Proposta Curricular de Educação Física**. São Paulo: SE/CENP. 1989

_____ Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. **Proposta Curricular de Educação Física – 1º grau**. 4ª ed. São Paulo: SE/CENP. 1991.

SAVIANI, D. Os saberes implicados na formação do educador. In: BICUDO, M. A. V.; SILVA JÚNIOR, C. A. **Formação de professor**. São Paulo: Ed. Unesp, v.1. 1996.

SHIGUNOV, V. Reflexões sobre o desporto escolar: questões de formação e competências. **Revista Paranaense de Educação Física**. Vol. 1, nº 1, p. 44-54, Maio-2000.

SILVA, F. M., FERNANDES, L. e CELANI, F. O. Desporto de crianças e jovens – um estudo sobre as idades de iniciação. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**. Vol. 1. nº 2 (p. 45-55). 2001.

SOUZA NETO, S. **Educação física, esporte e recreação**: perspectivas históricas e tentativa de definição. Rio Claro, 1992, 138 p. Pesquisa realizada no Departamento de Educação do Instituto de Biociências da UNESP de Rio Claro (não publicado).

_____ Corpo, Cultura e Sociedade. In: SOUZA NETO, S. **Corpo para malhar ou para comunicar?** São Paulo: Cidade Nova, 1996, p.9-37.

_____ **A educação física na universidade:** licenciatura e bacharelado – as propostas de formação profissional e suas implicações teórico-práticas. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, 334 p..São Carlos, 1999.

_____ Os Ídolos. **Revista Cidade Nova**, ano XLI, nº 6, junho, 1999, p.36.

SOUZA NETO, S. e HUNGER, D. A. C. F. A ética no esporte – desafios para uma “nova” sociedade. In: LIMA FILHO, A. A. e POZZOLI, L., (Org.) **Ética no novo milênio:** “busca do sentido da vida”. 3ª ed. São Paulo: LTr, 2004, p.335 a 362.

SUCHODOLSKI, B. **A filosofia e as grandes correntes pedagógicas.** Lisboa: Horizonte, 1984,

TANI, G. Esporte, educação e qualidade de vida. In: MOREIRA, W. W. e SIMÕES, R., (Org.) **Esporte como fator de qualidade de vida.** Piracicaba: Editora Unimep, 2002. p.103 a 116.

TANI, G. et al. **Educação física escolar:** fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista. São Paulo: EPU/EDUSP, 1988.

TARDIF, M.; LESSARD, C. e LAHAYE, L. Os professores diante do saber: esboço de uma problemática do saber docente. **Teoria e Educação**, Porto Alegre, v.1, n.4, p.31-55, 1991.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K. **Métodos de pesquisa em atividade física.** 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

TOURTIER-BONAZZI, C. de. Arquivos: propostas metodológicas. IN: AMADO, J.; FERREIRA, M. de M. **Usos e abusos da história oral**. 5^a. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

TUBINO, M. J. G. **O que é esporte**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

WEINECK, J. **Treinamento ideal**. 9^a Edição. São Paulo: Manole, 1999.

WERTHEIN, J. Esporte: uma estratégia para a vida. In: **Esporte e sociedade: ações socioculturais para a cidadania**. São Paulo: IMK Relações Públicas, 2004, p. 115 a 127.

ABSTRACT

The research theme of this paper deals with “sporting initiation” as a field of performance which occurs both in the academic or formal Physical Education, and the informal sports little schools of clubs, city halls, non-governmental agencies, and private enterprises in the form of little schools of soccer, swimming, volleyball, or academies etc. The purpose of this study is to investigate “sporting initiation” signs which could allow us to verify if this social environment of intervention is exclusive of a specific area of graduation. Thus, jointly with sports directors, we have tried to investigate: 1. what is the profile of the desired professional to perform in the field of “sporting initiation”; 2. which are the subjects and contents of the graduation courses that contribute to develop the profile of the professional who is going to work in this specific environment. Within the scope of this investigation, we have also tried to verify, among Physical Education professionals, how egresses of Bachelor of Arts and Educations courses, who are now working with sporting principles, evaluate their performance in the area of “sporting initiation”. In addition, we have interviewed university professors regarding the curriculum subjects which contribute towards “sporting initiation”. This issue becomes more relevant when one considers that (1.) The present legislation proposes new curricular plans related to the intervention fields of the Basic Education teacher and the Physical Education graduate (Resolutions CNE/CP 1/2002 and CNE/CES 7/2004); (2.) The existence of the 91452/85 Regulation, ordered by the Government Decree 598/85 where Sports is considered a RIGHT OF ALL. In searching for data which could help us identify our object of study, in addition to the literature and documents review, we have interviewed directors of institutions who hired both types of professionals – Licensed in Physical Education and Ba. Graduates who were working with sporting principles in those institutions. We have also interviewed public and private school coordinators, licensed graduates who were working in these schools, and professors from two public universities. The collecting method was oral, semi-structured interviews. Considering the relations involved in the process of “Sporting Initiation” within such a complex field as sports, and within such an important institution as the school in the social context, we have tried to understand these relations in the light of Pierre Bourdieu’s symbolic systems of the social milieu, its rules, characteristic constitution, systems structure, systematization, and the interrelation between the various social fields. Finally, after the presentation and discussion of results, we have arrived at the conclusion that as far as the participants of this study are concerned, there is not a privileged professional profile in terms of specific graduation, that is, license in Physical Education or Bachelor of Arts/Graduation Course. In conclusion, our interviewees favour a general, broad graduation background which emphasizes moral obligation and community commitment.

Key-words - professional graduation, sporting initiation, performance field, job market.

APÊNDICE 1

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Instituto de Biociências – Campus de Rio Claro

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento, que atende às exigências legais, o (a) senhor (a) _____ sujeito de pesquisa, após leitura da **CARTA DE INFORMAÇÃO AO SUJEITO DA PESQUISA**, ciente dos serviços e procedimentos aos quais está submetido, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e do explicado, firma seu **CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO** de concordância em participar da pesquisa proposta.

Fica claro que o sujeito da pesquisa ou seu representante legal podem, a qualquer momento, retirar seu **CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO** e deixar de participar do estudo alvo da pesquisa e fica ciente que todo trabalho realizado torna-se informação confidencial, guardada por força do sigilo profissional.

Rio Claro, ____ de _____ de _____

Assinatura: _____ Consinto () Não Consinto ()

CARTA DE INFORMAÇÃO AO SUJEITO DA PESQUISA

Prezado Colega

Esta pesquisa tem como objetivos (a) averiguar, junto a gestores (dirigentes) ligados a ONG, Clube, Academia e Secretaria de Esporte e Turismo (e/ou Departamento de Esporte e Turismo) o perfil do profissional desejado para atuar no campo da iniciação esportiva e, (b) identificar, na proposta curricular dos cursos de Bacharelado (Graduação) e Licenciatura, os conteúdos relativos à iniciação esportiva e o perfil profissional proposto. No segundo objetivo buscar-se-ia também verificar, junto aos egressos destes cursos, que trabalham com os fundamentos esportivos, como analisam a sua atuação na área da “iniciação esportiva”, bem como, junto aos professores universitários, as disciplinas do currículo que contribuem com a “iniciação esportiva”.

O resultado apurado será utilizado para a confecção da dissertação de mestrado desta pesquisadora na Universidade Estadual Paulista – Campus de Rio Claro, junto ao programa de pós-graduação em Ciências da Motricidade, sob a orientação do Prof. Dr. Samuel de Souza Neto.

Esteja certo de que você poderá, em qualquer momento da pesquisa, desistir de participar, sem qualquer constrangimento.

Agradeço sua colaboração e fica aqui o compromisso de notificação do andamento e envio dos resultados desta pesquisa.

Atenciosamente,

Iremeyre Rojas Vidal

APÊNDICE 2

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

GDC - GRUPO DOS DIRIGENTES E COORDENADORES

E1 – GDC / TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Entrevistadora – Bom, eu to conversando hoje com (. . .), coordenador aqui (. . .). (. . .), antes de mais nada eu gostaria de informar ao Sr. que a identidade aqui do colégio e a sua identidade não estarão reveladas no projeto, a gente vai ta utilizando alguns códigos pra identificar sem que apareça a escola, ta?

E1 - GDC – Tudo Bem!

Entrevistadora – Bom, professor, como o sr. definiria . . . o que é esporte pro senhor?

E1 - GDC - Bem, eu pratiquei natação, joguei basquete e vôlei, né, então o esporte pra mim é uma atividade, o esporte organizado tem regras e normalmente ele ta envolvido em competições, eu acho que é isso que caracteriza o esporte, a gente pode fazer o esporte só recreativo, mas normalmente, a gente fala em esporte, a gente ta pensando num tipo de competição, por mais amena que seja a competição, de veteranos, o que seja, mas é uma competição que muitas vezes ta envolvida.

Entrevistadora – Bom, com relação ao esporte? . . .

E1 - GDC – É, então eu acho que existe . . . , mas enfim, é uma atividade física organizada, programada, que tem um conjunto de regras que faz um atraente esporte aquático, esporte . . . jogo de bola etc, mas sempre envolvendo, normalmente, ou a parte coletiva também, em geral é importante, então é isso . . .

Entrevistadora – Agora, no âmbito do esporte, como que o sr, definiria o que é a IE?

E1 - GDC – Bem, a parte de . . . eu acho que IE é a gente passar às crianças tanto as regras quanto os fundamentos pra praticar daquilo, então o sujeito vai jogar basquete ele tem que aprender a bater bola, executar uma finta, fazer um bandeja, fazer um arremesso, suspensão e tal; voleibol, tem toque, tem manchete, tem saque, cortada, tem bloqueio, então essa parte de fundamentos que ele tem que é a habilitação pessoal dele para a prática do esporte e depois também a parte coletiva, que . . . a parte de tática, a parte de entrosamento, jogo coletivo e tal, então essas práticas fazem parte da IE, o sujeito habilitar o individuo para a prática de algum esporte.

Entrevistadora – Em que locais que o Sr. visualiza a IE, onde o sr. acredita que a IE acontece?

E1 - GDC – Bem, ela tem acontecido principalmente em escolas e instituições hoje até especializadas nisso, então, nos últimos anos apareceram muitas escolinhas de futebol por ex, escola de basquete, de vôlei, isso já é mais antigo tradicional no caso do judô, foi aí que começou a ter as academias de judô e o pessoal ia lá pra praticar judô e hoje tem uma infinidade disso, academias e tal, e os clubes também, como uma forma de atendimento ao associado, a família do associado, faz IE dos pequenos, dos filhos dos

associados, ensinando a jogar tênis, jogar basquete, vôlei, mas eu acredito que a parte de escola ainda é muito importante na IE.

Entrevistadora – Na visão de vocês qual a faixa etária que a IE abrangeria e como é que vocês definiram essa. . . chegaram a essa definição?

E1 - GDC - Bem, eu tenho insistido que a IE mesmo deveria começar lá por volta de 11 anos, eu tenho assistido com preocupação o início de escolinhas de futebol com crianças de quatro anos, tal, mesmo basquete, vôlei, que eu acho que, ao menos tem uma bibliografia médica aí contrária a isso, porque forçam tendões, ligamentos e tal e tem sido nocivo ao desenvolvimento harmônico e a saúde de muitas crianças, então, de minha parte eu acho que 5ª série, fazer uma parte geral, iniciação em algumas modalidades como, basquete, vôlei, natação não tenho nada contra, pode começar mais cedo, eu acho que natação a partir dos quatro anos tudo bem, desde que não seja uma natação assim muito , competitiva no sentido de forçar um sistema cardiovascular porque não tem problema de impacto sobre articulações, mas me preocupa hoje é futebol, muito cedo e problema de articulação . . .

Entrevistadora – Aqui na sua instituição, quem que trabalha com IE? E Porque, qual que é esse profissional?

E1 - GDC – É, eu tenho a Educação Física na escola até a 4ª série a cargo do próprio professor, então é uma EF mais recreativa e naturalmente com o objetivo de coordenação motora, uma porção de coisas, mas é mais recreativa mesmo, a partir de 5ª série é que começa a EF, eles tem três aulas por semana, na realidade nós fazemos duas sessões de uma hora e quinze cada e aí o professor faz o que eu chamo de EF geral, que é . . . tem a parte de coordenação motora, a parte de jogos, de recreação, uma porção de coisas e os fundamentos pra basquete, vôlei, então, o pessoal começa vôlei, então eles jogam o tal do câmbio, fazem uma porção de joguinhos e assim que estão levando a uma IE, mais no basquete e no vôlei, a natação vai por fora porque já começou mais cedo realmente, e também tem um pouquinho de atletismo e de futebol, mas é mais o basquete e o vôlei que tem assim o foco maior da escola, a tradição nesses dois esportes.

Entrevistadora – No caso, da 5ª em diante aí é o profissional da EF?

E1 - GDC – Isto, é o professor de EF, aí eu tenho dois na área masculina e dois na área feminina e cada um deles, por ex, na área masculina, tem um dos professores de EF ele foi jogador de basquete, ele é especializado de basquete, ele gosta de basquete e então ele cuida disto e o outro foi jogador de vôlei, jogador de seleção de vôlei, ele que cuida então da parte de vôlei, feminino a mesma coisa, então as crianças é que mudam de professor de tempos em tempos, a cada mês há um rodízio de professores.

Entrevistadora – No caso da natação que inicia antes, também é por um profissional de EF?

E1 - GDC – Também, ele é professor de EF e foi nadador, no caso e como eu disse, natação é por fora, que muitos começam mais cedo, mas eu não dispenso ninguém da 5ª série da aula de EF dos demais professores pra fazer natação, se ele quiser continuar a natação, o treinamento que ele já fazia antes, faz fora do horário da EF e a partir da 6ª série o garoto pode ou a menina tem ou a opção de continuar na turma de EF, que eu chamo de turma geral, que tem uma atividade variada, recreativa e vai passando por várias modalidades ou então ela se junta a uma turma de treinamento em uma das modalidades que tem dessas turmas, então basquete, vôlei, . . . turma de treinamento disto.

Entrevistadora – Esses professores de EF, no caso aqui da sua escola são licenciados?

E1 - GDC – Todos eles.

Entrevistadora – Qual que é o tipo de conhecimento específico que esse profissional que vai atuar com essas crianças, deveria ter?

E1 - GDC – Bem, os que eu tenho, esses professores que eu tenho aí, no caso, todos eles tem uma formação completa de EF, eu insisto muito que eles saibam trabalhar bem aquela turma dos não esportistas, então é a turma geral de EF, porque eu insisto muito que um aluno de 5ª a 8ª série, mesmo aqueles mais, mais . . . desengonçados, os gordinhos que não gostam de esporte etc tal, que tem uma tendência de fugir do exercício físico, isso hoje ta se tornando mais freqüente ainda, que eles sejam incentivados a ter uma gosto pela prática de esporte ou ao menos de exercícios de condicionamento físico e tal, então todos esse professores com sua formação em EF sabem atuar na área da EF geral, por outro lado eles têm um histórico de jogadores e atletas que treinaram aquela modalidade e que tem facilidade de passar isso pro alunos, entusiasmar o sujeito que vai jogar basquete, ele tem que criar o entusiasmo de quem vai lá pelo basquete e a gente tem promovido então amistosos e o que tiver de campeonato, a gente entra. O que infelizmente está cada vez menos, então ta difícil, a gente em Rio Claro, nos últimos anos voltaram alguns jogos e campeonatos entre as escolas particulares, só, e antigamente a gente tinha jogos infantis, jogos colegiais, levamos muitas equipes aí pra São Paulo, nas finais, final do interior em São Paulo e tal. Então o pessoal aqui tinha um gosto muito grande por participar de competição, porque a gente levava o garoto pro primeiro jogo aqui de Rio Claro, ele já tava falando aí que ia ficar campeão de RC, depois da região, depois de não sei que, do estado, campeão brasileiro, ele já se via campeão brasileiro e sul-americano, então isso é normal do garoto que ta olhando pra frente, querendo isso como incentivo.

Entrevistadora - Na sua opinião, qual que é o perfil profissional que essa pessoa que vai trabalhar com IE deveria ter? Além desses conhecimentos, que tipo de atitude, comportamento?

E1 - GDC – É, eu já citei, eu acho que ele tem que passar entusiasmo, professor de EF burocrata, esse não serve pra nada, ele tem que conseguir um grau de envolvimento e entusiasmo, e naturalmente tem que ter isso, mas é óbvio dentro da formação técnica dele, tem que ter conhecimento técnico pra ta passando isso, mas eu acho que das características humanas, essa capacidade de entusiasmar, essa liderança que ele deve ter e naturalmente um trato adequado, muitas vezes a gente tinha, isso hoje melhorou muito, mas os professores antigamente de EF, eles eram uma mistura de cabo e sargento e meio truculentos, uma maneira assim meio rústica de lidar com o aluno, que eu não vejo necessidade nenhuma disso, a gente pode ser “descolado” e animado e tudo, sem ser grosseiro, tratar o pessoal com civilidade.

Entrevistadora – E conseguir os mesmos resultados . . .

E1 - GDC – Exatamente.

Entrevistadora – Ou até melhores, né!?!?! (É isso aí!) Agora assim, pra finalizar, no caso o senhor, quem, quem o sr. contrataria pra trabalhar com IE, fechando assim, de uma maneira geral??? Se o senhor fosse contratar hoje um profissional pra trabalhar, quais seriam essas características desse profissional?

E1 - GDC – Eu ia procurar aquilo que eu tenho aí com a minha turma, naturalmente uma boa formação, dentro dessa boa formação eu vou analisar as características pessoais, uma pessoa que seja de bom trato assim, pessoa afável com os jovens, simpática, que tenha ascendência com eles, não quero um professor truculento, nada desse estilo, por mais eficiente que ele possa ser, eu admiro muito a seleção brasileira de vôlei lá com o Bernardinho, mas não faz o meu estilo lá o Bernardinho, principalmente pra lidar com os meus alunos, aquele jeito todo histérico dele, eu fico muito feliz que ta funcionando com Seleção Brasileira, mas não é o estilo pra aluno, eu gosto muito de pessoa um pouco mais tranqüilo, mas a tranqüilidade não pode ser feito um, indolente ou que não ta nem aí pro resultado, ele tem que ta se envolvendo com o garoto e a menina e querendo ver que eles progridam e façam sucesso dentro da atividade. Então não pode ser uma água morna não, tem que vestir a camisa e tocar em frente. Mas, como eu digo, um bom trato com os alunos, então seja uma pessoa que aprenda a respeitar aluno, ser respeitado e principalmente, zelar que haja um respeito entre os alunos, outra coisa que isso não é só para os professores de EF, eu to cobrando isso de todos os professores, pro ambiente escolar, porque infelizmente a gente ta encontrando muito por aí, esse desrespeito, eu acho que eu quero que meu aluno se sinta bem em qualquer atividade que ele esteja fazendo, seja na informática, na aula de matemática como na EF, e professor que dá espaço pra gozação ou pra humilhação de alguém porque ele não é bom esportista, não me serve, ta?! Então é uma questão de respeito. Fundamental!

Entrevistadora – Na IE, aqui no seu caso, além da questão de introduzir a uma esporte ou dar seqüência a uma modalidade esportiva, o sr vê alguma outra função desse profissional, além dessa . . . específica mesmo?

E1 - GDC – É, eu acho que a principal qualidade da EF, além da parte . . . vamos dizer, pessoal do individuo de estar se habilitando pro esporte, desenvolvendo fisicamente, o que a gente quer, numa questão da EF pela saúde, eu acho que é fundamental, a parte social aí de relacionamento, o Professor de EF tem aí um campo muito mais vasto do que o professor de matemática, português, em que ele ta mais preso as coisas, são mais individuais, as cobranças são individuais, enquanto que na EF a gente deve e pode, laborar posturas de cooperação, de atividades conjuntas, ter o prazer no convívio, e no relacionamento com as outras pessoas e o esporte e a EF propiciam isso bastante, então eu acho que ele tem que valorizar essa oportunidade que ele tem, desse relacionamento, tanto é que eu não aceito dispensa de alunos de 5ª a 8ª séries, pelo fato de ele estar treinando em outro lugar, isso é uma prática comum nas escolas hoje – Ah, meu filho treina basquete na seleção de Rio claro, então porque que ele vai fazer EF no meio dos menos habilitados, ele ta bem lá, ta fazendo mais até, em vez de fazer duas aulas por semana, quer dizer, três aulas por semana, ele treina todo dia, duas horas e tal, né, então pra que isso; Olha, então é fundamental pela parte social e de relacionamento que ele tem, tem que ter com os amigos, os colegas de classe dele. Já no colegial não tem mais como segurar isso porque aí o tempo que eles têm é pequeno, e às vezes você tem a opção de uma moça que faz aí cinco aulas de uma dança, ballet por semana, vai, cada vez vai lá uma hora, uma hora e meia, você não tem mais espaço pra dizer – Olha, além disso você vem pra aula de EF, vem joga uma bola aqui, então ela vai acabar deixando uma coisa ou outra, eu acho que é ruim então, ta fazendo uma aula bem de ballet, ta já adiantando na coisa, faça lá o ballet bem feito e jovem nessa idade já se relacionam e qualquer forma . . . de uma forma mais rica, já.

Entrevistadora – (Agradecimentos)

E2 – GDC / TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Entrevistadora – Bom, eu to conversando com (. . .), aqui (. . .). (. . .), antes de mais nada eu quero te informar que a identidade sua e da escola não vão estar claras no projeto, no trabalho, a gente trabalha com códigos pra identificar, então seu nome, nem o da escola não vão estar aparecendo no trabalho. Bom, (. . .), qual que é sua . . . como você definiria o esporte, como você vê o esporte, o que que ele significa, o que é o esporte pra você?

E2 - GDC – Esporte pra mim é como a arte, ele é como eu sou artista plástica, né, eu digo que eles caminham juntos, porque a questão da prática do esporte e da prática da arte é que muda, muda a formação do ser, a formação num contexto geral, não só físico, como psicológico, emocional e outros tantos, pra mim é isso a questão do esporte.

Entrevistadora – Dentro do esporte, você tem uma idéia ou como você vê a IE?

E2 - GDC – Bom, eu sempre fui desportista, eu fui atleta, eu nadei, eu fui jogadora de basquete, então o esporte pra mim, como é que eu vejo, quando eu pratiquei eu acho que era uma forma mais acentuada, a gente fazia porque gostava de fato, e hoje não há muito incentivo pra isso, as pessoas vão meio que, no escuro assim fazer coisas, com relação aos esportes, eu acho que ta muito a desejar, não sei se por culpa de iniciativas, não sei se por culpa de profissionais, mas eu vejo que ta muito a desejar.

Entrevistadora – Você consegue visualizar dentro do esporte a aprendizagem, qdo alguém vai ensinar . . .

E2 - GDC – Ao meu ver sim, eu penso que sim, mas hoje visualizar alguém dentro do esporte tendo o aprendizado, não. Hoje é muito difícil. Eu posso citar assim, quando eu era adolescente, eu tinha toda uma orientação teórica, pra depois fazer a prática e por isso que eu digo pra você, é um incentivo, você ia fazer com base, hoje deixa muito a desejar, não são todos os profissionais que fazem isso não, já conheci vários profissionais que só fazem a prática, eu acho que esporte é a aprendizagem também, ..

Entrevistadora – E você tem uma noção de qual é o objetivo seria assim, essa aprendizagem, essa iniciação do esporte, qual o objetivo que ela teria?

E2 - GDC – O objetivo principal é mostrar pro adolescente, no nosso caso aqui, a questão da valorização do próprio ser, a formação do próprio ser e torno a repetir, não em forma só física, dele se tornar forte, robusto, crescer, mas todo um crescimento, de ser um cidadão sociável, politizado, de participar, porque você participando dos esportes, você se torna um cidadão de sucesso, você vai conhecer outras pessoas, você vai poder participar em outros lugares, então pra mim, é isso.

Entrevistadora – No caso, você, aqui na escola você considera que existe a IE?

E2 - GDC – Ah, eu digo pra você que até existe uma intenção de uma IE, mas eu não sei se dá conta disso, eu to muito pouco tempo também aqui, mas eu digo que seria muito mais importante ta trabalhando mais isso, pra que a gente tivesse mais desportistas, não só por iniciativa governamental, mas por iniciativa da própria escola ta descobrindo talentos, vamos dizer assim.

Entrevistadora – E fora da escola você visualiza a IE em outros locais?

E2 - GDC – Eu aqui em Rio Claro não consigo visualizar, eu . . . quando eu cheguei aqui tinha a Equipe de Basquete, depois acabou, agora voltou de novo, entendeu? Eu não vejo assim uma política acirrada pra se trabalhar o esporte, seja num beco, na rua, seja através de gincanas, incentivando o . . . eu não vejo isso, aqui particularmente, eu não vejo. Muito raro.

Entrevistadora – Onde são os locais onde você acha que isso deveria ocorrer? Onde ela deveria estar presente?

E2 - GDC – Eu, A IE deveria estar nas comunidades, comunidades de bairro, porque? Porque se você for ver aqui em RC eu tenho uma quebra muito grande entre pobres e ricos, então não são todos que podem freqüentar academias, não só academias, mas escolinhas de . . . né, por ex escolinhas de futebol, escolinhas . . . então abrir isso daí pra comunidade, sabe, criar centros recreativos, onde aplicar esses esportes, porque na minha época eu tinha essas possibilidades, tanto é que eu pratiquei muitos esportes porque? Eu fui pra várias áreas do esporte porque? Porque era aberto, você não precisava pagar a academia pra você fazer um tipo de esporte, era dado a iniciativa, oferecida, dada essa iniciativa pra comunidade, eu acho que deveria se fazer isso novamente. E com o apoio governamental, que tivesse estrutura pra isso, não fosse coisa de fundo de quintal, também né, coisas caseiras, porque coisas caseiras tem bastante, as próprias crianças se reúnem, adolescentes, e praticam na rua, mas que não fosse assim, que fosse dado realmente um incentivo pra isso . . .

Entrevistadora – Na sua idéia, quais seriam os conhecimentos específicos que um profissional que fosse trabalhar com IE deveria ter?

E2 - GDC – Olha, principalmente, postura, porque hoje eu vejo que o profissional da área da EF ele acha que só dar uma bola ta bom, eu acho que ele tem que ter capacitações, ele tem que explicar pro aluno o porque de certos exercícios, quais são os benefícios, ensinar a serem multiplicadores, como prevenção de doenças, prevenção contra as drogas, ele tem que ter um perfil desses pra mim, ao meu ver, ta.

Entrevistadora – Você teria uma idéia assim de uma disciplina na formação dele, ou algumas disciplinas que você acha que seriam assim, fundamentais, consegue?

E2 - GDC – Eu consigo, uma principalmente psicologia, eu acho que é super importante, porque eu vejo muitos profissionais só cultuando o corpo, e na verdade o esporte não é

só cultivar o corpo, tem que ter uma base psicológica, tem que ter uma base emocional, uma das matérias que eu daria é a psicologia, e também ligada a arte, porque tem muito a ver a arte com o esporte, é o que eu falei, na questão da criatividade, na questão do próprio emprego das atividades,

Entrevistadora – Mais algumas disciplinas?

E2 - GDC – Disciplinas? Olha, tirando essas que eu acho que é essencial, você pode trabalhar várias outras, tá, várias outras, eu não to falando direcionado, que eu acho que você espera, né, natação, porque o pessoal só dá futebol, eu poderia falar uma centena, (As específicas das modalidades), das modalidades, por ex atletismo não dá mais, é importante, jogos, natação seria de suma importância, como faríamos? Ué, usaríamos os centros sociais, porque eu sei que muitos profissionais saem sem nem saber nadar, e outras gamas de esportes que estão aí, na mídia e a gente não tem como disciplinas pra você aprender, tem um monte aí que poderiam ser específica . . .

Entrevistadora – Agora, imagina o profissional, lá na faculdade, esse tipo da psicologia, da questão da arte, algum, por ex na Educação artística você tem disciplinas do contexto de humanas (Tem), da parte pedagógica (Da parte pedagógica, antropológica, entendeu?) você acredita que essas disciplinas também teriam influência pra formação dele?

E2 - GDC – De suma importância, de suma importância. Eu acredito que todas as disc . . . todos os profissionais, deveriam ter disciplinas que não são direcionadas, mas que são afins, porque nós vamos sair da faculdade, eu sei que é uma utopia o que eu vou falar, nós vamos sair da faculdade despreparados, com um monte de questionamentos que vão acontecer no nosso dia a dia enquanto profissional, então seria bom, sim, eu posso te dar um ex., quando eu fiz jornalismo, eu tinha matérias assim, que o pessoal falava assim – Ah, mas porque você tem economia . . . no jornalismo? Mas porque você tem antropologia? Porque que você . . . Ah, mas se eu for um profissional jornalístico da área de economia, tem que aprender como lidar com isso, televisivo, rádio, . . . então, essas experiências que a gente tem que passar, não que seja só isso, mas tem que ter pra poder trabalhar . . . (Uma base . . .) uma base geral pra saber lidar com isso depois quando você se tornar um profissional.

Entrevistadora – Agora, imagina que hoje você fosse contratar um profissional de EF pra exercer essa função, na IE, que profissional você contrataria?

E2 - GDC – Eu contrataria um profissional que fosse . . . olha, é complicado! . . . complicado . . . porque, eu acho que eu não sou uma pessoa muito indicada, eu sou muito exigente com certas coisas e as vezes, pode ser que pode parecer que eu sou prepotente no que eu venha a falar, mas um . . . principalmente um profissional, não que tenha muita bagagem, mas que seja um profissional que coerente, que tenha postura, tá? . . . especificamente pra área de esporte, principalmente, que fosse coerente, que tivesse

coesão no seu trabalho, que tivesse postura no seu trabalho, que fosse um profissional que tivesse uma bagagem multidisciplinar, . . . é isso.

Entrevistadora – Quando você fala postura . . .essa postura ta relacionada exatamente com . . .dava pra você dar uma . . .

E2 - GDC – O que vem a ser uma postura de profissional, né? Alguém que tenha firmes propósitos naquilo que vai fazer, é porque a gente tem muito profissional que vai onde conforme o vento, então que ele esteja posicionado, postura é posição correta naquilo que você vai fazer e seguir essa postura,esse posicionamento, pra mim é isso.

Entrevistadora – Aqui na sua instituição você tem profissionais que atuam, porque aqui tem as turmas que chamam (ACD), que são turmas de treinamento, que de certa forma passariam por uma I também (É!), esses profissionais são . . .

E2 - GDC – São professores da escola . . .

Entrevistadora – Professores de EF?

E2 - GDC – É.

Entrevistadora – A entrevista foi interrompida, mas como já havia sido finalizada, foi encerrada.

E3 – GDC / TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Entrevistadora – Bom, eu to falando com (. . .), aqui (. . .), é o coordenador . . . Orientador de Lazer e Esportes e, (. . .), a princípio a identidade sua e da sua instituição, não vão ser claras lá, a gente vai trabalhar com códigos (Hum, hum!) Bom, (. . .), na sua opinião o que que é esporte, como você definiria o esporte?

E3 - GDC – Ótimo, gostei de participar aqui do “Se vira nos trinta” (risos). Esporte! Esporte, esse fenômeno incrível, cultural, queira ou não queira, as pessoas estão inseridas no esporte como praticantes ou como ouvintes ou . . . apenas aqueles que sentem o prazer em assistir . . . Bom, esporte, vamos lá, definição curta e grossa, esporte – esporte é um conjunto de habilidades . . . um conjunto de habilidades que são empregadas pra um determinado fim, envolvendo resultados, essa . . . envolve, principalmente, envolve resultados, acho que é isso né, é complicado definir esporte, é tão grande e ao mesmo tempo tão . . . tão difícil . . . ah . . . dá um pause aqui nesse negócio, dá pausa.

OBS.:- Ouve uma pausa e foram feitos alguns esclarecimentos sobre os procedimentos da entrevista.

E3 - GDC – Retomando aí, o esporte é uma, uma, tem um apego, uma raiz cultural muito forte, a criança já nasce inserida no esporte, já tem o convívio com o esporte, inicialmente, chamado de jogo, pra criança é um jogo, que futuramente, com a inserção de regras, com a, a . . . com a performance, a performance que eu digo é a busca pelo resultado, seja ele um resultado olímpico, ou um resultado no bairro, o que se procura é o resultado, né, mesmo que esse resultado seja a participação, então, esse componente cultural – esporte, está enraizado, enraizado na vida da, da . . . da pessoa, do nascimento até a terceira idade, coisa mais famosa que tem são os Jogos para a Terceira Idade, que inclusive estão sendo muito discutidos pela, por essa busca pelo objetivo, por essa busca pela vitória, ultrapassando muitas vezes o limite do corpo, é o que ta acontecendo com a terceira idade, quer dizer, é um fenômeno muito grande que acompanha a pessoa pela vida inteira, aqueles que praticam propriamente, como aqueles que assistem, a gente vê que pessoas ficam alteradíssimas . . . no seu estado emocional, assistindo uma partida, ouvindo seu radinho a pilha, ouvindo aquele jogo, ouvindo aquele esporte, seja individual, seja coletivo, então mexe com todo mundo, é uma . . . (toca o telefone) Acho que ta bom.

Entrevistadora – Depois a gente pode voltar e retomar isso aí. (Ta!) Então agora, no âmbito do esporte, o que que seria a IE, como é que você definiria ou como você vê, o que dá pra você falar sobre IE?

E3 - GDC – Bastante. Bem, A IE pelo que, pela formação que eu tenho e pela atualização, pela constante conversa, atualização que a gente tem, a I é fundamental, a boa I é fundamental e eu acredito muito na diversidade, primeiramente, respeito a criança, descobrir e saber o porque que ela procura a I, se ela procura por ela mesma, se ela procura porque o pai sempre gostou e nunca teve oportunidade e quer realizar o sonho através do filho, através do sobrinho ou se procura por influência da mídia, a gente tem que saber o porque que procura, antes de mais nada, mas, uma vez com a gente, é desenvolver, principalmente nas idades mais novas, seus sete anos, oito anos de idade, desenvolver um repertório motor muito grande e não pra um esporte propriamente dito, mas com várias atividades diferenciadas, pra enriquecer o repertório motor, que a partir, entre os sete, dez anos é a fase de ouro do desenvolvimento, não só na parte motora, mas na cognitiva, enfim, é aonde a gente tem um desenvolvimento muito grande e . . . é um facilitador, é um ponto facilitador, com certeza, e a retenção do aprendizado perdura por muito tempo, a gente tem exemplos de crianças que tiveram uma boa I durante a adolescência e início de idade adulta estiveram afastados de esporte, de uma vida ativa e que, com seus . . . jovem adultos ainda, seus 25, sei lá quantos anos, resolveram voltar a praticar ou se movimentar e perceberam que ainda tinham resquícios, tinham conhecimentos, tinham um repertório motor que ainda poderiam ser empregados e muito bem empregados, o que causa satisfação e sociabilização, acima de tudo a sociabilização, porque a exclusão pela falta de habilidade é o, é uma coisa muito . . . muito grande é, é . . . é um problema muito grande que a gente vê hoje na sociedade, é pouco discutido na comunidade, mas tem uma influência imensa no nível de atividade física da população, o que se relaciona diretamente com custos com a saúde, não só pra pessoa, mas também pro município, pro estado e por aí afora, né, são pessoas, com as tais, as famosas doenças hipocinéticas, pela falta de movimento, que não procuram pela vergonha e por achar – eu não consigo, eu não sou capaz; isso tudo reflete, ta refletido na I, né, uma I frustrante, aquela I esportivista, aonde a criança não consegue êxitos nas primeiras vezes e vai desistir, vai abandonar e vai dizer – isso não é pra mim, jamais farei esse tipo de coisa; então, é por isso que eu acredito muito nessa I generalista, ela passa por, não passa por esportes, mas sim, por habilidades, pelo arremessar, pelo rolar, pelo saltar, enfim, e principalmente um resgate cultural também, que brincadeiras, que eu brincava muito, “mamãe da rua” e por aí afora, a gente não vê mais hoje, não só porque as cri . . . não só pela disputa com a informática, computador, televisão, etc e tal, mas também pela falta de segurança, a rua não é mais aquele *play ground* que era

antigamente, a rua é o lugar do perigo, é o lugar do medo, desde pequenininho – não sai na rua, não, a rua não, não pode, cuidado, cuidado; é um espaço restritivo, é um não lugar, né, então a gente procura, na I, trazer esse resgate, proporcionar essa . . . essa mobilidade, esse conhecimento de si próprio através do movimento, por essas brincadeiras, por esses jogos que deram certo e . . . e proporcionaram níveis de atividades significativos e bons pra tanta gente até hoje, né, é um combate também, de certa forma a gente pode encarar dessa forma, eu já falei das doenças hipocinéticas, a obesidade infantil, que a gente, inclusive, eu não sei se eu posso falar isso, mas já to falando, se não você corta depois, a gente ta com uma proposta estadual do SESI, num desenvolvimento com as crianças da nossa escola, da nossa rede escolar, um trabalho bastante, bastante intenso com os alunos, pela questão da obesidade infantil, que ta num nível assim, muito grande, ta complicado e a melhor hora da gente tratar é agora, né, de 1ª a 8ª séries vai ser feito esse trabalho, nível estadual, só pra começar, inclusive agora nesse segundo semestre de 2005, e eu acredito que tem muito a ver com essa I, aquela coisa do . . . o gordinho não vai participar porque é gordinho, já não tem habilidade e . . . esporte procurando resultado, realmente, é complicado, e a questão do . . . de generalista, mesmo quando introduzir na modalidade, a partir dos seus onze anos, como diz Gallahue e vários outros autores aí, tanto da parte cognitiva, psicológica, e motora, do aprendizado também, da aprendizagem, a partir dos onze anos é a idade ideal, é onde chegaram aí que é a idade ideal e, o cara com onze anos, tem seus dois metros de altura, seu um e noventa, que seja, que era o meu caso, quer dizer, não tem que ser o pivô do time de basquete, ele não tem que jogar só basquete, senão ele vai chegar com seus trinta e poucos anos e só vai querer jogar basquete, ele só vai ser habilidoso no basquete, enfim, ele tem que passar por todas as posições do basquetebol e não só ficar no basquete, tem que procurar vivenciar mais esporte propriamente dito, pra futuramente refinar, é, a pouco tempo eu . . . eu assisti uma palestra que a professora Suraya Cristina Darido, professora, doutora, livre docente e por aí afora, dizia que numa pesquisa que ela fez com atletas de rendimento, hoje, de alto nível, começaram, se a gente for ver, tardiamente, com seus quatorze, quinze anos, eles começaram, quer dizer, aonde ta o prejuízo de com seus onze anos diversificar, é, eu acho que, pelo contrário, tem que aumentar o repertório, aumentar a base, dar possibilidades, e o mais importante do esporte, é uma ferramenta muito próxima das pessoas, não é dentro de sala, geralmente não é dentro daquela sala fechada, sentado em carteira, a possibilidade e a intimidade, entre aspas, que a gente tem, é muito grande, pra tratar de outros assuntos e extrapolar pro dia a dia, pro cotidiano, então, na I também deve ser trabalhados os valores, que são importantes pro próprio esporte, pro jogo, pra vida, pro dia a dia, e a gente frisa muito o seguinte, que a gente inicia no

esporte para a vida, porque a gente quer , quando a criança tem os seus, já não seja mais uma criança, um adulto, que ela, se for um esportista, ótimo, se for um atleta de nível . . . seleção, melhor ainda, se for pra olimpíada, parabéns pelo seu esforço, mas antes disso tudo, ela vai ser um médico, vai ser um pedreiro, porque não, uma dona de casa consciente e . . . e com, como é que chama a palavra, me fugiu a palavra, . . . e com . . . a questão, o que a gente quer que leve, é primeiro, a sinceridade, a verdade, as questões morais que ela leve, e que a prática de atividade física seja um hábito aprendido como escovar os dentes, sabe que tem que escovar os dentes, vai e escova, e mais, não automático, não uma coisa automatizada, tem que saber muito bem o porque está fazendo, a gente acredita nessa l desta forma e na adolescência, dando autonomia, dando ferramentas pra essa autonomia, pra criança saber, pro adolescente e adulto saber fazer no seu horário de lazer, saber, ter noções do certo, ter noções do errado, do porque aquecer, do porque alongar e, porque da atividade física e do mínimo, do mínimo de atividade física, da importância disso pro dia a dia, pra qualidade de vida, pra saúde, pro relacionamento familiar, a gente extrapola pra tudo, né, dá pra extrapolar pra tudo, que a gente percebe com adultos, num trabalho com adultos, que a gente acaba fazendo também, diretamente nas empresas, que o sedentarismo influencia muito na convivência familiar, o cara trabalha, chega de uma maneira no trabalho, trabalho esgota, a empresa devolve ele de uma outra forma pra casa, um dia tudo bem, dois dias, chega um mês, dois meses, ele já cai naquela rotina, e a pessoa não está, o corpo, na verdade, que é uma ferramenta de trabalho, não ta preparado pra esse estresse, ele não ta preparado, é um corpo sedentário, num ta preparado, e a exigência, o medo do desemprego, se eu não fizer mais hoje do que eu fiz ontem, e amanhã muito mais do que eu fiz hoje, eu vou estar desempregado, essa . . . ultrapassar os limites, a gente percebe que o cara chega em casa, abre o portão, já chuta o cachorro, xinga a esposa, e não dá tempo de atender o filho, ele quer dormir, ele quer descansar, vai dormir, esse repouso não é recuperador pro dia seguinte, e ele entra nesse círculo vicioso e é complicado, é super complicado, e se a gente for ver, a intervenção com a atividade física, aquela da, da . . . do Agita São Paulo, da OMS, 30 minutos por dia, mesmo que acumulados, dirigidos, é claro, faz diferença, a gente tem essa experiência, inclusive deles reportando melhoras significativas no convívio familiar, quer dizer, é tudo né! ta bom de esportes, eu acho.

Entrevistadora – Ta bom, quase que você já respondeu tudo eu não preciso perguntar . . . (risos), mas, vamos lá, você já falou sobre as faixas etárias que era uma pergunta que eu ia fazer, então, você acredita que pra l a partir de onze anos, antes disso, um embasamento geral, de repente . . .

E3 - GDC – Isso, onze anos com esporte propriamente dito, é claro, a gente estabelece, uma idade cronológica porque a gente tem que se basear em alguma coisa, a gente sabe que tem diferenças biológicas, que tem criança que dá pra iniciar antes e tem criança que seria ideal iniciar depois, mas, como um média, onze anos, é adequado, é adequado esse parâmetro pra gente, pra gente ter e importante sim, antes dos onze anos, eu acho fundamental antes dos onze anos, ter essa, esse repertório motor, esse enriquecimento de repertório motor, senão vai chegar aos onze anos, sem condições de iniciar, o que foi feito com sete, teria que ser feito com os onze, é por aí.

Entrevistadora – Aqui na sua instituição, quem trabalha com a IE é, que profissional que é esse?

E3 - GDC – Bom, são professores, tanto da licenciatura quanto do bacharelado, nós temos os dois, hoje nós temos cinco, aqui no Centro de Lazer e Esportes, nós temos cinco professores contratados do SESI e mais oito professores fruto de convênio com a Prefeitura Municipal e com um empresa, a . . . Fiberglass, desse todos temos, tanto bacharel, quanto licenciado, era isso ??

Entrevistadora – Era isso, basicamente, profissional da EF?

E3 - GDC – Isso, profissional. Sem dúvida, profissionais registrados no sistema CONFEF/CREF, condição *sine qua non*, tem que ser, não tem jeito, e que passam por constantes treinamentos, o SESI investe muito nisso, no treinamento, na capacitação desses profissionais, tanto os próprios do SESI, quanto os conveniados, isso é um acompanhamento que tem bem de pertinho.

Entrevistadora – A IE, na sua opinião ocorre em que locais? Aonde você visualiza a IE acontecendo (Aqui no, no . . . ??) em geral?

E3 - GDC – Em geral. Bom, fala em IE a primeira coisa que vem a cabeça são os clubes, a primeira coisa que vem a cabeça são os clubes, porque infelizmente a maioria das escolas não tem condições pra isso, ou condição física, ou condição no aspecto humano, . . . a escola, hoje em dia, principalmente se falando em escola . . . estadual, municipal, escola do governo, escola pública, é complicado, sabemos que têm iniciativas ótimas, tem locais que acontece, mas não é a maioria, não reflete a maioria das escolas, mesmo as particulares, as que tem, tem algumas que tem sim, em horário contrário de aula, aí tem aquele programa de I, mas até onde eu sei é uma coisa bastante esportivista, é uma coisa bastante . . . ali pra resultado mesmo, e dirigida, pra isso daí, mas ainda existem instituições não governamentais que trabalham, trabalham, fazem um trabalho muito bonito na I, muitas vezes, mesmo sem ter o conhecimento disso, né, acabam mesmo, meio que intuitivo, acabam trabalhando no sentido certo, assessorado muitas vezes por profissionais competentes, regulamentados, aí, a gente encontra ainda nas periferias bem distantes, nas . . . na sociedade aí, camada de . . . com menor poder aquisitivo, a

gente consegue encontrar ainda as brincadeiras de rua por não ter acesso, eu acredito que isso acontece por não ter acesso a um outro lazer, a um outro local, a um outro lazer, ou é longe, ou eu não tenho em casa, não é possível, tem que ficar tomando conta dos irmãozinhos e acaba, nessa convivência acaba saindo aquelas brincadeiras que proporcionam esse início, né, sem contar a mídia, a mídia é, nisso daí, ela é uma influência violenta, criança de dois anos assistindo a TV, vê o Guga e quer reproduzir, quer fazer, instintivamente quer brincar, quer fazer nesse sentido, e a gente sabe também que tem os que não são profissionais, as pessoas que tem graças aí, boa vontade e que acabam, são amantes de esporte, acabam pegando grupos de crianças no bairro, onde trabalham, enfim, numa instituição e acabam promovendo de alguma forma algum tipo de I ou esporte.

Entrevistadora – Qual o tipo de conhecimento específico que você acredita que um profissional que vai atuar com crianças, com a IE, deveria ter?

E3 - GDC – Acadêmico, você quer saber? (Hum, Hum . . .) Esse profissional, pro trabalho com, com crianças, é fundamental, mas fundamental o embasamento, o arcabouço teórico, tem que ter, não tem jeito, o primeiro passo aí é o arcabouço teórico, tanto na questão do desenvolvimento, desenvolvimento motor, a questão da aprendizagem, a questão da, da . . . didática, porque não dizer da prática de ensino (risos), vou tomar um puxão de orelha se eu não falar, porque não dizer da prática de ensino, bom, na verdade todas as disciplinas são muito importantes sim, mas a elas tem que ser associados, primeiro, uma vontade muito grande desse profissional, tem que ser um cara que vai contar, vai procurar estar sempre atualizado, se atualizando, os temas do dia a dia, do cotidiano, ele tem que ta por dentro, ele não pode viver a margem dos assuntos, das coisas que acontecem no dia a dia, que são importantes, que tão sendo refletidas na educação, na criação dessas crianças e que é o dia a dia delas também, esse profissional tem que saber lidar com essa expectativa, o que ela traz pra dentro da aula, ela traz pra dentro do local de I pra, enfim, pra onde ela vai ela leva consigo essa dúvidas, essas questões, esse profissional tem que ta preparado também pra, pra ta gerenciando isso daí, não pra responder tudo, mas pra saber o que ta acontecendo e oferecer alternativas, inclusive do próprio trabalho dele, se ele for – não, isso eu não quero saber; se ele for bater de frente, vai ser complicado, né, ele vai ter dificuldade, ele vai ter um obstáculo aí, significativo, pro dia a dia, pra, pra visão, pra fidelização dessas pessoas, e pro trabalho, pro desenvolvimento do trabalho dele. Respondi mais ou menos??

Entrevistadora – Sim. Pegando a seqüência do que você terminou aí dizendo, qual o perfil profissional que essa pessoa deve ter?? Você falou um pouco dos conhecimentos

acadêmicos, falou também um pouco de outras características, mas tenta puxar um pouquinho mais, que mais além do que você já me disse?

E3 - GDC – Um perfil do . . .

Entrevistadora – É, mais ou menos isso, comportamento mesmo, que tipo de comportamento, atitude, como é que ele se posicionaria, né?

E3 - GDC – Hum, hum! A gente vê, na I você quer saber? (É!) Na IE, eu vejo uma diferença muito grande referente a classe social, muito grande, muito grande, as faixas mais carentes, a gente percebe que o profissional, esse profissional tem que ter uma postura firme, tem que ter uma postura firme, mas muito carinhosa, ele tem que realmente se preocupar com a clientela, o foco tem que ser sempre no cliente, mas principalmente com essa clientela, o foco tem que ser neles, eles tem que se sentirem importante, eles tem que, é . . . o profissional tem que passar essa . . . essa imagem, não só imagem, ele tem que ser verdadeiro, ele tem que gostar das crianças e realmente estar preocupado com o desenvolvimento delas, com a situação delas, é o primeiro passo, esse é o comprometimento, né, essa postura firme, sim, porque tem que ter firmeza, tem que ter limites sim, mas é . . . tem que ser uma coisa . . . tipo . . . eu me preocupo com você, tem que ter um carinho por trás, porque senão ele não consegue, porque de pancada, de . . . de parede, de bater na parede, é o dia a dia dessas crianças, elas não . . . é uma coisa que não sensibiliza, não a sensibiliza, pelo contrário, provoca mais agressividade, o trabalho foi muito bem dessa forma, a gente tem essa experiência aqui mesmo, por outro lado, com uma classe social mais alta, esse profissional tem que ter a . . . sempre a firmeza, sempre ele tem que ter a . . . a firmeza na questão dos limites, dos limites, a atenção, o carinho, é interessante, mas o conhecimento e o resultado pra essa clientela, eu acredito ser mais significativo, ele tem que, ele tem que dar resultado, ele tem que dar resultado, principalmente, a gente percebe aqui na cidade, uns dos problemas inclusive que a gente enfrenta é a questão do espaço, os times daqui não participam de muitos dos campeonatos, ou quando participa, a preocupação é outra, a preocupação no aprendizado, não somente no resultado, e tem muita gente que foge disso, porque? Ele quer aparecer no jornal, o nominho dele, ele quer ver no jornal, a criança quer ver, o adolescente quer ver no jornal o nome dele, fez tantos pontos, jogou contra tal, venceu, ele quer aparecer na coluna social do jornal, que a gente tem isso aqui, ele quer aparecer na coluna social do jornal, seja malhando, seja academia que ele vai, o clube que ele vai, tem que tá lá, porque senão ele desmotiva, ele não tem assunto pra conversar na escola no outro dia, essa que é a verdade, e a cobrança dos pais, a cobrança dos pais, o investimento dos pais, é diferente, é diferenciado, enquanto a camada mais, menos favorecida pensa em tirar o filho da rua, em tirar o filho de más companhias, digamos assim, de condições desfavoráveis, porque o pai e a mãe não

podem estar ali juntos, dando suporte, dando apoio, educando, e eles ficam a mercê do que acontece no dia a dia na rua e, então, é uma opção segura, é uma opção segura, outra coisa, ascensão social através do esporte, que é inegável e . . . esgotado até a discussão, e só que na . . . no oposto, na classe social mais alta, o pai não tem essa preocupação de segurança, da criança ficar na rua, não tem essa preocupação que tem condições de . . . de evitar isso daí, mas só que é o pai que patrocina o time, patrocina o jogo de camisa, colocou o telhado da escola, reformou e fez e aconteceu, esse cara quer o resultado, e quer o filho dele no time, então, quer o filho dele no time, tem que jogar, então, o perfil do profissional que lida com essa . . . essa . . . clientela tem que ser diferenciado, ele tem que ter um jogo de cintura muito grande, muito grande, inclusive pra não chocar com os próprios princípios, que eu acho o mais difícil, se você me perguntar – com quem é mais fácil trabalhar? Com certeza, é, são os menos favorecidos, aí, é a escola estadual - nossa, não tem condição, não tem isso, não tem aquilo; mas tem material humano, tem condição, se você quiser e quiser bastante, você consegue, agora, você depende . . . somente das suas forças e do grupo, de ter um grupo e . . . de realmente, entrar em sintonia, agora, na outra, na situação oposta, aí é complicado, você tem o seu princípio, você tem a sua meta, você tem o seu plano de aula, você tem tudo isso, mas quando o diretor da escola chega e fala, ou o pai do aluno que reformou todo o piso do ginásio, ele chega e fala que o cara tem que jogar e que no ano inteiro vai ser o tal do futebol, fica complicado, isso não só na escola, mas no clube também acontece, é, é . . . um negócio complicado, é uma situação bastante complicada e que muitos colegas acabam desistindo de dar murro em ponta de faca e vão pro outro extremo, né!

Entrevistadora – Agora, deixa eu te falar, se você fosse hoje, contratar um profissional pra atuar com IE, que profissional seria esse que você contrataria?

E3 - GDC – Ótimo! Características desse profissional! Ele com certeza, animado, um recreador, ele seria um recreador, antes de mais nada, um recreador, um recreador, ele . . . condição primeira, ter todo . . . todo conhecimento acadêmico, tem que ter, não tem como fugir disso, além do conhecimento acadêmico, ele teria que ser um recreador, ele teria que ser um recreador, porque nisso eu to tendo a garantia, de primeiro, ele gosta do lúdico, ele vai proporcionar uma prática agradável, muito agradável, que tem que ser, a criança tem que gostar, ela tem que voltar porque foi gostoso, não porque vai aparecer no jornal, porque . . . é porque foi gostoso, é prazeroso, é prazeroso, é o prazer e . . . e . . . que mais . . . o profissional que me traga coisas novas, é um profissional que acrescente, que saia do arroz com feijão, mas tem que ser uma coisa bem temperadinha, né? (risos), senão, o arroz com feijão, tá ótimo, é, tem que ser, ele tem que conseguir transcender aquela prática do dia a dia, a mesmice, ele tem que conseguir sair disso daí, ele tem que conseguir se inspirar em outras, em outras atividades que não

é as que a gente encontra em toda esquina, que as pessoas até fazem sozinhas, mesmo sem o profissional, porque acaba não sendo necessário, todo mundo sabe que, como é, e o que que faz, as crianças chegam até a ensinar pra gente, não é verdade? Ele teria que ter essas . . . essas características, . . . deixa eu ver, o respeito, lógico, o respeito à criança, isso é uma coisa que eu já acho que está até é, é, como é que fala, ta nas entrelinhas aí, né, o respeito, a pessoa asseada, tal, com boa conduta, os valores, é super importante essa questão dos valores, os valores que vão ser passados, isso é fundamental, os valores que essa pessoa tenha . . . vai ta transmitindo, antes de mais nada é o exemplo, antes de mais nada é o exemplo, o professor é o exemplo . . . e o ídolo, né, é o exemplo e o ídolo, que mais que esse professor tem que ter . . . lógico, esse professor vai passar por um teste prático e ele vai ter que me mostrar tudo isso, não ficar só na conversa, aqui a gente costuma fazer, a seleção é prática, é prática, primeiro vai pro prático, não adianta . . . se na prática ele não convencer, não é na lábia que ele vai ganhar, primeiro é a prática, ele tem que mostrar tudo isso, essa verdade, esse amor, esse brilho no olho a hora que vê aquela criança toda suja, descalça, sei lá o que, ele vai ter que mostrar isso daí, e a mesma coisa com os arrumadinhos, engravatadinhos, tudo isso, né, ele vai ter que mostrar isso daí pra gente, ele vai ter que convencer, né?! Aí, saindo disso, vai pra entrevista, aonde a gente vai realmente pontuar se, se . . . se a gente tem a mesma filosofia, a filosofia da instituição e de tudo o mais e, porque é muito por esse lado que eu falei pra você no início, da I dos sete, dos sete aos dez, algo generalista, dos onze pra cima é que começa esporte especificamente e tudo o mais, refinamento 14, 15 anos, e ele tem que se desprender daquela coisa de que eu formei o atleta, porque a gente não forma nada, a gente facilita, né, a gente facilita, porque muita gente tem isso daí, chega nos 15 – 16 anos, que o cara começa a dar resultado e, vai embora . . . - eu não vou fazer isso, eu não aceito isso, tem que ser muito claro, porque a gente é aquele pedreiro, que de tijolinho em tijolinho que não constrói paredes, mas constrói catedrais, constrói hospitais, é assim que a gente pensa, que aquele tijolinho foi muito importante, e que na hora que ele ta no trato com a criança ele pensa, ele pense muito nisso, ele ta formando um médico, ele ta formando um lixeiro, ele ta formando um cidadão, isso é fundamental, sem . . . não que . . . é importante deixar claro, é que não só esse aspecto social é importante, é um algo mais, quando eu digo isso, eu já to considerando que a parte motora ta sendo toda trabalhada cem por cento, ta muito bem, ta redondinha, aí eu parto pra essa parte, é esse profissional que eu quero, que consiga conciliar essa, essa situação, infelizmente é difícil, não é fácil não, é difícil, mas hoje a gente tem, não são todos, mas a gente tem um grupo bastante interessante, um recurso humano excelente nessa área.

Entrevistadora – Bom . . . Agradecimentos.

E3 - GDC – Essa questão, dos sete, isso que a gente conversou dos sete – oito anos, nove dez, essa coisa generalista, dos onze aos treze, entra no esporte propriamente dito e depois refina, aprimora, regras e tudo o mais, a gente desenvolve isso aqui e foi um . . . foi super difícil implantar na metodologia que está hoje e . . . enfim, obtivemos sucesso, tanto é que somos pólo de desenvolvimento pro SESI no Estado, a gente, digamos que exportamos tecnologia, o pessoal vem aqui pra ver que realmente é possível, da pra fazer, da pra fazer sim, da pra pedir trabalhinho escrito que eles fazem, a gente faz campanhas, a gente usa os temas transversais, a gente trabalha na aula, cada mês é um tema, tem um tema fixo, e o professor sentido a necessidade, ele trabalha outros, não é nada amarrado, essa questão né, a não ser o tema fixo do mês, por ex, agora . . há pouco teve o combate ao fumo, e as crianças pesquisaram, procuraram saber um pouco mais do que que é isso, as doenças relacionadas, os prejuízos, eu sei que tem muito pai que ta “p” da vida com a gente, porque a criançada vai atrás, tem outros que já vieram agradecer e . . . porque a gente realmente trabalha, todos os alunos tem o seu caderninho, ele tem o caderno, que ele pesquisa, ele escreve, não é só brincar por brincar, não é por aí, e a gente procura trabalhar aspectos de outras culturas, a gente tem aquela bola de futebol americano, a gente tem . . . que mais, o taco de beisebol, a bola a gente não tem porque aquilo lá parece uma pedra né, não dá pra trabalhar com aquilo lá, na cabeça de um aquilo lá é terrível, o taco a gente tem, a luva a gente tem, são os exemplos mais palpáveis assim, mas a gente trabalha com muitas atividades de outras culturas, porque envolve o arremessar, envolve o rebater, envolve um série de coisas que é o que a gente ta procurando, que enriquece, enriquece, isso é fantástico e é possível trabalhar assim, a gente tem conseguido ótimos resultados nessa . . . nesse caminho.

Entrevistadora – Deixa eu perguntar uma coisa que me veio agora, na . . . quando você fala do trabalho aqui do (. . .), você ta falando, você ta incluindo um escola, porque você tem uma escola? (Não!) Não?, Você ta falando só do atendimento ao público de uma maneira geral?

E3 - GDC – Isso, o clube, a parte do clube, porque infelizmente a escola, são duas diretorias, o SESI é setorizado, são dois departamentos diferentes, a escola é uma outra gestão, que . . . infelizmente à parte, infelizmente hoje é assim que acontece, no passado remoto já foi, as aulas de EF já eram, eram dos professores da parte do clube, o centro de lazer e esporte, hoje não é assim, mas tem uma corrente aí brigando pra voltar, que a gente percebe que qualitativamente é muito diferente, é tudo diferente, é tudo, tudo diferente, tudo, e a gente tem mais condição, não só de infra estrutura, mas prof . . . do próprio profissional, a capacitação que acontece pra gente, não acontece pra eles, são coisas diferentes e nos temos programas setorizados, temos especialistas na terceira

idade, especialistas no *fitness*, especialistas na escola de esporte, especialistas nos programas para portadores de necessidades especiais, então, um atendimento que dá pra ser diferenciado, dá pra, é bastante diferenciado, o especialista do programa Atleta do Futuro, que é esse de . . . pra crianças de sete a quinze anos, e tem esse nome atletas do futuro por uma concepção original, o nome forte ficou, porque na verdade seria cidadão do futuro, só o nome ficou, a concepção original dele era totalmente esportivista, com peneira, hoje a gente não tem mais isso, não existe peneira, estamos de portas abertas e vamos participar, desde que esteja na idade adequada, é muito bem vindo pra participar, nós temos setecentas e trinta vagas hoje, dessas setecentas e trinta vagas, cinqüenta por cento, completas, quer dizer, temos muito que batalhar e lutar, porque é difícil convencer o pai, porque quem traz é o pai, principalmente os pequenos, dessa faixa etária dos sete até os dez anos, quem traz é o pai geralmente, e o convencimento passa pelo pai, como é que meu filho vai ser um Robinho, se ele não joga futebol, se ele fica jogando essa bola esquisita aí, se ele fica brincando (Brincando entre aspas), é, é isso que ele pensa, fica só brincando, e a gente sentiu uma diferença gritante quando mudou a metodologia, saiu daquela concepção original e passou pro que é hoje, bom, foi uma debandada geral, num primeiro momento, foi uma debandada geral, de 600, 700 alunos que a gente tinha, caiu pra cinqüenta, que permaneceram e foi um trabalho de reconquista de alguns pais, de outros, outras crianças não voltaram, Graças a Deus, porque elas já tinham uma mentalidade totalmente esportivista, que não era o que a gente queria, aquela mentalidade da exclusão, da peneira, dos cinco melhores jogam, o restante, eu sou melhor que você, então, foi até bom por esse lado, a gente conseguiu, só mudando a metodologia conseguimos mudar a clientela, digamos assim, né, mudar os alunos aí, e essas pessoas que vieram no comecinho, que a gente . . . reuniões constantes, periódicas, a gente sempre tem que ta em reunião, reunião de conscientização pro pai do que ta acontecendo, porque pro pai é um bicho de sete cabeças, você ta fazendo coisa de outro mundo, e eu acredito ser um trabalho único aqui na região, porque . . . com sete anos e entrar num programa que a gente chama de Jovens em Ação, que na verdade é base motora, 7-8 anos a gente trabalha base motora, 9-10 anos a gente trabalha pré desportivo, mas pra não falar esse palavrão pro pai, a gente resolveu adotar esse nome de Jovens em Ação, que ta funcionando muito bem, você pergunta pra um pai o que que seu filho faz no SESI, ele faz o Jovens em Ação, deu super certo, e essas pessoas carregam a bandeira e . . . acreditam mesmo e participam de tudo, porque inclusive, uma coisa que a gente prega é o trabalho com a família, né, o pai ta acompanhando de perto, ta brincando junto e ta realmente entendendo, não ficar só no discurso, a gente traz a família pra dentro, inclusive, em

apresentações de . . . de . . . da campanha do fumo por ex, combate ao fumo, alguns dos temas transversais, a gente traz o pai e o pai participa também. Acho que é só.

E4 – GDC / TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Entrevistadora – “Eu to conversando com o (. . .) . . . “

E4 – GDC – “(. . .).“

Entrevistadora – “(. . .). Antes de mais nada, (. . .), eu vou esclarecer ao senhor que o seu nome e a sua entidade vai ficar em sigilo no processo de nossa pesquisa, Ok!?!? Eu queria saber do senhor inicialmente, qual é a sua opinião, o que é esporte?? Como é que o senhor define o esporte??“

E4 – GDC – “O esporte na minha concepção é uma das coisas mais importantes na vida do ser humano . . . ele seria assim . . . uma das coisas, uma das entidades que pode salvar o mundo de muita porcaria que existe por aí. Eu costumo falar o seguinte, vou ser mais abrangente com relação ao esporte, eu costumo dizer que o mundo ta tão ruim que só três atividades poderiam salvar as pessoas do mundo cão que existe, é: uma religião, ainda que séria, não interessa qual delas; uma família bem constituída e o esporte ... e o esporte. Você me perguntaria, e a escola? Escola é ótimo, mas não anda muito bom, você há de convir que não anda muito bem, então, o esporte pra mim é algo de uma importância muito grande pra sociedade.“

Entrevistadora – “Nesse âmbito do esporte, como é que o sr., o que é pro sr. A iniciação esportiva, como é que o sr. definiria a IE??“

E4 – GDC – “Bem, veja bem, nós, na qualidade de diretor do clube, nós temos uma escolinha de esporte, que contempla o futebol, o futebol de salão, o basquetebol e o voleibol, tá . . . e só que, nós como clube, não interessa o resultado, o resultado técnico, pra nós, na nossa visão, desde o início da escolinha, através dos professores que começaram com ela, o nosso objetivo é a formação pessoal da criança, até porque a nossa escolinha é limitado até uma certa idade, então, o nosso objetivo maior nosso é tirar a criança de frente da televisão, de frente do computador, da rua, se ele vai se transformar num atleta, isso não é o caso pra nós, eventualmente ele pode vir a ser, mas o nosso objetivo não é esse (nesse momento? . . .) Não!“

Entrevistadora – “Qual a faixa etária que vocês, que a IE abrange aqui e como é que vocês. chegaram a essa organização de idades, essa disposição de idades?“

E4 – GDC – “Veja bem, nós, a escola foi formada com a contratação de dois professores, inicialmente era o futebol e depois atingiu o vôlei também e eles que organizaram tudo isso aí, eles que definiram a idade com as quais eles gostariam de trabalhar, vai dos sete anos até os dezesseis e eles que dividiram em faixas, de acordo com o que eles achavam melhor, o clube não interferiu nesse sentido.“

Entrevistadora - “A IE aqui ela é de sete a dezesseis em todas as modalidades, mais ou menos ?”

E4 – GDC – “A única modalidade que não tem muito, não existe uma separação muito grande é o futebol de salão feminino, porque o futebol se você colocar por idade, por faixa, você não vai conseguir montar uma equipe né! Então, as demais não, existe os professores, depois você conversa com alguns deles, eles é que dividiram, tipo assim, eu não sei exato, de sete a nove, de nove a doze . . . são quatro, quatro turmas cada faixa etária.”

Entrevistadora – “Você disse que só tem modalidade coletiva, tem individual também??”

E4 – GDC – “Não sei como você poderia chamar de individual, nós temos o que uns chamam de academia, eu prefiro chamar como escola de esporte, é o karatê, tá! Karatê é mais individual do que coletiva, só que esse karatê é outra, também é dividido por faixa, mas esse vai até o adulto, até o adulto participa da . . . o professor entende como academia, nós como organizadores, preferimos chamar como escola.”

Entrevistadora – “Aqui, no caso do seu clube aqui, quem é que trabalha, que profissional que trabalha com a IE?”

E4 – GDC – “Ah, só professores de EF formados, formados, com CREF, inclusive a gente vira e mexe, recebe as visitas do .. . representante do CREF, até recentemente ele esteve aqui, então só trabalhamos com profissionais, o único que é . . . , não me lembro como que o CREF chama . . . provisionado, é o professor de Karatê, é o único que é provisionado, os demais são todos professores formados.”

Entrevistadora – “Porque que vocês têm essa visão de trabalhar com profissionais?”

E4 – GDC – “É pelo objetivo que nós temos, não adianta você colocar um curioso pra lidar com criança principalmente, né?? . . . então, a idéia nossa é não trabalhar com curioso porque a gente tem conhecimento de muita coisa que foi dada na mão de curioso, aí ele passa a se interessar pelo lado profissional, quer formar jogador, quer ganhar dinheiro em cima do garoto e como nós não temos esse objetivo, inclusive nós contratamos um profissional, toda vez que nós temos que substituir um aqui, uma das, um dos pontos é que ele se enquadre no perfil que nós queremos.”

Entrevistadora – “É, então vou fazer uma pergunta com relação ao perfil na próxima, mas antes dessa pergunta, que tipo de conhecimento específico esse profissional que vai atuar com criança deveria ter?? ... que conhecimento específico . . .”

E4 – GDC – “Olha, nós procuramos, a escola nossa, como já disse é o futebol, o futebol de salão, o vôlei, o basquetebol, é que ele seja, tenha o gosto por aquela especialidade, tá! Porque não adianta a gente colocar um professor que gosta de voleibol e querer dar futebol, né! Então, a base mais importante pra (barulho . . .) bem competente,

devidamente credenciado, é que ele tenha o prazer de ministrar aquela aula que ele tá dando, aquela especialidade que ele tá . . .“

Entrevistadora – “Se ele tem que ter uma especialização naquela área, tem alguma exigência, ou se . . .“

E4 – GDC – “Não, não, normalmente, nós somos uma cidade relativamente pequena, então a gente conhece quase que todo mundo que, que faz esporte na cidade, então nós sabemos quem gosta de futebol, quem gosta de vôlei, quem gosta de basquete, então quando falta um professor, quando a gente precisa, até pra substituição, a gente procura buscar um profissional especialista naquela , naquela . . . matéria.“

Entrevistadora – “Bom, então agora vamos para o perfil, na sua opinião, qual que é o perfil que essa pessoa que vai trabalhar com IE deveria ter? Tipo de conhecimento, tipo de atitude, tipo de comportamento, qual que é esse perfil então que vocês buscam nesse profissional?“

E4 – GDC – “Uma das coisas que a gente busca é que seja um profissional sério, competência, amor ao esporte, tem que ter amor ao esporte e gosto pela criança que vai . . . porque o início de tudo é a criança, se for uma pessoa que não tem amor as crianças, não tem prazer em lidar com criança, não interessa pra nós; o perfil inicial dele é que ele seja uma pessoa que gosta de trabalhar com criança.“

Entrevistadora – “Então, eu acho até que o senhor já respondeu essa pergunta, mas eu vou perguntar de novo, quem você contrataria para trabalhar com a IE? . . . dá uma resumida aí . . .“

E4 – GDC – “É a mesma história da pergunta anterior, é, a IE não tem como trabalhar com ela sem ter prazer, se não tiver gosto pelo que tá fazendo, então, às vezes, felizmente aqui no nosso âmbito, nós não temos falhado não, nós temos conseguido pessoas desse naipe, mas ocorre muitas vezes de você se enganar com alguma pessoa, você pensa que ela é uma coisa, na realidade, a hora que vai ver não é, então a gente busca na realidade informações, como que ele é, geralmente já trabalhou num lugar, trabalhou no outro, a gente procura informações pra saber se, basicamente, ele atende o objetivo que nós temos inicial . . .“

Entrevistadora – “Que é o de não pensar em resultado . . .“

E4 – GDC – “Resultado . . .“

Entrevistadora – “resultado imediato, mas a formação do . . .“

E4 – GDC – “O mais importante pra nós é isso aí, o professor que vai trabalhar conosco na área da IE, não pode visar resultado imediato, . . . resultado imediato, . . . porque a gente participa de alguns campeonatos fora daqui ou então organiza algum aqui, torneinhos assim, e a gente é muito cobrado pelos pais dos meninos inclusive, - é, meu filho não joga, joga pouco, põe, depois tira, desse jeito não vai ganhar nunca, então a gente tem

que procurar fazer o pai entender que, às vezes, é lógico que a gente não fala isso aí pra ele, você quer que ganhe, pra ganhar o seu filho não pode jogar, . . .“

Entrevistadora – “Se fosse pensar em resultado não iria por todos pra jogar. . .“

E4 – GDC – “Não pode por todo mundo pra participar, e o nosso objetivo não, é que todo mundo participe no mesmo nível.“

Entrevistadora – “Só pra complementar aqui uma informação, o senhor tem alguma formação voltada pra EF ou . . .“

E4 – GDC – “Não, não, não tenho. Só tenho o segundo grau, sou técnico em mecânica. Sou mecânico ferroviário aposentado, por isso eu sou diretor do clube, mas eu tenho, isso eu posso falar, eu tenho uma experiência no esporte muito grande. Eu fui diretor da Associação Atlética Santana por quase trinta anos, é um dos clubes de esporte amador da cidade, aí depois eu assumi diretor, inicialmente como adjunto e há três anos como diretor geral de esportes . . . Isso me deu, aliás, sem contar aquele detalhe que eu falei pra você, o amor ao esporte, inclusive, às vezes digo que, oitenta por cento das pessoas não são aquilo que gostariam de ser, eu me adaptei muito bem na profissão que eu abracei, mas na realidade eu gostaria de ser jornalista esportivo, porque, pelo amor que eu tive pelo esporte desde pequenininho, essa é minha . . . formação voltada pro esporte propriamente dita, não tenho.“

Entrevistadora – “Isso não exatamente importância, era só mesmo pra saber. Bom, (. . .), a princípio seria isso, tá ótimo, a gente vai tá depois fazendo uma transcrição disto num papel, e vai tá trazendo uma cópia pro senhor, e aí vai trabalhar e depois trazer os resultados, pra vocês saberem o que a gente tá fazendo. . .“

E4 – GDC – “Tá bom !!!“

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

GPA - GRUPO DOS PROFISSIONAIS ATUANTES

(B – BACHARÉIS/GRADUADOS e L – LICENCIADOS)

E1B – GPA / TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Entrevistadora – Bom, eu to falando agora com (. . .), ela trabalha aqui (. . .). (. . .), antes de mais nada, o nome da entidade e o seu nome não vão ficar . . . é . . . expostos no trabalho, a gente vai ta usando código, ta?? . . . Na sua opinião o que que é esporte, como você definiria o esporte?

E1B - GPA – É, eu tenho tempo pra responder?

Entrevistadora – Tem, todo o tempo do mundo, todo o tempo seu, né, porque você é que tem aula depois.

E1B - GPA – É que quando eu entrei na faculdade, eu tive um professor que você deve até conhecer, o Mauro Betti, e ele fez essa pergunta pra gente no primeiro dia de aula, e eu escrevi que esporte era lindo, espetáculo etc, e aí, quando a gente termina a faculdade e muito depois também a gente começa a enxergar de várias formas assim, é difícil falar o que é esporte pra mim, porque eu enxergo de muitas formas, ele é, o esporte pode ser manipulador, quando ele é usado pela mídia como manobra das massas, a gente sabe que isso acontece muito, o esporte pode ser um meio educacional fabuloso, quando bem direcionado, o esporte pode ser fonte de renda, a gente sabe muito bem disso, mas assim, eu, eu considero uma espécie de . . . eu gosto de trabalhar no esporte visualizando o seguinte, primeiro que eu acredito que o que eu faço aqui dentro não é esporte, não tem nada a ver com o esporte, ainda que as pessoas chamem de esporte, eu trabalho com atividade física, com qualidade de vida, mas é lógico que a gente tem contato com o esporte, a gente trabalha de fim de semana, com IE, alguns grupos, então eu visualizo da seguinte forma, o esporte é um meio pelo qual você interage com as pessoas e faz . . . e traz . . . e oferece pra elas milhares de coisas, pode ser a integração, a socialização, é . . . , mesmo . . . , tratar de descobertas que a pessoa não descobriu, eu gosto mais nessa linha, entendeu?

Entrevistadora – No âmbito do esporte nesse seu conceito, como você definiria a IE?

E1B - GPA – Eu acho muito, eu acho super importante, sabe . . . eu . . . eu fui, eu sou uma atleta frustrada assim, e eu treinei três ou quatro modalidades durante a minha infância e minha adolescência, e talvez eu tivesse sido muito boa em alguma delas, ou em algumas das outras as quais eu não tive contato, então, nem tanto por ser uma atleta ou ficar muito boa, mas porque a gente sabe, a gente percebe isso, quanto mais a gente vai ficando mais velha, a gente acaba ficando meio que limitada, mas a infância é um momento legal assim, pra gente estar trabalhando “n” habilidades e “n” tipos de modalidades pra criança se encontrar dentro disso tudo e conseguir usar o esporte como meio de crescimento, sem que se torne uma coisa obrigatória, uma coisa maçante, então

eu acho que a IE é importante por isso, ela dá espaço pra todo tipo de contato, de conhecimento, de desenvolvimento motor, e aí então, no futuro talvez, se a criança realmente quiser, enfim, é, nada daquela coisa - o pai fazia, eu vou fazer, eu acho legal a I por isso, quantos meninos seriam ótimos bailarinos se não fosse a visão estreita dos pais e enfim, então, é questão de ter contato com tudo, com ritmo, com todos os tipos de habilidades, eu acho muito importante assim, pra formação, construção motora do indivíduo durante toda a vida.

Entrevistadora – E, em quais locais que você visualiza a IE acontecendo? Aonde você acha que a IE acontece, em que locais?

E1B - GPA – Qualquer lugar, qualquer lugar, qualquer material, é . . . é legal você ter uma estrutura, não necessariamente uma quadra, mas ter m espaço grande, mas enfim, eu não consigo enxergar – tem que ser assim, tem que ser aqui; todo ambiente é muito rico de . . . a gente pode ficar ali na escada, brincar com as crianças ou enfim, subir-descer, pode brincar na grama, dentro da sala de aula, com a bola, com cordas, sem nada, não consigo te falar – Ah, tem que ser assim; eu acho que pode ser em qualquer lugar.

Entrevistadora – Agora, qual a faixa etária você acha que a IE abrange e como é que você chegou a essa conclusão?

E1B - GPA – Faixa etária.

Entrevistadora – Se existe uma faixa etária?

E1B - GPA – Eu acredito que existe também porque é limitante, assim, só até essa idade, mas é porque o próprio indivíduo acaba querendo ou cair fora, não suporto isso ou se especializar em alguma coisa, então ele acaba meio que procurando, . . . mas eu acho que, . . . não sei, . . . quando eu olho, eu estudei no Arquidiocesano em SP e as crianças, eu nunca fiz, é o que eu te falei, comecei muito cedo, com sete anos eu fazia basquete, enfim, mas eu via criancinhas assim, de uns quatro, cinco anos, já com um trabalho de IE, até uns oito, nove anos, aí eu acho que já começa, acredito que seja assim, mas não acho que é fator limitante, eu to falando é o que eu acho que acaba acontecendo e onde eu acho que é interessante que aconteça, porque a gente sabe que chega nos doze, treze anos, já entra na fase de habilidades específicas e, enfim, aí a própria pessoa acaba procurando, pode ser que não, pode ser que ela, mas é muito, eu acho que. . . deve ser muito raro, você num . . . acabar se identificando com alguma coisa e querendo progredir dentro daquilo, acredito que mais ou menos por aí, na faixa etária de cinco, seis até uns dez, onze . . .

Entrevistadora – Independente da atividade?

E1B - GPA – Ah, sim. Eu sou muito a favor do vamos fazer tudo, sem libertinagem (risos), mas não, vamos experimentar, fazer experimentações, assim, eu acho legal.

Entrevistadora – Qual é o tipo de conhecimento específico você acha que profissional que vai atuar com essas crianças, vamos dizer assim, deveria ter?

E1B - GPA – Chegamos num ponto importante. eu acho assim, num contexto geralção, já que você tocou nesse assunto de Licenciatura e Bacharelado, ambos podem trabalhar, só que eu, sou bacharel, eu falo de carteirinha, que o licenciado é muito mais apto a trabalhar com essa faixa etária, muito mais apto pra trabalhar por didática, por . . . eu acho que talvez eu, se eu tivesse me interessado e, enfim, mas eu enxergo a licenciatura como uma área, mesmo porque licenciatura acaba indo pro lado da EF escolar, né, então acaba tendo umas disciplinas até, dentro da graduação mesmo que acabam direcionando mais pro, mesmo pro trato, pra lidar com crianças, assim, eu consigo trabalhar com crianças, mas pessoalmente, é um trabalho que pra mim não pode se estender por muito tempo assim, eu tenho esse perfil de querer ver o rendimento acontecendo num espaço de tempo curto, eu não sei se todo . . . pode ser que existam, pode ser não, existem bacharéis que talvez se sintam muito confortáveis, mas em termos de conteúdo, eu acho que a licenciatura oferece mais, mais . . . estrutura pra estar trabalhando com esse tipo de . . .

Entrevistadora – Você poderia citar pelo menos uma disciplina, ou algumas disciplinas que você acha que seriam muito importantes . . .

E1B - GPA – Não, por ex., o licenciado dentro da Unesp, eles fazem quatro semestres eu acho de . . . ou quatro ou três, não sei, de . . . ensino, prática de ensino, então eu to indo na escola, tendo contato com “n” faixas etárias, um monte de realidades diferentes, que isso é importante, escola particular, escola estadual, municipal, enfim, então isso é uma coisa que o bacharel não tem, não faz sentido ter dentro do que o perfil do bacharelado . . . é . . . quer construir, e eu acho que é uma experiência enorme, é legal a disciplina, o papel, depois que a gente põe a cara pra bater, que a gente ver que muita coisa a gente deixou passar, não deu atenção e muita coisa a gente vai aprender fazendo, mas eu por . . . isso pra mim é crucial, ter muito tempo de prática de ensino, ia ser muito complicado o cara sair da faculdade, que é o nosso caso, do bacharelado, e ir direto pra uma escola, entendeu, porque a gente sabe muito bem, que planeja uma aula e chega lá na hora dá tudo errado, chove, acaba a luz, então tudo isso que acaba acontecendo, IE muito provavelmente aconteça isso, você planeja uma atividade externa, super legal, cheia de gincana e cai um temporal, você fica super limitada, por isso que eu sou a favor de vários espaços, então, isso pra mim, por ex, essa disciplina é importantíssima, tem também pedagogia do desenvolvimento e tem . . . enfim, coisas que tem mais a ver com o crescimento do indivíduo, a gente, não é que a gente releva o fator infância, adolescência, mas como a gente acaba se voltando muito pra parte de rendimento, de treinamento, é uma coisa que não acontece tão cedo, né, então, a gente acaba pegando

uma faixa etária mais madura, a gente fica um pouco que . . . sem conteúdo pra poder trabalhar . .

Entrevistadora – E, qual o perfil profissional você acha que é, que deveria ter essa pessoa que vai trabalhar com IE? Além dos conhecimentos específicos, que outros . . . comportamento, atitude . . .

E1B - GPA – É difícil rotular, né, falar assim é . . . eu tenho vários amigos que trabalham com I até hoje, e eles tem uma facilidade que eu não tenho, é uma coisa que eu tentei até trabalhar e falei - bom, não é minha praia. Por ex., saber o *timing* da criança, do adolescente, do tipo de tratamento de . . . de vocabulário mesmo, de como chegar até a criança, como tirar alguma coisa da criança, como pedir alguma coisa, fazer com que ela faça, enfim, é toda essa construção que pode vir com a experiência, mas eu acho que tem uma coisa que é meio já, a pessoa já tem isso dentro dela, eu sei porque eu tenho uma filha e . . . eu aprendi muito com ela, mas eu percebo que existem muitas pessoas que tem muito mais facilidade de fazer minha filha contar uma história, por ex., do que eu. Entendeu? Então eu acho que é esse tato, essa . . . tem que ser uma pessoa maleável, tem que ser uma pessoa extremamente criativa, porque é o que eu acabei de falar pra você, dá tudo errado e tem que vir uma coisa na hora, e que motive as crianças, enfim, então, é um perfil mais ou menos assim, ele tem que gostar muito, porque, é, eu acho que é engraçado até eu falar isso, é bem parecido com trabalhar com terceira idade, você vai ver muito pouco, muito pouco não, mas enfim, num curto espaço de tempo você vai ver muito pouco, muito pouca evolução, muito pouco crescimento em relação a, você vai ver muito pouca evolução no sentido de . . . de habilidades, de corpo mesmo, matéria física, enfim, mas você implanta um negócio que dali a três ou quatro, cinco anos, nunca vai ser esquecido, entendeu? Com terceira idade é assim, eu também trabalho muito pouco com terceira idade, mas eu tive a chance de dar umas aulas aí e é bem legal assim, a resposta é outra, a resposta é diferente, não é uma resposta exata, ta ali, vou por no lápis, . . . e isso é legal, então a pessoa tem que ter isso dentro dela, de saber que não vai ser nada imediato, mas que num . . . ela também não pode nem pode querer nada as vezes, né, ela tem que fazer por fazer e . . . porque gosta e pronto. Eu acho que o engraçado é que quem trabalha com treinamento, quem é mais assim, já tem aquele negócio assim – Vamos tentar outra vez porque . . . você vai especulando, e quer que a pessoa tenha metas, enfim, é uma coisa mais quadrada.

Entrevistadora – Agora, vamos imaginar assim, que você fosse contratar um profissional pra atuar com IE, quem você contrataria?

E1B - GPA – Ah, tem tanta gente, é que eu não posso falar o nome que não adianta . . .

Entrevistadora – Ta, imagina assim, ao invés de você falar o nome, você visualiza essa pessoa e descreve ela pra mim.

E1B - GPA – Bom, é um palhação (risos), não, sem ser pejorativa, de maneira nenhuma, mas tudo isso que eu te falei antes, é uma pessoa que tem tudo isso, é extremamente responsável, tem, cheio de “n” problemas, enfim, mas pensando no perfil, é um cara que ta sempre animado, sempre divertido, é engraçado porque é uma pessoa que . . . é bacharel essa que eu to descrevendo, mas deixa eu pensar numa outra pessoa . . . um amigo meu, também é muito bom, é ele . . . é um cara que a gente percebe que não tem tempo ruim, é um cara que a gente percebe que . . . ele consegue sublimar muitas coisas do cotidiano dele em função do que ele ta fazendo e . . . ta fazendo e se entregou pro negócio mesmo, não interessa quem ta em volta, dedicado, e que eu perceba que vai acrescentar pra essa criança, pra essas crianças, pra esse grupo, que vai acrescentar no sentido de valores, de . . . posturas, enfim, quando eu falo posturas, eu não sou quadradona de . . . posturas no sentido de – é legal assim, assim não é, é uma pessoa que eu perceba que ela tenha essa . . . essa coisa de querer construir mesmo um negócio, eu ia fazer uma pergunta assim – Você tem pressa de . . . ? É o que eu te falei . . . Você tem pressa de chegar ao resultado do seu trabalho, ou não? Isso pra mim ia ser uma pergunta crucial, porque se ela falar - Tenho, nossa, é importante. Eu já, . . . eu ia falar – Pô, você pode ser um ótimo profissional, mas eu acredito que pro que eu imagino pra trabalhar com IE é uma coisa que, que talvez dificulte com o passar do tempo, aí o cara fica nervoso, e aí enfim, a gente sabe tudo o que acontece, é por aí.

Entrevistadora – Você acha assim, qual seria assim, o objetivo principal da IE ou alguns objetivos . . .

E1B - GPA – Ah, experimentar, experimentar todo o tipo de . . . de . . . (Vivência. . .) é, de vivência que permita com que a criança . . . não cresçam adultos frustrados que nem eu, que nem eu to te falando agora, entendeu – ô, eu podia ter feito isso . . . – não, eu fiz e não rolou, entendeu! Eu acho que tem que ser um . . . eu acho que é isso, é experimentar, a criança vai estar lá para experimentar um monte de coisas, acho que essa é a palavra mais importante, poder ta vivenciando cada coisa, e aí quem sabe, crescer um adulto que continue vivenciando, a gente fica meio . . . medroso, é legal, . . . se a IE oferecer isso pra criança, pra ela crescer e dizer - eu fiz isso, fiz isso, isso, isso, isso e gostei de tudo; que bom, vai fazer tudo, - gostei disso, isso é legal, isso me faz bem, isso não faz; é você dar um leque de opções assim, entendeu? Acho que a importância é essa, . . . e é importantíssimo, é uma coisa, . . . - fiz e agora vem o importante; mentira, o importante já foi feito, agora você vai fazer a sua escolha, é isso.

Entrevistadora – Agradecimentos.

E2B – GPA / TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Entrevistadora – Eu to falando com (. . .) . . .

E2B - GPA – (. . .).

Entrevistadora – (. . .), antes de mais nada eu quero te garantir que o seu nome e a entidade aqui que você trabalha não vão estar aparecendo, a gente vai usar um . . . número um, dois, pra identidade ficar em sigilo; (. . .) é formado em EF – Bacharel, aqui na Unesp – RC. (. . .), na sua opinião o que que é esporte, como você definiria o esporte?

E2B - GPA – O esporte eu vejo como uma atividade . . . uma atividade organizada, você tem algumas regras, uma atividade dirigida, organizada, você tem algumas regras quando existe competição e . . . só.

Entrevistadora – Nesse âmbito do esporte, o que seria a Iniciação Esportiva, como você definiria a IE?

E2B - GPA – A IE eu definiria como uma preparação, vamos dizer assim, uma primeira fase pra se chegar ao esporte. Dentro do esporte você já tem as regras definidas, como eu falei, na IE você pode trabalhar algumas coisas que possam auxiliar na hora que você vai fazer o esporte, por ex. correr, saltar, girar, algumas das habilidades, isso com materiais ou não, eu vejo assim.

Entrevistadora – Em quais locais nós encontraríamos, em quais espaços de atuação nós encontraríamos a I?

E2B - GPA – A IE você pode trabalhar desde áreas de lazer, no caso, até em ruas, quadras, campos, nos clubes, ambientes fechados ou não, eu acho, acho que poderia ser trabalhado assim . . .

Entrevistadora – Tipo clube, Prefeitura, Academia, escolinhas . . .

E2B - GPA – Escolinhas, escolas, acho que, você tendo uma proposta, você pode seguir de acordo com as características de cada local que você vai ta trabalhando.

Entrevistadora – Qual a faixa etária que a IE abrange na sua opinião e como é que você chega a essa organização, a essa disposição de idade?

E2B - GPA – Olha, vou tomar como exemplo aqui no local que eu trabalho, aqui a gente tem a IE a partir dos sete anos, que a gente acredita ser uma fase em que a criança se encontra em condições de começar a entender propriamente esses esportes, antes disso a gente acredita que a gente se deva ficar limitado mais as atividades lúdicas, as brincadeiras, os jogos, nesse caso nosso específico eu acredito nisso, a partir de sete anos.

Entrevistadora – Qual seria o objetivo da IE na sua opinião?

E2B - GPA – Objetivo?

Entrevistadora – Porque, como você disse antes dessa faixa etária não estaria apropriado, a criança ainda não teria, não estaria pronta pra aprender, a IE teria que objetivo a partir dos sete anos?

E2B - GPA – Eu acho que a partir dos sete anos é uma atividade já mais dirigida, seria no caso uma atividade mais direcionada, vamos dizer assim, pra uma prática de um esporte, por ex., no caso o futebol, o basquete, o vôlei, a natação, eu acho que ela caminha nesse sentido, mais com esse foco . . .

Entrevistadora – Você citou essa faixa etária porque é o que você trabalha aqui na sua instituição, você acha que ela está correta, essa disposição de idades . . .

E2B - GPA – Olha, a gente aqui, eu to trabalhando aqui já ta fazendo, vai fazer seis anos, quando eu entrei já tinha essa proposta, é uma proposta pedagógica implantada por outros professores e pelo que eu vejo, tem dado bastante certo, porque a gente limita muito a faixa de idade, então, são turmas de 7-8 anos, 9-10 anos, 11-12 e 13- 14, esse é o, a faixa de idade, de sete aos quatorze anos, pela minha pouca experiência tenho notado que dá resultado, eu acho que antes, a gente teria que trabalhar de uma outra forma, vamos dizer dos seis cinco anos pra baixo, da maneira como a gente vem executando as tarefas, deveria ser um pouquinho modificado.

Entrevistadora – Aqui no caso, que você trabalha aqui no clube, quem trabalha com a IE aqui, que profissional é esse que trabalha com IE aqui?

E2B - GPA – São professores, são graduados, são bacharéis e a gente tem os licenciados, no caso específico aqui, são dois bacharéis e quatro licenciados.

Entrevistadora – E essa postura do clube, você sabe porque que é, de contratar os formados no caso . . .

E2B - GPA – Você fala no caso de ser professor mesmo ??

Entrevistadora – É, não exatamente professor, no caso de ser formado em EF, independente da titulação.

E2B - GPA – O porque dessa postura? Olha, eu imagino que seja pelo fato de . . . deles acreditarem que a gente tem condições, que a gente tem, vamos dizer . . . totais, como eu posso dizer, capacidade por ter passado pelo curso de EF que possibilitou que a gente ingressasse e soubesse como que a gente poderia estar trabalhando, a gente no caso, tem uma formação diferente de pessoas que começaram a ser professores agora, ou com apenas a prática que eles tiveram na sua fase adulta, fase adolescente, então eu acho que o clube . . . além disso, eles querem que tenha maior responsabilidade em relação ao sócio, maior credibilidade eles dão pra gente nesse sentido . . .

Entrevistadora – Que tipo de conhecimento específico esse profissional que vai atuar com as crianças deveria ter?

E2B - GPA – Ele tem que ter conhecimento amplo do ser humano, conhecer desde sociologia, fisiologia, psicologia da criança, psicologia, . . . a praticamente tudo, eu acho que ele tem que conhecer um pouquinho de cada coisa, desde a psicologia até a fisiologia, desenvolvimento motor, cognitivo, tem que conhecer isso, porque são diferentes faixas de idade, então, na medida que a criança vai se desenvolvendo, vão tendo alterações que a gente precisa saber como lidar, como interpretar. Pra que o nosso trabalho também, que a gente possa conseguir os nossos objetivos.

Entrevistadora – Na sua opinião, qual é o perfil profissional que essa pessoa que vai atuar com IE deveria ter? Você falou agora dos conhecimentos, qual a postura dela, comportamento, atitudes, conhecimentos, que perfil deveria ter esse profissional?

E2B - GPA – AH, não sei, parece meio . . .

Entrevistadora – Além dele estar preparado por ex. por um curso de formação que vai dar todo esse . . .o fato que você falou agora das disciplinas, além de tudo isso, qual que seria a postura dele como profissional?

E2B - GPA – Postura dele como profissional? . . .

Entrevistadora – No caso, a gente falou até agora dos conhecimentos específicos em termos acadêmicos, vamos dizer assim, além disso, que outra postura ele deveria que ter? que atitude, que comportamento? . . .

E2B - GPA – Não sei . . . que outra postura, que outro perfil?? . . . Não sei, eu vejo assim, eu acho que ele tem que estar, além desse conhecimento acadêmico, ele tem que tá conhecendo principalmente o local, a cultura, a cultura local, que nem, a gente tem aqui, vamos dizer assim, algumas características aqui no clube, é um clube assim, de baixa renda, não é um clube que você tem pessoas com alto poder aquisitivo, então acho que esse é um fator, conhecer o grupo, o ambiente que você tá trabalhando, a cultura específica daquele lugar . . .

Entrevistadora – Se você fosse a pessoa que vai contratar o profissional, quem você contrataria pra trabalhar com I? e Porquê?

E2B - GPA – Quem eu contrataria e porque? (É!) Olha, nesse caso eu contrataria uma pessoa que tá disposta, no caso, a dar continuidade a esse trabalho que a gente tá fazendo, que é uma proposta construtivista, uma proposta pedagógica construtivista, uma pessoa que tivesse interesse, que seja curiosa e criativa, e além desses conhecimentos que ela tem que tá trazendo da faculdade, que eu vejo também que a faculdade, a universidade, ela te dá alguns pontos, fui perceber, fui começar a entender o trabalho com crianças, com I a partir do momento que eu comecei a dar aulas mesmo, dois anos depois é que você começa a entender, que você tava vendo como teoria e agora você fazendo na prática, que nem a gente falava - na teoria a prática é outra, aqui mesmo no clube a gente tem totais condições de trabalhar, você tem material, você tem

instalações adequadas, então, eu acho que dentro dessas qualidades que eu falei pra você, independente do lugar, eu acho que o profissional tem que ter, mesmo que ele não tenha essas condições que eu falei, ele tem que ter essa curiosidade, essa criatividade, esse interesse, é isso, tem que ser esse tipo de profissional.

Entrevistadora – Legal. Vou te fazer uma pergunta que nem ta relacionada aqui, mas que eu acho interessante ver a sua posição. Você acha que existe uma diferença entre o profissional que vai atuar na escola e fora da escola com IE, eles têm perfis diferentes ou os objetivos deles são diferentes?? Você não ta na escola e nem é licenciado, mas você tem uma posição em relação a isso?

E2B - GPA – Eu até, quando eu iniciei o curso, eu pensava justamente nisso, eu acredito que sim, o profissional tem que ter essa diferença, infelizmente a escola hoje, ela atravessa, acho que uma das piores crises que a gente pode ver, então, (viramos o lado da fita), então eu o seguinte, eu acho que, quando eu comecei o curso na licenciatura, eu não tinha uma noção disso, tem a licenciatura, tem o bacharelado, então, no segundo ano é que eu comecei a entender, até com conversa com outros colegas é que eu comecei a entender um pouco mais, e eu vi que o meu perfil era diferente pra trabalhar na escola, eu vejo que a escola, é lógico que a escola tem uma responsabilidade, você tem uma responsabilidade em relação aos alunos, a proposta pedagógica, assim como você tem no clube, só que eu imaginava o seguinte, vou dizer bem claramente, eu não gostaria de ir pra escola e simplesmente chegar lá e ter uma ou duas bolas e não ter condições de trabalhar e ser apenas um agente passivo ali no meio, por isso que eu sai, por isso que eu não quis fazer o curso de Licenciatura, então eu acho que o aluno hoje, o graduando que ta fazendo licenciatura ele tem que ter noção disso, ele vai pra escola ele tem que saber que ele vai ter que participar de uma proposta, ele vai ter que estar atingindo objetivos que são necessários pra formação do cidadão, no caso, da criança, mas do cidadão do futuro, então eu vejo assim, então eu não quis colocar minha mão nisso aí, nessa . . . eu achava que eu não tinha essa responsabilidade, não tinha total responsabilidade pra atuar nisso, por isso que eu sai da licenciatura, a gente participa, quando tava fazendo a graduação, a gente participa de Congressos e você vê a realidade, você vê a realidade como é, não tenho material, os alunos estão . . .é . . .me ameaçando, to correndo risco, então eu me senti um pouco acuado, me senti com medo disso, então acabei fugindo, fugindo desse lado, então tem que ter uma diferenciação sim, o aluno, um profissional que vai trabalhar numa escola e um profissional que trabalha no clube são perfis bem diferentes, é isso.

Entrevistadora – É isso aí, (. . .)! O que eu tinha pra te perguntar é isso, queria te agradecer e depois a gente vai ta te encaminhando uma transcrição dessa entrevista e também depois o trabalho.

E2B - GPA – Eu agradeço, fico contente de poder participar, espero poder ajudar e to a disposição pro que precisar.

Entrevistadora – Obrigada!

E2B - GPA – Obrigado você.

E1L – GPA – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Entrevistadora – Bom, eu to conversando com (. . .), do (. . .), a princípio só eu queria te informar que a gente vai estar, não vai estar identificando o nome nem da escola e nem do profissional na pesquisa, vai utilizar códigos e tal, pra evitar algum constrangimento, sei lá, qualquer problema. Bom, vamos lá, (. . .), pra você o que que é esporte, como você define o esporte?

E1L - GPA – Olha, pra mim, esporte eu posso definir como algumas atividades que envolvem principalmente regras, onde a gente tem regras específicas, regras muito bem estabelecidas, e que elas têm que ser cumpridas, pra mim isso é, dentro de atividades físicas, dentro de movimento etc, colocando isso, tendo como principal ponto as regras, as regras de basquete, futebol e etc

Entrevistadora – Dentro desse âmbito do esporte, o que que é, como é que você definiria a IE, o que que é a IE pra você?

E1L - GPA – Olha, aqui a gente trabalha com IE um pouco mais pra frente, não no início das nossas atividades físicas, que seria com as 5^{as}. séries, com alunos de 10 e 11 anos, nós começamos a dar essa IE a partir de 13, de 12 a 13 anos, começando a pegar um pouco mais a parte específica dos esportes, trabalhando um pouco mais específico dos esportes, porque? A gente não entende que nessa idade menor, nessa idade de iniciação deles, de 10 e 11 anos a gente deva começara fazer essa I tão precocemente, então a gente faz com essa idade umas pequenas pinceladas, uns pequenos, uma pequena introdução ao esporte, mas nada com coisas, regras rígidas, totalmente ao contrário disso e depois com o amadurecimento deles, que é bem nítido você ver o amadurecimento deles e você começar a trabalhar com essa introdução ao esporte, isso melhora muito, então você trabalhando isso bem devagar eles aprendem melhor e a resposta deles pra nós também é bem melhor, eles começam a trabalhar aqui com uma idade de 12, 13 anos, que seria uma 6^a série, uma 7^a série, aí sim uma introdução ao esporte e aí sim um pouco, até uma especialidade um pouquinho maior do esporte.

Entrevistadora – Essa questão da idade, como é que vocês chegaram a essa . . . , foi pela experiência . . .

E1L - GPA – É, ela é feita dos dois lados, primeiro por uma bibliografia, que isso consta e consta muito claramente e também por experiência, que isso acontece bastante, você vê nitidamente, com atividades que você propõem durante o ano e depois você compara o que aconteceu de positivo, o que aconteceu de negativo, com a própria bibliografia que você tem e você vai associando as partes positivas e negativas, que eu comentei, e você quer ver um ponto positivo pro ano seguinte e nós fomos vendo, fomos analisando,

fomos conversando, passando isso inclusive com o Ingo, que é o nosso coordenador, pensamos, repensamos, chegamos nessa conclusão, que realmente, você especializar muito cedo é completamente errado, da nossa parte e os alunos também não gostam, você vê nitidamente que eles não gostam, eles preferem você ir colocando bem aos pouquinhos essa coisas de todos os esportes, do que você ir colocando a parte mais pesada do esporte logo no começo, então foi uma questão de consenso e bom senso comum.

Entrevistadora – Agora, então, qual seria assim o objetivo dessa IE?

E1L - GPA – Olha, um dos principais objetivos nossos aqui da educação esportiva, da IE também, primeiro, é uma socialização geral do grupo, isso pra nós é uma parte principal, objetivo enormemente principal assim, muito grande, então os alunos vão estar sempre entrosados no grupo, isso, e com o esporte você consegue muito isso, jogos de IE estão dentro demais, então essa é a nossa, o principal objetivo nosso é esse, os outros objetivos e melhorias de todos esses caracteres do esporte são também considerados, mas o principal seria essa parte aí.

Entrevistadora – Aqui na sua instituição, quem trabalha com IE . . . são os . . . (quem?) quem trabalha com I são . . .

E1L - GPA – Todos nós aqui, Todos profissionais,

Entrevistadora – Professores de EF?

E1L - GPA – Isso.

Entrevistadora – Todos Licenciados?

E1L - GPA – Todos nós.

Entrevistadora – Agora, que tipo de conhecimento específico você acredita que esse profissional que vai atuar com essas crianças deveria ter?

E1L - GPA – Primeiro, ele ter feito um faculdade muito boa e ter um conhecimento, e ter aproveitado muito bem essa faculdade, esse conhecimento que a faculdade passou pra ele, sem dúvida nenhuma, isso é importantíssimo, você ter acesso, sempre um acesso constante a bibliografia, que isso modifica, melhora, amplia o seu conhecimento, isso . . . inegável, e hoje em dia com a Internet, isso facilita muito, agiliza muito, isso pra você, e conhecimento é uma coisa que hoje não é focado num ponto só, todo mundo tem esse conhecimento, você tem que buscá-lo, então eu acho isso de primordial importância e também, o que não deixa de ter seu aspecto de influência também, são as experiências dos próprios professores, a maioria, quase todo profissional, quase todo professor de EF teve alguma experiência em “n” esportes, ou num esporte específico, enfim, que isso de uma certa forma ajuda também no conhecimento geral, no conhecimento específico e no conhecimento de passar isso pros alunos.

Entrevistadora – Na sua opinião qual que é o perfil adequado, qual o perfil profissional adequado pra esse, pra pessoa que vai atua com I? Além desses conhecimentos . . .

E1L - GPA – Perfil? . . . Olha, nós temos que ter assim, hoje em dia, uma, um segundo pai, não sei se é por aí, um segundo pai pra essas, pra esses alunos, porque eles olham pra gente como modelos, nós somos um espelho, a gente tenta, o máximo possível, ser um espelho positivo pra esses alunos, muitos deles, eles não tem esse . . . alguns fatores em casa que eles não conseguem ter e eles vêm buscar na gente, e nas, e a gente conversa, que a gente acaba, por ex, não sou casado, não tenho filhos, mas eu tenho muitos filhos que são esses alunos, então a gente tenta se doar um pouco mais pra cada aluno, pra cada um tem necessidade num certo ponto específico, inclusive em pontos específicos assim, de coordenação, coisas do esporte, de afetividade, de agressividade, então, são pontos que a gente tenta encontrar no aluno, que é muito fácil, eles se abrem muito mais com a gente, e a gente tenta se doar, ajudar, nós temos aqui no colégio uma infra-estrutura muito boa, psicólogos, tal, e quando a gente não tem essa capacidade, a gente busca esse outro profissional aqui no colégio, que nos dá o retorno e a gente tenta trabalhar isso junto, pra poder alcançar o aluno e tentar ajudá-lo de uma maneira ou de outra.

Entrevistadora – Vamos supor que você vai ser a pessoa que hoje vai contratar um profissional pra atuar na IE, quem você contrataria?

E1L - GPA – Olha, eu gosto muito de dizer assim, é, conhecimento você não mede, conhecimento não, é, perdão, . . . boa índole você não mede no papel, então, o primeiro fator seria uma pessoa que eu tivesse mesmo conhecimento da pessoa, da boa índole da pessoa, do bom caráter da pessoa, queria falar caráter, o caráter da pessoa, isso pra mim é primordial, porque isso não se mede, isso não tá escrito no papel e a pessoa . . . você vai ler e não vai conseguir saber, isso seria pra mim uma primeira característica, depois, que eu conhecesse realmente essa pessoa, soubesse isso da pessoa, aí sim eu começo a buscar os outros caracteres, o conhecimento dele, o *curriculum* dele e por aí vai, a parte de . . . a parte realmente . . . que ele poderia contribuir, a parte de experiências que ele tem, a formação acadêmica dele, cursos, aprimoramento, especializações e por aí vai, mas primeiro aspecto seria o QI, quem indica (risos).

Entrevistadora – Tem alguma disciplina, ou algumas disciplinas da sua formação que você considera que são fundamentais pra esse fator . . . da tua atuação??

E1L - GPA – Olha, eu gostei muito de disciplinas assim, entre elas de . . . que realmente me atuaram positivamente foram a Filosofia da EF, Filosofia da Educação, foi muito bom, a Sociologia, a Filosofia e a Sociologia muito próximas, mas isso foi muito bom, é uma coisa assim que você, quando começa a entender, parece que abre um mundo diferente pra você, a Psicologia do Esporte, aí muito bem caracterizada também, gostei por

demais dessas disciplinas e pra amarrar, porque isso aí é muito teórico, teologia, muito teórico, muita leitura e discussão, e pra amarrar isso, a prática de ensino, onde você conversa com o professor, ele te retorna, você faz na prática e vai fazendo essa troca, aquilo que li, aquilo que eu absorvi, deu certo na prática, o que não deu, porque não deu, como poderia dar, então isso foram disciplinas muito boas, além de existirem as disciplinas práticas, então, mas acho que sem ter essas partes teóricas e práticas, essas idas e vindas, o retorno, tal, acho que não, você não consegue se estruturar muito bem, então, eu tive a felicidade de ter na faculdade uma estrutura muito boa.

Entrevistadora – O que eu ia perguntar? . . . Ah, essas disciplinas, você acha que elas influenciam diretamente no seu trabalho independente de ser na IE ou nessa outra etapa de formação meio geral?

E1L - GPA – Desde aulas com crianças de pré-escola, por ex, sem dúvida nenhuma . . .

Entrevistadora – Mas também na IE . . .

E1L - GPA – É, eu acho que em todos esses outros aspectos, porque nós temos aqui também, por ex, pré-escola e Ensino . . . (Médio?) médio, eu dou aula pro ensino médio de treinamento de basquete, treinamento de futebol, quer dizer, treinamento puro, treinamento, treinamento e com certeza, esses aspectos influenciam, de maneiras diferentes, cada um dentro do seu patamar, lógico, mas sem dúvida nenhuma influenciam . . .

Entrevistadora – Eu é . . . só mais uma . . . em que locais que você visualiza a IE acontecendo, (Locais?) locais . . .

E1L - GPA – De que forma você diz, de Rio Claro, do (. . .)??

Entrevistadora – É . . . não . . . em termos gerais assim, extra escolar, vamos dizer assim . . .

Você vê a IE acontecendo aqui na sua escola, você visualiza isso bem nitidamente (sim!), você atua nela (também!), fora da sua escola, em quais outros locais você vê a IE?

E1L - GPA – Olha, onde eu vejo, bastante a IE, por ter amizade com profissionais, eu vejo bastante no . . . na prefeitura, nos clubes . . . que a prefeitura tem, em clubes, alguns clubes que tem aqui, que tem alguns profissionais e onde você vê essas pessoas atuando, principalmente profissionais que se, que são formados, que tem uma formação mais recente, principalmente na Unesp, em São Carlos, mas coisa assim, profissionais de dez anos, se você vê esses profissionais mais antigos você não vê esse ramo ser igual, existem vários fatores, enfim, né, que não são iguais, a própria idade, a própria maneira como foi passada, feita essa parte na época deles, nessa época, mas você vê que há um processo de mudança muito positiva que você vê desde uns bons tempinhos aí, que isso ta refletindo em bons profissionais, que ta mudando, bons profissionais, bons profissionais atuando no campo em vários campos, desde escolas particulares, escolas

estaduais, clubes, que são ramos um pouco diferentes, clubes, escolas, onde tem esses profissionais que estão atuando aí da maneira que eu vejo.

Entrevistadora – Você visualiza então assim, o pessoal mais antigo atuando mais em escolas e o pessoal mais jo . . . não, não é bem por aí ???

E1L - GPA – Não, não, inclusive assim, a mentalidade com que eles estão atuando nessa IE, muito boa, como eu atuo aqui, os outros colegas que trabalham aqui, a gente atua de uma maneira positiva, eu vejo também essa maneira positiva com que eu atuo, eu gosto de ser muito crítico positivo, não criticar, e simplesmente falar - aqui é melhor e lá é pior, eu acho que aqui ta muito bom, estamos melhorando, cada vez melhor, e eu tenho visto em outros locais, que talvez não tenha uma estrutura tão boa quanto o colégio aqui tem, mas que também estão fazendo coisas boas, estão melhorando, tem a pessoa física, a pessoa humana, o profissional lá que tenta se desdobrar e com uma mentalidade muito boa. Pensando realmente nessa IE de uma maneira muito adequada.

Entrevistadora – Ok! Bom, (. . .), eu acredito que, basicamente era isso aí que eu tinha pra te perguntar, . . .

(agradecimentos)

E2L – GPA / TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Entrevistadora – Bom, eu to conversando com (. . .), aqui (. . .), primeiramente eu quero te informar que essa nossa entrevista vai ta fazendo parte do meu trabalho de mestrado e que a identidade do professor e da escola não vai ser colocada no trabalho, a gente vai optar por um código, vamos dizer assim (tudo bem!) ta?

E2L - GPA – Mas se tivesse também, não teria problema pra mim.

Entrevistadora – Ta Ok!, (. . .), o que que é esporte pra você?

E2L - GPA – Esporte? Esporte eu acho que faz parte da cultura humana, é um aspecto interessante que quando bem trabalhado pode, a gente pode alcançar sucesso, frutos muito bons, depende de como você encara, assim, principalmente na escola, a gente tem o aspecto de lazer, o aspecto de espetáculo do esporte, e a gente tem que saber trabalhar isso no ambiente escolar e trabalhar isso voltado pro aspecto educacional, mas eu acho que ele é uma ótima ferramenta, e minha . . . essa definição, eu acho que pra mim, é algo que, é uma das formas de manifestação humana mais bonitas, eu acho que é um aspecto humano muito interessante, muito bonito, antigo, é algo que a gente tem que admirar e a gente tem que também conhecer os aspectos negativos que ele pode trazer também, tem muitas coisas positivas e também tem o aspecto negativo e eu procuro trabalhar isso aqui na escola com os meus alunos, desmistificar um pouco o esporte, porque tem tantas vertentes ligadas a . . . ascensão social, a consumo, a rendimento, a saúde, que eu acho que a gente tem que se posicionar com uma visão crítica em relação ao esporte, aí sim a gente ta fazendo, desmistificando e ta deixando mais claros, cada vez que a gente conversa, faz um debate com os alunos, mas esse, eu acho até que o esporte assim, a escola faz uma adaptação do esporte, eu acho que na maioria dos casos, pelo menos na minha concepção, eu trabalho, é uma ferramenta educativa, é isso.

Entrevistadora – E Iniciação Esportiva (IE), como é que você definiria a IE, como é sua visão com relação a ela?

E2L - GPA – A IE, eu acho que a gente, na escola, a gente tem que oportunizar aos alunos, experimentar movimentos, experimentar inclusive, o esporte de uma maneira adaptada no início e também conversar muito do aspecto de competição do esporte, que a gente tem que ter uma visão um pouco mais democrática, vamos dizer assim, não propiciar o esporte com perfil de competição apenas, se bem que eu acho que pra ter motivação, ele precisa ser, de certa forma, trazer algum tipo de recompensa, então, senão eu acho que perde um pouco o sentido, se bem que a gente ta falando de adaptar, de desmistificar, então isso tudo passa por esse processo de abrandamento da

competitividade, mas isso acho que não tira o aspecto de prazer, o aspecto que traz a recompensa enquanto competição. E a IE eu acho que ela tem que ser feita de maneira pensada, didática, planejada e tem que ter um critério de não seleção, seletivo, principalmente no ambiente escolar, eu acho que se você fizer uma IE aqui na escola com o número de aulas que a gente tem, a gente sabe que com as modalidades que existem, a gente não tem tempo de fazer tudo de forma, vamos dizer, de uma forma muito criteriosa, mas a gente faz uma I, que eu acho que dá pra enxergar aqueles que têm preferência, aqueles que têm talento e a gente pode também ta encaminhando pra outros lugares que tem uma especificidade maior, porque, eu como generalista aqui, não tenho condições de, eu acho, nem seria justo da minha parte eu escolher determinada modalidade que me é mais, que eu tenho mais afinidade, que eu tenho . . . que faz parte mais do meu dia a dia, que eu já pratiquei, e passar isso como a única possibilidade, eu acho que eu tenho que fazer um maior número possível de possibilidades pra que o aluno escolha aquela que ele tem mais afinidade, isso também vai muito da época, do que ta acontecendo no mundo, no país, na cidade, acaba voltando uma pouco mais pra uma modalidade, mas de maneira geral, eu acho que se você se você tiver um desenvolvimento de habilidades motoras e uma experimentação de habilidades motoras, uma conscientização das habilidades motoras básicas, a partir daí você consegue deixar com que a pessoa escolha e desenvolva aquilo que tem mais prazer, que tem mais retorno pra ele e assim por diante, não ir contra o gosto, mas procurar mostrar vários aspectos de modalidades esportivas que existem.

Entrevistadora - Em quais locais você acredita que a IE acontece?

E2L - GPA – Bom, eu acredito que é na escola, sinceramente eu acho que, você partindo de uma perspectiva de que a EF pode propiciar, a escola eu acho que é uma ambiente que tem um potencial pra isso, isso também não descaracteriza, muito pelo contrário, um clube, uma entidade municipal, estadual de treino, as escolinhas particulares, tudo isso, faz um leque, mas eu acho que na escola é o lugar que ele vai acabar conhecendo outros esportes, eu acredito que na escola, pelo menos pra conhecimento de I, mas você tem oportunidade de . . . a gente tem aqui também as ACDs, que são atividades curriculares desportivas, que eu trabalho um pouco mais uma modalidade, quer dizer, eu tenho uma de Futsal masculino, uma de voleibol feminino e eu tenho uma de basquete masculino, aí as pessoas que tem mais afinidade com essas modalidades, a outra professora que trabalha, minha colega, tem mais três turmas que ela trabalha mais especificamente com uma modalidade, não e . . . e é num nível assim educacional mesmo, eu sempre deixo claro, que a gente tem até a fase de campeonato, que a gente acaba entrando em competição, mas também eu acho, isso também pode ser visto como um aspecto educativo, você ta participando, de você ta compondo com as pessoas,

tendo como adversário respeitoso, respeitando o adversário, tendo como adversário de outras unidades escolares, eu acho que aí você tem um aspecto interessante, esportivo. Aí eu acho que como experimentação, a escola e eu sempre pensei, se eu tenho alguém que se interessa bem e eu posso encaminhar pra outros centros com mais especificidade, eu acho que a minha função aqui é essa.

Entrevistadora – Essas turmas que você disse são aquelas que a gente conhece como turmas de treinamento, né?

E2L - GPA – É, a nomenclatura mudou, a gente acaba chamando como turma de treinamento mesmo e essas turmas de treinamento são da modalidade, especificamente da modalidade, a gente não tem uma estrutura pra fazer um treinamento muito, com grau de especificidade muito grande, a gente tem uma estrutura boa, eu reputo como boa, mas a gente tem uma quadra que recebe o sol, material a gente tem o suficiente pro dia a dia, mas pra um treino um pouco mais elaborado a gente também não tem, só pra dar um ex., eu tenho só seis bolas de vôlei, eu acho que é um número razoável, mas se fosse pra fazer uma atividade um pouco mais, visando um pouco mais de rendimento, eu teria que contar com um material e com uma estrutura um pouco maior, inclusive eu acho que eles vêm também nos treinamentos, vamos chamar assim, né! Com a questão do ambiente escolar, eles vêm com uma perspectiva de encontrar os colegas, encontrar os alunos do período contrário, vem pra , o aspecto de lazer deles também, é interessante, então, tem todas essas coisas que compõem o momento, então, não dá pra falar que você vai desenvolver, já tive oportunidade, . . . já tive oportunidade de ter times bem competitivos, a gente em 2003, a gente teve um vice campeão de futsal da região, tivemos o campeão de basquete e o campeão de vôlei da região de Limeira, quer dizer, foi um momento mais propício, então, reunimos . . . mas, o que eu queria também colocar é que esse pessoal que ficou campeão, as meninas que ficaram campeãs em 2003, começaram desde a 5ª série, elas estavam na 8ª série, então elas tiveram um desenvolvimento aqui e fora daqui, então foi um trabalho que eu achei que eu consegui desenvolver um bom trabalho, aqui na escola e com o apoio do pessoal lá da . . . da Prefeitura.

Entrevistadora – Na sua visão, qual a faixa etária a IE abrange e como é que você chegou nessa definição, vamos dizer assim?

E2L - GPA – Olha, eu acho que varia bastante, eu acho que você pode ter uma visão mais individualizada, mas, eu acredito que por volta dos 10, 11 anos, 9 anos, eu acho que daí já dá pra começar a fazer alguma coisa mais específica de IE, posso estar enganado, mas eu acho que é nessa faixa, muito antes eu acho que não tem maturidade suficiente e também, as vezes, dá certo mais adiante, mas eu acho que tem que começar a se

interessar nessa faixa aí de nove, dez onze, esse pessoal que ta na 5ª série ta com 11 anos aqui, entra com onze anos, é uma idade boa pra começar.

Entrevistadora – Qual que . . . aqui na escola, no caso é a instituição que você trabalha, quem trabalha com IE no caso é o professor . . .

E2L - GPA - É o professor, mesmo.

Entrevistadora – Professor de Educação física . . .

E2L - GPA – Professor de Educação Física.

Entrevistadora – . . . da escola?

E2L - GPA – Isso, professor de EF da escola.

Entrevistadora – Independente da formação dele, porque no caso aqui de Rio Claro a gente vai ter tanto bacharel quanto licenciado trabalhando, mas na escola quem atua especificamente é só o licenciado.

E2L - GPA – Só o licenciado, os bacharéis não têm essa possibilidade.

Entrevistadora – Não têm acesso a escola, mesmo pra essas turmas de treinamento, não têm?

E2L - GPA – Não, não (só de fato o . . .) porque o aspecto é

Entrevistadora – Institucional mesmo?

E2L - GPA – O aspecto docente que ta, no caso da ACD, da turma de treinamento, ta o processo educacional que ta visado, então, seria mais pro licenciado mesmo, eu sei que o bacharel, hoje em dia, essa diferenciação, o pessoal também tem uma outra visão, né? Eu acho até bacana, mas, mesmo na minha época, também já era um tipo de . . . era só licenciatura, então, mas eu acho que eles não têm nem acesso às turmas de treinamento, pelo aspecto didático, pedagógico, educacional, voltado pro ambiente escolar.

Entrevistadora – Que tipo de conhecimento específico você acha, que esse profissional que vai atuar com essas crianças deveria ter e porque?

E2L - GPA – Eu acho que a pessoa tem que ter como perspectiva se atualizar, cursos de capacitação, cursos de atualização, fazer intercâmbios com outros colegas que tem um bom trabalho, a Universidade, que a gente tem a felicidade de ter a Universidade aqui próxima, tem pessoas competentes pra ta dando suporte, hoje em dia a Secretaria Municipal tem feito um trabalho de capacitação com os professores, eu fui convidado, mas não tive oportunidade de participar e colegas me disseram que tem sido muito bom, muito bem feito, ta mais pra área do esporte mas que também pode abranger a escola, eu acho , a gente não tem como dar conta de estar trabalhando, que nem, com a formação que eu tive, faz vinte e tantos anos, então a gente tem que ta se atualizando e fazendo intercâmbio.

Entrevistadora – Mas você poderia me citar por ex, uma alguma coisa específica que esse profissional deve ter, que tipo de conhecimento que esse profissional deve ter, tipo um conteúdo, uma disciplina que ele precisava ter estudado ou que tipo de curso ele deve procurar . .

E2L - GPA – Bom, o tipo de formação específica pra I?

Entrevistadora – Hum, hum. Pra quem ta atuando no caso com essa . . . com esse objetivo, com essa faixa etária.

E2L - GPA – Ta. O tipo de conhecimento, eu acho que é o conhecimento que você adquire, tanto com conteúdos teóricos, fazendo cursos, fazendo especialização, quanto observando a prática das outras pessoas, eu acho que essa questão do intercâmbio, das sugestões que o colega pode ta tendo como resultado positivo, observação, eu acho que a observação é importante e a pessoa ter . . . um conceito de que se o outro tem um resultado bom, ele tem feito um trabalho bom eu tenho que chegar nessa pessoa e perguntar, eu não tenho que, porque eu já sou formado, eu já tenho experiência, eu não posso aprender com o outro colega, então eu acho que a gente tem que ter nesse, esse, essa perspectiva de ta buscando com o colega, com profissionais, não sei se eu respondi bem? (Ta!) E', eu não vejo assim algo específico, um tipo de curso que você . . . e . . . vontade de fazer, porque a gente vê que o pessoal . . . essa concepção de que – Ah, você é ex-atleta então, - ah, eu tenho uma experiência em esporte, eu acho que é também algo a se considerar, mas não é o único aspecto, eu acho que a pessoa que tem boa vontade, que procura ela também tem condições de alcançar bons resultados, tanto em I como até no esporte de rendimento, tem que procurar conciliar o aspecto prático, o aspecto de vivência com a formação continuada, eu acho que a formação continuada, é.

Entrevistadora – E, qual o perfil que você acha que esse profissional deveria ter pra trabalhar com a I, tipo, além desses conhecimentos, que comportamento, que atitude? . .

E2L - GPA – Olha, eu, por ser da área da educação, eu acho que ele tem que ter uma perspectiva educacional, ele deve ter, de qualquer forma ele tem que ter o perfil pedagógico, o perfil do educador, trabalhando na escola ou no clube, mesmo o bacharel, eu acho que ele tem que ter a perspectiva da docência, do aprendizado, do respeito, todas essas questões que são importantes, não adianta a pessoa só buscar o rendimento, na minha opinião, com I principalmente, puxa vida né, então ele tem que ter todo o cuidado pra não magoar, pra não melindrar, pra não desestimular, o contrário ele tem que ter um itinerário, vamos dizer, um itinerário pedagógico, isso eu acho que é fundamental, preparo psicológico, uma pedagogia voltada pra formação do ser humano como um todo, não visar apenas o rendimento, eu acho que isso é importante.

Entrevistadora – Agora, assim, pra meio que fechar, imagina que você fosse contratar esse profissional que vai atuar com I, quem você contrataria?

E2L - GPA – Quem eu contrataria? Olha, eu acho que a gente tem que analisar esse profissional com, eu acho que experiência, pode ser um aspecto interessante, a formação - fundamental, mais que a experiência, a formação, a experiência e se for . . . e também nos temos que . . . propiciar as pessoas que estão se formando a oportunidade de mostrar o seu trabalho, mas eu acho que é uma pessoa que, tenha essa vivência muito, muito incorporada, uma pessoa que vibre com a . . . com aquilo que . . . (aprendizado) isso, com o aprendizado, com o sucesso da turma, eu acho que é meio por aí, uma pessoa que esteja muito a fim de trabalhar com isso e a gente percebe conversando, eu acho que análise: formação, experiência mais. . . eu acho que formação e comprometimento, eu acho que a gente consegue identificar na fala, nas atitudes, eu acho que da pra fazer até um roteirinho, eu faria um roteirinho de entrevista, como você fez aí, de algumas questões que eu acho que são fundamentais, que são realmente, o comprometimento, a disponibilidade de estar trabalhando, a gente sabe que, as vezes, tem coisas que demandam um tempo além daquele do combinado, finais de semana, eu acho que essa pessoa tem que ter essa disponibilidade, comprometimento, formação e vontade, o amor pelo negócio, é o fundamental, eu acho que a gente sente, percebe isso na . . . no contato e, também, a . . . ninguém tem bola de cristal, muitas vezes vai, você acha que esse perfil vai se encaixar perfeitamente e a gente é passível de enganos, mas essa seria (basicamente), basicamente seria isso, formação, comprometimento, entusiasmo com o negócio, basicamente isso aí, ta!

Entrevistadora – Ok. Na . . .

E2L - GPA – Teve alguma coisa que eu deixei, talvez essa questão . . .

Entrevistadora – Não, aqui a questão do conteúdo, mas não tem problema, porque eu acho que bem . . . parte da sua visão, acho que é interessante a gente manter essa . . .

E2L - GPA – Que conteúdos seriam, né?

Entrevistadora – Porque quando a gente fala de conteúdo aqui, a gente tava tent . . . querendo ver se o pessoal fala assim . . . uma disciplina específica ou algumas disciplinas específicas que dariam base pra esse profissional (Certo.) e talvez fosse . . .

E2L - GPA – Olha! Aquela coisa, né? Eu acho que tem, tem . . . idades que você tem que ser um pouco mais de, vamos dizer, trabalhar um pouco mais o desenvolvimento motor, um conteúdo um pouco mais desenvolvimentista, vamos chamar assim, depois, mas eu acho que, que . . . esse tipo de, a EF escolar tem muito disso, das tendências, né! Mas eu acho que a . . . o desenvolvimento motor é um aspecto muito importante na I, a experimentação do movimento, depois eu acho que, talvez, entrando um pouco mais na questão do treinamento mesmo, treinamento que inclusive, a licenciatura não tem, eu acho que teria que fazer uma parte de desenvolvimento motor, experimentação e daí já partir pra um lado de, de, treino mesmo, mas em dosagens . . . (específicas), específicas

pra idade, tudo bem controladinho, pra não estressar, pra num, pra coisa não sair contra os objetivos da gente, eu acho que é meio por aí, tem aspectos do desenvolvimento que eu acho é bastante grande.

Entrevistadora – Ta jóia, eu acho que é isso aí (É?) Assim quando você, você disse que tem as turmas de ACD, no caso, que tipo de envolvimento existe nessas turmas, entre o professor e os alunos, por ex., assim, vamos dizer, além dessa questão só da prática e da. . .

E2L - GPA – Certo, eu acho que eles têm, nos tem como pessoas assim, próximas, eles têm um vínculo afetivo grande com a gente, eu acho que é recíproco, os alunos que vem no período contrário pra fazer os treinos, eles tem uma confiança na gente, inclusive, aspectos particulares eles conversam com a gente nessas horas, coisas relacionadas a escola, a gente tem também muitos, muitas solicitações de auxílio, de opinião, eu acho que esse vínculo afetivo é interessante, quando eles passam a freqüentar, talvez eles conheçam um pouco mais a gente e a gente acabe conhecendo um pouco mais eles, as vezes um aluno que tem, falando de escola, nem tem como fugir disso, mas o aluno que tem o comportamento, as vezes meio rebelde em sala de aula, a gente consegue ta argumentando com eles, conversando alguns aspectos que podem melhorar o comportamento, se é que se pode chamar assim, ou a imagem que ele tem na instituição escola, eu acho que existe um intercâmbio e a valorização, a auto estima, a questão de trabalho em grupo, o coletivo a gente pode trabalhar, a gente pode trabalhar aspectos importantes do desenvolvimento humano num ambiente que, pra um leigo falar – Ah, mas é um negócio descontraído, é, mas é pra ser assim mesmo, na minha opinião, eu acho que daí você consegue trazer um pouco mais pra próximo de si o aluno, o adolescente, a criança, o adolescente, eu acho que ele valoriza mais a escola, valoriza o ambiente escolar como um todo.

Entrevistadora – Ta jóia. (. . .), eu acho que é isso.

Entrevistadora – (Agradecimentos)

Obs.: Após um bate papo, o Professor retorna a questão dos conhecimentos específicos.

E2L - GPA – Eu não tenho assim em mente a questão de um conhecimento mais específico, eu vejo meio que, por eu trabalhar três modalidades, então, não dá pra falar – Eu sou professor de basquete, eu sou professor . . . eu procuro fazer uma passada, mas eu acho que se eu tivesse a oportunidade de fazer um curso específico de uma modalidade, por ex. modalidade não tem como fugir, a gente tem que trabalhar com basquete, vôlei, futsal, handebol, eu faria com maior prazer, refazendo todo, a gente ta tendo atletismo agora, com a Professora Sara que . . . é muito interessante, eu tenho usado na minha

prática aí, alguns conhecimentos que a gente adquiriu lá, então tudo é importante, a gente tem que procurar renovar os nossos conhecimentos, humildemente.

E2L - GPA – Olha, eu acho que a parte de desenvolvimento motor, eu acho que a parte técnica, é indiscutível, (específica de uma . . .) específica da modalidade, a parte técnica e eu acho que uma visão crítica, também, você tem que ter isso nas três, desenvolvimento, a parte técnica e uma visão crítica, porque não adianta você tá treinando o aluno, iludindo o jovem, independente de ser aluno, iludindo, dizendo que ele vai ser jogador de futebol quando ele tem um milhão, um milhão . . . um milhão de desafios a vencer pra tentar chegar nesse mercado, nessa fatia de . . . não sei se é mercado, se é show, o que que é que . . . então, é um negócio que eu acho que os dois profissionais tem obrigação de fazer isso.

Entrevistadora – Agora, quando você fala da especificidade da . . . da técnica, você acha que essas disciplinas que tem na formação, tipo, fundamentos, elas seriam suficiente ou ele teria que ter o aprofundamento também?

E2L - GPA - Olha, eu acho que, (pra iniciação) não eu acho que o , a parte de aprofundamento, eu acho que não, em linhas gerais dá, acredito que sim (dá?) Dá! Dá pra você fazer um, até porque a gente tem que confiar que as pessoas também vão atrás daquilo que lhes interessa, também se aprofundam, mas como formação básica, tudo bem (é o ideal?) a parte técnica assim, seria suficiente.

E3L – GPA / TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Entrevistadora – Bom, eu to conversando com (. . .), aqui (. . .) e . . . (. . .) a gente não vai ta na . . . no trabalho colocando nome, nem . . . vai usar códigos e tal, só pra você ta ciente, ta legal? (. . .), como é que você definiria o esporte, como é que, o que é esporte pra você?

E3L - GPA – Uma atividade lúdica ou de . . . que se pode utilizar de materiais ou não, que visa o desenvolvimento tanto físico, motor, psicológico do indivíduo.

Entrevistadora – No âmbito do esporte, o que seria pra você a IE?

E3L - GPA – É, o que você queria saber, se é precoce, ou não . . .

Entrevistadora – Não, não, como é que você definiria a IE, ou que objetivos a IE tem . . .

E3L - GPA – Os objetivos, na minha visão, da IE deveriam ser mais amplos, porque geralmente você foca em um determinado esporte e deixa de dar a . . . toda gama de oportunidades que uma criança pode ter, então eu acho que hoje, a IE tá errada porque começa muito cedo e limita o desenvolvimento de outras capacidades da criança, acaba tornando ele, tornando essa criança . . . tornando essa criança assim, limitada, em termos de aprendizagem motora.

Entrevistadora – Você citou a questão do muito cedo, qual seria a faixa etária que você acredita que a IE abrange e como é que você chegou a essa organização ou a essa disposição de idades?

E3L - GPA – De acordo com algumas palestras que a gente tem visto por aí, a IE ta começando com sete anos, seis – sete anos, eu acho muito cedo, eu acho que a criança deveria começar com a I a partir dos onze, doze anos, então baseada nessas informações que eu, que eu . . .

Entrevistadora – Então, para você, seria na faixa de onze, doze anos?

E3L - GPA – Acima de onze anos.

Entrevistadora – E, em quais espaços você acredita que a IE acontece, em que locais, em que espaços?

E3L - GPA – Acontece muito em escolinhas de esportes, aqui em RC, principalmente isso, escolinhas de esporte, clubes, entidades como o SESI ou . . . no Ginásio de esportes, que também oferece as escolinhas também, né, mas, mais a . . . mais em clubes.

Entrevistadora – Na escola você acha que ela não ocorre?

E3L - GPA – Mesmo eu estando afastada do que acontece na escola, o que eu vejo por aí em termos do que as crianças falam, é aquele lance ainda do joga a bola, ou então, um pouco de atletismo, mas nada a ver com a aprendizagem do esporte em si mesmo.

Entrevistadora – Agora, que tipo de conhecimento específico você acha que o profissional que vai trabalhar com IE deveria ter?

E3L - GPA – Desenvolvimento motor, psicologia do esporte, base de . . . anatomia, sem dúvida nenhuma e mesmo a recreação, porque eu acho importante você trabalhar com o lúdico e muitas vezes isso não tem sido utilizado, dentro das escolas.

Entrevistadora – Qual seria o perfil desse profissional que vai atuar com IE, com criança, com IE, que perfil você acha que ele deveria ter, além por ex, desses conhecimentos específicos, o comportamento, a atitude dele, mais ou menos, uma coisa por aí?

E3L - GPA – Eu vejo assim, o profissional que trabalha com IE ele tem que ser muito maleável, então, ele tem que saber lidar com . . . com as diferenças individuais, tem que saber respeitar o limite de cada criança, tem que saber . . . muito a parte teórica do ensinamento dele, que eu acho que ta faltando, as vezes, uma atualização desses profissionais, ele tem que ta sempre buscando coisas novas, porque é fácil você repetir o que já tinha, né, porque a gente sempre critica e não muda, então o que ta acontecendo é que ainda estão repetindo o que faziam antes, então se não houver uma atualização, se ele não buscar conhecimentos diferentes de diversas áreas, ele nunca vai mudar, e principalmente gostar do que faz, eu acho que é por aí, eu acho que aí se consegue um profissional que vai, que vai ter um desempenho como professor, como educador, né, ele tem que ser um educador, ele não pode ser um general que fala – Faça isso, faça aquilo; ele tem que ensinar pra criança, desde o “b-a-ba”, do andar, do rolar, de coisas básica pra . . . até mais complexas, até ir direto ao mais complexo.

Entrevistadora – Agora, imagina assim, que você fosse contratar hoje um profissional pra trabalhar com IE, que profissional seria esse que você contrataria?

E3L - GPA – Um, uma pessoa que fosse muito . . . assim, quase uma criança, entendeu, que agisse como uma criança, as vezes, que fosse bem humorado, que tivesse . . . fosse maleável, que tamb . . . ao mesmo tempo, que ele fosse rígido, porque hoje em dia não tem muitas regras, né, soubesse mostrar as regras, da onde ir, da onde não ir, mas que fosse muito responsável com aquilo que ele ta se propondo a trabalhar, sabendo do que ele tem em mãos, ele tem indivíduos nas mãos, então, eu procuraria assim, um profissional que trabalhasse com tudo e não fosse específico com determinado esporte, que ele soubesse um pouquinho de cada coisa, desde ginástica olímpica até o futebol, preferia que ele soubesse um pouco de tudo pra trabalhar exatamente como eu penso, poder oferecer um pouco de tudo, e não ser aquele cara, eu sou bom no futebol e só vou ensinar futebol.

Entrevistadora – Aqui na sua instituição, qual o profissional que atua com IE?

E3L - GPA – O (. . .), o (. . .), o (. . .).

Entrevistadora – E qual a formação dele?

E3L - GPA – O (. . .) é bacharel e o (. . .), Licenciado.

Entrevistadora – Todos profissionais de EF; e licenciado e bacharel . . .

E3L - GPA – Eu também to trabalhando agora com Natação, também, sou licenciada.

Entrevistadora – Agora, além desses aspectos que você falou que a IE trabalha ou que deveria trabalhar, de acordo com a sua concepção, você acha que ela abrange algum outro aspecto, ou esse profissional deveria trabalhar algum outro aspecto, além dessas habilidades gerais e tal . . .

E3L - GPA – Eu acho que ele tem que trabalhar o indivíduo como um todo, então o lado psicológico, o lado social, ver onde esse indivíduo se enquadra, se essa criança ta, por ex, no meio de uma favela, ele tem que se enquadrar naquilo e passar conceitos que não façam com que essa criança não passa pra um . . . to sendo bem assim, como fala . . . preconceituosa, né, fala em favela, é uma coisa . . . to dando como exemplo, essa criança esteja no meio . . . que ofereça (Mais próxima . . .), mais próxima, exato, então que ele possa dar valores pra ela, acrescentar valores que faça com que ele não passe pra um vício, não passe pra, pro crime, entendeu? Ele tem que ta muito atento a esse lado especial, se há crianças com deficiência física ou não, incluir essa criança no projeto, não deixar ele – Não, nós não trabalhamos com deficientes e ponto. Ou então, vamos abrir horário especial para deficientes, isso . . . é um absurdo, então ele tem que ta atento pra trazer, incluir, fazer a inclusão social dessas pessoas, tanto das gordinhas, das, dos mais pobres, do, das pessoas com deficiência, ele tem que ta muito atento pra isso e agregar valores durante a aula dele, que faça com que tenha a . . . aceitação social dessas pessoas, que eles não sejam excluídos de novo, né, como em todos os lugares eles são. Porque o que a gente prega é – Esporte para todos, não é, foi pregado isso, esporte para todos, eu acredito nisso, eu acho que esporte é para todos, desde da . . . da criancinha, até idoso, agora você falar – Não, você não pode, porque você não se enquadra no nosso grupo; ta totalmente errado.

Entrevistadora – Agradecimentos.

E4L – GPA / TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

I – Eu to conversando aqui com (. . .). . .

D – (. . .).

I – (. . .) é formado em Educação Física, fez a Licenciatura. Bom, (. . .), primeiro eu queria te informar que a gente vai estar, não vai estar divulgando o nome das pessoas que estão participando e nem das instituições onde elas atuam, a gente vai estar usando um codigozinho pra identificar os sujeitos da pesquisa. Bom, a primeira perguntinha seria, na sua opinião, o que que é esporte, como você definiria o esporte?

L – Qualidade de vida. Eu acho que quando a gente trabalha várias modalidades, agente procura a qualidade de vida, não falando de competição, esporte de competição é uma coisa, esporte fora de competição é outra, no nosso caso, aqui onde a gente atua, seria a qualidade de vida, tanto pro adulto, como pra criança. Agora, falando um pouco de competição, daí eu acho que você abrange um mundo um pouquinho maior, já trabalha a parte técnica, não é o nosso caso, você vai ensinar mais, você vai ensinar os movimentos, não no caso que a gente aqui não ensina, ensina, só que fica muito mais em cima quando é de competição, no nosso caso a gente procura deixar a criança aprender o próprio movimento no esporte no geral, ela que vai definir, será que é certo isso, será que é aquilo, fugindo da parte técnica.

I – Nesse âmbito do esporte, como você ta colocando, o que seria a Iniciação Esportiva? Como é que você definiria a IE e também depois eu queria que você me dissesse em quais locais essa I pode acontecer?

L – Como eu definiria? (Hum, hum!) Eu acho assim, hoje a IE fica muito pro lado financeiro, já não se joga bola porque gosta de jogar bola, já não se joga basquete porque se gosta de jogar basquete, vôlei, tênis, outras coisas. Hoje a criança se inicia no esporte, até por conta de necessidade, o pai vê um jogador de futebol ganhando milhões, ele vai falar – bom, meu filho joga bola ali, vamos colocar ele numa escolinha, ou pública ou particular, o tipo de escolinha que tiver a cidade, pra ver se ele ajuda a gente, primeiro, hoje é isso daí, antigamente não, você via a criança jogando bola, vamos lá, deu certo, deu, não deu, volta pra casa, hoje não, o pai insiste, insiste, insiste, às vezes arruma até empresários, com oito anos, nove anos, o menino ta jogando bola, que é o esporte que todo mundo no Brasil hoje ta jogando bola, aí fala – Oh, esse menino joga, vamos levar ele pra tal lugar, então hoje, o esporte que . . . pra você se iniciar no esporte, virou comércio, igual a qualquer tipo de comércio que tem, então eu acho que IE por livre e espontânea vontade do menino, é meio dividido, 50% cada, livre espontânea vontade (interrupção) livre espontânea vontade da criança e também 50% por causa desse

financeiramente muito bem, é lógico que entre aspas, nem todos vão chegar ao topo, mas o pensamento na IE em termos do pai, seria isso daí.

I – E na sua concepção, o que seria de fato a IE? Uma vez que você ta dizendo que ela tomou um outro rumo . .

L – No geral? (Isso!) No geral . . . bom, na minha opinião, a IE, como eu disse, é trabalhar qualidade de vida, penso que o esporte é trabalhar qualidade de vida, a gente inicia uma atividade pensando no bem estar das pessoas, na saúde, no desenvolvimento, no desenvolvimento físico, motor, psicológico, na minha concepção, eu acho que o esporte devia de trabalhar isso daí, pra sempre ta desenvolvendo, e o esporte por mais que seja, ele ajuda o desenvolvimento da criança, é o que mais ajuda, não tem o que falar, não precisa ser com um esporte específico, então, se a gente tiver pontos que possa desenvolver, porque a gente vê crianças com, sem . . . como se pode dizer . . . sem nenhuma concepção do que é viver o esporte, você vê a criança que tem dificuldade com certa . . . dificuldade motora de um jeito, psicologicamente também, você vê as crianças - poxa, que que é isso, que que é aquilo, o esporte no geral, no âmbito geral, ele acaba ajudando a criança nisso aí, tanto psicologicamente como motora.

I – E, em quais locais que você considera que a I ocorre?

L – Posso voltar um pouquinho ao passado, ao meu tempo? (Hum, hum!) Locais físicos?

I - Isso! Espaços de atuação do profissional, por ex.

L – Quando eu comecei a jogar basquete, a gente trabalhava num CSU – Centro Social Urbano, nas periferias, são . . .

I – Centros esportivos nas periferias . . .

L – Isso! Então, você podia, você ia lá, você ganhava uma carteirinha de atleta, aí você se iniciava, basquete, vôlei, futebol, ia lá e falava, quero me inscrever no basquete, colocava no basquete, futebol, tal . . . hoje já vejo diferente, esse locais acabaram, não sei se é por causa da prefeitura, do estado, dizer que não tem dinheiro, mas acabou. Acabou . . . várzea acabou, campos de várzea que tinha em todo lugar, acabou, e o atleta, ele saía daí, não precisava por numa escola, hoje não, tudo é particular, tudo é particular, você vai _____ colocar na escolinha do jogador tal, aí o que que acontece, o pessoal da periferia não tem a condição de pagar uma escola, que é caro, esporte hoje ficou caro, fica difícil pra gente trabalhar com o pessoal, e os grandes atletas, se for ver, veio lá de baixo, tem as suas exceções, Kaká, que tem dinheiro, é um ou outro, por isso que fica difícil, mas eu acho assim, se voltar os Centros Sociais ou Projetos Sociais, que nem a Prefeitura de Rio Claro ta tendo agora, quem sabe daqui pra frente não aparece, não que não vá aparecer, futebol a gente sabe que vai aparecer, mas e os outros esportes, o meu que é o basquete, porque que acabou o basquete? Porque o basquete ta perdendo pro vôlei, ta perdendo pro tênis, ta perdendo pro handebol? Porque acabou,

acabou tudo, não tem mais escolinhas, escolinhas só em clubes particulares, e não é todo mundo que tem condição . .

I – Você acha que na escola acontece a IE?

L – Não, hoje não. Hoje não acontece mais, porque hoje você, não posso falar, vou falar o que eu vi, hoje você dá uma bola pra criança e fica vendo a criança jogar, antes não, você tinha uma competição, os antigos Jogos Escolares (JE), você fazia EF na escola, você aprendia a jogar, porque? Você sabia que no meio do ano ou no final do ano você tinha uma competição, que era os JE, hoje não tem mais, então, porque o professor vai se preocupar em ensinar a criança a chutar, a criança arremessar, a cortar, porque não tem um . . . ele vai lá – o quê vocês gostam de jogar? Futebol! Eu vi isso daí – Ah, o que que nós vamos jogar hoje? Levanta a mão quem quer futebol. Noventa por cento da classe levanta a mão, aí o que que acontece – Ah, eu não gosto de futebol! Então você vai ali e fica esperando. Assim que é. Eu to falando assim porque é a minha profissão e eu vi, eu acabei vendo isso daí, não concordo, porque, se eu trabalhar numa escola, espero . . por isso que a minha monografia é o desenvolvimento . . . (do tênis) na escola.

I – Qual que é a faixa etária que a IE abrangeria pra você, como é que você chega a essa condição? (Faixa etária?) Faixa etária, porque você chegou a essa conclusão?

L – Eu acho que o correto seria doze anos, com doze anos, não que ela sabe o que ela quer, mas dá pra ter o desenvolvimento motor mais rápido do que uma criança de dez anos pra baixo, porque pra criança de dez anos é a diversão, é a ludicidade, tem que brincar, você não pode cobrar de uma criança de oito anos, seis anos, sete anos, resultados, porque daí, como é que fica a cabecinha da criança – eu não consigo fazer isso, daqui a pouco ele não volta mais, a criança de onze anos já entende, uma criança, ela entra numa escola pra ensinar uma tal modalidade, ela já sabe que daqui dois anos ela já vai ta competindo, que é a idade de treze anos que normalmente começa a competição, então ela já pensa – eu quero ser jogador de tal esporte, já tenta prepará-lo pra aprender a prática no geral, diferente de uma criança de faixa etária menor, que você não pode cobrar isso daí, nem deve, nem deve, tem que trabalhar o lúdico, é o caso nosso aqui, deixar a criança fazer o movimento, e não ficar – se tem que fazer isso – não, se vai de esquerda, vai de esquerda, se vai de direita, vai de direita, não, deixa ela ver que ela ta errada, agora, com onze anos, você já tem que ficar corrigindo, você já tem que ficar, porque depois, lá no futuro ele vira um atleta profissional – mas quem que foi seu professor de iniciação? Ah, foi fulano! Mas, ele não te ensinou a bater bola de mão esquerda, ele não te ensinou a bater bola de mão direita? E aí, vai pegar, e – Professor, esse rapaz é bom nisso aqui, mas não sabe fazer isso. Então, você pode cobrar da criança, de onze anos você já pode cobrar, nessa faixa aí, você deixar eles . . . (se virar) é.

- I – Aqui na sua Instituição, quem é que trabalha com IE?
- L – Como assim?
- I – Que profissional?
- L – Todos da EF, formados em EF, todos são formados.
- I – Tem idéia do porque?
- L – Não porque, essa parte fica meio difícil pra eu responder, porque eu sou o mais novo aqui, eu to com quatro meses de casa só. (Ta chegando ainda!) Eu acho, eu vou falar por mim assim, o que eu imagino, sou eu e o meu irmão já foi o professor de basquete, pelo fato da gente ter iniciado no esporte, eu me formei em EF por causa do basquete, isso eu não escondo de ninguém, por causa do basquete, eu acredito que ele também, ele jogou basquete, agora os outros já fica difícil . .
- I – Qual que é o tipo de conhecimento específico que você acha que um profissional que vai atuar com criança deveria ter, pra atuar nessa faixa de idade que você falou com IE? . . . Qual o tipo de conhecimento específico ele deveria ter?
- L – Conhecimento específico . . . eu acho que ele tem que ter sensibilidade, saber . . . porque sensibilidade, saber o que a criança quer, o que ela pretende e o que ela vai fazer, porque não adianta você colocar – Você joga o que? Ah, basquete. Então vem jogar, não que a gente vá recriminar – Ah, não joga isso, encosta lá! Se eu não tiver um mínimo de sensibilidade, de noção do que a criança quer, você acaba atrapalhando, você sendo professor, você acaba atrapalhando, aí você, dentro da sua sensibilidade, seu conhecimento, você vai saber o que a criança pretende, se é isso que ela gosta, porque, há casos que a criança joga vôlei, mas você percebe que, não, ele vai pra outro esporte porque eu acho que as . . . posso citar um ex.? (hum, hum) O meu caso foi esse! Eu fui jogar vôlei primeiro, tirando o futebol que é o esporte que o pai coloca primeiro, eu fui jogar vôlei, eu joguei um ano vôlei, só que ninguém percebeu que eu . . . (que não era bem isso) . . . não era aquilo lá que . . . eu já tinha percebido, porque eu jogava vôlei, pegava a bola de vôlei e ficava arremessando, e o professor meu de EF não teve a percepção, a sensibilidade de . . . Pô, porque que ele ta jogando vôlei se ele só arremessa, arremessa a bola de vôlei, então se . . .você vê a criança lá, você vai iniciar em tal esporte, poxa, o aluno ta cortando a bola de vôlei, senta – você gosta de basquete, você gosta de vôlei, as vezes ele entra num esporte porque o pai gosta de tal esporte, não é porque ele gosta, então, se você não tiver a sensibilidade, a percepção de . . . percebeu que a criança . . .você atrapalha completamente o desenvolvimento esportivo dela.
- I – Na sua opinião, qual que é o perfil que esse profissional deveria ter pra trabalhar com IE? De uma maneira geral assim, que perfil ele deveria ter? tipo de conhecimento, atitude, comportamento?

- L – Primeiro perfil é gostar de criança, porque se ele não gostar ele não vai conseguir desenvolver, porque é complicado, complicado você trabalhar com um grupo de trinta crianças de oito, falo da turma menor, de oito a doze anos, cada um pensa de um jeito, cada um faz coisa que vem na cabeça, então, se você num – To trabalhando porque eu preciso, acho que tem que trabalhar porque gosta, gosta de criança, mostrar que você gosta da criança, pra criança perceber que você gosta dela, porque senão desanda, a criança começa a afastar, já vai falar pro amiguinho lá – Ah, acho que o professor não gosta de nós . . . eles conversam, daí acaba atrapalhando, e . . . conhecer o que faz, porque não adianta você ser formado em Ef e vou dar essa modalidade porque eu preciso, tem que conhecer o que faz pra passar corretamente o que eu tenho que aprender, é o caso, vou citar mais uma vez, é o caso daqui, em cada modalidade, que é o basquete, vôlei, futebol, futebol de salão, tem professor que atuou no esporte específico, o conhecimento, a vivência, não adianta cair de pára-quedas porque, não que não tenha, existe, existem professores que vem a luta, participei dessa modalidade, só que estudaram, porque pra você ensinar um movimento, é fácil, então, só que a gente não pode recriminar, é que nem você ser obeso e o professor falar porque você é obeso e da aula de EF, não tem nada a ver uma coisa com a outra, o cara estudou, então, tem que ter isso daí, gostar de criança, entender o que você faz, a modalidade que você tá trabalhando, não importa qual seja, pra que isso daí não atrapalhe mais pra frente . . . tanto que a criança, como você.
- I – É meio, vai ficar meio repetitivo, mas, vamos imaginar que você fosse contratar um profissional pra trabalhar com IE, quem você contrataria e porque?
- L – Quem eu contrataria? (é! Quem e porque?) Meu irmão (risos) . . . não é por causa de . . .
- I – Então você me faz aí uma descrição dele (O perfil dele?) É!
- L – Não por causa de ser meu irmão, nem por isso que . . . tem irmão que não contrataria o irmão, isso é real, mas pelas percepções esportivas que meu irmão tem, foi jogador de basquete também? Foi. Só que ele tem uma percepção esportiva de todas as modalidades, gosta de vôlei, gosta de futebol, gosta de basquete, então, se fosse pra escolher alguém e tivesse três lá, podia ser o que for, o cara é doutor nisso, mestre naquilo, e meu irmão graduado nisso daqui, eu traria o meu irmão, e por gostar do que ele faz, que é o principal, não que os outros não gostariam, então, eu realizaria um sonho, que é um sonho que a gente tem que é um dia os dois trabalhar juntos, pegar o conhecimento que a gente adquiriu, pelo mesmo pensamento e por gostar de esporte em geral, não só de um esporte específico, em geral, contrataria ele, certeza.
- I – Ta jóia! Eu vou te perguntar uma outra que nem ta ali no papel, mas eu vou te perguntar, você acha que tem um perfil diferenciado de quem ta atuando na escola e de ta atuando fora da escola, com relação a IE?

L – Tem, tem sim senhora! Não põe esse senhora (risos) Tem porque assim, depois que o governo fez aquele programa de, uma escola vai ser de 1ª a 4ª, a outra escola vai ser de 5ª a 8ª e a outra escola vai ser de 3º colegial, acabou com tudo, eles conseguiram acabar com tudo, como eu falei anteriormente naquela outra questão, o esporte no geral é . . . acabou pra escola . . . pública, não falo particular, porque a particular é diferente, mas eu acho que, na escola pública, acabou, como eu falei, não se para mais uma criança na escola e fala – Oh, você ta chutando errado, vamos treinar chute, vamos treinar arremesso? Diferente de uma escola própria para a modalidade, você vai ta parando a criança, você procura corrigir, mas você vai falar – você ta caindo em contradição, você falou que criança de oito a dez anos tem que deixar se virar, não lógico que você tem que deixar se virar, você não pode cobrar muito, mas se você vê que ela não vai, você vai ensinar ela, e a escola, a escola não dá mais isso daí, não mostra – Oh, vamos parar, vamos fazer isso, porque, não há mais tempo, a EF escolar não é mais – eu estudo de manhã, vou fazer EF a tarde, você faz na aula, você sai meio dia, você fica até dez pra uma pra fazer EF, isso daí acabou, a criança vai de calça jeans, faz se quer, se ela tiver sentada, escolheu sentar, você pode largar ela lá, você não vai cobrar da criança, você dá um trabalho teórico pra ela, ela faz e traz pra você, você não ta colocando a criança no meio do esporte, você não ta iniciando, eu acho que a escola é que tem que iniciar, a escola tem que iniciar, não a escolinha, a escolinha é consequência, ela vem depois, você pega uma escolinha de basquete que é a semana inteira, que nem tem no “Ginásio”, depois que a criança aprendeu na escola, como era no nosso caso antes, ela vai falar – Pô, você tem condição de jogar, porque que o pessoal reclama que os Estados Unidos ganha tudo, porque ele tem *high school*, tem o colégio, aí vai pra Universidade, aí vai pro profissional, no caso do basquete, a NBA, o futebol, vôlei, acho que é tudo a mesma coisa, aqui não tem mais, a escola não ensina mais as crianças a fazer os movimentos, nada, nada, não posso assim, não vou criticar, porque são profissionais da minha mesma área, mas só que assim, hoje a escola não dá mais a condição pra você ensinar, antigamente você tinha duas aulas de EF na semana, depois no outro dia você tinha uma, então você fazia três aulas na semana, hoje se você fizer duas . . . por isso que eu bato na tecla da minha . . . do (Trabalho de Conclusão), do meu TCC, porque que o tênis, sendo um esporte elitizado, (num to fazendo propaganda!?!?) porque que ele não pode ser ensinado na escola, porque é de elite, porque é caro, não é, tem tantas opções, um material, uma bolinha de borracha que você pode fazer, madeira, é você criar, e o professor não quer criar mais, professor quer o fácil, Ah, dá a bola. To, vai jogar basquete, vai jogar futebol, então ficou tudo reduzido pra escolinha, vai chegar uma hora que as escolinhas não vão mais comportar ninguém, ou a escola volta a ser o que era antes, o que na minha opinião vai ser difícil, ou o

esporte no Brasil, já vai acabar, espero que não, espero que esse projeto aí que estão querendo fazer, ampliar o esporte, começar desde pequeno, dar condição pra criança fazer, espero que não acabe, no Brasil é difícil acabar o esporte, o Brasil é muito grande, o povo gosta do esporte e então, tomara que dê certo, espero que ajude, o atletismo levantou muito, fazendo o que faz as cidades pequenas, mesmo a criança não tendo tênis, indo lá faz um trabalho em cima do atletismo, tomara que os outros esportes que tão abaixo do futebol e do vôlei, esses daí já são *top* de linha aqui no Brasil, façam a mesma coisa, porque sinceramente, se a gente depender das escolas públicas, principalmente, esquece, porque a particular, não é todo mundo que vai pro esporte, um vai ser médico, o outro vai ser advogado, é raro . . .

I – É isso aí (. . .), . . .

L – É só isso?!?!?

I - (agradecimentos)

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

GPF - GRUPO DOS PROFESSORES FORMADORES

(UNIVERSITÁRIOS)

E1 – GPF / TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Entrevistadora – Eu to conversando com (. . .), perdão, aqui na (. . .) e, profa.. a sua identidade e ent . . . e da sua instituição também não vão estar claras no trabalho, a gente vai utilizar códigos, ta? Só pra esclarecer. Bom, primeiramente, o que que é esporte pra você, como você definiria o esporte?

E1 - GPF – O esporte enquanto conteúdo da EF, como o próprio nome diz, aquilo que vai ser trabalho mediante o estabelecimento de um objetivo pré-estipulado, então eu entendo o esporte como um conteúdo da EF escolar e entendo o esporte como uma prática de atividade física vinculada à escola e outras instituições, isso pra mim são os dois entendimentos básicos do esporte, como uma atividade física e/ou como uma, como um conteúdo a ser trabalhado.

Entrevistadora – Pensando nesse contexto do esporte, o que que seria a IE, como você definiria ou que objetivos tem? . . .

E1 - GPF – O esporte, sendo trabalhado como exercício, sendo trabalhado como atividade física, a IE consistiria em estruturação de base, de movimentos de base daquele esporte, então seria a aplicação ou o processo de ensino aprendizagem dos fundamentos daquele esporte, então, no caso do handebol, esporte que eu conheço razoavelmente, seria por ex. aprendizagem do passe do handebol, do arremesso no handebol, da corrida no handebol, e porque que eu afirmo que é da corrida no handebol, porque correr é uma coisa diferente do correr no handebol, então a IE seria essa atividade de I ou de aprendizagem dos fundamentos, isso esporte enquanto exercício físico ou enquanto atividade, agora o esporte enquanto conteúdo da EF escolar ele tem outros objetivos no meu entendimento, não são objetivos nem maiores nem menores do que esses que eu já disse, mas são objetivos diferenciados, por ex., seu eu trabalho com esporte na 5ª série, meus objetivos e o método que eu utilizo pra poder provocar esse ensino são diferentes daquele que eu trabalho no esporte pra 8ª série e ensino médio, então, além de eu ter como objetivos o ensino do fundamento desse esporte, antes eu vou trabalhar com jogos pré esportivos pra chegar nesse esporte que eu quero e antes eu vou trabalhar com as atividades motoras que são fundamentais pra aquisição dos fundamentos desse esporte, então, eu nunca trabalharia com o esporte primariamente, ou seja, como o primeiro a . . . o primeiro conteúdo a ser trabalhado, então, no caso, se eu for trabalhar o esporte na 5ª série, então eu trabalharia antes o correr, o andar, o saltar, o arremessar, pra depois chegar no arremessar no handebol, no correr no handebol, e porque que eu não faço isso na IE ou no esporte enquanto atividade física, porque eu divido bastante, eu divido essas situações no seguinte sentido, quando eu faço o esporte como atividade física, a

minha prioridade é o ensino e a aprendizagem, dos fundamentos desse esporte, obviamente que perpassa um processo educacional, mas quando eu trabalho com o esporte enquanto conteúdo da EF escolar eu trabalho primariamente os movimentos fundamentais pra chegar no esporte, então o meu objetivo é ter esse esporte como um dos conteúdos, mas não como a única coisa a ser trabalhada, e como atividade física ela é o conteúdo, a coisa a ser trabalhada efetivamente, então eu distingo dessa forma, na EF escolar ele é um conteúdo e que antes dele há a necessidade de se preceder o ensino de outras situações, até mesmo no esporte enquanto atividade física as vezes isso é necessário, porque as vezes a criança não sabe quicar uma bola, não sabe arremessar, então você tem que partir desse movimento fundamental, mas a preocupação maior aí é com a aprendizagem do fundamento propriamente dito. Na EF escolar, eu chego ao fundamento, eu não quero o fundamento, eu chego até ele e no esporte enquanto atividade física eu quero o fundamento, é isso que eu . . . é o meu objetivo principal. Não sei se ficou claro??

Entrevistadora – É . . . quais . . . é . . . você citou essa divisão né, mas é . . . quais locais você visualiza essa IE acontecendo, que espaços, que locais?

E1 - GPF – É interessante, a IE dependendo da conotação que você dá a ela, ela acontece tanto na escola, quanto, no ambiente escolar formal, quanto no ambiente aspas escolar informal, que são as escolinhas, os clubes etc, então, ela está acontecendo nos dois, nesses dois *locus*, no *locus* da escola e no *locus* da . . . das escolinhas ou dos clubes, o problema que eu vejo é o seguinte, quando a gente trabalha com IE na escola, às vezes, essa IE na escola toma o lugar da EF escolar, então, a EF escolar ela é composta de vários conteúdos, entre ele está o esporte, o que eu não entendo como adequado é substituir a EF escolar pela IE na escola, agora a IE nas escolinhas e nos clubes é isso efetivamente que deve acontecer, é a aprendizagem daquele esporte, obviamente, como eu já disse, marcado por todo um processo educativo e pedagógico para a estruturação e do ensino dessa atividade, mas na escola, como um dos, e aí vários “esses”, dos conteúdos ele não pode simplesmente ser trabalhado como conteúdo único, esse que é o grande problema da escola hoje, as famosas turmas de treinamento, substitui-se a EF escolar pela IE na escola, aí eu não entendo como adequado, pra mim isso fere toda a concepção de EF na escola, Porque tem aquele problema muito grande da EF se é área de estudos, se é profissão, então a mesma coisa o esporte, é um conteúdo, é o conteúdo, é a única coisa a ser trabalhada, a IE sendo adequadamente estruturada, ela pode e ela efetivamente contribui para o desenvolvimento da criança, mas como eu já comentei com você, os objetivos, as estratégias, e até mesmo as performances que a gente exige devem ser diferenciadas, eu costumo dizer que o handebol escolar difere muito do desporto, do esporte handebol, na escola, eu quando trabalhava na escola

com, no ensino fundamental e no ensino médio, eu fazia adaptações do handebol, então eu sempre falava que era um pseudo-handebol, mas eu estava iniciando pro handebol, porque se ela, quando a criança sair daquela escola e ela fosse pra uma escolinha de handebol, ela tinha condições de assimilar aqueles fundamentos mais rapidamente e até de uma forma melhorada, agora na escolinha há uma cobrança de uma performance mais adequada, mais estruturada, um seguir as regras mais apropriado, uma aquisição mais . . . vamos dizer mais metódica dos fundamentos, da execução dos fundamentos em si, então eu vejo essa diferença da I na escola e da I nas escolinhas e nos clubes.

Entrevistadora – Tem uma faixa etária que você acredita que a IE aconteça, qual seria, como você chegou a essa . . . organização?

E1 - GPF – É interessante a gente distinguir IE de especialização precoce, e até mesmo do entendimento que se tem de precoce aí, IE precoce pode ser aquela em que você inicia em um esporte ou em vários, muito cedo ou desde cedo, então essa IE precoce ela pode ser tanto entendida por um lado positivo quanto por um lado negativo, se eu por ex me iniciar na aprendizagem do futebol ou iniciar uma criança de oito anos, de seis anos e oito anos no futebol, marcando pra ela todos os movimentos, impondo pra ela a execução dos movimentos, não permitindo uma variabilidade de execução, não permitindo uma criação nos fundamentos, isso pra mim não é uma I, é uma especialização equivocadíssima dos fundamentos do futebol, agora se eu começo a trabalhar com essa criança de seis anos, começo a trabalhar com vários tipos de chute, com vários tipos de bola, até levar com que ela construa o chutar, com uma bola que é de futsal por ex., isso pra mim é uma IE que vem desde muito cedo e adequadíssima, então, esse entendimento de IE precoce, especialização esportiva precoce, ou seja, como conceituar é que é importante, e obviamente fazer uso desse conceito, né! Mas, com relação a faixa etária isso é muito complicado, eu não vejo idade cronológica como um determinante, as vezes você trabalha com uma criança de oito anos que ela não sabe andar, então eu percebo que há uma seqüência de aquisição de comportamentos, aquilo que eu comentei já com você, você sai dos movimentos fundamentais, faz a junção desses movimentos fundamentais e aí adequa esses movimentos fundamentais a um ou dois ou três ou quinze esportes que você quiser vir a trabalhar, agora essa aquisição, se for normalmente promovida, aí por volta, né, tem aquela situação daqui, lá, mas por volta de uns oito ou dez anos você já pode se iniciar em dois ou três esportes que são similares, agora, se fixar em um esporte, eu vejo que a partir dos doze, treze anos, isso já é possível, mas aí há todo um comprometimento da execução, ou seja, aí você começa a priorizar a técnica, você começa já a trabalhar aspectos táticos, já tem uma preparação em termos de capacidades pra gerar aquele movimento, então é um treinamento, um tratamento absolutamente diferente, mas trabalhar com esportes pra

criança, eu percebo sempre que tem essa cobrança que o chute é deste jeito, você tem que se movimentar desta forma, eu vejo que a partir dos seis, oito anos, trabalhar com alguma coisa, próxima do futebol, próxima do handebol, próxima do voleibol, próxima do basquete, isso é completamente possível, tá! Mas dentro desta situação, a não cobrança de uma repetitividade, a não cobrança de simplesmente realizar mecanicamente um ato, mas a interiorização do movimento, isso pra mim é essencial, até porque eu costumo dizer que os movimentos que estão nos livros são ótimos pro menininho que tá lá no livro, aquele menininho não é o menininho que a gente trabalha na escola, né, aquela angulação, aquela . . . o distanciamento entre os pés, isso é fantástico, a figura, papel, aceita tudo, agora a gente quer cobrar isso num aluno, eu não percebo como adequado, até porque a gente percebe hoje em dia, que grande parte dos atletas que tem um nível de desempenho extremamente alto, qualitativamente muito interessante, eles tem diferenças entre eles e diferenças entre o que está descrito no livro, tem estilo, então a gente trata de respeitar isso também, agora se você percebe um movimento mecanicamente desestruturado aí você tem que, eu falo sempre que a gente tem uma descoberta orientada dirigida, levar a criança, obviamente, cercando alguns caminhos, ampliando outros, a descobrir o movimento dela, que é mais adequado a ela, eu acredito nisso, aí grande parte das crianças e grande parte das situações tem similaridades, que é o padrão motor, padrão motor não é um determinante, é uma situação em que a gente percebe similaridade, mas nunca completamente igual entre duas pessoas diferentes, senão a gente fere o maior dos princípios que é a individualidade biológica.

Entrevistadora – É . . . que tipo de conhecimento específico você acredita que seria importante pra um profissional que fosse trabalhar com crianças ou com a IE?

E1 - GPF – São conhecimentos, então eu vejo vários conhecimentos, eu vejo um conhecimento mecânico, um conhecimento biológico, um conhecimento afetivo, um conhecimento social, então pra trabalhar com crianças você tem que conhecer da estrutura mecânica dessa criança, você tem que conhecer da estrutura social, da estrutura mental, da estrutura motora, então, se a gente resolver falar em disciplinas, eu acredito muito em várias disciplinas, como por ex, acredito que há uma necessidade muito grande da gente conhecer anatomia, sociologia, história da educação, teoria da aprendizagem e controle motor, o ensino do . . . o conhecimento do esporte em si . . . da fisiologia, então eu sou uma pessoa que acredita na interrelação entre as áreas, na área médica, na área social, na área afetiva, sem isso não tem como, conhecimentos pontuais que não se inter cruzam, não se interligam, que não se inter relacionam não servem pra nada, eu vejo que a gente tem que ter um conhecimento muito grande, em grandes e distintas áreas, sem essas relações, eu entendo que o processo de ensino aprendizagem fica . . . é manco, caduco, fica impossível de ser realizado, e . . . eu sou . . . eu sou

exemplo do que eu falo, porque eu procuro trabalhar com teorias que são, teorias e disciplinas que são extremamente voltadas pras áreas biológicas e da saúde, mas faço doutorado na educação, então, eu tento costurar essas . . . interpolar, interrelacionar, mas não só saber, mas tentar saber, mas também interpolar essas áreas, sem isso, sem esses conhecimentos, sem essas relações. . . muito difícil trabalhar com criança, e o maior erro que eu percebo e aí é erro mesmo, é quando a gente procura adaptar um programa pra adulto pra criança, isso pra mim fere todos os conceitos educacionais e ao mesmo tempo fere todos os conceitos fisiológicos, então não tem que se adaptar um modelo de adulto pra criança, há de se criar um novo modelo pras crianças, porque esses modelos podem ter, apresentar finalidades quanto aos adultos, perfeito, mas nunca adaptar um modelo de um pra outro, não tem como, são exigências diferentes, são compreensões diferentes, são níveis diferentes, e aí quando eu digo adulto e criança, é um adulto que já passou por um processo de estímulo adequado, porque existem muitos adulto também que não tem uma qualidade de movimento, uma quantidade de movimento adequada, você percebe vários adultos que tem 20, 25, 30, 40 anos, que mal sabem correr, mal sabem andar e saltar muito menos, você pegar criança, pixotinho de cinco, seis anos, que faz isso muito bem, então há de se ter uma relação, há de ser ter um respeito com essa relação a essas diferenças. Tá?

Entrevistadora – Tá! Agora é .. . qual seria um perfil pra esse profissional que vai atuar com IE, além desses conhecimentos todos, que perfil ele deveria ter?

E1 - GPF – É um perfil de um estudioso, de um interessado, de uma pessoa que tem respeito ao próximo e tem respeito às limitações do próximo e as suas próprias limitações, é .. . um sonhador, . . . é um sonhador realista, que eu costumo dizer, é aquele que se pega a cada dia desejando mais, querendo mais, pretendendo estruturar melhor os seus programas, o seu ensino, portanto a aprendizagem do seu aluno, mas ao mesmo tempo aquele que dá liberdade pra criança criar, que percebe que há diferenças, que considera essas diferenças, que se entende também limitado nesse processo, eu digo que o professor é . . . o professor-educador ele é tudo, ele é um psicólogo, porque ele tem que saber ouvir, tem que saber falar, enfermeiro, porque ele tem que saber cuidar, ele. . . tem que cuidar das feridas internas e externas, ele é mãe ou pai, porque ele tem que amar e ao mesmo tempo, tem que ser duro, então é um perfil muito amplo, eu não tenho um perfil, eu . . . eu penso que pra ser professor, antes de tudo você tem que se amar muito e amar muito as pessoas, se respeitar muito e respeitar muito as pessoas e, saber e perceber que existem problemas e que existem dificuldades e que as vezes alguns podem ser sanados, outros não, mas também saber que existem mistérios que podem ser solucionados, basta, basta não, né, há de se ter uma, um discernimento bastante interessante, bastante amplo.

Entrevistadora – Bom, eu sei que eu vou judiar de você, mas, imagina que você teria que contratar um profissional hoje, pra atuar na I, quem você contrataria, que profissional seria esse?

E1 - GPF – Um profissional competente! Não importa se licenciado, não importa se graduado, não importa se homem, não importa se mulher, não importa se novo, não importa se velho, competente! Um competente que faça as suas atividades, além de exteriorizar essa competência, que exteriorize também o seu gostar por, isso pra mim é essencial, você tem que . . . além de deter os conhecimentos, saber aplica-los conscientemente, ter uma relação agradável com você e com quem você está trabalhando, você tem que demonstrar o quanto isso é importante pra você e o quanto isso é essencial pra você, um competente! Licenciado, bacharel, o nome que você quiser dar, graduado, . . . um competente!

Entrevistadora – Deixa só, . . . quando você respondeu a pergunta anterior, do perfil, você falou o professor, o professor, você ta colocando o professor, independente do local onde ele ta atuando, ta colocando essa . . . esse profissional que vai atuar como um professor?

E1 - GPF – Na verdade como um prof . . . como um educador. (Tá!) O educador, ele além de ser um professor, ele tem consciên . . . porque . . . a . . . a tem uma professora aqui no (. . .) que ela diz o seguinte, professor é aquele que ensina, educador é aquele que além de ensinar, questiona, dá possibilidades de . . . de que haja uma troca de experiências, então um educador, eu prefiro. Um educador que pode ser um licenciado e pode ser um bacharel ou graduado, aliás, por esse entendimento que eu tenho por educador eu não entendo essa divisão entre licenciado e bacharel, porque até mesmo num atendimento a um hospital, num processo recuperativo, numa fábrica, numa ginástica laboral há de se ter um educador, há de ser ter aquele que está preocupado com o processo que vai gerenciar, que vai ordenar todas as seqüências, todas as atividades pra gerar a aprendizagem, independente do ambiente que aquilo está acontecendo, então existe o educador que trabalha na escola, existe o educador que trabalha no hospital, existe o educador que trabalha na fábrica, então este é o profissional, é um educador competente, então fica assim, é pleonasma, né, mas o educador há de ser competente e o competente há de ser um educador, uma repetitividade aí.

Entrevistadora – Agradecimentos.

E2 – GPF / TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Entrevistadora – Bom, eu to conversando com (. . .), pode ser assim né?

E2 – GPF – Pode.

Entrevistadora – Aqui (. . .). Prof. A prin . . . só pra esclarecer, a gente não vai ta divulgando na nossa dissertação o nome nem da instituição, nem dos professores, vamos estar utilizando alguns códigos pra essa identificação. Prof. O que seria o esporte pro senhor, como o sr. Definiria o esporte?

E2 – GPF – O esporte é um fenômeno social que, como tal, tem que ser tratado historicamente, porque na perspectiva de como ele aparece hoje na sociedade, ele traz consigo de uma forma muitas vezes . . . de uma forma . . . tanto em aparência, isso que a gente vê, mas em essência ele exige um aprofundamento de estudos pra que o profissional da área consiga desvelar dele toda a su . . . o seu potencial humanizante e humanizador que ele traz, com isso eu procuro tratar o esporte como uma objetivação genérica humana, né, na teoria histórico-social, as objetivações genéricas humanas são aquelas que foram o patrimônio cultural da humanidade, portanto produzidas pela humanidade e que tem que ser socializado na sua forma plena, pra que os indivíduos atinjam o seu mais alto grau de humanização, com isso, paradoxalmente, o esporte que tem esse potencial humanizador, ele acaba sendo . . . quando trabalhado numa perspectiva tecnicista, vamos dizer assim, e não no . . . na socialização da apropriação da técnica, que é a produção humana, ele acaba sendo seletivo, acaba sendo privado da grande maioria da população.

Entrevistadora – Nessa . . . vindo desse seu . . . dessa sua visão de esporte, como o sr. definiria a IE? Como o sr. vê a IE, eu to usando esse termo IE, porque . . .

E2 – GPF – É, eu já usei esse termo também na minha historia, eu acho que . . . hoje eu prefiro trabalhar com educação desportiva, porque ED? Porque, quando você coloca ED você foge primeiro dessa terminologia . . . complicada que é a EF, que é a Educação apontando pro humano e o Físico, limitando esse humano, então, como o próprio Bourdieu diz, acaba sendo um lado que aponta pra um processo de totalidade e um outro, um lado que fala sim e outro que fala não, é *antifisis*, então a educação é o *antifisis* e físico é o *fisis*. Educação Desportiva resolve esse problema porque você, pra quem trabalha com isso, já sabe que vai tratar o desporto como seu conteúdo central e tendo esse desporto como conteúdo central, você vai trabalhar numa perspectiva de socializar esse patrimônio cultural da humanidade, que é o papel da educação, então você fecha, como o próprio Saviani diz, que o papel do educador é ele socializar o patrimônio cultural da humanidade, é óbvio que o professor de matemática vai socializar

matemática, de preferência radicalmente, histórico-criticamente, então é por isso que o desporto não pode ser tratado só na sua dimensão da aparência, de ensinar os fundamentos e tal, fundamentos têm que ser visto como fundamentos na sua totalidade, fundamentos sociológicos, fundamentos históricos, fundamentos filosóficos e também os fundamentos fisiológicos que não podem, que só podem ser dissociados, numa perspectiva didática, mas que no fundo existe uma teoria sólida que dá conta dessa totalidade que é a teoria social de formação do indivíduo.

Entrevistadora – Aonde que o senhor vê, visualiza a IE acontecendo? (Onde?) Quais espaços? (Quais espaços?) é, de uma maneira geral . . .

E2 – GPF – Eu visualizo ela acontecendo em, historicamente, em espaços que vão sendo limitados, em termos de oferta pública pra isso, mas eu ainda vejo acontecendo no, nas prefeituras, nos clubes, nos campinhos já menos, como eu disse . . . mas no fundo, a questão não é nem onde eles estão acontecendo, o grande problema é como eles estão acontecendo e que já existe conhecimento suficientemente produzido, pra que ele não acontecesse mais dessa forma tão medíocre como ele insiste em acontecer, prin . . . e mais que isso e também que explica isso, é o poder da indústria cultural, particularmente, a televisão que exerce uma pedagogia perversa no sentido de socializar essa maneira . . . esquizóide, vamos dizer assim, de se apropriar desse fenômeno social.

Entrevistadora – Nas escolas, acontece?

E2 – GPF – Olha, as escolas, eu, eu tento ver da seguinte maneira, eu já fui professor também em escola e, escola particular e escola principalmente pública, mas me distanciei ao longo da minha vida porque passei, de certa forma, até numa tendência crítico-reprodutivista, a negar o papel da escola enquanto *locus* de possibilidade de emancipação humana, entendendo ela como aparelho ideológico do estado, hoje não, hoje acredito que Gramsci dá conta disso, quando ele disse e o Saviani também, quando ele diz que a escola, na dialética dela, ela é o *locus* onde é possível, você dialeticamente transformar, ou seja, negar esse modelo de educação que ta tendo, então eu acho que não é o problema do esporte na escola, ou da escola, sei lá, que eu também não quero entrar nessa discussão, acho que o problema é de todas as disciplinas, que sofrem historicamente um processo de esvaziamento, a EF não pode também ser arrogante de achar que é um problema dela, Apolônio Abadio do Carmo, num texto que há muito tempo atrás, que inclusive, foi produzido nessa Universidade, que ele escreve “Crítica a uma prática”, “Crítica . . .” alguma coisa assim, é uma das dissertações de mestrado de referência a nossa área, que por sinal é um autor que ainda consegue trabalhar Educação Especial de forma crítica, que ta na UFMG se eu não me engano, ele já dizia na época, que talvez, o fato dessa falência da EF escolar, ele dizia que talvez ela, isso seja um ponto positivo pra superação de uma EF melhor, então, dialeticamente, eu não

vejo problema na questão do desporto da escola, na escola, do jeito que ele ta hoje, porque no fundo o que precisa ser tratado, é tratado na . . . é tratado radicalmente, então, o que que eu quero dizer, eu quero dizer que pra mim não me toca essa discussão, se existe ou não existe, o que me toca é uma ação política no sentido de fazê-lo existir, fugindo até dessas pedagogias encantadoras aí, de construtivistas, culturalista e tal, o que eu acho que o professor tem que fazer, é ensinar bem esse patrimônio cultural da humanidade de forma histórico-crítica.

Entrevistadora – Você tem uma . . . , você acredita numa divisão de faixas etárias, existe uma faixa etária específica pra esse conteúdo acontecer, . . . ou se existe, qual é, porque ou não tem?

E2 – GPF – Já levei em consideração isso, mas o laboratório da, do meu mestrado e do meu doutorado, nas quadras, porque eu nunca, nunca, há muito tempo que eu não tenho um final de semana pra mim, porque todo sábado eu to lá com a criançada, e esse laboratório me mostrou o seguinte, que a cultura ela é transmitida das gerações adultas pras gerações menores, quanto mais houver essa situação, mais você vai provocar essa efervescência de trocas, é óbvio que a mediação pra sair dessa troca de uma forma espontânea pra uma troca elaborada, exige um educador, então eu sou, eu acho que tem ser vista essa questão, da perspectiva do desenvolvimento biológico, que a gente não deve negar, mas que não é, não pode ser o mais importante.

Entrevistadora – Aqui na universidade tem as disciplinas específicas, práticas, como é . . . (prática esportiva?) Isso, existe disciplinas específicas, ou . . . como se coloca isso no currículo, tipo voleibol, basquete, como é que ta inserido (na universidade?) na universidade.

E2 – GPF – Bom, a prática esportiva universitária, ela tem uma função hoje, utilitarista plena, vamos dizer assim, ela fica a cargo dos cursos, eu vou explicar esse utilitarista agora segundo o que eu tenho acompanhado dessa universidade. Bom, a gente sabe que a prática esportiva junto com a Educação Moral e OSPB surgiram pra contribuir dentro de um processo ideologizado, pra desmobilizar o movimento estudantil, particularmente na época da ditadura, essa universidade não poderia ser diferente, mesmo porque ela foi forjada na época da ditadura, a prática esportiva aqui e todo o parque esportivo, pra você ter uma idéia o primeiro professor daqui era um capitão, então aí já começa uma história, essa história, ela também, e sendo coerente com a perspectiva histórica, ela também está muito presente no curso de EF hoje, porque ela foi . . . porque esse curso que tem um currículo chamado Frankenstein I, que foi reprovado e que , curiosamente ele é reprovado depois de se ter contratado alguns professores pra esse curso, ele foi elaborado por professores dessa linha de práticas esportivas, então, realmente surgiu um Frankenstein mesmo nesse currículo, até você pode dar uma olhada nisso primeiro,

porque eu já estudei isso com graduandos, foi um trabalho de monografia do curso, o segundo acaba surgindo num contexto estranho pra poder consertar o primeiro, com isso a prática esportiva, ela tem sido utilizada, historicamente, nos dez anos de curso, pra computar pontos pros critérios de avaliação institucional, e também de forma oportunista, às vezes, por algum professor que, que . . . oportunista já um termo um pouco forte, porque tudo é oportunismo no capitalismo, mas que tenta fazer alguns laboratórios fragmentados de um processo mais amplo de discussão, que ainda não aconteceu, vive na pauta de se ter uma política e tal, é óbvio que a LDB acabou interferindo nesse processo, mas não houve uma discussão no curso de EF pra tomar as rédeas de orientação dos demais cursos, porque são os cursos é que oferecem suas disciplinas, nos seus currículos, o curso de EF simplesmente de uma forma utilitarista, se usa disto pra aumentar sua carga horária nos departamentos, hoje menos, porque hoje já a coisa está mais ou menos equalizada, mas principalmente numas épocas iniciais, onde os professores completavam suas cargas horárias com essas aulas, então como são essas aulas? Elas são a partir do interesse de cada professor, o professor que dá dança de salão oferece até dança de salão, o que tem simpatia por capoeira, eventualmente oferece capoeira, ou traz alguém pra fazer capoeira, porque a capoeira também é uma. . . . mas na grande maioria são os esportes que a gente conhece, futebol de salão predomina, até por conta que a demanda é grande, no populismo pedagógico que se instaura neste contexto, espaço de mediocridade com os alunos, acaba reproduzindo aquela miséria que a gente conhece, de soltar a bola, deixar o pessoal jogando, independente de qual a titulação seja e quem esteja desenvolvendo, é eu tenho, pra tentar superar isso eu tenho colocado nas minhas aulas prática, eu gosto dessa disciplina, até como forma, como eu falei Gramscianamente de negar, como ela existe ela traz a sua negação, então eu proponho, eu faço algumas vivências com os alunos, pra eles sentirem essas questões e tal e procuro diversificar. Dentro do possível, mas posso dizer que eu não sou santo também, nessa estrutura que a gente tá, no final, pelo cansaço, pelo acúmulo de afazeres e tal, você também acaba muitas vezes se prostituindo eu não diria, mas é . . . (sucumbindo) sucumbindo exatamente a esta, a esta situação, o que eu quero dizer, como eu tenho algumas vantagens, porque eu domino tênis e domino voleibol, e basquete, handebol, então eu posso diversificar mais essa demanda, e . . . isso eu acho um privilégio, porque você não fica, pelo menos, você não esteriliza, você esteriliza menos os seus conteúdos, e aí a própria mediação com, trocando idéias com aquilo que você está estudando com os alunos, propondo alguns textos, como um que eu gosto muito, “como é possível ser esportivo” do Pierre Bourdieu, dá pra discutir questões importantes e aí você minimiza um pouco a tua culpa, mas em nível político tenho sido porta-voz do meu departamento, de que se feche pra

balanço urgentemente e que se rediscuta esse papel utilitarista que a prática desportiva vem tendo dentro do contexto universitário.

Entrevistadora – Que tipo de conhecimento específico você acredita que seria importante pra uma pessoa que vai atuar com IE? Que fosse atuar nesse campo?

E2 – GPF – Um conhecimento humanístico muito bom, principalmente aquele que to me aprofundando agora, que é a teoria histórico-social da formação do indivíduo, particularmente as categorias marxistas de formação humana, hoje eu . . . dialogo com o Prof. Nilton Duarte, nos trabalhos dele e, às vezes, pessoalmente, quando é possível, muito raramente ele tem disponibilidade, mas eu acho que, eu acho que tanto os psicólogos dos desenvolvimentos russos como a filosofia marxista, do ponto de vista, no que se refere a produção humana dentro de uma sociedade capitalista, eu acho que dá conta de você ter uma base humana pra poder tratar a . . . essa condição de pra que e pra quem aprender desporto, praticar desporto e compreender o desporto, é isso!

Entrevistadora – Além de um conhecimento específico, que perfil deveria ter esse profissional?

E2 – GPF – Ah, foi bom você falar, obviamente eu to falando isso como pano de fundo, conhecer bem o desporto, inclusive, de preferência dê sentido a esse desporto, eu acho fundamental, eu não acreditaria num Deus que não soubesse dançar, como diria Nitsche, então eu não acredito, não posso acreditar muito num professor de voleibol que não tenha, que não tenha sentido o voleibol na sua plenitude, me desculpem os leigos, mas não tem jeito, se você vai ensinar voleibol, você até pode ensinar os fundamentos do voleibol, mas se você sentiu o voleibol, você já ta muito mais próximo da totalidade humana da qual eu to falando, isso é importante ser colocado, isso eu já nem levo em consideração por isso que eu já entrei na questão marxista, mas agora voltando a pergunta . . .

Entrevistadora – O perfil, o perfil que esse profissional deveria ter?

E2 – GPF – Ah, o perfil tem que ser, tem que ser um perfil, um perfil . . . humano, no sentido técnico e político, tem que ter competência técnica e compromisso político, tem que ser um militante, um militante permanente nesse processo de pra que e pra quem é o que eu to ensinando, né, e com qualidade, eu acho que essa é a grande busca de todos nós, até no próprio processo de humanização ao qual a gente escolheu EF, que é justamente porque ela nos dá essa possibilidade de trabalhar com humano ao mesmo tempo se humanizando.

Entrevistadora – Vamos fazer uma brincadeira assim, se você fosse hoje contratar um profissional pra atuar com I, com essa . . . quem você contrataria?

E2 – GPF – Depende da demanda, depende da demanda . . . mas, você quer saber o que, que característica ele deveria ter? (Sim!) Essas que eu te falei, que pudesse, que tivesse

uma inquietação e sendo coerente com aquilo que eu olho pra minha criança, não vendo o que ela é, mas o vir a ser dela, fundamentalmente eu projetaria a . . . o vir a ser, eu olharia pelo que ela poderia ser e . . . em segundo lugar, pelo que ela é, . . . agora, nesse vir a ser, é lógico que teria que ter já elementos do que ela é, que me anunciasse, dentro das nossas limitações de avaliação, toda avaliação ela é precária por natureza, limitada, e sendo humano, essa essência do humano, e seria isso, mas é uma pergunta complicada essa, você me bagunçou a cabeça agora (risos) depende da demanda, eu acho, é como eu te falei, nós estamos com problema com uma professora que você colocando, o dilema ético é seguinte - o que é que você tem, o que é possível? Eu não sei, e dentro disso é complicado, porque os interesses dentro do capitalismo são sempre . . . predomina a competição sempre, quer dizer, é difícil você tirar essa questão do . . do . . do oportunismo que ta colocado, do olhar pro próprio umbigo, nós mesmos, é muito bonito a nossa trajetória toda . . . de unidade, mas depois quando chega o primeiro concurso já não temos mais unidade, que dizer, então, é uma sociedade que . . . dentro da sociedade o que é possível ser feito? Então se vierem, se eu tiver que avaliar alguém, ou tiver que conversar com alguém, eu vou perspectivar o . . . quem realmente ta afim de se engajar nisso tudo que eu já te falei, na questão da militância, não militância no sentido . . . de panfletagem da palavra, militância no sentido de na tua aula, ta sendo cúmplice, ta sendo . . . de ser um apaixonado pelo que faz, né, eu acho que tem que ter tesão, sem tesão não há solução, Reich eu acho que nesse ponto tem razão, principalmente na parte socialista do Reich, (...)

OBS.-contextualizar o dia atravessado pelo professor (divergências na coordenação do curso quanto a um possível concurso)

E3 – GPF – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Entrevistadora – Bom, eu to aqui conversando com (. . .), aqui (. . .), professor, antes de mais nada, só pra esclarecer a gente não vai ta utilizando nem o nome da instituição, nem dos professores, vai ta usando códigos pra ta identificando os sujeitos, ta?!?
Primeira questão seria, o que é esporte pro senhor, como é que o sr definiria o esporte?

E3 - GPF – Eu encaro o esporte como uma atividade baseada em regras, regulamentada, portanto, e, sobretudo, com funções de rendimento, então diferente de outra atividade, seriam dois pressupostos, as regras de cada um deles e a busca por melhoria de rendimentos nessa atividade proposta.

Entrevistadora – Dentro do, no âmbito esportivo, o que seria a IE?

E3 - GPF – Eu vejo a IE nas diferentes modalidades como uma preparação para a obtenção dos melhores rendimentos possíveis em cada uma das idades, então, encaro a I como alguns pressupostos que vão sendo . . . apresentados a medida que são dominados os movimentos, se avançam nessas solicitações, em movimentos mais difíceis, todos eles construídos; voltando a questão anterior, com base nas regras de cada uma das modalidades, nos melhores rendimentos possíveis de ser executados em cada uma das faixas etárias de acordo com aquilo que vai sendo aprendido.

Entrevistadora – É, o senhor estipularia assim, o sr falou das faixas etárias, que faixa etária abrangeria a IE, como é que o sr chega a essa denominação?

E3 - GPF – Conforme a modalidade que se vai ter um foco maior para aquela I é mais ou menos a idade que se inicia, exemplo, natação, a I é mais precoce, no tocante as idades, a ginástica, as duas, tanto a olímpica, artística, quanto a GRD, também tem I anterior e depois a maioria das outras modalidades são um processo de I mesmo se dá, no masculino, por volta dos dez, doze anos e no feminino por volta dos dez anos, pelo menos essa é a experiência que eu tenho.

Entrevistadora – Aqui na (. . .) existem os professores de disciplinas práticas, de disciplinas esportivas, como é que é o sistema aqui da Universidade?

E3 - GPF – Aqui nós estamos mudando de currículo agora, pra 2006 nós temos a implantação de um novo currículo, com eixos transversais entre as disciplinas, no entanto, até então, as nossas disciplinas, elas tinham no início, nos dois primeiros anos, um caráter mais pedagógico, então apresentar questões pedagógicas do ponto de vista de atividades lúdicas, dentro de cada uma das modalidades, quer seja basquete, vôlei, futebol, natação, atletismo, então a . . . o ponto central era “atividades lúdicas”, que levassem ao aprendizado daquela modalidade, relacionando aí os seus fundamentos, e depois, à frente, esse aluno vai ter um aprofundamento nas mesmas disciplinas, só que

daí ele já fez a opção pra bacharelado ou licenciatura, se ele for pra bacharelado, então, nas modalidades desportivas, ele vai ter um aprofundamento, que seria o treinamento daquelas modalidades, se ele for pra licenciatura, já não, ficou as atividades lúdicas que foram enfatizadas . . . sobretudo, primeiro e segundo ano e depois ele vai ficando mais pras questões pedagógicas, próprias da licenciatura.

Entrevistadora – Só por curiosidade, e pro currículo novo?

E3 - GPF – Pro currículo novo, a gente fez alguns eixos transversais, continuam os enfoques iniciais na questão pedagógica, mas não com a mesma determinação de antes, então ela vai aparecer ainda, aparece ainda as disciplinas de modalidades, futebol, basquete, vôlei e dentro daí, no conteúdo programático, uma parte, vai ter um enfoque mais de aprendizagem mesmo, na questão lúdica, voltada mesmo pra parte pedagógica e depois, na questão posterior, dentro do mesmo conteúdo programático, situações mais voltadas pro treinamento esportivo, então, a gente vai ter também, porque nes . . ., hoje, no currículo que nós estamos terminando essas disciplinas pedagógicas tem, tem dois créditos de valor cada uma delas, nas disciplinas que vem a frente serão quatro créditos, então a situação vai se assemelhar, ou seja, juntou um pouco de treinamento e um pouco de pedagógica, né, numa disciplina só, só que fez um eixo que vem caminhando também, quem pretender pra treinamento ou quem não pretender, que for ter um enfoque maior, vai continuar em licenciatura, no entanto, a titulação que vai ser obtida com esse novo currículo, vai ser graduado em EF, então não tem modalidades – bacharelado e licenciatura, é graduado em Educação Física.

Entrevistadora – Que tipo de conhecimento específico o sr acredita que seria necessário pra esse profissional que vai atuar com IE?

E3 - GPF – A tendência nossa, aqui Unicamp, eu concordo com ela, é que esse profissional tenha conhecimentos sobre aprendizagem motora, crescimento e desenvolvimento, crescimento físico e desenvolvimento motor e depois ele entra aí com as especificidades das modalidades esportivas, mas com base nessas duas situações, que ele saiba . . . como que se dá o processo de aprendizagem motora, ou vamos dizer assim, o processo ensino “hífen” aprendizagem, né, porque um puxa o outro, não há, não são duas palavras distintas e também, agora esse ensino-aprendizagem como que se dá ao longo da . . . do avanço de idade, então seria assim, olhar, de acordo com as faixas etárias como é que a gente vai trabalhando com essa . . . dualidade de ensino-aprendizagem, não dualidade de um contra o outro, mas na situação do ir e vir que é próprio dessas duas palavras, eu penso que esse currículo novo ta apontando bastante pra essa situação, ainda . . . é óbvio, que ainda a gente não tem a aplicação disto, mas pelo menos nas discussões que tivemos até então, o apontamento é pra isso, então a

sustentação é . . . biológica e com enfoque no tocante a aprendizagem motora, né, então a questão também do ambiente interagindo aí nessa evolução biológica.

Entrevistadora – Com relação às disciplinas de humanas . . .

E3 - GPF – Elas . . . elas . . . eu . . . , veja bem, a minha formação é mais do ponto de vista biológico e do rendimento esportivo, então eu falo mais nessa, mas não quer dizer que eu to deixando de lado as humanas, não, as humanas entram nesse contexto, também existe um eixo transversal, iniciando lá no primeiro ano, que vai se findar lá no último ano desse aluno, né, também com um enfoque nas disciplinas de humanas, bem como, nas pedagógicas também, evidentemente, eu to dizendo mais do eixo do ponto de vista biológico, com interação na aprendizagem motora.

Entrevistadora – Qual seria o perfil profissional que deveria ter essa pessoa que vai atuar com IE, além desses conhecimentos específicos que a gente falou nessa questão anterior? Que outras . . . comportamento, atitude, que deveria passar por esse perfil dessa pessoa?

E3 - GPF – Na linha nossa da atividade física voltada pra rendimento, então o perfil que ele seja, que ele tenha uma vivência durante esse transcurso de quatro anos aqui conosco, o mais próximo possível daquelas modalidades que ele queira se envolver, quer seja olhando pras modalidades ou se olharmos pro treinamento esportivo como uma presença dentro de qualquer que seja a modalidade, que ele tenha aí uma proximidade com isso, então é isso que ta apontando esse novo currículo, então, ou seja, nos vamos buscar situações que a gente tenha uma participação desse aluno junto a determinados locais onde essa pratica de I seja realmente implementada, porque nós não temos aqui dentro da EF da Unicamp, como se fosse aqui uma escola de aplicação, existe uma intenção também, então daí nos vamos fazer uma junção com a extensão, né, com a graduação e a extensão atuando juntas em disciplinas que a gente chamaria de disciplinas de prestação de serviços, onde a gente traria pra cá o garoto ou a menina e entraria no processo de I com a participação então desses alunos, cumprindo essas disciplinas e com a atuação do professor ministrando essas atividades, então seria uma maneira, é uma maneira que nos estamos enfocando, então deve vir já pro segundo ano desse currículo, os professores propondo disciplinas de prestação de serviços através da coordenadoria de extensão, onde a gente abre as turmas, existe aí a agrega . . . , existirão aí as agregações mediante inscrição dessas crianças, qualquer que seja o sexo e nas diferentes modalidades e a junção disso com os alunos da graduação, cumprindo aí os seus créditos necessários e também créditos já atribuídos a essas disciplinas, que nós chamamos aqui de disciplinas de prestação de serviços.

Entrevistadora – Então, seria . . . digamos assim, uma experiência, próxima daquela modalidade que ele vai ta atuando. (Isso!) Mais alguma característica . . . pra esse

profissional, específica assim pra . . . pra . . . fora desse . . . digamos assim, que o senhor colocou dois aspectos, o conhecimento específico acadêmico, técnico e aí uma questão da experiência prática, mais alguma característica deveria ter esse profissional, pra traçar um perfil dele?

E3 - GPF – É um pouco difícil, o que a gente tem observado historicamente, que muitos dos que vão atuar, sobretudo em treinamento esportivo, já vêm pra universidade com alguma formação, ou com alguma passagem em alguma modalidade, eu particularmente, identifico isso como um elemento facilitador, mas não como um elemento determinante, é um facilitador do processo, por ex, ele teve contato com o atletismo no seu tempo aí de escola, ou aí em algum clube, em alguma outra atividade, isso é um elemento facilitador pra ele, já teve contato, nós temos aqui exemplos de muitos dos nossos alunos com contato com o voleibol, por ex, evidentemente que ele vai se encaminhar pro voleibol e aí ele tem um elemento facilitador, agora o contrário também, eu não assumo o contrário, né, vamos supor, quem não teve, tem elemento dificultador? Não. Eu penso que a sistemática que nós estamos ofertando nessa matriz curricular é suficiente pra dar uma boa formação, agora esse aluno é que vai ter que ir buscando abrir os seus espaços futuramente, assim que ele for um egresso da nossa faculdade.

Entrevistadora – Agora, imagina que o sr fosse hoje contratar um profissional que, pra atuar na I, que profissional seria esse que o sr contrataria?

E3 - GPF – É, eu vou ter que repetir o que eu já falei, um profissional que tenha, que eu observe aí, ou no seu currículo, ou pelo menos uma proximidade comigo, ou uma outra forma de eu observar que tenha essa formação, que conheça sobre o processo biológico, de crescimento e desenvolvimento motor e que conheça sobre aprendizagem motora, então isso seria pra mim dois pontos importantes de serem observados e depois evidentemente, repetindo, se ele tiver elemento facilitador na sua vida, se ele já participou da modalidade ele vai ter um algo a mais, quer dizer, a gente vai ter uma situação de buscar exemplos mais fáceis, então seria um profissional que normalmente, se eu tivesse que contratar alguém, eu estaria olhando nessas, nessa situação.

Entrevistadora – Agradecimentos.

E4 – GPF / TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Entrevistadora - Eu to conversando hoje com (. . .), aqui na (. . .). (. . .) antes de mais nada, eu gosto de deixar claro que a gente não vai ta utilizando o nome dos professores nem da instituição, vamos estar utilizando códigos pra evitar . . . alguma . . . então, a primeira questão seria, o que é esporte pro senhor, como o sr definiria o esporte?

E4 - GPF – Bom, fundamentalmente uma prática, eu particularmente nem uso o termo esporte, eu acho que o termo esporte ele ta em . . . na minha opinião, ele está defasado, eu vejo o seguinte, foi uma luta, uma luta grande pra conseguir que o desporto, o desporto fosse incluído no texto constitucional e eu fiz uma análise quando eu estava ainda no Paraná, 88 por aí, quando saiu o texto constitucional, de várias constituições, do mundo todo, e a gente verificou que um dos textos mais . . . bem elaborados sobre o desporto é o do Brasil, e o Brasil inclusive, é a Constituição que tem o maior número de linhas dedicadas ao desporto, e ta muito claro o que é o desporto, e é um dever do estado fomentar o desporto, ta escrito, nas suas diferentes manifestações, e essas manifestações que estão resguardadas fala, em deporto educacional, quer dizer, não que outras formas de desporto não sejam educacionais, mas é que tem um desporto, especialmente no sistema formal, educacional, que deve ter prioridades com educação, não só com educação, na minha maneira de entender, deve ter prioridade também com a saúde, educação para a saúde principalmente, na minha maneira de entender, acho que a sociedade espera isso da gente, existe um desporto de desempenho, de rendimento, de competição, e existe um desporto de participação, são aquelas pessoas que não tem uma habilidade especial, uma capacidade especial pra nenhum tipo de desporto competitivo, ainda que a tenha, que tem essa capacidade, não quiseram seguir pro desporto de competição, e é um direito de todos, ou seja, eu achei fundamental que em 1988, a Constituição Brasileira através de seus representantes, nós tínhamos representante lá, garantiu na constituição o direito do cidadão de acesso ao desporto, então me parece que quando eu falo desporto dentro da Unicamp, é uma palavra nova, não conhecida, mas não sou eu que to inventando, ta na constituição e tudo que ta fora da constituição pra mim, é inconstitucional.

Entrevistadora – Então, o que seria o Desporto?

E4 - GPF – Eu disse pra você, uma prática, é uma prática, essencialmente uma prática, onde você vai desenvolver uma cultura de movimento, cultura física, em diferentes manifestações, que eu já expliquei quais são, então, isso é desporto pra mim.

Entrevistadora – Bom, no âmbito então, na sua posição, do desporto, o que seria a I . . . , eu vou utilizar o termo que eu tenho utilizado aqui, IE, dentro desse, desse seu, dessa sua definição do desporto, o que seria a IE?

E4 - GPF – Olha, na verdade, eu divido o processo de formação desportiva, eu divido em etapas ou fases, se a gente quiser, e aliás não sou eu quem divide, quem divide essa, essas etapas são todos aqueles países bem sucedidos esportivamente, ou seja, que tornou o desporto uma coisa acessível às pessoas e que tem um desporto de competição também bem organizado, e que tem uma estrutura escolar bem organizada, pode ser exemplo, a China hoje, um excelente exemplo, evidentemente que a China copiou, ou se motivou, ou se orientou pelas diretrizes da, da antiga União Soviética, porque as crianças começam com a atividade física a partir dos seis anos e são encaminhadas ou pra uma cultura física, que é uma coisa geral, um conhecimento amplo do desporto, onde eles têm oportunidade de conhecer, de vivenciar, até por volta dos 13 anos, cerca de 48 tipos de desporto diferente um do outro, propiciando o que a gente chama aí de um processo multifacetado de vivências esportivas amplas, que vai dar a ele a possibilidade, se quiser, optar, se descobrir algum potencial, caminhar pra um determinado tipo de desporto, afinal de contas, com 48 tipos de desporto, é impossível que você não encontre nenhum que você tenha alguma aptidão, coisa muito restrita na nossa . . . na nossa organização ou na nossa desorganização, onde as pessoas têm pouco acesso a prática, ou seja, a educação física escolar não propicia isso, então eu to falando pra você de uma etapa inicial que eu chamo de preparação preliminar, essa preparação preliminar consiste então em oportunizar o conhecimento, vivências, vivências motoras, tem coisas embutidas, afetivas, lógico que tem, quando eu to falando em desporto eu to dando essa abrangência, porque o desporto que eu vivenciei, o desporto de competição, eu cheguei até a Seleção Brasileira de Atletismo, ele foi rico nisso, em sociabilização, em cooperação, em co-gestão, em co-responsabilidade, que são princípios da Carta Brasileira de Desporto Escolar, que eu acredito que ainda vigora, então eu acredito muito nessa formação preliminar, eu acho que isso é uma maneira de introdução, é uma maneira de iniciação, é uma maneira das pessoas, dos jovens, dos escolares, principalmente escolares, e isso poderia ser levado ao não formal também, nas vilas, aqueles meninos que não tem acesso, mas eu to partindo do pressuposto que as crianças obrigatoriamente deveriam estar na escola, quer dizer, eu não admito que uma criança não esteja na escola, e a escola cuidaria disso aí, evidentemente com valorização, com vontade política, recursos eu não acredito que nem seja o problema, eu acho que é uma questão mesmo de vontade política e de motivação, né, e de cobrança também, óbvio, então, essa etapa preliminar, ela criaria a possibilidade de vivências múltiplas, variadas, diversificadas, contribuindo dessa forma, com o desenvolvimento do cidadão, com o desenvolvimento da saúde, com a integração das pessoas, enfim, eu acho que aí tem objetivos aí bastante amplos, através do desporto, desporto que é conhecido, que ta divulgado, que a televisão mostra, e que as crianças apresentam uma

motivação pra isso, né, não acredito que precisa modificar grandes coisas, eu acredito que tem que orientar a forma do desenvolvimento das atividades, gostaria de ver mesmo a . . . a cultura desportiva dentro da escola desde, acredito eu, a partir de seis anos de idade, cinco, seis anos eu acho que já é possível a gente conseguir desenvolver esses valores, isso tudo continuando, eu imagino que até por volta de treze anos, com essa vivência ampla, tal, eu acho que aí sim, vem uma fase que, com essa cultura toda eu posso estar optando por alguma coisa, se é o caso, se gostar, senão, né, eu também acho que pode aos finais de semana eu jogar *badminton*, o outro pode correr, o outro pode andar de bicicleta, não importa, mas se a pessoa se descobriu, se percebeu que tem uma aptidão pra determinada coisa, eu também vejo que aí sim nós vamos começar fazer . . . falar em I desportiva, então eu entendo que a I, ela se destina a uma coisa só; dentro da preparação preliminar, você vai adquirir vivências múltiplas, a I ela já começa a partir do momento que as pessoas começam a mostrar uma aptidão, um desejo de vivenciar determinados tipos de modalidades, pode ser uma modalidade individual, pode ser uma modalidade complexa, luta, pode ser um desporto coletivo, aí eu acho que não tem problema nenhum, eu acho que a pessoa deveria passar por esse estágio de . . . de . . . que você ta chamando de I, ela poderia passar aí, dois três anos, eu não acho que a coisa é até cronológica, porque eu acredito mesmo que tem adolescentes que atropelam qualquer tentativa de você colocar faixa etária como limite, mas é . . . a faixa etária continua sendo uma boa orientação, e a partir dali eu vejo uma necessidade de uma especialização aprofundada, se a pessoa desejar evoluir dentro de um campo de desempenho, porém, não é essa a questão, eu acho que poucas pessoas vão ter uma aptidão pra caminhar pra determinado tipo de desporto, especialmente no nosso, no nosso país, onde as oportunidades de práticas, elas são muito restritas, no país onde você adquiriu 48 práticas, eu acho que a chance de você gostar, se envolver, se motivar pra uma determinada . . . dessas práticas, eu acho que é . . . a perspectiva de você ter gente interessada por isso é muito maior do que no nosso, no nosso ambiente, onde talvez, se for somar a quantidade de experiências, não passa de cinco, seis tipos de desporto, então, obviamente isso restringe muito, e é muito difícil uma pessoa com cinco, seis desportos, descobrir algo que tem a ver com ela, né, então, basicamente I pra mim é isso aí, é um processo que vem , é uma etapa que vem *a posteriori* de um momento de preparação preliminar, que caberia na nossa, na minha maneira de entender, no primeiro grau, primeiro grau faria essa preparação preliminar, e as primeiras séries do segundo grau, eu to meio desatualizado com essa terminologia, 5ª, 6ª série até ali, 7ª série, da pra esse trabalho mais . . . é . . . global e a partir daí eu vejo assim, a importância de começar a se estabelecer alguns caminhos, e se, é lógico que também não deveria ser dentro da escola um projeto especializado, eu acho que isso daí deveria ter centros de

práticas, seja municipal, seja estadual, seja até federal, poderia pensar que governo que construiria os centros de prática, uma prática mais especializada, então, eu acho que não compete a escola fazer esse tipo de especialização, alguns tipos de experiência realizados no passado, eu acho que foram bons, que eram aulas de treinamento, específica tal, talvez a escola possa suprir a carência que a gente tem de uma estrutura mais abrangente aí de desenvolvimento esportivo, eu acho que a escola, ela cabe fazer essa coisa mais global, essas gerências mais amplas etc, e se tiver um local, por ex, seja uma escolinha do município, patrocinada pela prefeitura, ou ainda, dentro de uma empresa, se uma empresa quiser, se interessar por isso, aí eu vejo a possibilidade das coisas estarem encaminhando.

Entrevistadora – Então, na sua opinião, até 5ª, 8ª série trabalharia essa, no âmbito, mais global e, aí, a partir daí uma especialização, digamos assim, e essa fase global, você visualiza ela na escola, seria na escola e também em outras entidades e a específica mais fora da escola, digamos assim?

E4 - GPF – É, exatamente, eu acho que, partindo do pressuposto de que as crianças deveriam estar na escola, e que a atividade física, a EF fosse valorizada dentro da escola, né, eu acho que o problema estaria de uma certa forma resolvido, porque o acesso aconteceria naturalmente, eu não to dizendo que hoje, nessas condições atuais está acontecendo, pode ser que tenha gente fazendo uma vez por semana, duas vezes por semana, eu vejo que isso aí é muito pouco para desenvolver essa tal consciência para a atividade, até porque a gente, essa cultura nossa ela é muito pobre, algum município talvez se tenha uma cultura, mas por iniciativa isolada de um professor ou outro, né, mas a gente não tem conseguido assegurar, até porque tem atestado médico, tem dispensa de aula, não existe uma rigurosidade nos exames médicos, muitas vezes até a atividade física seria até recomendada e aí por uma questão de . . . facilidades, o médico acaba, de relacionamento com a família, acaba dispensando e os professores de uma certa forma fogem dessa responsabilidade, porque – Ah, então é um a menos pra ficar na sala me perturbando, então eu vejo que isso aí teria que ter assim, atitudes globais, de, de . . . de grupos multidisciplinares, eu acredito que hoje, raramente, algum tipo de problema, seja cardíaco, seja articular, seja de qualquer natureza, impede todos os tipos de atividade física, eu acho que ao contrário, as vezes poderia estar sendo orientado pra uma caminhada, poderia ta sendo orientado pra uma atividade cardio-respiratória, poderia ta sendo orientado pra uma atividade aquática, né, é lógico que aí, isso implica em colocar a escola em condições, ter um local coberto, inclusive com piscina, eu não vejo nada de tão complicado assim, na verdade o que eu vejo é que não existe uma vontade política pra investir na EF enquanto saúde, como vivência motora, como formação do cidadão, como a gente pode imaginar, se você pegar esses países,

como eu citei, antiga União Soviética e hoje a China, a China hoje tem trezentos e cinqüenta milhões de crianças envolvidas num sistema de EF sério, onde eles começam aos seis anos com uma prática de três horas semanais de atividade física e aos treze anos eles já tão fazendo atividade física todo dia, duas horas por dia, então, quer dizer, num sistema desse, com seriedade, se consegue resultado, e a questão não é de recurso, a gente sabe que não é, nesse país aqui os recursos estão sobrando, na verdade, né, tão sendo mandados pra fora aí, recursos incríveis, a questão é um pequeno compromisso com essa questão que a gente discute, e nenhum presidente, com educação ou sem educação, como é o caso, né, de não ter trilhado o ensino superior, no passado também trilhou o ensino superior outros presidentes e nenhum teve esse tipo de abrangência, então é, é uma . . . uma questão que nosso congressistas, nossos deputados ainda não estão . . . bem cientes, bem conscientes da importância disso, ou seja, não se deu valor pra essas questões.

Entrevistadora – Deixa . . . aqui na (. . .), no caso, a sua instituição, como é que funcionam as disciplinas práticas, pra . . . na graduação? Qual que é o sistema, . . .

E4 - GPF – Bom, nem todas as disciplinas são práticas, tem disciplinais de cunho teórico e disciplinas de cunho teórico-prático, então, como que funciona, é o seguinte, por ex, eu vou dar como exemplo nas minhas disciplinas, eu tenho duas disciplinas básicas, é o atletismo e o treinamento desportivo, todas elas têm uma carga horária de sala, onde eu desenvolvo conceitos teóricos e depois aplicação prática, e eu exijo bastante dos meus alunos nesse sentido, não a cobrança de performance, óbvio, mas também a performance, quer dizer, meus alunos tem provas onde eu avalio a . . . não o recorde mundial, mas eu avalio a capacidade deles de passar uma barreira, de executar um salto em altura, de fazer uma troca de bastão, lógico que isso aí também tem que ser cuidado, porque depois ele vai ter que ensinar, pra ensinar precisa saber fazer, eu não acredito que uma pessoa só com o estudo de um livro ele vai conseguir ensinar as coisas, eu acho que é fundamental que se vivencie, que tenha uma carga horária destinado a estas vivências, é sempre com incentivo, com motivação, não com cobrança necessariamente, aquela cobrança exagerada, exacerbada, mas também com cobrança, porque eu acredito que os alunos da EF quando eles tem uma avaliação sobre uma prática, eles também vão se interessar em períodos extras escolares e lá se preparar pra uma avaliação que vai fazer, isso não é diferente em outros locais, eu já fui fazer curso na Espanha, eu já fui na França, já fui na Alemanha, e o professor de cama elástica da Alemanha, ele é campeão mundial de cama elástica, então obviamente ele cobrava um desempenho dos alunos muito maior do que eu cobraria se fosse ensinar cama elástica, que não sei fazer as coisas, então, a . . . essas disciplinas, elas propiciam a oportunidade da vivência, e em algumas situações a oportunidade também do ensinar, e daí como é

que nós fazemos? Evidentemente que eu não tenho aqui um colégio de aplicação, mas eu tenho a possibilidade de . . . por ex., um grupo de alunos vai ensinar salto em distância, os outros alunos vão trabalhar como se fossem alunos do meu aluno, ou seja, ele vai ensinar e eu também vou fazer uma avaliação, ou seja, hoje a Unicamp, ela tem uma estrutura muito diferente de algum tempo, quando eu cheguei aqui, há treze anos, quando eu cheguei aqui, hoje a Unicamp ela tem ensino, ela tem pesquisa e ela tem extensão, quando existia a obrigatoriedade da EF aqui na Unicamp, nos atendíamos cerca de 800 universitários, hoje, nós temos os projetos de extensão, é . . . temos mais de trinta projetos, acredito, se somarmos aí todas as modalidades ofertadas, e nós temos quase três mil alunos fazendo atividade física aqui, quer dizer, e não é obrigado, o aluno paga pra fazer, então, quer dizer, isso é um bom sintoma, é um bom sintoma, e a tendência, provavelmente outros professores aí especialmente ligados a . . . aos projetos de extensão, a coordenação de extensão podem dar com mais detalhes, mas o que se percebe é uma evolução vertiginosa, eu comecei com uma salinha de musculação com trinta alunos, hoje eu tenho trezentos e tenho uma lista de espera de trezentos, isso quer dizer o que? Que daqui a dois anos e meio, três, quando o nosso ginásio de esportes ficar pronto, que lá tem uma área de trezentos e quarenta metros destinada a sala de musculação, fatalmente nós vamos ter aqui quinhentas, seiscentas pessoas passando pela sala e . . . cuidando, cuidando do seu corpo, do seu físico, melhorando o seu condicionamento, integrando com pessoas, enfim, aí cada um vai fazer a sua maneira, mas . . . é uma realidade, hoje o aluno vivencia tudo isso, ele passa nos corredores vê aula de capoeira, vê aula de *kung fu*, vê aula de *tae ken do*, vê aula de *tai chi chuan*, ele vê *body pump*, ele vê musculação, ele vê condicionamento físico, coisas que outrora não era tão abrangente, ele tem hoje uma formação teórica muito sólida, acredito eu, pelo corpo docente que a Unicamp tem hoje, nós temos aí cerca de trinta e seis doutores, quando eu cheguei aqui eram cinqüenta e dois, evidentemente que houve uma defasagem no corpo docente, mas todos são doutores, concurso hoje só pra doutores, ele tem a toda hora envolvimento com defesas de mestrado, defesas de doutorado, concurso de professores, eu acho que é um ambiente totalmente propício pra ensino, pra pesquisa e pra extensão.

Entrevistadora – Professor, qual o, qual seria o tipo de conhecimento específico que o profissional que vai atuar com IE deveria ter, na sua opinião?

E4 - GPF – Bom, eu to entendendo que l ainda não se trata de um processo específico.

Entrevistadora – É, dentro da sua visão, dentro da sua definição de IE.

E4 - GPF – É, eu to entendendo o seguinte, que o profissional que vai atuar na etapa que eu chamei de especialização inicial, ela não é uma especialização aprofundada, esse sim, já precisa ter alguns conhecimentos técnicos dentro de uma determinada modalidade,

porém, eu ainda acredito que, nesse instante, da especialização inicial que todos chamam de iniciação, porque ainda eu não to vendo a possibilidade do menino ficar no basquetebol, eu acho que ele tem que passar por ainda vivências em diferentes desportos, preferencialmente desportos que propiciam vivências diferenciadas, eu acho que muitas vezes o menino, pedalar longa distancia, correr longa distância ou nadar longa distância, no fundo não são coisas diferentes, no fundo você ta trabalhando sobre o mesmo sistema - cardio-respiratório, isso não garante uma formação multifacetada, eu acho que multifacetada é trabalhar desportos que tenha essa característica, por ex, Ginástica Olímpica, sempre ta continuando, ta permeando nosso processo, eu acredito que a natação tem que ta permeando nosso processo, o atletismo tem que ta permeando o processo, e aí sim, uma luta, que eu acho que é fundamental na formação, é . . . uma . . .um desporto complexo, seja futebol, seja basquetebol, essas questões espaciais, temporais, que são importantes também, porque o atletismo não vai te propiciar isso daí, e, ou seja, cada desporto tema sua restrição, então eu acho que neste momento o professor não deve ter uma formação super especializada, eu acho que ele deve sim, ter um nível de conhecimento em uma especialidade, mas ele deve incentivar que os alunos continuem as vivências em outros tipos de desporto, acho ainda que esse professor que vai pensar numa formação, uma especialização inicial, ele . . . (interrupção)

E4 - GPF – (retomando) Eu falei que nesse momento inicial ele não deve, ele deve ter um . . . um domínio de um assunto, mas ele deve ter ainda uma formação mais global, isso é o que eu penso, eu acho que na especialização mais aprofundada, tudo bem, e aí, surgem outros tipos de problemas.

Entrevistadora – É . . . teria assim, alguma disciplina ou disciplinas, conteúdos, que seriam . . . (Lógico!!) que dariam essa preparação pra ele?

E4 - GPF – Você diz na estrutura da escola, faculdade, como que ela daria . . . (Iссо!). Bom, eu acredito em algumas coisas. Olha, eu entendo o seguinte, tem algumas disciplinas, que nesse caso, pra esse profissional elas seriam importantes, eu acho que por ex, crescimento e desenvolvimento é uma necessidade bastante grande, eu acho que o treinamento, nós temos aqui na Unicamp um sistema muito legal dentro da disciplina de treinamento, quando nós fomos estudar a reformulação curricular agora, a gente reuniu um . . . um trabalho longitudinal para a disciplina, ou seja, existe uma primeira disciplina que é o treinamento na perspectiva do crescimento e desenvolvimento, ou seja, você não ta na verdade visando o desempenho de alto rendimento, na verdade você ta preocupado com o desenvolvimento desportivo, mas considerando que desde uma amarelinha, que os pedagogos não sabem disso, uma amarelinha tem um impacto articular que chega a somar quatro, cinco vezes o peso do corpo, a amarelinha é um dos trabalhos, que se não for bem orientado, ela é altamente lesiva, muito mais lesiva do que

um agachamento de quatrocentos quilos pra um atleta de alto nível, porque o atleta de alto nível está devidamente preparado pra sustentá-lo, e as vezes, uma amarelinha, ela acaba, as vezes, descalço, ou ainda com tênis de péssima qualidade, num concreto, num Paviflex, o impacto é muito violento, né, então a . . . eu acredito que essa noção de crescimento, desenvolvimento, de . . . fisiologia, uma fisiologia que teria que falar também pra uma criança, eu acho que se você vai falar em esforços aeróbios, anaeróbios, também teria que ta bem definido que, de repente, a criança não tem ainda uma, um desenvolvimento pra suportar coisas glicolíticas, eu acho que essas noções são bastante interessantes, agora, lógico que as disciplinas relacionadas ao aspecto mais humano, de relação humana, de afetividade, eu acho que todos esses aspectos são, são relevantes, eu acho que eu tenho que pensar na formação de um professor, eu acho que pensando na formação de um professor, não tem como ele não dispor de todas essas disciplinas de curso, de cunho pedagógico, de cunho fisiológico e até biomecânico, como a gente ta vendo, se a gente ta falando em impacto articular, a gente tem que ter uma idéia de biomecânica, e o aspecto metodológico, de seqüenciamento, de evolução de carga, de volume, de intensidade, quantidade de repetições, as pausas de recuperação, eu acho que tudo isso é importante numa aula, porque queira ou não queira, quando você ta passando por baixo de uma corda, brincando, é . . . um coração ta batendo, a respiração ta ativada, o metabolismo pode ser um metabolismo ATP, mas você pode ta estimulando a glicólise anaeróbia, ou pode ainda ta fazendo uma brincadeira com objetivos aeróbios, eu acho que essas noções elas são peculiares e o professor deve ter essa formação global, esse profissional que faz essa parte de I, que a gente ta chamando de especialização inicial, ele deve ter essa formação ainda ampla pra depois , num momento sim, eu acho que num momento subseqüente, que eu to chamando de especialização aprofundada, aí a coisa vai tomando um rumo diferente, por ex, eu sinto assim especialmente pela minha área que é atletismo, que se poderia nessa fase inicial, você conhecer de salto, conhecer de arremessos, conhecer de corrida, conhecer de lançamentos, mas eu acho que na especialização aprofundada, já tem que a coisa começar a ser estabelecida por grupos de provas, porque não adianta você querer que um professor de saltos ensine arremesso, que . . . eu acho que grupos de provas, então por ex, saltos, ele trabalharia o salto em altura, o salto com vara, o salto em distância, o salto triplo, porque já na maestria, que eu chamo de maestria, que é uma já, um momento subseqüente à especialização aprofundada, aí eu vejo que você tem que ter um perfil de profissional já totalmente diferenciado, eu treinei dois campeões brasileiros, um de lançamento de dardo, um de lançamento de martelo, tive que estudar as duas provas, depois de muitos anos de experiência com a atletismo e fazendo clínica geral, quando essas pessoas vieram treinar comigo, uma que foi quinta no mundo em

lançamento de dardo, quer dizer, eu tenho que estudar dardo, dardo é uma, é uma concepção tão apropriada que . . . depois pra eu, quando pego, alguns anos depois um lançador de martelos, não tem nada a ver, como não tem nada a ver o disco, não tem nada a ver . . . entendeu? Com peso, então aí eu acho que é mais sofisticada a questão, o Brasil não chegou nesse ponto de sofisticação ainda, nós temos treinador de salto, treinador de corrida, treinador de . . . corrida é tudo uma diferente, 110 com barreiras é diferente de 100 com barreiras, 100 m é diferente de 200, são treinamentos diferentes, são até conflitantes sob o ponto de vista de organização de carga, então eu acho que cada profissional viria na seqüência com um nível de aprofundamento que o momento exige, essas peculiaridades, ainda a gente não ta respeitando, ainda um curso de especialização no Brasil, ele ainda é muito generalista, faz uma especialização em treinamento, é um absurdo, porque treinamento de natação é diferente de treinamento de hóquei sobre patins, mas a gente ta vivendo um momento que as confederações que poderiam dar seus cursos peculiares, elas não têm ainda uma ação ativa nesse sentido, a não ser com raras exceções, como é o caso da Confederação Brasileira de Voleibol, a Confederação Brasileira de Atletismo, que já tem cursos até de Técnico de nível I, Técnico de nível II, Técnico de nível III e assim que vai ter que funcionar mesmo, agora a faculdade de EF não dá conta disso, a faculdade de EF, ela dá conta na minha maneira de entender, de uma formação generalista, ela num vai expressar esse tipo de coisa, e nem é minha intenção chegar ao que eu to chamando de especialização aprofundada e maestria desportiva, eu to no campo, sinto que a nossa faculdade da compra da preparação preliminar e da especialização inicial, ela, talvez agora, ultimamente, como a gente tem essa sistemática de . . . tem uma disciplina chamada Treinamento na Perspectiva do Crescimento, Iniciação ao Treinamento e o Treinamento no Desporto, eu já dê conta da especialização aprofundada, mas assim mesmo, com deficiências, então é por aí que eu vejo.

Entrevistadora – Na sua . . . qual que seria o perfil profissional pra essa pessoa que vai atuar com I, fora esses conhecimentos específicos, que tipo de atitude, comportamento, essa pessoa deveria ter?

E4 - GPF – Olha, eu sinto que o profissional, independente da faixa que ele atua, ele tem que ter alguns valores, alguns valores que são peculiaridades de todas as etapas, por ex, hoje, é indiscutível que o Bernardinho, ele é um líder de grupo, ele tem uma ascendência sobre o grupo, e eu sinto que o grupo trabalha bem com essa ascendência, ou seja, eu tenho a impressão que ele comanda de uma forte quando precisa ser comandado e ao mesmo tempo ele deve ser uma pessoa muito afetuosa, afetiva, né, (Afetuosa!) afetuosa, ele deve, ele deve . . . ser um bom companheiro, um pai, um amigo, pras dificuldades, porque todo mundo aquele momento de crise, seja com

esposa, seja em casa, tal, e eu acho que ele deve trabalhar bem essas questões também, talvez nem fosse função, se você tivesse assim um trabalho multidisciplinar, talvez pudesse ficar até pra uma outra pessoa com uma formação específica, um psicólogo, alguma coisa assim, mas esse profissional ainda não está engajado dentro de uma proposta, até porque a psicologia nossa ela é clínica, ela não forma o profissional pra trabalhar dentro do desporto, ela normalmente ela tem um outro tipo de orientação, então, eu acredito que o preparador físico, o preparador físico e o técnico, eles acabam tendo um papel assim, de acomodação de um ambiente; eu vejo liderança, um aspecto importante, honestidade, eu acho que é uma coisa assim, fantástica, quer dizer o camarada que diz uma determinada coisa e é coerente . . . coerente com atitudes, eu acho que condutas é uma coisa importante, quer dizer, o profissional, o que ele fala, mas ele tem condutas pessoais que . . . faz com que as pessoas percebam a coerência entre o discurso e a prática, eu acho isso aí, a honestidade, liderança, coerência, é . . . eu acho que outras coisas, né, que a gente tem colocado, essa questão da afetividade, eu acho que as vezes, um conhecimento altamente especializado ele . . . ele é legal, mas se ele não for relacionado com esses aspectos humanos aí, fica difícil se comandar, num regime como o nosso, né, outra coisa que eu acho muito legal é pontualidade, eu acho que pontualidade é um negócio assim legal, você marcou, vamos fazer 08 horas o encontro, então 08 horas todo mundo tá ali, tal, porque fica difícil você cobrar das pessoas essa pontualidade, se você não é um cara pontual, assiduidade, que eu vejo relacionado também, a pessoa muito presente, por exemplo – Olha, hoje é treinamento físico. – Ah, então faz você e eu vou embora. Não, as coisas são integradas, eu tô fazendo um trabalho físico pra vôlei pra melhorar a técnica do vôlei, a tática do vôlei, eu acho que o técnico tem que estar presente no meu treino, eu tenho que estar presente no treino dele, e eu não vejo que esses valores sejam diferentes na . . . nas diferentes etapas, eu acho que todo mundo precisa disso, é logicamente que o nível de conhecimento técnico é que vai se modificar, mas toda essa questão de disciplina, de assiduidade, de solidariedade, de participação, de co-responsabilidade, que a gente tem que criar com as pessoas também, que as pessoas se sintam assim, responsáveis por aquilo que fazem, participa . . . sempre . . . sempre parceiro de uma situação, eu acho que essas coisas são bacanas, talvez eu tenha esquecido assim alguns valores, mas . . . é a minha prática foi feita assim.

Entrevistadora – Pra encerrar assim, a última, é . . . meio que pra fechar mesmo, se você fosse hoje contratar um profissional que vai atuar na IE, nessa faixa que fosse delimita como IE, quem você contrataria?

E4 - GPF – Olha, eu passei por uma experiência no Paraná, eu coordenei o esporte do Paraná durante cinco anos, fui Diretor Técnico de uma Secretaria de Estado, e eu optei,

na ocasião, em pegar todos os profissionais da antiga Secretaria de Esportes, que na verdade não era uma Secretaria, era uma Coordenadoria e devolver as suas instituições de origem, Secretaria de Cultura, Secretaria de Educação etc, e preferi recontratar professores pra começar uma idéia nova, pessoas treinadas pra aquilo, jovens professores, jovens profissionais, sem uma experiência profunda, mas por outro lado, com muita vontade, com muita motivação de fazer alguma coisa, de mostrar serviço, então, a primeira coisa pra mim seria ou um profissional jovem, ou seja, recém formado, ou jovem de pensamento, quer dizer, um camarada que tivesse disposição para o trabalho, que tivesse uma . . . uma . . . possibilidade de . . . de reunir, discutir idéias, depois de definido essa idéia, caminhar na direção das idéias definidas, eu acho que . . . , que faria uma prova, uma prova teórica, uma prova prática, eu acho que essa prova prática que você poderia ta avaliando a capacidade da pessoa de ministrar uma aula e de coordenar essa aula com educação, com respeito às pessoas, com envolvimento, eu acho que se eu assistisse uma pessoa dando aula, eu poderia realmente . . . porque a questão da titulação ela é idêntica, tanto faz se você é formado hoje em Pinhal, ou se você é formado na Unicamp, é o mesmo diploma, eu nem vejo que . . . que a escola seja um fator limitador dessa formação, eu acho que em alguns setores do conhecimento, você pode ta numa escola que tem só doutores, ta passando algum tipo de . . . de . . . formação melhor, é, mas não garante que todos os campos de atuação, porque alguns doutores não tem necessariamente uma prática, e tem escolas que tem professores que vieram da prática e que têm um trabalho prestado à comunidade, então eu acho que esse . . . essa questão da escola, não seria o caso, eu acho que eu faria uma avaliação pra ver esses conhecimentos relacionados a essas disciplinas que eu te citei, crescimento, desenvolvimento, aspectos metodológicos do treinamento mesmo, as diferentes faixas etárias, eu acho que é fundamental uma . . . uma . . . uma aula prática, onde você veria o profissional atuando e as atitudes do profissional durante essa aula, evidentemente que isso aí, esse processo, essa implementação é constante, porque as vezes eu posso numa aula me esmerar e tomar uma atitude e depois . . . , que dizer, isso envolve um acompanhamento permanente, uma avaliação permanente de qualquer sistema que vai ser implantado, eu acho que é importante ver se a pessoa tem o espírito de trabalhar em grupo, de trabalhar com idéias discutidas com mais pessoas, enfim, eu procuraria um perfil de profissional, né, não tenho ainda um protótipo, mas eu acho que . . . cada momento se a gente ta pensando ali numa, numa especialização inicial, eu acho que essa questão da atividade com a infância, eu particularmente, eu não fui formado pra trabalhar com a infância, tive algumas aulas de EF infantil, mas não foi suficiente pra eu aprender a trabalhar com criança, mas nessa faculdade aqui você aprende a trabalhar com criança, então eu também teria que fazer uma análise na história curricular da

pessoa pra ver se ela tem uma . . . uma relação com isso, já nos níveis mais avançados, eu teria um outro critério de seleção, acho que cada coisa ao seu momento, então eu não estabeleço bem, não ta um perfil bem definido, ta um perfil generalista aí, né, eu acho que nesse momento inicial tem que ter esse perfil mais generalista mesmo.

Entrevistadora – Agradecimentos.

E4 - GPF – A confusão é essa né, juntar todas essas idéias sem ferir o que as pessoas falaram, essa que é a grande dificuldade que eu vejo na análise de entrevista, e a gente se fazer claro, porque nem sempre eu consigo dizer com as minhas palavras às vezes, o que eu to tentando dizer, então, eu desejo boa sorte pra você, que você consiga pegar essas falas e respeitá-las como elas estão colocadas e se alguma coisa que a gente disse não for entendido, volta, passa, manda um e-mail, qualquer coisa assim, e que a gente consiga depois ter acesso ao que você ta fazendo.